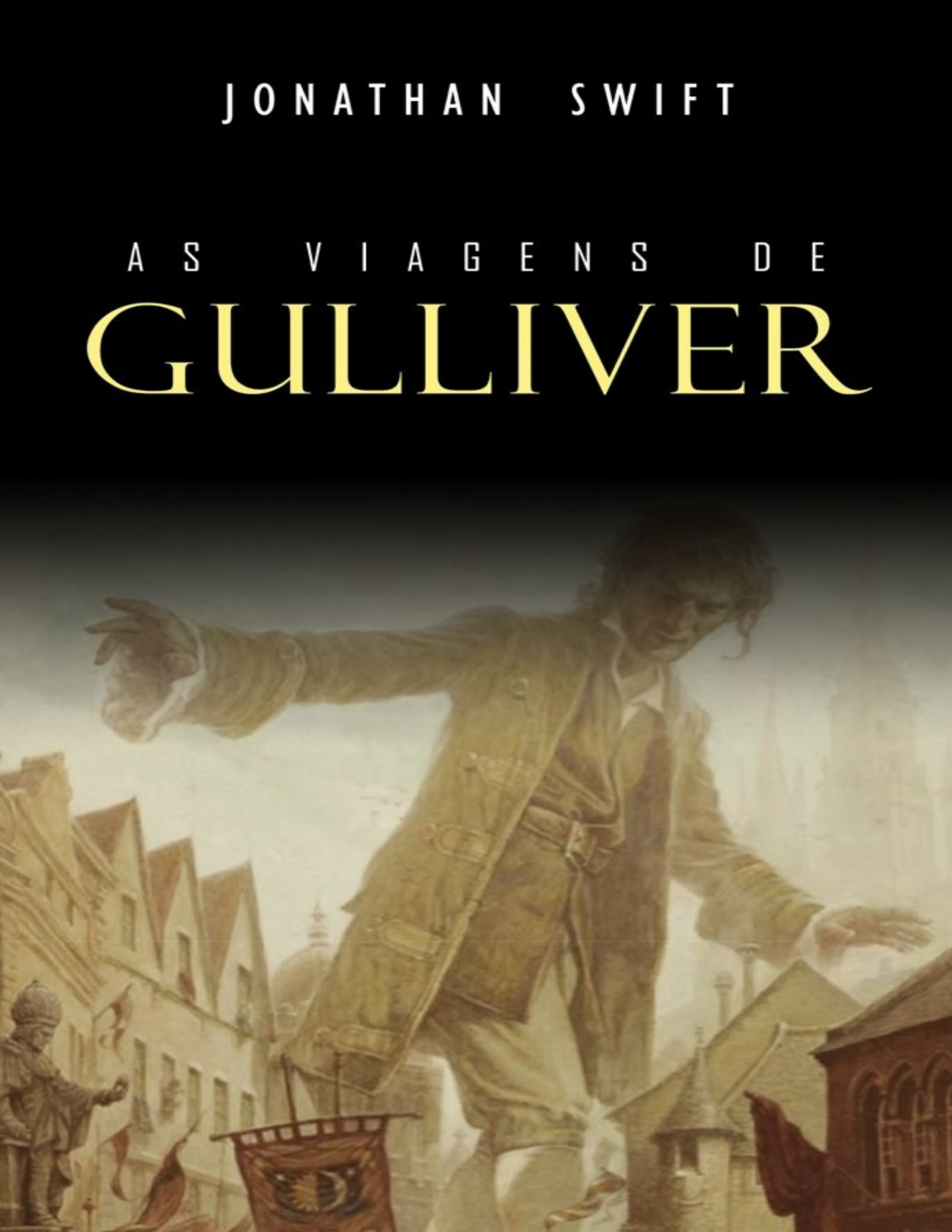
JONATHAN SWIFT

AS VIAGENS DE GULLIVER



Jonathan Swift

AS VIAGENS DE GULLIVER

título original | GULLIVER'S TRAVELS

autor | JONATHAN SWIFT

tradução | MANUEL DE MACEDO

capa | MIMÉTICA

imagem da capa | P. J. LYNCH

paginação | MIMÉTICA

copyright | 2019 © MIMÉTICA PARA A PRESENTE TRADUÇÃO

ESTA EDIÇÃO RESPEITA O NOVO ACORDO ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Índice

Parte 1 — Viagem a Lilipute

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Parte 2 — Viagem a Brobdingnac

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Parte 3 — Viagem à Lapúcia

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Parte 4 — Viagem aos Balnibarbos

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Parte 5 — Viagem a Glubbdubdrib

Capítulo 1

Parte 6 — Viagem a Luggnagg

Capítulo 1

Capítulo 2

Parte 7 — Viagem ao Japão

Capítulo 1

Parte 8 — Viagem ao País dos Huyhnhnms

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Carta do Capitão Gulliver a Seu Primo Richard Sympson

Parte 1 — Viagem a Lilipute

Capítulo 1

Meu pai, modesto proprietário na província de Nottingham, teve cinco filhos, e a mim, o terceiro deles, mandou-me aos catorze anos para o colégio Emanuel, de Cambridge, onde estive até aos dezassete, aplicando-me deveras ao estudo; mas como a despesa que eu ali fazia, sem ser grande, era demasiada para os seus poucos meios, pôs-me a praticar junto de Mr. James Bates, eminente cirurgião de Londres, com quem vivi quatro anos.

De tempos a tempos enviava-me meu pai algum dinheiro, que servia para aprender pilotagem e outros ramos das matemáticas mais necessários aos que se destinam a andar embarcados, pois imaginava ser essa de futuro a minha vida.

Deixando a companhia de Mr. Bates, regressei a casa de meu pai; e dele, de meu tio João e de outros parentes pude alcançar quarenta libras esterlinas com a promessa de trinta cada ano para a minha subsistência em Leida, onde durante dois anos e sete meses estudei Medicina, persuadido da sua grande utilidade nas viagens que imaginava.

Logo depois de voltar de Leida, graças a recomendações e diligências do meu bondoso mestre Mr. Bates, fui feito cirurgião do *Andorinha,* no qual andei três anos com o capitão Abraão Panell, que era o comandante, em várias viagens ao Levante e a outros pontos.

Por fim resolvi estabelecer-me em Londres e Mr. Bates animou-me a fazê-lo e apresentou-me aos seus doentes. Aluguei parte de um palacete no bairro chamado Old-Jewry e daí a pouco casei com Maria Burton, segunda filha de Eduardo Burton, negociante da rua de Newgate, que me trouxe em dote quatrocentas libras esterlinas.

Passaram-se dois anos; Mr. Bates, o meu querido mestre, faleceu; e não tendo já quem me protegesse, foram os doentes deixando de me procurar. A consciência não me permitia seguir o exemplo da maior parte dos cirurgiões, cujo saber é muito semelhante ao dos procuradores de causas; consultando minha mulher e alguns amigos íntimos, determinei embarcar outra vez.

Fui em seguida cirurgião de dois navios; e nas viagens que neles fiz em seis anos, às Índias orientais e ocidentais, consegui aumentar os meus diminutos haveres.

O tempo que tinha livre empregava-o lendo os melhores autores antigos e modernos, de que sempre me provia; e quando punha o pé em qualquer terra não me descuidava de observar os usos e costumes dos habitantes, e de aprender ao mesmo tempo a língua do país, coisa que fazia sem dificuldade por ter boa memória.

Dessas viagens não foi feliz a última. Desgostei-me do mar e meti-me em casa com minha mulher e meus filhos. Mudei-me de Old-Jewry para a rua de Fetter-Lane, e de lá para Wapping na esperança de que os marinheiros se tratassem comigo, mas tal não sucedeu.

Decorridos três anos sem melhor fortuna, aceitei as propostas vantajosas do capitão Guilherme Prichard, que ia partir no *Antílope* para o mar do Sul. Embarcámos em Bristol a 4 de maio de 1699 e a viagem efetuou-se ao princípio sem o menor contratempo.

Acho inútil enfadar o leitor com os pormenores das nossas aventuras naqueles mares; basta contar-lhe que, indo nós em demanda das Índias orientais, apanhámos uma tormenta que nos arrojou para nordeste da terra de Van-Diemen, concluindo, de uma observação que pude fazer, estarmos a trinta graus e dois minutos de latitude sul. Da tripulação haviam morrido doze homens por trabalho excessivo e mau sustento. A 5 de novembro (começo do verão naquelas paragens), e tendo escurecido o tempo, divisaram os marinheiros um cachopo que já não distava do navio mais de uma amarra, e não podendo vencer a força do vento, fomos contra ele, ficando o navio encalhado. Eu e cinco companheiros saltámos depressa para uma lancha e, à força de remos, conseguimos safar-nos do penedo e do barco. Andámos assim coisa de três léguas, até que, mortos de cansaço, caindo-nos os remos das mãos, nos vimos à mercê das ondas e da violenta nortada, que logo virou a lancha.

Ignoro qual tenha sido a sorte dos que ficaram no navio e no cachopo e dos que vieram comigo na lancha. Penso que nenhum escapou.

A nadar ao acaso, foram-me o vento e a maré impelindo para a banda da terra. A espaços deixava pender as pernas sem encontrar fundo; finalmente, quase a desfalecer, tomei pé. Então já o temporal decrescia. Cobrei ânimo, andei ainda meia légua dentro de água, porque o declive da praia era pouco sensível, e cerca de um quarto de légua caminhei em seguida, sem topar casas nem vestígios de gente. Havia contudo no país numerosa população. Estava a cair de sono com a fadiga, o calor e meio quartilho de aguardente que bebera ao fugir do navio. Deitei-me na relva, por sinal muito fina, e logo adormeci profundamente. Dormi nove horas. Quando acordei quis levantar-me, mas não pude. Tinha-me deitado de costas; achei o cabelo, as pernas e os braços presos ao chão, e atravessados sobre o corpo, das coxas aos sovacos, bastantes cordões delgadíssimos. A posição em que eu jazia não me deixava olhar senão para cima; o Sol, já quente, cegava-me com a sua luz viva. Fez-se um rumor confuso à roda de mim; mas via apenas o Sol, porque não podia voltar-me. Comecei então a sentir sobre a perna esquerda o que quer que fosse que bulia, e vinha subindo com leveza, passando-me pelo peito e chegando até perto do queixo. Qual não foi o meu espanto ao dar com os olhos numa figurinha

humana, que teria umas seis polegadas de altura, trazendo na mão arco e flecha e aljava às costas, acompanhada de mais quarenta da mesma espécie! Desatei a berrar de tal modo que todos aqueles animaizinhos se puseram em fuga e soube depois que alguns deles, cheios de medo, saltaram precipitadamente de cima do meu corpo para o chão, dando quedas em que ficaram muito maltratados. Apesar disso, reapareceram daí a pouco e um deles, mais ousado, adiantando-se até me ver a cara, ergueu as mãos e os olhos para o céu, como maravilhado, e disse em voz esganiçada, mas bem distintamente, estas palavras, muito repetidas pelos outros: *Hekinah degul,* cujo sentido não percebi.

Do que se passaria em mim naquelas circunstâncias, surpreendido, inquieto e perturbado, pode o leitor fazer ideia, imaginando-se numa igual situação. Forcejando por me soltar, tive a fortuna de partir os cordões e arrancar da terra as estacas que me prendiam o braço direito (pois dera fé, erguendo-me um pouco, de que me conservava ligado e cativo), e num forte repelão, causando-me dor intensa, afrouxei os fios que do lado direito me atavam os cabelos (e eram ainda mais finos), podendo assim, com facilidade, mover um pouco a cabeça.

Aqueles insetos humanos debandaram logo, dando gritos vivíssimos, e mal a gritaria cessou ouvi um deles berrar: *Tolgo phonac!* Imediatamente senti a mão direita ferida por mais de cem flechas, que me picavam como outras tantas agulhas. Deram segunda descarga para o ar, da maneira como nós na Europa lançamos as bombas; e apesar de as não ver, creio que algumas flechas, descrevendo curvas, me caíram no corpo e no rosto, que eu procurava tapar com a mão direita. Acabada a chuva das flechas, fiz diligência por me desprender mais; seguiu-se nova descarga ainda maior, e alguns tentaram dar-me lançadas; felizmente tinha vestido um colete de coiro de anta, impenetrável aos golpes. Assentei em me deixar estar quedo, e assim permanecer até à noite, para então, desenvencilhando o braço esquerdo, poder pôr-me de todo em liberdade; com relação aos habitantes, considerava-me justificadamente tão forte como os poderosos exércitos que levantassem para me atacar, sendo todos os indivíduos da estatura dos que até ali tinha visto. Outra, porém, era a sorte que a fortuna me reservava.

Quando me viram calmo, deixaram de me disparar flechas, mas, pelo sussurro que faziam, reconheci que o seu número aumentava consideravelmente e a duas toesas defronte da minha orelha esquerda ouvi por mais de uma hora um barulho como de gente que trabalhava. Voltei um pouco a cabeça, quanto as estacas e os cordões mo consentiam, e deparou-se-me um tablado, erguido do chão palmo e meio, onde caberiam quatro daqueles homenzinhos, e uma escada para lhe dar acesso, da qual um deles, que parecia ser pessoa de distinção, me fez uma comprida arenga, de que não percebi patavina. Antes de começar exclamou três vezes: *Langro dehul san,* palavras que ainda repetiu, tratando de as explicar por sinais para que eu entendesse. Avançaram de pronto cinquenta homens e cortaram os fios que me prendiam a cabeça do lado esquerdo, dando-me azo a movê-la para a direita e a observar a cara e os modos do discursador. Era homem de meia idade, e estatura maior que a dos três que lhe faziam companhia, dos quais um que tinha jeito de ser pajem lhe estava pegando na orla da beca; os outros dois, cada um do seu lado, mantinham-se de pé, para o amparar. Pareceu-me bom orador, e conjeturei que, seguindo as regras da arte, introduzia no seu discurso alguns períodos cheios de ameaças e promessas. Respondi-lhe em poucas palavras, quero dizer em poucos gestos, por forma muito submissa, alçando os olhos e a mão esquerda para o Sol, simulando tomá-lo por testemunha de que morria de fome, por estar há muito tempo sem comer. Tão imperiosa era com efeito essa necessidade que não pude ocultar a impaciência (contra os preceitos, talvez, das boas maneiras), levando diversas vezes a mão à boca, para dar a entender que necessitava de alimento.

O *Hurgo* (chamam assim aos grandes fidalgos) compreendeu-me perfeitamente e, descendo do tablado, ordenou que me encostassem ao corpo bastantes escadas de mão, por onde subiram daí a bocado mais de cem homens, carregados com cestos cheios de viandas, encaminhando-se para a minha boca. Vinham peças de carne de animais diversos, mas pelo sabor não pude distingui-los: eram quartos semelhantes aos de carneiro, e excelentemente preparados, porém menores que a asa de uma cotovia. Aos dois e aos três, com seis pães de cada feita, os fui engolindo. Davam-me tudo, manifestando grande admiração e espanto por verem o meu tamanho

e a minha voracidade. Fiz outro sinal indicando sede. Calculando que eu havia de beber na proporção do que comera, e como são gente engraçada, ergueram com muita habilidade um dos maiores tonéis de vinho que tinham, vieram-no rolando até à minha mão, e arrancaram-lhe um tampo. De um trago o despejei regaladamente. Trouxeram-me outro, logo do mesmo modo esvaziado, e mais alguns, que por gestos propus acarretassem para ali.

Ao cabo de me verem praticar tais maravilhas, desataram a dar gritos de alegria, e puseram-se a dançar, exclamando com frequência, como haviam já feito: *Hekinah degul!* Ouvi a seguir um clamor geral e a amiudada repetição das palavras: *Peplom selan,* e senti do lado esquerdo muito povo alargando-me os cordões a ponto de me ser possível voltar-me e satisfazer a vontade de urinar, o que efetuei com grande espanto da turba que, percebendo o que eu queria fazer, se dividiu açodadamente à direita e à esquerda para escapar ao dilúvio.

Pouco antes me haviam caridosamente untado o rosto e as mãos com um unguento que cheirava bem e logo me tirou o ardor das picadas das flechas. Aliviado e bem-disposto pela bebida, entrou comigo o sono, e estive a dormir oito horas seguidas, em virtude de o imperador ter ordenado aos seus médicos que me deitassem narcóticos no vinho.

Mandou então o imperador de Lilipute (tal é o nome daquele país) que me conduzissem para onde ele estava. Parecerá temerária esta ordem, e na Europa nenhum soberano decerto a daria em igual circunstância; mas, a meu ver, foi a resolução em extremo prudente e generosa, pois se aquela chusma, apanhando-me adormecido, tentasse matar-me com as suas lanças e flechas, logo à primeira sensação de dor despertaria e, cheio de furor, dispondo por isso de mais força, era capaz de partir os cordões que ainda me ligavam e, sem me poderem resistir, esmagá-los-ia a todos.

Fizeram trabalhar à pressa cinco mil engenheiros e operários na construção de um carro de três polegadas de alto, dez palmos e meio de comprido e seis de largo, com vinte e duas rodas; e assim que ficou pronto

o conduziram para o meu lado. A grande dificuldade era levantarem-me e porem-me em cima dele. Nesse intento fincaram no chão oitenta varas de dois palmos e meio, e munida cada uma na ponta de sua roldana, em que passavam cordas muito fortes, da grossura de uma guita, com ganchos que iam prender-se nos cintos que me haviam posto em roda do pescoço, das mãos, das pernas e de todo o corpo; e novecentos homens dos mais robustos puseram-se a içar-me. Em menos de três horas fui guindado, posto em cima do veículo e a ele amarrado. Sei tudo isto pela descrição que depois me fizeram, pois durante aquela manobra fartei-me de dormir a sono solto. Mil e quinhentos cavalos dos maiores que havia nas cavalariças imperiais, de quatro polegadas e meia de altura, foram atrelados ao carro, e arrastaram-me na direção da cidade, distante um quarto de légua.

Tínhamos andado quatro horas quando um episódio na verdade bem cómico me interrompeu o sono. Haviam detido o carro, para arranjar qualquer coisa; e dois ou três habitantes do país, cheios de curiosidade, acercaram-se de manso para me verem a cara. Um deles, capitão das guardas, enfiando-me pela venta esquerda a sua pontiaguda alabarda, despertou-me, forçando-me a espirrar três vezes.

No resto do dia marchámos sem parar, acampando de noite. Puseram quinhentos homens a guardar-me, metade com archotes e metade de arco e flecha, prontos a atirar sobre mim, ao mais pequeno movimento que eu fizesse.

Na manhã seguinte, ao nascer do Sol, prosseguimos a nossa viagem, chegando pelo meio-dia a cem toesas das portas da cidade. O imperador e toda a sua corte vieram ver-nos, não consentindo os oficiais-mores que Sua Majestade pusesse em risco a sua pessoa subindo para cima de mim, conforme outros muitos se tinham aventurado a fazer.

Onde o carro parou erguia-se um velho templo, o maior de todo o império, anos antes manchado com um crime de homicídio, que o profanara, segundo o preconceito daquelas gentes, e por isso o

empregavam noutras coisas. Naquele vasto edifício foi resolvido que eu ficasse alojado. Tinha uma porta grande, voltada ao norte, de seis palmos de altura e quase três de largura, entre duas janelas a seis polegadas do chão. À do lado esquerdo prenderam os serralheiros do imperador noventa e uma cadeias semelhantes até quase na largura às dos relógios de senhora na Europa, e com trinta e seis aloquetes, mas ligaram à perna esquerda. Fronteira ao templo, do outro lado da estrada, à distância de trinta palmos, havia uma torre de sete palmos e meio, pelo menos. Dali me veriam comodamente e muito a seu gosto o imperador e vários grandes da corte. Conta-se que saíram da cidade mais de cem mil curiosos, e não seriam menos de dez mil, creio eu, os que, por diversas vezes, e sem embargo dos guardas ali postados, subiriam com escadas acima do meu corpo se a tal não obstasse a publicação de um decreto do conselho de Estado.

Não se faz ideia do barulho e espanto do povo quando me viu de pé e a andar. Tinham nove palmos as correntes presas ao meu pé esquerdo, de modo que me deixavam ir e vir, descrevendo um semicírculo.

Capítulo 2

Um dia em que o imperador se aproximou de mim, ia-lhe custando caro o ter vindo a cavalo, pois o animal ao ver-me empinou-se assustado; valeu-lhe ser bom cavaleiro, fez-se firme nos estribos, e assim se manteve até que a sua comitiva acudiu e lhe deitaram mão às rédeas. Sua Majestade, apeando-se, esteve a observar-me muito admirado; mas, à cautela, sempre fora do alcance das cadeias a que eu estava preso. A imperatriz, os príncipes e princesas de sangue, seguidos de muitas damas, conservaram-se a certa distância, sentados em cadeiras de braços.

O imperador é o homem mais alto da corte. A sua presença infunde temor; tem as feições rasgadas, varonis, lábio austríaco, nariz aquilino e tez esverdeada, corpo bem feito, altiva compostura, graça majestosa em todos os movimentos e gestos. Passara já a flor da juventude; tinha perto de vinte e nove anos, e sete, pouco mais ou menos, de reinado. Conservando-se distante de mim toesa e meia, pude vê-lo muito à vontade, deitando-me de lado, por forma que os nossos rostos ficassem paralelos. E tantas vezes depois daquela tive o imperador na minha mão que posso aqui retratá-lo sem receio de me enganar.

Apareceu-me trajando com simplicidade, sem adornos, meio à asiática, meio à europeia, embora trouxesse na cabeça um elmo de ouro e pedras preciosas, donde saía um formidável penacho, e empunhasse para se defender, caso eu me soltasse, uma espada nua, de quase três polegadas, com bainha e punhos de ouro cravejado de brilhantes. A voz era fina, mas

clara e percetível, ouvindo-a eu perfeitamente, mesmo quando estava de pé. As damas e os cortesãos vinham trajando com tamanha riqueza que, do ponto em que eu estava, a corte toda junta me parecia uma bela saia de figuras bordadas a ouro e prata, estendida ali no chão aos meus olhos. Sua Majestade Imperial fez-me a honra de me dirigir a palavra bastantes vezes, e eu sempre lhe respondi, mas sem nos entendermos um ao outro. Duas horas depois foram-se embora, deixando-me de guarda numerosa força para obstar à impertinência, se não à maldade, da população, impaciente por se acercar de mim para me ver de perto. Levaram a sua ousadia alguns deles a despedir-me flechas, uma das quais me ia vazando o olho esquerdo. Mandou o coronel agarrar uns seis mais atrevidos daquela canalha e, para lhes dar castigo equivalente ao delito, entregou-mos todos, bem amarrados e tolhidos. Deitei-lhes a mão direita, meti cinco no bolso do gibão e ao sexto fingi querer comê-lo vivo. O homenzinho, coitado, dava rugidos terríveis, afligindo o coronel e mais oficiais, sobretudo quando me viram sacar de um canivete; mas depressa lhes desvaneci o pavor, porque cortei caridosamente as cordas que ligavam o homenzinho e pu-lo com todo o cuidado no chão, desatando ele logo a fugir. Tratei os outros da mesma maneira, tirando-os a um e um do bolso; e vi com satisfação que os soldados e o povo tinham ficado bem-dispostos com o meu procedimento compassivo, que foram depois relatar à corte de modo muito louvável e vantajoso para mim.

A notícia, espalhada em todo o império, de que havia chegado um homem prodigiosamente grande fez sair das aldeias tanta gente curiosa e desprevenida que as deixaram quase desertas; e isto teria sido uma calamidade para a agricultura se Sua Majestade não providenciasse com a publicação de decretos ordenando que aqueles que já me tivessem visto voltassem sem demora para as suas terras, e não pudessem mais aproximar-se do lugar em que eu estava sem uma licença especial. A passar tais licenças ganharam somas avultadas os empregados das secretarias do Estado.

Convocara, entretanto, o imperador o seu conselho, bastantes vezes reunido para deliberar sobre o que se devia fazer de mim. Soube depois que houvera perplexidade e indecisão.

Receavam que eu viesse a partir as cadeias que me tinham preso, pondo-me à solta; opinavam que a minha alimentação dispendiosíssima viria a produzir carestia e escassez de víveres; propunham que me deixassem morrer à fome ou me picassem com flechas envenenadas; mas pensaram que a infeção de um corpo como o meu traria a peste à capital e ao império.

Numa das vezes em que o conselho estava a funcionar apresentaram-se à porta da grande sala em que ele se reunia muitos oficiais do exército, e dois deles, mandados entrar, deram conta da forma como eu procedera com os seis criminosos, o que causou boa impressão em Sua Majestade e em todo o seu conselho. Foi logo nomeada uma comissão imperial para exigir de todas as aldeias, quatrocentas e cinquenta toesas em redor da corte, a entrega, todas as manhãs, de seis bois, quarenta carneiros e outros comestíveis para meu sustento, com pão, vinho e mais bebidas à proporção. Pagar-se-iam estes géneros com letras do tesouro de Sua Majestade, que como soberano não tem mais rendimentos que os das suas terras, não cobrando impostos dos súbditos senão nas grandes ocasiões; e em caso de guerra é à custa própria que se apercebem.

Para me servirem foram designadas seiscentas pessoas, com vencimento especial para o seu passadio e tendas levantadas aos lados da minha porta para morarem.

Também se ordenou que trezentos alfaiates me fizessem um fato à moda do país; que seis homens de letras dos mais competentes do império fossem encarregados de me ensinar a língua; e finalmente que os cavalos do imperador, da nobreza, e a tropa das guardas fariam amiúde exercício diante de mim para se acostumarem à minha figura. Todas estas ordens foram rigorosamente executadas, e em pouco tempo fiz grandes progressos no estudo da língua de Lilipute, vindo o imperador com frequência assistir às lições, e dignando-se até auxiliar os meus mestres.

As primeiras palavras que aprendi foram para lhe exprimir o desejo de me ver solto e em liberdade; todos os dias lhas tornava a dizer, de joelhos. Respondia-me que era preciso esperar mais algum tempo, que naquele caso não podia tomar nenhuma resolução sem ouvir o conselho, que jurasse eu primeiramente manter paz inviolável com ele e com os seus vassalos; podendo em todo o caso estar certo de ser muito bem tratado enquanto esperasse. Aconselhou-me a conquistar sua estima e a do seu povo com paciência e bons modos, acrescentando que não lhe ficasse querendo mal por ter de dar ordem a alguns oficiais para me ser passada uma busca, pois era natural que eu tivesse comigo bastantes armas nocivas e perigosas para a segurança dos seus estados. Declarei que estava pronto a tirar o fato e a esvaziar os bolsos, logo ali à sua vista, ao que ele replicou que a lei exigia que a busca me fosse feita por dois comissários; e, vendo bem que isso não podia ser efetuado sem o meu consentimento, entregava sem receio aqueles indivíduos nas minhas mãos, pelo bom conceito que lhe merecia a minha generosidade e retidão. Tudo que me tirassem me seria fielmente entregue quando voltasse ao meu país, ou então reembolsar-me-iam conforme o valor que eu mesmo marcasse.

À chegada dos dois comissários, peguei neles e meti-os primeiro nos bolsos do gibão e depois nos outros. Vinham munidos de penas, papel e tinta, e fizeram de tudo que viram um inventário muito exato. Apenas o terminaram, pediram-me que os pusesse no chão, para irem dar conta ao imperador do resultado da sua incumbência.

O referido inventário era concebido nestes termos:

> Em primeiro lugar, no bolso direito do gibão do grande «homem Montanha» (equivalência das palavras *Quinbus Flestrin),* tendo passado busca rigorosa, encontrámos uma grande porção de fazenda grosseira, que chegaria para atapetar a principal sala de receção de Vossa Majestade. No bolso esquerdo, um cofre de prata com tampa do mesmo metal, que nós, comissários, não pudemos

erguer; e, pedindo ao dito «homem Montanha» que no-lo abrisse, entrou um de nós dentro dele, enterrando-se em pó até aos joelhos, ficando a espirrar duas horas, e o outro sete minutos. No bolso direito do colete achámos um espantoso maço, quase da grossura de três homens, e amarrado por um cabo muito rijo, de coisas brancas e delgadas, postas umas sobre as outras, com grandes figuras negras, que nos pareceram ser de escrita. No bolso esquerdo havia uma grande máquina chata, com dentes muito compridos, os quais pareciam a paliçada do átrio do palácio de Vossa Majestade. No bolso grande do lado direito do alçapão (foi assim que eu traduzi a palavra *ranfulo,* pela qual designavam os meus calções) vimos um grande pilar de ferro, oco, ligado a uma grossa peça de madeira maior que o pilar, havendo no lado do mesmo pilar outras peças de ferro em relevo, que seguravam uma pedra talhada em cunha; não soubemos o que era; e no bolso esquerdo também vimos outra coisa do mesmo género.

No bolsinho do lado direito havia várias rodelas de metal vermelho e branco, e de diferentes tamanhos; algumas das rodelas brancas, que nos pareceram ser de prata, tinham tal diâmetro e peso que eu e o meu colega tivemos dificuldade em levantá-las. Item, dois sabres de algibeira, cuja folha se embebia numa ranhura do punho, e tinha o fio muito cortante; estavam metidos numa grande caixa ou estojo. Faltava inspecionar dois bolsinhos, que nos apareciam como duas aberturas talhadas no cimo do alçapão, porém muito unidas por efeito do ventre que as comprimia. Da direita pendia uma grande cadeia de prata com uma coisa muito esquisita na extremidade. Pedimos-lhe que tirasse para fora tudo que estava preso à cadeia, e pareceu-nos ser um globo metade de prata e a outra metade de metal transparente. Do lado transparente vimos uns sinais desconhecidos, traçados num círculo; supusemos poder tocar-lhes, porém os nossos dedos foram detidos por uma substância luminosa. Encostámos o ouvido ao dito globo; produzia um rumor contínuo, semelhante ao ruído de uma azenha, e conjeturámos que fosse algum animal desconhecido, ou a divindade que ele adora. Nós, porém, inclinamo-nos mais para a última hipótese, porquanto nos assegurou (se é que percebemos

bem, pois exprimia-se pouco corretamente) que raras vezes fazia uma coisa sem consultar primeiro aquele globo; chamava-lhe o seu oráculo, e dizia que ele marcava o tempo de cada ato da sua vida.

Da abertura esquerda tirou uma rede de tamanho suficiente para servir aos pescadores, mas que se abria e fechava; dentro encontrámos muitas rodelas maciças de metal amarelo; se eram de ouro verdadeiro, tinham decerto um valor incalculável.

Tendo, pois, em obediência às ordens de Vossa Majestade, inspecionado por miúdo todos os seus bolsos, notámos um cinto em volta do corpo, feito da pele dalgum animal prodigioso e do qual pendia do lado esquerdo uma espada do tamanho de seis homens e do lado direito um saco ou bolsa dividido com dois compartimentos, em cada um dos quais cabiam três súbditos de Vossa Majestade. Num dos ditos compartimentos havia muitos globos, ou balas, de um outro metal bastante pesado e do tamanho da nossa cabeça, para levantar os quais era forçoso ter muito pulso; o outro compartimento continha uma porção de bagos negros, mas pouco volumosos e bastante leves, pois podíamos com mais de cinquenta na palma da mão.

Tal é o inventário minucioso de tudo quanto encontrámos sobre o corpo do «homem Montanha», o qual nos recebeu com toda a urbanidade e com as deferências devidas a uma comissão de Vossa Majestade.

Assinado e selado aos quatro dias da octogésima nona lua do feliz reinado de Vossa Majestade,

Flessen Frelock, Marsi Frelock.

Feita a leitura deste inventário na presença do imperador, ordenou-me ele em termos afáveis que lhe entregasse uma a uma todas aquelas coisas, a começar pela espada. Rodearam-nos a certa distância três mil homens das suas melhores tropas, armados com arcos e flechas, no que não reparei logo por ter os olhos postos em Sua Majestade. Mandou-me que desembainhasse a espada, que luzia bastante apesar de um pouco enferrujada da água do mar e, pondo-se os soldados a dar gritos, disse-me que a metesse outra vez na bainha e a lançasse para longe das minhas cadeias nove palmos. A segunda coisa que me pediu foi uma daquelas colunas ocas, referindo-se às minhas pistolas de algibeira. Apresentei-lhas, explicando-lhe como pude, a ordem sua, para o que serviam e, carregando-as com pólvora seca, depois de o prevenir para que se não assustasse, atirei para o ar. Então foi ainda maior o espanto que à vista da espada. Caíram todos de costas, como se um raio os fulminasse, e o próprio imperador, que era muito valente, só passado algum tempo pôde recobrar os sentidos. Fiz entrega das pistolas e dos sacos de chumbo e de pólvora, como fizera da espada, recomendando-lhe que não aproximasse lume do saco da pólvora se não queria ver ir pelos ares o seu palácio; com o que ficou maravilhado.

Também o meu relógio lhe despertou grande curiosidade; mandou-o conduzir, enfiado numa vara, aos ombros de dois guardas dos mais corpulentos, como fazem os carregadores em Londres aos barris de cerveja. Causava-lhe impressão o barulho incessante que fazia e o movimento do ponteiro dos minutos, que perfeitamente seguia com o olhar, pois aquela gente tem a vista mais penetrante do que a nossa.

Quis saber o que os seus doutores pensavam disto; mas, como o leitor imaginará, as respostas foram muito desencontradas.

A seguir entreguei as moedas de prata e de cobre, a bolsa com nove moedas de ouro grandes e outras mais pequenas, o pente, a caixa de prata do rapé, o lenço e o jornal. Para o arsenal do imperador transportaram a

espada, as pistolas e os sacos da pólvora e do chumbo, deixando o resto no lugar onde eu estava.

Num bolso à parte, em que não houve busca, ficaram os óculos, de que me servia às vezes, por ter a vista fraca, um óculo de ver ao longe e outras bagatelas, que, por julgar não terem a menor importância para o imperador, não apresentei aos comissários, receando que, apreendendo-mas, as perdessem ou estragassem.

Capítulo 3

Quis um dia o imperador dar-me uma diversão um tanto espetaculosa, em que estes povos excedem os de todas as nações que eu vi, quer na agilidade quer na magnificência; nada, porém, me agradou mais do que ver os dançarinos de corda fazerem volteios num fio tenuíssimo de três palmos e onze polegadas de comprido. As pessoas que executam este exercício são as que aspiram aos grandes empregos e anseiam pelos aplausos da corte; para tal fim se dão a esse nobre exercício desde a infância, por ser o que mais convém aos indivíduos de alta estirpe. Quando vaga um emprego importante, quer por efeito da morte de quem o exercia quer por ter incorrido em desagrado (o que se dá muitas vezes), cinco ou seis pretendentes ao lugar requerem ao imperador consentimento para divertirem Sua Majestade e a corte com uma dança na corda, provendo-se no emprego o que saltar mais alto e não cair. É frequente ordenar-se aos altos magistrados que dancem também na corda, a fim de mostrarem a sua habilidade e para que o imperador fique sabendo que não perderam as suas aptidões. Flimnap, tesoureiro-mor do império, passa por ter a habilidade de dar uma cabriola na corda uma polegada mais alto que nenhum outro magnate do império; vi-o várias vezes dar o salto mortal (que nós chamamos *somerset)* numa tabuinha presa à corda, a qual não tinha mais grossura que um barbante.

Estas diversões são a causa de frequentes desastres funestos, a maior parte dos quais estão registados nos arquivos do império. Eu próprio vi dois ou três pretendentes ficarem aleijados; o perigo é muito maior quando os ministros recebem ordem de patentear as suas habilidades; porquanto,

fazendo extraordinários esforços para se excederem a si mesmos, e para comprometerem os outros, caem quase sempre desastradamente.

Afirmaram-me que um ano antes de eu chegar teria com certeza Flimnap partido a cabeça numa pedra se um dos primos do rei lhe não acudisse.

Há uma outra diversão privativa do imperador, da imperatriz e do presidente de ministros, a qual consiste no seguinte: coloca o imperador em cima de uma mesa três fios de seda, separados uns dos outros e de seis polegadas de comprido; um é de cor carmesim, o segundo amarelo e o terceiro branco. Os referidos fios constituem prémios para quem o imperador queira distinguir com uma prova singular da sua magnificência.

A cerimónia realiza-se na sala de audiência de Sua Majestade, onde os concorrentes são obrigados a oferecer provas da sua habilidade, como eu nunca vi nada semelhante em nenhum outro país do Antigo ou do Novo Mundo.

Empunha o imperador o bastão com as duas extremidades paralelas ao horizonte, enquanto os concorrentes, adiantando-se sucessivamente, saltam por cima do dito bastão. Algumas vezes segura o imperador uma das extremidades e o presidente de ministros a outra; e também acontece que o ministro o segura sozinho.

Aquele que alcança maior êxito e mostra mais agilidade e leveza no salto é recompensado com a seda carmesim; a amarela é dada ao segundo, e a branca ao terceiro. Os aludidos fios, de que fazem talabarte, servem-lhes de ostentação e, distinguindo-os do vulgo, enchem-nos de prosápia.

Tendo um dia o imperador ordenado a uma parte do seu exército, aquartelada na capital e arrabaldes, que estivesse pronta à primeira voz, quis deliciar-se de um modo bem singular. Mandou-me estar imóvel como um colosso, com os pés afastados um do outro quanto eu pudesse

distanciá-los sem incómodo; depois ordenou ao seu general, velho capitão experimentado, que dispusesse as tropas em linha de batalha, fazendo-as passar em revista por entre as minhas pernas, a infantaria a vinte e quatro de fundo e a cavalaria a dezasseis, os tambores rufando, bandeiras desfraldadas e as lanças de três mil homens de infantaria e mil de cavalaria. Fez saber Sua Majestade a todos os soldados, sob pena de morte, que observassem comigo durante a marcha o máximo rigor da ordenança, o que todavia não impediu que alguns oficiais mais novos levantassem a vista ao passar por debaixo de mim. E, devo dizer a verdade, era tal o mau estado dos meus calções que desataram a rir.

Apresentei ou dirigi tantos memoriais e requerimentos pedindo a minha liberdade que o soberano, por fim, expôs o assunto primeiro à mesa do desembargo e depois ao conselho de Estado, onde apenas encontrou oposição por parte do ministro Skyresh Bolgolam, que, sem nenhum pretexto entendeu manifestar-se contra mim; os restantes membros do conselho, porém, foram-me favoráveis, e o imperador conformou-se com o seu parecer. O mencionado ministro, que era *galbet,* quer dizer *almirante*, conquistara a confiança do seu amo por ser hábil nos negócios públicos; mas tinha um génio brusco e excêntrico.

Conseguiu ele que os artigos concernentes às condições em que eu devia ser posto em liberdade fossem redigidos pelo seu punho. Foi Skyresh Bolgolam quem pessoalmente me apresentou aqueles artigos, acompanhado de dois subsecretários e várias pessoas de distinção. Disseram-me que prometesse observá-los, sob juramento prestado primeiro conforme o uso do meu país, e depois pela forma determinada nas leis deles, o que consistiu em conservar o artelho do meu pé na mão esquerda e colocar o dedo grande da mão direita no alto da cabeça e o polegar na ponta da orelha direita. Como porém o leitor pode ter curiosidade em conhecer o estilo da dita corte e bem assim os artigos preliminares do mandando de soltura, fiz uma tradução de todo o documento palavra por palavra:

Golbasto Momaren Eulamé Gurdilo Shefin Mully Ully Gué, poderoso imperador de Lilipute, delícia e terror do Universo, cujos estados se dilatam cinco mil *blustrugs* (isto é, cerca de cinco léguas em redor) até às extremidades do Globo, soberano de todos os soberanos, mais alto que os filhos dos homens, cujos pés oprimem a Terra até o centro, e cuja cabeça toca o Sol, de quem um relancear de olhos faz tremer os joelhos dos potentados; carinhoso como a primavera, belo como o verão, pródigo como o outono, terrível como o inverno; a todos os nossos amados e fiéis súbditos — saúde. Sua Altíssima Majestade propõe ao «homem Montanha» os artigos seguintes, dos quais como preliminar será obrigado a fazer a ratificação por juramento solene:

1.º O «homem Montanha» não sairá dos nossos vastos estados sem nossa licença dada por escrito e marcada com o nosso selo grande.

2.º Não terá liberdade de entrar na nossa capital sem expressa ordem nossa, para que duas horas antes se avisem os habitantes a fim de recolherem a suas casas.

3.º O dito «homem Montanha» limitará os seus passeios nas nossas principais estradas públicas, abstendo-se de passear ou deitar-se em qualquer prado ou seara.

4.º Quando passear pelos ditos caminhos terá o maior cuidado que puder em não esmagar com os pés algum dos nossos fiéis vassalos, nem os seus cavalos, ou carruagens; e não pegará em nenhum vassalo nosso sem ele lhe dar primeiro consentimento.

5.º Se for necessário que algum correio do gabinete faça jornadas extraordinárias, terá o dito «homem Montanha» de o levar no bolso seis dias, durante cada lua, tornando a pô-lo são e salvo na nossa presença, se assim lhe for requerido.

6.º Será nosso aliado contra os nossos inimigos da ilha de Blefuscu e fará quanto estiver na sua mão para destruir a armada que eles estão aparelhando para invadir as nossas terras.

7.º Ajudará, quando tiver vagar, os nossos pedreiros a levantar certas pedras grandes, para se acabarem os muros do nosso parque e outros edifícios imperiais.

8.º Prometendo e jurando o dito «homem Montanha» cumprir e guardar as condições dos artigos acima declarados, receberá todos os dias uma ração de comida e bebida equivalente à de 1874 vassalos nossos, e terá livre entrada perante a nossa imperial pessoa, com outras demonstrações do nosso favor.

Dado no nosso Paço de Belfaborac, aos doze dias da nonagésima primeira lua do nosso reinado.

Prestei juramento, cheio de júbilo, e assinei todos estes artigos, ainda que um ou outro, devido à astúcia de Skyresh Bolgolam, não fosse tão honroso quanto eu desejava.

Tiraram-me as cadeias e deram-me a liberdade na presença do imperador, a quem agradeci, lançando-me humildemente aos seus pés, mas ele logo com toda a gentileza mandou que me levantasse.

No último documento prometera o imperador dar-me cada dia a ração para o sustento em igual tempo de 1874 liliputianos.

Explicarei esta circunstância para mostrar o notável bom senso daquela gente e a economia sábia, exata e perspicaz do imperador. Foi um dos cortesãos, meu particular amigo, quem me deu a razão daquela quantidade: os matemáticos de Sua Majestade, tomando a minha altura com um quadrante e calculando a minha grossura, haviam achado a

proporção de 1874 entre o corpo deles e o meu, inferindo portanto que a minha vontade de comer seria 1874 vezes maior que a de qualquer deles.

Capítulo 4

O primeiro pedido que formulei, depois de ter alcançado a liberdade, foi que se me concedesse permissão de ver Mildendo, capital do império; ao que o imperador anuiu, recomendando-me, todavia, que não fizesse nenhum mal aos habitantes nem causasse o menor dano a suas casas. Este meu desígnio foi comunicado ao povo por uma proclamação.

A muralha que circundava a cidade, franqueada de torreões distantes dez pés uns dos outos, tinha dois pés e meio de alto e cerca de onze polegadas de espessura, de modo que um carro podia rodar pelo cimo e dar a volta à cidade sem risco. Passei por cima da porta ocidental, e caminhei vagaroso e de esguelha, levando vestido apenas um colete, com receio de, com as abas do meu gibão, fazer algum estrago nos telhados e beirais das casas. Ia com toda a cautela, para não esmagar algumas das pessoas que se tinham deixado ficar nas ruas, apesar das ordens terminantemente transmitidas a toda a gente para que se conservassem em casa e não saíssem enquanto eu andasse a passear. Os balcões, as janelas dos primeiros, segundos, terceiros e quartos andares, as águas-furtadas ou trapeiras e os próprios beirais estavam de tal modo apinhados de espectadores que logo calculei ser enorme a população. Esta cidade era um quadrilátero, tendo cada lanço da muralha quinhentos pés de comprido. As duas ruas principais, que se cruzam e a dividem em quatro quarteirões iguais, têm cinco pés de largura; as outras ruas, nas quais não pude entrar, variam de largura entre doze e dezoito polegadas. A cidade pode comportar quinhentas mil almas. Os prédios são de três ou quatro andares.

As lojas e os mercados, bem abastecidos. Outrora havia um belo teatro de ópera e de declamação; mas, como a liberdade do monarca não estimulasse os autores, já não há nada que preste.

O palácio do imperador, situado no centro da cidade, para onde convergem as duas ruas principais, é cercado de um alto muro de vinte e três polegadas, a vinte pés de distância do edifício.

Permitiu-me Sua Majestade que eu transpusesse o muro com uma pernada, a fim de ver o palácio por todos os lados. O átrio exterior é um quadrado de quarenta pés, e compreende mais dois átrios.

É no mais interior que se acham os aposentos de Sua Majestade, que eu tinha grande desejo de ver, o que aliás era muito difícil, porquanto as maiores portas mediam apenas dezoito polegadas de altura e sete de largo. Demais, elevando-se a cinco pés do terreno as construções do átrio exterior, tornava-se-me impossível deitar a perna por cima delas sem correr o risco de partir a lousa dos telhados. Os muros não me davam cuidado porque esses eram solidamente construídos de cantaria de quatro polegadas de espessura. Entretanto, o imperador tinha muita vontade de que eu visse a magnificência do seu palácio; eu, porém, só ao cabo de três dias é que me achei em estado de o satisfazer, depois de ter cortado com a minha faca algumas das maiores árvores do parque imperial, que distava da cidade umas cinquenta toesas.

Destas árvores fiz dois tamboretes de três pés de altura cada um *e* bastante fortes para aguentarem o peso do meu corpo. Avisada a população segunda vez, tornei a atravessar a cidade e dirigi-me para o palácio com os dois tamboretes na mão. Chegado que fui a um lado do átrio exterior, subi a um dos tamboretes, passei o outro por cima do telhado e pu-lo devagarinho no chão, no espaço que havia entre o primeiro e segundo átrio, o qual tinha oito pés de largura. Servindo-me assim dos dois tamboretes, atravessei sem custo por cima das construções; quando me achava do lado de dentro, puxava com um gancho o tamborete que ficara

da parte de fora. Destarte consegui chegar até ao último átrio, onde, deitando-me de lado, meti a cara por todas as janelas do primeiro andar, que, de propósito, haviam deixado abertas, e vi os aposentos mais sumptuosos que é possível imaginar. Vi também, nas respetivas câmaras, a imperatriz e as princesas, suas filhas, rodeadas do seu pessoal. Sua Majestade Imperial dignou-se honrar-me com um sorriso muito amável, e deu-me a mão a beijar pela janela.

Não entrarei aqui em pormenores relativos a curiosidades que o palácio encerrava; reservo-os para obra de maior tomo, a qual está prestes a ser dada à estampa, e contém a descrição geral do império desde a sua fundação, a história dos imperadores, numa longa série de séculos, observações acerca das guerras em que entraram, sua política, leis, letras e religião do país, plantas e animais que ali se encontram, usos e costumes dos habitantes, com várias outras matérias sobremaneira curiosas e da mais alta utilidade. Por agora é meu único fim referir o que me sucedeu durante uma permanência de cerca de nove meses neste maravilhoso país.

Quinze dias depois de obtida a minha liberdade fui procurado por Keldresal, secretário de Estado encarregado dos negócios particulares. Apenas um servo o acompanhava. Deu ordem para que a carruagem o ficasse esperando a certa distância, e pediu-me lhe concedesse uma hora de audiência. Propus-lhe estender-me no chão, para que ele pudesse ficar à altura dos meus ouvidos; ele, porém, preferiu estar na minha mão enquanto conversássemos. Começou por felicitar-me pela minha liberdade, e disse-me que podia gabar-se de ter contribuído algo para isso. Depois observou que se não fora o interesse que a corte tinha tomado tão cedo me não veria liberto:

— Porque — prosseguiu — por muito florescente que o nosso Estado pareça aos olhos dos estrangeiros, temos dois grandes flagelos a conjurar: dentro, uma fação poderosa, e fora, a invasão de que estamos ameaçados por um inimigo formidando. Quanto ao primeiro, sabei que, há mais de setenta luas, existem neste império dois partidos contrários, denominados Tramecksan e Slamecksan, vocábulos derivados dos tacões altos e baixos dos sapatos que eles usam, pelos quais se distinguem. Não falta quem

opine que os tacões altos são os mais conformes à nossa antiga constituição; não obstante, Sua Majestade determinou servir-se apenas dos tacões baixos na administração do Governo e em todos os cargos que se acham sob a jurisdição da coroa. Haveis de notar que os tacões de Sua Majestade Imperial são, pelo menos, mais baixos um *drurr* que os de qualquer outra pessoa da corte. — Um *drurr* tem, aproximadamente, a décima quarta parte de uma polegada. — O ódio dos partidos — retomou — é tal que não comem nem bebem juntos, e nem sequer se falam. Temos quase como certo que os Tramecksans ou tacões altos nos excedem em número; mas o facto é que a autoridade está em nossas mãos. Andamos, porém, um pouco desconfiados de que Sua Alteza Imperial, herdeiro presuntivo da coroa, tem um certo pendor para os tacões altos; porque vemos que um dos seus tacões é mais alto do que o outro, o que o faz coxear algo quando anda. Ora, no meio destas dissensões intestinas, estamos nós ameaçados de uma invasão da parte da ilha de Blefuscu, que é o outro grande império do Universo, quase tão grande e tão potente como este; que, segundo temos ouvido dizer, há no Mundo outros impérios, reinos e Estados, habitados por criaturas humanas tão nutridas e tão altas como vós; mas os nossos filósofos põem isso em dúvida, e preferem conjeturar que caístes da Lua ou de uma estrela; porque a verdade é que um cento de mortais da vossa corpulência consumiriam em pouco tempo todos os frutos e todo o gado dos estados de Sua Majestade. Além de que os nossos historiadores, de seis mil luas a esta parte, não dão notícia de nenhumas outras regiões que não sejam os dois grandes impérios de Lilipute e Blefuscu. Estas duas temerosas potências; vou contar-vos, estiveram empenhadas, durante trinta e seis luas, numa guerra muitíssimo renhida, que teve por causa o seguinte: toda a gente está de acordo em que a maneira primitiva de partir os ovos, antes de os comer, é bater com eles num prato ou numa mesa, do lado mais rombo; mas o avô de Sua Majestade, em menino, estando para papar um ovo, teve a infelicidade de cortar um dos dedos; e o imperador, seu pai, muito pesaroso por isto, ordenou, por um decreto, a todos os seus súbditos, sob pesadas penalidades, que partissem os ovos pela extremidade oposta. Esta lei irritou o povo a ponto de, referem os nossos historiadores, ter havido, por essa ocasião, seis revoltas, nas quais um imperador perdeu a vida, e um outro perdeu a coroa. Estas dissensões intestinas foram sempre atiçadas pelos soberanos de Blefuscu, e quando as sublevações foram reprimidas

refugiaram-se os culpados neste império. Pelas computações feitas, onze mil homens, em épocas diferentes, preferiram sofrer a morte a submeter-se à lei de partir os ovos pelo lado menos rombo. Escreveram-se e publicaram-se centenas de in-fólios acerca do assunto; mas os livros dos partidários do lado mais rombo foram proibidos desde longa data, e eles considerados pelas leis incapazes de exercer quaisquer cargos. Durante a série contínua de tais discórdias, os imperadores de Blefuscu fizeram, com frequência, recriminações por via dos seus embaixadores, acusando-nos do crime de transgressão do preceito fundamental do nosso grande profeta Dustrogg, no capítulo quinquagésimo quarto do *Brundecral* (o seu Corão). Isto, todavia, foi considerado como uma simples interpretação do espírito do texto, cujos termos são os seguintes: «Que todos os fiéis partam os seus ovos pelo lado mais cómodo.» Quanto a mim, deve-se deixar à consciência de cada um a decisão de qual é o lado mais cómodo, ou, pelo menos, que a autoridade do magistrado supremo decida o caso. Ora, os partidários do lado mais rombo encontraram tanta deferência na corte de Blefuscu, e tanto auxílio e apoio no nosso próprio país, que se seguiu uma guerra sanguinolenta entre os dois impérios, guerra que durou trinta e seis luas, com vária fortuna de um e outro lado. Nesta guerra perdemos quarenta naus de linha e ura número muito maior de pequenas embarcações, com trinta mil dos nossos melhores marinheiros e soldados; calcula-se que a perda do inimigo não foi inferior. Como quer que seja, os Blefuscudianos estão a preparar uma frota respeitável para operarem um desembarque nas costas do nosso império. Ora, Sua Majestade Imperial, confiando no vosso valor, e tendo em muito as vossas forças, ordenou-me que vos fizesse ciente de todas estas coisas, para que me disséssеis quais são as vossas disposições a tal respeito.

A minha resposta limitou-se a pedir-lhe se, dignasse apresentar ao imperador os meus mais humildes respeitos, e significar-lhe que eu estava pronto a sacrificar a minha vida em defesa da sua sacratíssima pessoa e do seu império, contra todas as violências e invasões dos seus inimigos. Ouvindo esta minha resposta, retirou-se muito satisfeito.

Capítulo 5

O império de Blefuscu é uma ilha situada ao nordeste de Lilipute, de que está separada por um canal que tem quatrocentas toesas de largo. Eu ainda não o tinha visto; e, como corria a notícia do projetado desembarque, evitei aparecer desse lado, receando ser descoberto por algum dos navios do inimigo.

Em breve comuniquei ao imperador o plano que concebi de senhorear-me de toda a armada inimiga, a qual, segundo a informação dos espias, estava no porto, pronta a fazer-se de vela logo que o vento fosse favorável. Consultei os marinheiros mais experimentados acerca da profundeza do canal, e soube que, no meio, em maré cheia, tinha setenta *glumgluffs* (cerca de seis pés, na medida da Europa), e nos outros pontos, cinquenta *glumgluffs*, o máximo. Dirigi-me secretamente para a costa nordeste, em frente de Blefuscu e, deitando-me detrás de uma colina, apliquei o meu óculo e vi a frota inimiga, que constava de cinquenta naus de linha e um grande número de barcos de transporte. Voltando para a cidade, mandei fazer uma grande porção de cabos, fortes quanto possível, com barras de ferro.

Como a grossura dos cabos não excedesse a de um barbante dobrado, e as barras não fossem mais compridas nem mais grossas que uma agulha de fazer meia, tomei os cabos a três e três e torci-os para torná-los mais fortes, e o mesmo fiz às barras, tomando-as igualmente a três e três, torcendo-as, e atando um gancho a cada uma. Com estes petrechos,

encaminhei-me de novo para a costa nordeste e, tirando o meu gibão, os sapatos e as meias, entrei na água; andei o mais depressa que pude, mas, ao chegar a meio do canal, tive de nadar obra de quinze toesas, até que tornei a achar pé; e então cheguei à armada em menos de meia hora. Ao verem-me, os inimigos, assustados, saltaram para fora das suas naus como rãs, e fugiram a nado para terra: não seriam menos de trinta mil homens. Então, tratei de segurar cada nau pela proa com um gancho preso a um cabo. Enquanto eu andava nesta faina, milhares de flechas foram despedidas pelo inimigo, muitas das quais se me cravaram na cara e nas mãos e, além da excessiva dor que me causaram, bastante me estorvaram na minha obra. O que mais cuidado me dava eram os olhos, que sem eles ficaria com toda a certeza se, de súbito, me não acode um expediente: pôr uns óculos que levava na algibeira das calças e segurá-los o melhor que pude. Armado com esta espécie de elmo, prossegui no meu trabalho, sem fazer caso da saraivada de flechas que caíam sobre mim. Aplicados os ganchos, comecei a puxar: mas inutilmente, porque todas as naus estavam sobre âncora. Saquei logo da faca, cortei todas as amarras, a bem dizer num ápice, e então facilmente fui sirgando as cinquenta naus maiores que havia no porto.

Não ocorria aos Blefuscudianos o que eu tencionava fazer, de maneira que, quando me viram cortar as amarras, julgaram que o meu desígnio era entregá-las ao sabor do vento e da maré, para abalroarem umas com as outras; mas logo que perceberam que eu levava comigo toda a armada ficaram surpresos e confusos, e desataram a gritar raivosos, desesperados.

Assim que me achei fora do alcance das flechas parei para tirar as que me tinham ficado na cara e nas mãos; depois, conduzindo a minha presa, avencei para o porto imperial de Lilipute.

O imperador, com todo o seu séquito, estava na praia aguardando o êxito da minha empresa.

Viam ao longe uma armada, que se aproximava, em forma de meia-lua; mas, como a água me dava pelo pescoço, não imaginavam que fosse

eu quem a conduzisse. Assim, julgou o imperador que eu tinha perecido, e que a armada inimiga se acercava para desembarcar. Prestes, porém, se dissiparam os seus receios; porque, tendo tomado pé, viu-me à frente de todas as naus, e ouviu-me gritar com toda a força: «Viva o muito poderoso imperador de Lilipute!»

Quando pus pé em terra, fez-me os maiores elogios, e logo ali me nomeou *nardac,* que é o título mais honroso daquele império.

Manifestou-me depois Sua Majestade o desejo que tinha de que eu me apoderasse dos demais navios do inimigo e os levasse para os seus portos. O ambicioso príncipe pretendia nada menos que senhorear-se do império de Blefuscu, reduzi-lo a província do seu império, e mandar para ali um vice-rei; matar todos os partidários do lado mais rombo, e obrigar todos os seus povos a partir os ovos pelo lado oposto, o que o levaria à monarquia universal; mas eu, com muitas razões, fundadas na política e na justiça, diligenciei dissuadi-lo de um tal intento e declarei-lhe terminantemente que jamais lhe serviria de instrumento para oprimir um povo livre, nobre e corajoso. Quando, em conselho, se tratou deste assunto, a parte mais sensata foi do meu parecer.

Esta declaração franca e ousada era tão contrária aos projetos e política de Sua Majestade Imperial que já para mim não podia haver perdão; e, falando a respeito dela no conselho, usou de um tal artifício que foi o bastante para que os meus inimigos ocultos formassem desde logo o projeto de me perder. É bem verdade que os mais importantes serviços feitos aos soberanos pouco valem quando seguidos da recusa de os auxiliar cegamente nas suas paixões.

Cerca de três semanas depois da minha memorável expedição chegou uma embaixada solene de Blefuscu a pedir a paz. O tratado foi em breve concluído nas condições mais vantajosas para o imperador de Lilipute. A embaixada compunha-se de seis magnates, acompanhados por quinhentas pessoas; e pode dizer-se que a sua entrada correspondeu bem à grandeza do seu amo e senhor e à importância da negociação.

Tendo chegado ao conhecimento de Suas Excelências o grande serviço que eu prestara ao seu país falando da maneira como falei ao imperador, resolveram fazer-me uma visita de cerimónia. Começaram por tecer os maiores elogios ao meu valor e à minha generosidade, e convidaram-me, em nome do imperador, seu amo, para ir viver em Blefuscu. Agradeci-lhes a honra que me faziam, pedi-lhes se dignassem apresentar os meus humildes respeitos a Sua Majestade blefuscudiana, cujas brilhantes virtudes ressoavam por todo o Universo; e prometi receber as ordens da sua real pessoa antes de voltar ao meu país.

Passados poucos dias pedi licença ao imperador para ir cumprimentar o senhor de Blefuscu. Respondeu-me friamente que podia ir quando quisesse.

Esqueceu-me dizer que os embaixadores me falaram por meio de intérprete; porque as línguas dos dois impérios diferem muito uma da outra. Cada qual das nações gaba a antiguidade, a beleza e a força da sua língua, e despreza a outra.

Entretanto, o imperador de Lilipute, ufano da vantagem que alcançara sobre os Blefuscudianos pela tomada da sua frota, obrigou os embaixadores a apresentar as suas credenciais e a fazer a sua alocução em língua liliputiana; e deve-se confessar que, em razão do trato e comércio entre os dois países, da receção recíproca dos exilados, e do costume em que estão os nobres liliputianos de mandar seus filhos a Blefuscu, para ali se polirem e aprenderem os exercícios, poucas pessoas de distinção há no império de Lilipute, e também pouquíssimos negociantes e marinheiros que não falem as duas línguas.

Por esse tempo ofereceu-se-me ensejo de prestar a Sua Majestade Imperial um assinalado serviço.

Estava eu um dia no melhor do meu sono quando, aí pela meia-noite, acordo sobressaltado aos gritos de muita gente que se acotovelava à porta da minha residência, proferindo repetidas vezes a palavra *burgum,* e logo alguns cortesãos, abrindo caminho através da multidão, vêm direitos a mim e me pedem que, sem demora, corra ao palácio a acudir ao incêndio que lavrara nos aposentos da imperatriz, por causa de uma das suas damas de honor, que adormecera lendo um poema blefuscudiano. Levantei-me imediatamente e dirigi-me ao sítio, não sem grande custo, para não pisar alguém pelo caminho, o que felizmente consegui. Quando ali cheguei já tinham aplicado escadas às paredes, e o povo andava diligente a acartar água em baldes; mas, como a água se achava a grande distância e os baldes eram do tamanho de dedais, o incêndio ia aumentando, e certamente o palácio seria reduzido a cinzas se, por uma extraordinária presença de espírito, não tomo o seguinte expediente: na véspera tinha eu bebido uma porção enorme de um vinho branco chamado *glimigrim,* que vem de uma província de Blefuscu e é muito diurético; como começava já a fazer o seu efeito, pus-me a urinar em tanta quantidade, e apliquei o líquido tanto a propósito e com tanto acerto aos sítios convenientes, que em três minutos apaguei o fogo, salvando assim o resto do soberbo edifício, que custara rios de dinheiro.

Ignorava se o imperador veria com bons olhos o serviço que eu acabava de lhe fazer; pois, pelas leis fundamentais do império, era um crime capital e que merecia a morte o urinar no recinto do palácio imperial; mas sosseguei quando soube que Sua Majestade ordenara ao grão-juiz me passasse carta de perdão. A imperatriz, porém, concebeu um tal horror pela minha ação que se retirou para o mais recôndito do palácio, determinada a não voltar para os aposentos que eu ousara macular com uma ação tão desonesta e imprudente.

Capítulo 6

Embora seja intuito meu fazer a descrição deste império em obra à parte, julgo do meu dever dar dele aqui ao leitor uma ideia geral. Animais, plantas, árvores, tudo está na mais exata proporção com a estatura da gente do país, que não chega a ter seis polegadas. Por exemplo, os cavalos e os bois mais altos medem quatro a cinco polegadas; os carneiros, mais ou menos, polegada e meia; os gansos não excedem o tamanho de um pardal; de maneira que os insetos eram para mim quase invisíveis. A Natureza, porém, soube ajustar a vista dos habitantes de Lilipute a todos os objetos que lhes são proporcionados. Para bem fazer compreender quanto a sua vista penetra os objetos que estão perto, basta dizer que vi uma vez, com prazer, um hábil cozinheiro depenar uma calhandra que não era maior que uma mosca, e uma moça enfiar uma agulha invisível com uma linha também invisível.

Usam carateres e letras; mas o seu modo de escrever tem muito de notável, porque não é da esquerda para a direita, como o dos Europeus, nem da direita para a esquerda, como o dos Árabes, nem de cima para baixo, como o dos Chineses, nem de baixo para cima, como o dos Cascarianos; mas obliquamente e de um ângulo do papel para o outro, como o das senhoras inglesas.

Enterram os mortos com a cabeça para baixo, porque imaginam que, passadas onze mil luas, todos hão de ressuscitar; que então a Terra, a seu ver chata, se voltará de baixo para cima e, por conseguinte, ficarão de pé

quando ressuscitarem. Os seus sábios reconhecem quanto é absurda semelhante opinião; mas o uso subsiste, porque é velho e fundado nas ideias do povo.

Têm leis e costumes singularíssimos, que eu talvez empreendesse justificar se não fossem contrários aos da minha pátria. A primeira de que falarei diz respeito aos delatores. Todos os crimes contra o Estado são castigados naquele país com todo o rigor; mas se o acusado apresenta provas evidentes da sua inocência o acusador é *in continenti* condenado a uma morte ignominiosa, e todos os seus bens confiscados em proveito do inocente. Se o acusador é pobre, o imperador, do seu bolsinho, indemniza o acusado de todas as perdas e danos.

Consideram a fraude como crime muito maior que o furto, e por isso é sempre punida com a morte; porque têm por princípio que o cuidado e a vigilância, comum juízo vulgar, podem livrar os bens de uma pessoa dos ataques dos ladrões; mas que a probidade não se pode defender do dolo e má fé.

Se bem que os castigos e as recompensas sejam os principais eixos em que gira o Governo, atrevo-me a dizer que a máxima de punir e recompensar não é observada na Europa com tanto critério como em Lilipute. Todo aquele que pode apresentar provas suficientes de haver observado pontualmente as leis do país durante setenta e três luas tem direito a certos privilégios, conforme o seu nascimento e estado, com certa quantia de dinheiro que sai de um fundo destinado para esse fim, e recebe ainda o título de *sinilpal,* ou *legítimo,* que se lhe junta ao nome; mas este título não passa aos descendentes. Estes povos consideram como um grande erro de política que todas as nossas leis estejam cheias de ameaças, e a infração delas seguida de castigos rigorosos, ao passo que não há recompensa para quem as observa fielmente.

É por esta razão que eles representam a justiça com seis olhos, dois adiante, dois atrás e um de cada lado (para representar a circunspeção), um

saco cheio de ouro na mão direita, e uma espada embainhada na esquerda, para mostrar que é mais propensa a recompensar que a punir.

Na escolha dos funcionários atendem mais à probidade que aos talentos. Como o Governo se torna necessário ao género humano, creem que a Providência não teve em mira fazer da administração dos negócios públicos uma ciência difícil e misteriosa, acessível apenas a um pequeno número de engenhos raros e sublimes, desses três ou quatro prodígios, quando muito, que vêm ao Mundo lá de século a século. Mas entendem que a verdade, a justiça, a temperança e as demais virtudes estão ao alcance de todos, e basta a prática dessas virtudes, acompanhada dalguma experiência e boa intenção, para qualquer pessoa, por mais enfezados que tenha o discernimento e o bom senso, poder servir o seu país.

Persuadidos de que os talentos estão longe de suprir a falta das virtudes morais, dizem eles que os empregos não podem ser confiados a mãos mais perigosas que às dos grandes engenhos que não possuem virtude alguma, e que os erros de um ministro honrado, nascidos da sua ignorância, não têm consequências tão funestas para o bem público como as práticas escuras de um ministro de inclinações depravadas e intuitos criminosos, que encontra nos recursos do seu espírito maneiras de praticar o mal impunemente.

Entre os Liliputianos quem não acredita na Providência é julgado incapaz de exercer qualquer cargo público. Como os reis se consideram, e com razão, deputados da Providência, entende aquele povo que não há nada mais absurdo nem mais inconsequente que um príncipe servir-se de indivíduos sem religião, que neguem a autoridade suprema de que ele se diz depositário, e da qual, de facto, recebe a que possui.

Antes de ir mais adiante, observarei que nesta resenha que estou a fazer das leis liliputianas não falo senão das que são originais e primitivas; pois sei que pelas leis modernas caíram aqueles povos nos maiores excessos de corrupção: prova-o, pelo menos, o uso vergonhoso de se darem os cargos mais importantes a quem melhor dança na corda, e as

honrarias aos que sabem saltar à vara larga. Note-se que este uso indecoroso foi introduzido pelo pai do atual imperador.

Aos olhos daquela gente, a ingratidão é um crime enorme, como o foi em outro tempo aos dalgumas nações virtuosas, segundo reza a História. Todo e qualquer homem que faz mal ao seu benfeitor, dizem que não pode deixar de ser inimigo de todos os outros homens.

Entendem os Liliputianos que não cabe ao pai nem à mãe a educação de seus filhos; e por isso há em todas as cidades seminários públicos, onde todos os pais e todas as mães, exceto campónios e operários, são obrigados a meter os filhos, de um e outro sexo, para serem educados e instruídos. Quando contam vinte luas, idade em que os julgam dóceis e capazes de aprender, são confiados a mestres hábeis, que em várias aulas, segundo a diferença de sangue e de sexo, os habilitam para um modo de vida em harmonia com o seu nascimento e os seus talentos e inclinações.

Os seminários para os filhos dos nobres têm professores sérios e eruditos. O vestuário e sustento dos pequenos são simples. Inspiram-lhes princípios de honra, de justiça, de valor, de modéstia, de clemência, de religião e amor da pátria. Até aos quatro anos são vestidos por homens, e desta idade em diante, por mais nobres que sejam, têm de vestir-se eles mesmos, sem ajuda de ninguém. Não lhes é permitido brincar sem assistência de um mestre; isto com o fim de coibir as perniciosas impressões da leviandade e do vício que tão cedo começam a corromper os costumes e tendências da mocidade. Os pais têm licença para ver os filhos duas vezes por ano. A visita não pode durar mais de uma hora; e concede-se aos pais que beijem os filhos à entrada e à saída; mas um mestre, que nunca deixa de estar presente nessas ocasiões, não lhes permite que falem em segredo com as crianças, que as elogiem, que as afaguem, nem que lhes deem dixes, confeitos ou bolos.

Nos seminários para o outro sexo, as meninas recebem, a bem dizer, a mesma educação; com a diferença de que são vestidas por criadas, mas

sempre na presença de uma mestra, até à idade de cinco anos, em que passam a vestir-se sozinhas.

Quando consta que as amas ou as criadas de quarto entretém as crianças com histórias extravagantes, contos insulsos, ou que lhes podem causar medo (como as aias, em Inglaterra, costumam fazer), são açoitadas publicamente, três vezes, por toda a cidade, encarceradas durante um ano e desterradas por toda a vida para o sítio mais deserto do país. Assim, naquele império, as meninas, tanto como os rapazes, envergonham-se de ser cobardes e tolas; desprezam as exterioridades, e só têm em conta a decência e o asseio. Os seus exercícios são menos violentos que os dos moços, e não as fazem estudar tanto; mas ensinam-lhes as ciências e a belas-letras. É máxima, entre aquele povo, que a mulher, devendo ser para seu marido uma companhia sempre agradável, necessita ornar o espírito, que nunca envelhece.

Ao contrário dos Europeus, os Liliputianos estão persuadidos de que nada exige mais cuidado e solicitude que a educação das crianças. É fácil gerá-las, dizem eles, tão fácil como semear e plantar; mas conservar certas plantas, fazê-las desenvolver satisfatoriamente, livrá-las dos rigores do inverno, dos ardores e trovoadas do estio, dos ataques dos insetos, obrigá-las a produzir frutos em abundância, só o conseguem a atenção e o trabalho de um agricultor hábil.

No mestre querem ver um espírito mais disciplinado que sublime, e mais morigeração que ciência.

Não podem suportar os professores que atordoam os ouvidos dos discípulos com a catadupa de composições gramaticais, discussões frívolas, observações pueris, e que, para lhes ensinarem a antiga língua do seu país, que muito pouca analogia tem com a que se fala hoje em dia, lhes enchem a cabeça de regras e exceções, põem de parte o uso e exercício, para lhes atulharem a memória de princípios supérfluos e preceitos dificultosos. Querem que o mestre se familiarize dignamente com os seus discípulos, porque nada é mais contrário à boa educação que o pedantismo

e a fingida seriedade; que antes se abaixe que se eleve diante deles, o que não deixam, contudo, de considerar algo difícil, visto que muitas vezes se necessita de mais esforço e vigor, e sempre mais atenção, para descer sem risco que para subir.

Opinam que os mestres devem aplicar-se mais a preparar o espírito das crianças para as lutas da vida que a enriquecê-lo de conhecimentos curiosos, quase sempre inúteis. Assim, tratam logo, desde os mais tenros anos, de ensiná-las a ser prudentes e filósofas, para que, chegada a época dos prazeres, saibam saboreá-los filosoficamente. Não será ridículo, dizem eles, somente conhecer-lhes a natureza e o uso quando a criatura já se não pode mexer? Aprender a viver quando a vida vai quase no fim, e começar a ser homem quando está prestes a deixar de o ser? Recompensam-se as que, ingénua e sinceramente, confessam os seus erros; e há mercês e honras para as que melhor sabem raciocinar acerca dos próprios defeitos. Querem que sejam curiosas, que façam perguntas a respeito de tudo que veem e ouvem, e são severamente castigadas aquelas que, vendo uma coisa extraordinária e notável, mostram pouca admiração e curiosidade.

Recomenda-se-lhes que sejam muito fiéis, muito submissas, muito delicadas ao príncipe, mas de uma dedicação geral e de dever, e não particular, que muitas vezes ofende a consciência e sempre a liberdade, e expõe a grandes desgraças.

Os mestres da História tratam menos de ensinar a seus discípulos a data de qualquer acontecimento que de descrever-lhes o caráter, as boas ou más qualidades dos reis, dos generais e dos ministros; creem que pouco lhes importa saber que em tal ano e em tal mês se deu certa batalha; mas que muito beneficiam em ponderar quanto os homens, em todos os séculos, têm sido bárbaros, injustos, sanguinários, e quão prontos estão sempre a expor a vida sem necessidade e a atentar, sem razão, contra a dos outros; quanto os combates desonram a Humanidade, e quão fortes devem ser os motivos para se chegar a tão funesta extremidade! Consideram a história do espírito humano como de todas a melhor, e ensinam aos moços mais a julgar os factos que a conservá-los de memória.

Querem que o amor das ciências tenha limites, e que cada um escolha o género de estudos que mais quadre com a sua inclinação e talento. Fazem tão pouco caso de um homem que estuda muito como de quem come demasiadamente, persuadidos de que o espírito tem indigestões como o corpo. Só o imperador possui uma vasta biblioteca. Os particulares que têm grandes livrarias são olhados como burros carregados de livros.

É muito alegre a filosofia entre aqueles povos, e não consta de ergotismos, como nas nossas escolas; não sabem o que é *baroco, baralipton,* categorias, termos da primeira e segunda intenção, e outros disparates da dialética, tão úteis ao raciocínio quanto à dança. A sua filosofia consiste em estabelecer princípios infalíveis que levem o espírito a preferir o estado medíocre de um homem de bem às riquezas e fausto de um banqueiro, e às conquistas de um general triunfante o vencerem em si mesmos a força das paixões. Tal filosofia os afaz à vida austera, fugindo de tudo aquilo que ao gozo sensual inclina os sentidos, e tira a liberdade à alma, fazendo-a serva do corpo. De resto, sempre lhes representam a virtude como coisa fácil e agradável.

Exortam-nos a que escolham com acerto a sua profissão, esforçando-se por lhes fazerem seguir aquela que mais convém às suas naturais tendências; assim, o filho de um cavador é às vezes ministro de Estado, e o filho e um grande fidalgo simples negociante.

O apreço que dão à física e às matemáticas é apenas tendo em vista a sua utilidade e vantagem nas artes aplicadas.

Em regra, pouco lhes importa conhecer todas as partes do Universo; e querem antes gozar da Natureza, sem exame, que discorrer sobre a harmonia e o movimento dos corpos. Com respeito à metafísica, acham que é um manancial de extravagâncias e quimeras.

Detestam o falar afetado, e a preciosidade de estilo tanto na prosa como no verso; entendem que é do mesmo modo impertinente o querer alguém distinguir-se pela palavra, ou pelo fato. Autor que troque a forma pura, sóbria e nítida por uma gíria abstrusa, cheia de bárbaras metáforas, é perseguido e apupado nas ruas como se fosse tipo carnavalesco.

Cuidam ao mesmo tempo do corpo e da alma, e comparam-nos a uma parelha de cavalos, que se deve guiar em passo igual; tratando-se de fazer homens, cumpre não lhes formar uma coisa sem a outra. Dizem que, desenvolvendo numa criança somente o físico, fica estúpida e ignorante e, cultivando-lhe apenas o espírito, desajeitada e grosseira.

É proibido aos mestres castigar corporalmente os discípulos; fazem-no privando-os das coisas de que mais gostam, envergonhando-os, e sobretudo deixando de lhes dar lição duas ou três vezes, que é o que os mortifica, pois, abandonando-os a si mesmos, assim lhes mostram não os julgarem dignos de receber instrução.

Castigo que doa, entendem que só serve para os tornar timoratos, defeito que muito os prejudica e de que nunca se curam.

Antes de contar como foi que saí do império de Lilipute, parece-me conveniente pôr o leitor ao facto de uma intriga que ali se tramou contra mim.

Muitos indivíduos de tão humilde nascimento como o meu, mas talvez menos exigentes em pontos de honra e probidade, têm sido felizes na corte, e chegado a ocupar grandes cargos; a mim, porém, não me deu a Natureza astúcia bastante para poder ser cortesão... Fosse como fosse, estava eu disposto a ir visitar o imperador de Blefuscu quando, uma noite, veio ter comigo, a ocultas, uma personagem de muita consideração na corte, e a quem eu havia prestado serviços de certa importância. Entrou de cadeirinha, sem se fazer anunciar, e mandou embora os carregadores.

Peguei na cadeirinha, meti-a, com Sua Excelência dentro, no bolso do gibão, recomendei a um criado que me tivesse a porta fechada e, pondo-a depois em cima da mesa, sentei-me ao pé. Feitos os primeiros cumprimentos, e reparando no modo triste e perturbado do meu hóspede, perguntei-lhe o motivo que tinha para estar assim. Pediu-me que o ouvisse atentamente, pois o caso dizia respeito não só à minha honra, mas também à minha vida.

Capítulo 7

— Informo-vos — disse-me ele — de que acabam de ser convocados vários conselhos privados por vossa causa e de que há dois dias tomou Sua Majestade uma desagradável resolução. Não ignorais que Skyresh Bolgolam (*galbet,* ou almirante-chefe) ainda não deixou de ser vosso inimigo mortal, desde que aqui chegastes. Desconheço a origem disso; porém o seu ódio aumentou sobremaneira depois da vossa expedição contra a armada de Blefuscu: como almirante, tem inveja de um tão grande feito. O aludido senhor, de acordo com Flimnap, tesoureiro-mor, Limtoc, general, Lalcon, camareiro-mor, e Balmaff, supremo magistrado, redigiu o articulado segundo o qual vos move processo como réu de lesa-majestade, e como inculpado noutros grandes crimes. Reconhecido pelos serviços que me tendes prestado, procurei informar-me de todo o processo, e obtive uma cópia do respetivo articulado: é uma empresa em que arrisco a cabeça, só para servir-vos:

Articulado da acusação promovida contra Quinbus Flestrin (o «homem Montanha»):

Artigo 1.º — Visto que, por decreto promulgado no reinado de Sua Majestade Imperial Cabin Deffar Plune, está determinado que todo aquele que verter águas no recinto do palácio imperial se sujeitará às penas e castigos de crime de lesa-majestade, e que,

não obstante isso, o dito Quinbus Flestrin, por infração manifesta da referida lei, sob pretexto de extinguir o incêndio que pegara nos aposentos da amada esposa de Sua Majestade Imperial, apagara maliciosamente, traiçoeiramente e diabolicamente, esvaziando a bexiga, o dito fogo pegado nos ditos aposentos, tendo para isso entrado no recinto do dito palácio imperial.

Art. 2.º — Que, havendo o mencionado Quinbus Flestrin conduzido a armada real de Blefuscu ao nosso porto imperial, tendo-lhe sido cm seguida ordenado por Sua Majestade Imperial que se apoderasse de todos os outros navios do referido reino de Blefuscu e o reduzisse a simples província que pudesse ser governada por um vice-rei do nosso país e, ainda, fizesse perecer e morrer todos os rombo-ovistas exilados, bem assim todo o povo que não quisesse repudiar a heresia rombo-ovista: o dito Flestrin, como traidor rebelde a Sua Felicíssima Majestade Imperial, apresentara um requerimento para ser dispensado do mesmo serviço, com o fútil pretexto de repugnância em meter-se a constranger as consciências e a oprimir a liberdade de um povo inocente.

Art. 3.º — Que tendo vindo há pouco uns embaixadores da corte de Blefuscu pedir a paz a Sua Majestade, o dito Flestrin, como súbdito desleal, socorrera, ajudara, tirara de embaraços e obsequiara os ditos embaixadores, posto os conhecesse como ministros de um soberano que acabava de manifestar-se inimigo declarado de Sua Majestade Imperial, e em guerra aberta contra a Sobredita Majestade.

Art. 4.º — Que o dito Quinbus Flestrin, contra o dever de um súbdito fiel, se dispunha agora a fazer uma viagem à corte de Blefuscu, para a qual apenas recebera ordem verbal de Sua Majestade Imperial e, sob pretexto da dita permissão, se propunha temerária e perfidamente fazer a mesma viagem, e socorrer, tirar de embaraços e ajudar o rei de Blefuscu.

— Há ainda outros artigos — acrescentou —; os mais importantes, porém, são os que acabei de vos ler em resumo. Nas diferentes deliberações a respeito dessa acusação, é forçoso confessar ter patenteado Sua Majestade a sua moderação, brandura e equidade, ponderando por vezes os vossos serviços e procurando atenuar os vossos crimes. O tesoureiro e o almirante opinaram que se devia fazer-vos morrer de morte cruel e ignominiosa, deitando fogo a vossa casa durante a noite; e o general devia esperar-vos com vinte mil homens armados de flechas ervadas, para vos ferir no rosto e nas mãos. Dar-se-iam ordens secretas a alguns dos vossos servos para derramarem um suco venenoso sobre as vossas camisas, o qual logo vos dilaceraria a própria carne, fazendo-vos morrer no meio dos maiores tormentos. Foi de igual parecer o general, de sorte que, em breve espaço, a pluralidade dos votos era contra vós; Sua Majestade, porém, resolvido a salvar-vos, alcançou o sufrágio do camarista. Neste entretanto, Reldresal, primeiro-secretário de Estado dos Negócios Privados, recebeu ordem do imperador para dar parecer, o que fez conformemente ao de Sua Majestade, e sem dúvida justificou de sobejo a estima em que o tendes: reconheceu serem grados os vossos crimes, mas que, não obstante, mereciam alguma indulgência; disse que a amizade existente entre vós e ele era tão notória que talvez o supusessem disposto a vosso favor; que, todavia, em obediência às ordens de Sua Majestade, queria manifestar a sua opinião com franqueza e livremente; que se Sua Majestade, em consideração pelos vossos serviços, e seguindo os bondosos impulsos de sua alma, houvesse por bem poupar-vos a vida, contentando-se em vos fazer vazar os olhos, era seu modesto parecer que por este alvitre poder-se-ia de algum modo dar satisfação à justiça, e que toda a gente aplaudiria a clemência do imperador, bem como o procedimento equitativo e generoso daqueles que tinham a honra de ser seus conselheiros; que a perda de vossos olhos não serviria de obstáculo à vossa força corpórea, com a qual poderíeis ainda ser útil a Sua Majestade; que a cegueira serve para aumentar a valentia, ocultando-nos os perigos; que o espírito torna-se mais recolhido e apto para o descobrimento da verdade; que o temor que mostrastes pelos vossos olhos foi a maior

dificuldade que tivestes a vencer para vos assenhoreardes da armada inimiga, e que seria bastante que vísseis pelos olhos dos outros, porquanto os mais poderosos príncipes não veem de outra maneira. Esta proposta foi recebida com extremo desprazer por toda a assembleia. O almirante Bolgolam, exaltado, levantou-se e, num ímpeto de furor, disse estar pasmado por o secretário se abalançar a opinar pela conservação da vida de um traidor; que os serviços que tínheis prestado eram, segundo as verdadeiras máximas do Estado, crimes enormes; que vós, que éreis capaz de extinguir de repente um incêndio regando com urina o palácio de Sua Majestade Imperial (o que ele não poderia recordar sem horror), poderíeis, qualquer outra vez, pelo mesmo meio, inundar o palácio e a cidade inteira, visto que, para tal efeito, dispondes de uma enorme bomba; e que a mesma força que vos tornou apto para arrastar toda a armada do inimigo serviria para reconduzi-la, se vos dessem qualquer dissabor, ao sítio donde a tínheis trazido; que havia sobejas razões para acreditar que éreis rombo-ovista, no íntimo de vossa alma, e como a traição tem começo na alma antes de manifestar-se em ações, e porque sois rombo-ovista, declara-vos formalmente traidor e rebelde, insistindo em que se deve mandar matar-vos. Foi do mesmo parecer o tesoureiro. Fez ver a extremidade a que estavam reduzidas as finanças de Sua Majestade, pela despesa com a vossa manutenção, o que não tardaria a tornar-se insustentável; que o alvitre proposto pelo secretário de vos vazar os olhos, longe de ser remédio para semelhante mal, agravá-lo-ia segundo todas as aparências, como se depreende da conhecida usança de cegar certas aves, as quais depois disso comem ainda mais e engordam mais depressa; que Sua Majestade venerável e o conselho, os quais eram vossos juízes, estavam em sua consciência convencidos do vosso crime, o que era prova mais que suficiente para vos condenar à morte, sem terem necessidade das provas positivas exigidas pela letra da lei inflexível. Sua Graciosa Majestade Imperial, porém, que está inteiramente resolvida a não mandar matar-vos, disse que, em vista de o conselho considerar castigo mais leve a perda de vossos olhos, poder-se-ia agravá-la com outra. E o vosso amigo secretário, rogando com instância que o escutassem, para responder ao que o tesoureiro objetara a respeito da grande despesa que Sua Majestade fazia com a vossa manutenção, disse que Sua Excelência, única pessoa que dispunha das finanças do imperador, podia dar fácil remédio ao mal, cerceando-vos a mesa pouco a pouco, e que deste modo, por falta de

alimentação suficiente, tornar-vos-íeis fraco e abatido e perderíeis o apetite e logo depois a vida. De maneira que, graças à grande amizade do secretário, tudo se resolve pelo melhor; deram-se ordens terminantes para conservar secreto o desígnio de vos matar de fome lentamente. A sentença que manda vazar-vos os olhos foi registada no arquivo do conselho, não se opondo ninguém a ela, salvo o almirante Bolgolam. Dentro de três dias, o secretário receberá ordem para apresentar-se em vossa casa e ler o articulado acusatório em vossa presença, e depois fazer-vos ciente da alta clemência e graça de Sua Majestade e do conselho, condenando-vos apenas à perda dos olhos, à qual pena Sua Majestade não duvida vos submetereis com o reconhecimento e a humildade convenientes. Depois dele, virão vinte cirurgiões de Sua Majestade, e executarão a operação por meio de descarga de flechas agudíssimas nas meninas de vossos olhos quando estiverdes deitado no chão. Cumpre-vos pois tomar as convenientes medidas que a prudência vos sugerir. Pela minha parte, a fim de evitar quaisquer suspeitas, torna-se necessário que me retire tão secretamente como vim.

Sua Excelência foi-se embora e eu fiquei só, entregue à inquietação. Era de uso introduzido pelo aludido príncipe e pelo seu ministro (muito diferente, segundo se afirma, do uso dos tempos primitivos) que, depois de o tribunal ordenar um suplício para satisfazer o ressentimento do soberano ou a perversidade de um valido, o imperador fizesse uma arenga a todo o conselho, falando da sua brandura e da sua clemência como de qualidades reconhecidas por toda a gente. A arenga do imperador a meu respeito foi logo publicada pelo império inteiro, e não houve nada que maior terror inspirasse ao povo que os elogios da clemência de Sua Majestade, pois já se sabia que, em geral, quanto mais rasgados eram esses elogios mais injusto e cruel seria o suplício.

E, pela parte que me toca, é forçoso confessar que, não tendo sido destinado pelo nascimento nem pela educação para homem de corte, entendia tão pouco destes assuntos que não podia decidir se a sentença dada contra mim era benigna ou rigorosa, justa ou injusta.

Não pensei, pois, em requerer permissão para me defender; preferia ser condenado sem ser ouvido, porquanto, conhecendo eu anteriores processos semelhantes, notei sempre que findavam segundo as instruções dadas aos juízes e consoante a vontade dos acusadores acreditados e potentes.

Tive desejos de resistir; visto que, estando em liberdade, nem todas as forças do império conseguiriam fazer nada comigo, ser-me-ia fácil, à pedrada, bater e arrasar a capital; repeli, porém, um tal projeto com horror, lembrando-me do juramento que prestara a Sua Majestade, das graças que recebera dele, e da alta dignidade de *nardac* que me havia conferido. Demais, não estava eu tão eivado dos sentimentos da corte que me persuadisse de que os rigores de Sua Majestade me permitiam saldar as obrigações que lhe devia.

Enfim, adotei uma resolução que, pelas aparências, será censurada por algumas pessoas com justiça; pois confesso que foi uma grande temeridade e um péssimo procedimento o querer conservar os olhos, a liberdade e a vida, não obstante as determinações do tribunal. Se eu conhecesse melhor a índole dos príncipes e dos ministros de Estado, o que mais tarde observei noutras cortes, e o seu método de tratar os réus menos criminosos do que eu, submeter-me-ia sem custo a uma pena tão benigna; porém, levado pelo ardor da mocidade, e tendo tido anteriormente permissão de Sua Majestade Imperial para me apresentar perante o rei de Blefuscu, dei-me pressa, antes que expirasse o prazo de três dias, em dirigir uma carta ao meu amigo secretário, na qual lhe fazia saber a resolução que eu tomara de partir nesse mesmo dia para Blefuscu, conforme a permissão que tinha obtido; e, sem aguardar a resposta, dirigi-me para a margem da ilha onde a armada se encontrava. Apoderei-me de uma grande embarcação de guerra, amarrei um cabo à proa e, suspendendo ferro, despi-me, pus a roupa (e a manta que levava debaixo do braço) na dita embarcação e, empurrando-a diante de mim, ora vadeando, ora nadando, cheguei ao porto real de Blefuscu, onde o povo me esperava há muito tempo. Forneceram-me dois guias para me acompanharem à capital, que tem o mesmo nome. Conservei-os em minhas mãos até me encontrar a cem toesas das portas da cidade, rogando-lhes que participassem a minha

chegada a um dos secretários de Estado, e lhe fizessem saber que eu aguardava as ordens de Sua Majestade. Dali a uma hora, tive resposta: que Sua Majestade, com toda a casa real, vinha receber-me. Adiantei-me cinquenta toesas: o soberano e a sua comitiva apearam-se dos cavalos, e a rainha e as suas damas desceram dos coches, mas não notei que tivessem medo de mim. Deitei-me no chão para beijar as mãos do rei e da rainha. Disse eu a Sua Majestade ter vindo, conforme prometera, e com permissão do imperador meu amo, para gozar da honra de ver um tão poderoso príncipe, e oferecer-lhe todos os serviços que dependessem de mim, os quais não fossem contrários aos deveres que eu tinha para com o meu soberano; mas não falei na perda do meu valimento junto dele.

Não fatigarei o leitor com os pormenores da receção na corte, a qual foi conforme à generosidade de tão grande príncipe, nem com os incómodos que passei, por não ter casa nem cama, sendo por isso obrigado a deitar-me no chão, embrulhado na minha manta.

Capítulo 8

Três dias depois de ter chegado, andando a passear, por curiosidade, pela costa da ilha que dá para o noroeste, descobri, a meia légua de distância, no mar, algo que me pareceu ser um barco virado. Descalcei os sapatos e as meias e, mantendo-me pela água dentro cem ou cento e cinquenta toesas, vi que o objeto se aproximava por efeito da maré, e verifiquei então que era um escaler, o qual, pelo que supus, podia ter-se largado de um navio em ocasião de temporal; em consequência do que, voltei apressado à cidade, e roguei a Sua Majestade me emprestasse vinte das maiores naus que lhe restavam da armada que perdera e três mil marinheiros, sob as ordens do vice-almirante. As aludidas naus fizeram-se ao mar e seguiram o seu destino, enquanto eu me dirigia pelo caminho mais curto ao ponto da costa onde antes descobrira o escaler. Notei que a maré o trouxera ainda para mais perto da praia.

Quando os navios estavam próximos, desembaracei-me da roupa, meti pela água dentro e segui até cinquenta toesas do escaler; depois do que, vi-me obrigado a nadar até poder atingi-lo; os marinheiros deitaram-me um cabo, do qual amarrei um dos chicotes à proa do barco e o outro a um navio de guerra; não pude, porém, continuar a viagem, por ter perdido pé. Pus-me, pois, a nadar pela popa do escaler, empurrando-o para vante com uma das mãos; de sorte que, favorecido pela maré, aproximei-me tanto da praia que pude ver-me de queixos fora de água e achar pé. Descansei dois ou três minutos e depois empurrei ainda mais o barco, até que a água me dava só pela cintura, cessando então a grande faina; peguei noutros cabos que um dos navios trazia, amarrando-os primeiro ao batel e em seguida a

nove das embarcações que me esperavam e, como o vento era favorável e os marinheiros me ajudassem, manobrei de modo que ficámos a vinte toesas da praia. Ao recuar da maré, achava-me junto do escaler a pé enxuto e, com auxílio de dois mil homens e dos cabos e aparelhos, consegui pô-lo a nado, verificando que não tinha sofrido avaria grossa.

Gastei dez dias para fazer entrar o escaler no porto real de Blefuscu, onde se aglomerara enorme concurso de povo, deveras estupefacto perante a enormíssima embarcação.

Disse eu ao rei que a minha boa sorte me deparara aquele barco para me transportar a qualquer outro sítio, donde eu poderia regressar ao meu país natal, e roguei a Sua Majestade que se dignasse dar as suas ordens para pôr o dito barco em condições de utilizá-lo e de me permitir sair dos seus Estados, o que, depois dalgumas tocantes recriminações, houve por bem conceder-me.

Estava eu sobremodo surpreendido de que o imperador de Lilipute, depois da minha partida, não houvesse feito quaisquer diligências para me encontrar; porém vim a saber que Sua Majestade Imperial, ignorando que eu tivesse tido notícias dos seus projetos, imaginava que eu fora a Blefuscu somente para cumprir a minha promessa, conforme a permissão que me havia dado, e que eu regressaria dali a alguns dias; mas, por fim, deu-lhe canseiras a minha longa ausência e, tendo-se reunido em conselho com o tesoureiro e o resto do conluio, mandou-se uma pessoa de qualidade com uma cópia do libelo acusatório contra mim. Tinha o enviado instrução para fazer constar ao soberano de Blefuscu a grande benevolência do seu amo, que se contentara em punir-me condenando-me à perda dos olhos; que eu me subtraíra à ação da justiça, e que, se não regressasse dentro de dois dias, seria destituído do meu título de *nardac,* e declarado réu de alta traição. Acrescentou o enviado que, para manter a paz e a amizade entre os dois impérios, esperava seu amo que o imperador de Blefuscu desse ordem para me conduzirem a Lilipute, atado de pés e mãos, a fim de ser punido como traidor.

O soberano de Blefuscu, que pedira três dias para deliberar acerca deste assunto, deu uma resposta hábil e sensata. Objetou que, quanto a reconduzir-me atado, não ignorava o imperador ser isso impossível; e quanto a ter-lhe eu arrebatado a armada, não deixava contudo de dever-me os bons ofícios que lhe prestara relativamente ao tratado de paz; além disso, que não tardaria muito que ambos fitassem livres de mim, porque eu encontrara na praia um enorme navio, com capacidade para me levar embarcado, e que ele dera ordem para que o preparassem segundo as minhas instruções e aproveitando o meu concurso; de sorte que esperava ver, em poucas semanas, os dois impérios libertados de tão insuportável fardo.

Em vista da resposta, regressou o enviado a Lilipute, contando-me o soberano de Blefuscu tudo quanto se passara, e oferecendo-me ao mesmo tempo, confidencialmente, a sua amável proteção, se eu quisesse ficar ao seu serviço. Conquanto me parecesse ser sincera essa proteção, deliberei nunca mais me entregar a nenhum príncipe nem a nenhum ministro, sempre que pudesse passar sem eles; por isso, depois de haver testemunhado a Sua Majestade os agradecimentos pelas suas benevolentes intenções, pedi-lhe, submisso, me permitisse retirar-me, dizendo que, visto a sorte, boa ou má, me deparar um navio, preferia entregar-me ao oceano a dar ocasião a um rompimento entre dois soberanos tão poderosos. O monarca não se mostrou ofendido com a minha fala, e até percebi que tanto ele como a maioria dos ministros estavam satisfeitíssimos com a resolução que tomei.

Levaram-me tais considerações a partir mais depressa do que tencionava, e a corte, que aguardava ansiosa esse momento, mostrou-se solícita em ajudar-me. Empregaram-se quinhentos artífices no preparo de duas velas para o meu barco segundo as minhas ordens, dobrando-se em treze o mais grosso tecido que lá havia e acolchoando-o. Dei-me ao trabalho de fazer cordas e cabos, juntando dez, vinte ou trinta dos mais grossos que eles possuíam. Uma grande pedra, que tive a felicidade de encontrar, depois de longas pesquisas, cerca da praia, serviu-me de âncora; e com o sebo de trezentos bois tornei o escaler impermeável, servindo-me também para outros usos. Passei trabalhos sem fim para cortar as maiores

árvores e fazer delas remos e mastros, no que, todavia, fui auxiliado pelos carpinteiros dos navios de Sua Majestade.

Decorrido quase um mês, quando tudo estava pronto, fui receber as ordens de Sua Majestade e fazer as minhas despedidas. O soberano, acompanhado da sua real casa, saiu do Paço. E eu deitei-me na praia para ter a honra de lhe beijar a mão, a qual me estendeu muito amável, bem como a rainha e os príncipes. Presenteou-me Sua Majestade com cinquenta bolsas de duzentos *spruggs* cada uma, e o seu retrato em tamanho natural, que enfiei logo num dos meus guantes, para se não estragar.

Meti a bordo do escaler cem bois e trezentos carneiros, pão e bebidas em proporção, e tanta carne cozida quanta me puderam fornecer quatrocentos cozinheiros. Tratei de obter seis vacas e seis toiros vivos, e igual número de carneiros e ovelhas, para ver se se reproduziam no meu país; e também me provi de feno e trigo. Não me faltou vontade de levar comigo seis indivíduos da terra, mas o monarca não consentiu; e depois de me passarem uma minuciosa busca às algibeiras Sua Majestade fez-me dar a minha palavra de honra de que não levaria nenhum dos seus súbditos, ainda mesmo que eles consentissem nisso ou me pedissem para ir comigo.

Preparadas as coisas deste modo, fiz de vela aos vinte e quatro dias de setembro de 1701, pelas seis horas da manhã; e quando havia andando quatro léguas para o norte, estava o vento de sueste; pelas seis horas da tarde, descobri um ilhote, que se prolongava cerca de meia légua para o nordeste. Continuei para vante e larguei ferro do lado da costa da ilha que era abrigada do vento; pareceu-me desabitada. Bebi uns refrigerantes e deitei-me. Dormi cerca de seis horas, pois o dia começou a aparecer duas horas depois de eu acordar. Almocei e, como o vento fosse favorável, suspendi, continuando no mesmo rumo do dia antecedente, orientado pela minha agulha de algibeira.

Não vi nada nesse dia; porém, no imediato, pelas três horas da tarde, quando tinha andado, segundo o meu cálculo, perto de vinte e quatro

léguas, avistei um navio que seguia no rumo de sueste. Larguei o pano todo e, ao fim de meia hora, o dito navio, tendo-me descoberto, ferrou o pano, e abordei-o por volta das seis horas de 26 de setembro. Tive um grande transporte de alegria ao ver a bandeira inglesa. Meti as vacas e os carneiros nos bolsos do gibão, e entrei para bordo com o meu insignificante carregamento de mantimentos.

Havia na referida embarcação perto de cinquenta homens, entre os quais encontrei um dos meus antigos companheiros, chamado Pedro Williams, que falou de mim lisonjeiramente ao capitão. Este honrado homem acolheu-me muito bem, e pediu-me lhe dissesse donde é que vinha e para onde ia, o que fiz em breves palavras; ele, porém, supôs que a fadiga e os perigos que eu correra me tinham transtornado a cabeça, pelo que tirei logo do bolso as vacas e os carneiros, com grande espanto seu, fazendo-lhe ver a verdade do que acabara de contar. Mostrei-lhe as moedas de ouro que o soberano de Blefuscu me havia dado, bem como o retrato de Sua Majestade em tamanho natural, e muitas outras raridades do aludido país. Dei-lhe duas bolsas de duzentos *spruggs* cada uma, e prometi, logo que chegássemos a Inglaterra, fazer-lhe presente de uma vaca e de uma ovelha prenhes.

Não entreterei o leitor com os pormenores do roteiro; chegámos às Dunas a 13 de abril de 1702. Tive apenas uma contrariedade, e foi que as ratazanas do navio deram cabo de uma das ovelhas. Desembarquei o resto do gado em bom estado de saúde; e pu-lo a pastar no canteiro de um jardim, onde se jogava a bola, em Greenwich.

Durante o pouco tempo que permaneci em Inglaterra, tirei lucros consideráveis a mostrar os animais a várias pessoas gradas, e até mesmo a gente do povo e, antes de empreender a segunda viagem, vendi-os por seiscentas libras esterlinas. Depois do meu último regresso, debalde procurei a raça, que julgava muitíssimo numerosa, sobretudo os carneiros; esperava que tudo aquilo revertesse em proveito das nossas manufaturas de lã, pela finura do velo.

Demorei-me apenas dois meses com minha mulher e a família; a paixão insaciável de ver terras estranhas não me permitia estar muito tempo sedentário. Deixei mil e quinhentas libras a minha mulher, e acomodei-a numa boa casa em Redriff; levei comigo os restantes haveres, parte em dinheiro e parte em mercadorias, no intuito de aumentá-los. Meu tio João deixara-me terras perto de Epping, as quais rendiam trinta libras esterlinas, e eu tinha arrendado a longo prazo o Touro Negro, em Fetter-Lane, que me produzia igual receita; de modo que não receava que a família corresse risco de precisar de recorrer à caridade da paróquia. Meu filho João, a quem dei o nome de meu tio, aprendia latim e frequentava outras aulas, e minha filha Isabel, atualmente casada e com filhos, dedicava-se a trabalhos de agulha. Disse adeus a minha mulher, a meu filho e a minha filha e, apesar das lágrimas derramadas de parte a parte, embarquei afoito no *Destino,* navio mercante de trezentas toneladas, comandado pelo capitão João Nicolau, de Liverpool.

Parte 2 — Viagem a Brobdingnac

Capítulo 1

Condenado pela Natureza e pela sorte a uma vida agitada, tornei a abandonar a minha terra natal, dois meses depois do meu regresso, e embarquei nas Dunas, a 20 de junho de 1702, num navio chamado *Destino,* cujo capitão, João Nicolau, da província de Cornualha, seguia para Surata. Tivemos vento de feição até às alturas do cabo da Boa Esperança, onde fundeámos para fazer aguada, demorando-nos ali até ao fim do mês de março, por ter o capitão caído doente com febres intermitentes. Tomámos a fazer-nos de vela, e a viagem correu bem até ao estreito de Madagáscar. Chegados, porém, ao norte desta ilha, o vento, que nestes mares predomina sempre dentre o norte e o oeste desde o começo de dezembro até princípios de maio, começou de soprar rijo, a 29 de abril., do lado do oeste, conservando-se assim vinte dias seguidos, durante os quais fomos impelidos para o oriente das ilhas Molucas, e a cerca de três graus ao norte da ilha equinocial, o que se verificou por estima, feita pelo capitão, no segundo dia de maio, quando o vento caiu; e como o dito capitão era homem muito experimentado na navegação destes mares, preveniu-nos que nos apercebêssemos para um medonho temporal no dia seguinte, o que não deixou de acontecer. Começou a levantar-se um vento sul, chamado *monção.* Arreceando-nos de que o vento fosse a mais, ferrámos a vela de estai e pusemo-nos de capa para ferrar a mezena; mas, como o vendaval crescia, amarrámos as bocas de fogo, e ferrámos a mezena. A embarcação estava ao largo e, por isso, entendemos que o melhor de tudo era seguir de vento em popa. Cambámos a mezena e esticámos as escotas; o leme estava voltado ao vento, e o barco governava bem. Largámos a vela grande, mas rasgou-se logo, com a violência do vento. Em seguida arriámos a verga

grande, a fim de desmantelar, e cortámos o cordame e cadernal que a segurava. O mar estava muito encapelado, e as vagas desfaziam-se umas contra as outras. Tirámos as malaguetas e auxiliámos o timoneiro, que não podia governar só. Não queríamos arriar o mastro da gávea, porque o navio aguentava-se melhor correndo com o tempo, e por estarmos persuadidos de que prosseguiria na sua derrota mesmo com o mastro içado.

Vendo que nos achávamos muito ao largo depois da tormenta, largámos a mezena e a vela grande, e navegámos com vento da alheta; depois, largámos a vela de estai, o velacho e a geava. O rumo era lés-nordeste, e o vento sudoeste.

Amarrámos a estibordo e desamarrámos de barlavento, braceámos as bolinas, e pusemos o navio ao que o vento desse com todo o pano largo. Durante a borrasca, à qual se seguiu vento rijo de és-sudoeste, fomos impelidos, pelos meus cálculos, cerca de cinco léguas para o oriente, de modo que o mais velho e experimentado dos homens de bordo não nos soube dizer em que parte do Mundo estávamos. Não nos faltavam todavia mantimentos, a embarcação não fazia água, e os tripulantes gozavam de perfeita saúde; a ração de água, porém, é que era muito escassa. Julgámos, pois, mais conveniente seguir no mesmo rumo, em vez de virarmos para o norte, o que podia muito bem ter-nos arrastado até às paragens da Grande Tartária, as quais ficam mais ao noroeste, no mar Glacial.

A 16 de junho de 1703, um gajeiro avistou terra do topo do joanete; a 17, vimos claramente uma ilha ou um continente (pois não soubemos qual das duas coisas era), a cujo lado direito havia uma restinga, e uma enseada demasiado baixa para que um barco de mais de cem toneladas pudesse lá entrar.

Largámos ferro a uma légua da referida enseada, e o capitão mandou saltar para o escaler doze homens da tripulação bem armados, com vasilhas para água, se porventura a encontrassem. Pedi-lhe licença para ir com eles, a fim de ver a terra e de investigar quanto pudesse. Quando

desembarcámos, não vimos ribeiros, nem fontes, nem vestígios de habitantes, o que obrigou a maruja a costear a praia, no intuito de achar água perto do mar. Eu, pela minha parte, pus-me a passear sozinho, internando-me cerca de uma milha pelas terras, onde apenas encontrei uma região estéril e cheia de rochedos. Começando a sentir-me cansado e não descobrindo nada que me alimentasse a curiosidade, retrocedia vagaroso para a enseada, e eis que vejo a nossa gente no escaler, parecendo, pela força do remar, que cuidavam de pôr a vida a salvamento; do que me certifiquei, ao ver que eram perseguidos por um homem de tamanho prodigioso.

Posto que este se tivesse metido pelo mar dentro, a água, contudo, chegava-lhe apenas aos joelhos, e dava passadas assombrosas.

A maruja, porém, levava-lhe talvez meia légua de dianteira, e como o mar nesse sítio estava coberto de penedia não pôde o colosso alcançar o escaler.

Quanto a mim, deito a fugir a sete pernas, e marinhei até ao cimo de um monte, muito escarpado, que me proporcionou o meio de ver uma parte do país. Achei-o bem cultivado; mas o que desde logo me surpreendeu foi o tamanho da erva, que parecia ter mais de vinte pés de altura.

Enveredei por um caminho que se me afigurou ser estrada real, e que, para os habitantes, era apenas um simples carreiro que atravessava um campo de cevada. Fui andando durante algum tempo; mas quase se me tornava impossível ver o que quer que fosse, por estar próxima a época da ceifa, e ter o trigo, pelo menos, quarenta pés de alto. Caminhei por espaço de uma hora, primeiro que chegasse à estrema do referido campo, cuja sebe excedia cento e vinte pés. Quanto às árvores, eram tão grandes que não tive modo de lhes computar o tamanho.

Tratava de procurar passagem pela sebe quando descortinei, no campo contíguo, um dos habitantes, de estatura igual à do outro que tinha visto no

mar perseguindo o escaler. Pareceu-me tão alto como uma torre regular, e de cada passada galgava cerca de cinco toesas, pelos meus cálculos. Apoderou-se de mim enormíssimo pavor, e tratei de me agachar entre o trigo, donde o vi parar junto de uma aberta da sebe, relanceando o olhar por vários pontos e chamando com mais força e retumbância do que se falasse por um porta-voz; atroava os ares de modo tal que supus a princípio ouvir trovões. E logo correram para ele sete homens da mesma estatura, todos de foice na mão, e tendo cada foice o tamanho de seis foices segadeiras; mas não estavam tão bem vestidos como o primeiro, de quem pareciam ser servos, indo depois, em cumprimento das ordens recebidas, ceifar trigo para o campo onde eu estava deitado. Afastei-me deles quanto pude; mas era enorme a dificuldade que tinha em mexer-me, porque os colmos de trigo, de quando em quando, ficavam distanciados uns dos outros apenas um pé, de sorte que não havia modo de caminhar nesta espécie de floresta. Segui, todavia, para um sítio do campo onde a chuva e o vento tinham acamado o trigo, tornando-se-me então de todo impossível ir mais além, porquanto estavam os caules tão entrelaçados que não havia meio de romper para diante, e as barbas das espigas caídas por terra eram tão rijas e pontudas que, atravessando-me a roupa, se me espetavam na carne. Apesar disso, ouvia os segadores, que andavam longe de mim umas cinquenta toesas apenas. Exausto e desesperado, deitei-me entre dois regos e, no anseio de acabar ali os meus dias, afigurava-se-me ver minha mulher, viúva e sem amparo, com os filhos órfãos, e deplorava o meu destino, que me levara a empreender esta segunda viagem contra o conselho de todos os amigos meus e pessoas de família.

Não podia, contudo, neste estado de terrível agitação, deixar de pensar no país de Lilipute, cujos habitantes me consideraram como o maior prodígio que se tinha visto no Mundo, e onde eu era capaz, com uma só mão, de arrastar comigo uma grande armada, e cometer outros feitos maravilhosos, de que se conservará memória imorredoira nas crónicas daquele império, se bem que a posteridade a custo acreditará neles, muito embora afirmados por uma nação inteira. Ponderei quanto me mortificava o parecer tão mesquinho aos olhos dos naturais do país onde estava, quanto um liliputiano o seria entre nós; eu, porém, considerava isso como a menor das desventuras, pois é sabido que, em geral, os indivíduos da espécie humana são mais ou menos selvagens e cruéis, conforme a sua

estatura; e, discorrendo assim, que outra coisa podia eu esperar que não fosse o achar-me, dentro em pouco, reduzido a migalha na boca do primeiro desses bárbaros gigantescos que me apanhasse? Em verdade, têm razão os filósofos quando dizem que o grande e o pequeno são relativos. É possível que os Liliputianos encontrem alguma nação mais pequena, em relação a si, do que eles me pareceram, e quem sabe se esta prodigiosa raça de mortais não será uma nação liliputiana em relação à de qualquer país que nós ainda não conhecemos? Apavorado e confuso como então estava, não me ocorreram, contudo, estas considerações filosóficas.

Um dos ceifeiros, aproximando-se umas cinco toesas do rego onde me achava deitado, fez-me arrecear de que, se desse mais um passo, me esborracharia com o pé ou me partiria em dois com a foicinha; e foi por isso que, ao vê-lo prestes a erguer o pé e a avançar, comecei a soltar gritos de misericórdia, tão fortes quanto mo permitia o medo que me dominava. Estacou o gigante de repente e, olhando em redor para o chão, muito atento, acabou por enxergar-me.

Mirou-me algum tempo com o cuidado de uma pessoa que tenta apanhar um animalejo daninho, para que o não arranhe nem morda, como eu próprio fiz algumas vezes, em Inglaterra, quando procurava agarrar uma doninha.

Afinal, conseguiu deitar-me a mão e suspender-me pelas nádegas até eu ficar toesa e meia próximo dos seus olhos, para melhor me ver a cara. Adivinhei-lhe os intuitos, e resolvi não oferecer resistência, enquanto ele me conservava suspenso no ar, a mais de sessenta pés acima do solo, e posto me apertasse as bochechas com verdadeira crueldade, pelo receio que ele tinha de que eu escorregasse entre os seus dedos.

Tudo quanto pude fazer foi dirigir os olhos ao céu, pôr as mãos em atitude suplicante, e proferir algumas palavras, repassadas de humildade e de tristeza, como era próprio do estado em que me via, pois assaltava-me a cada momento o temor de que ele quisesse esborrachar-me como nós esborrachamos certos animalejos, para dar cabo deles, mas o colosso

parecia deleitar-se com a minha voz e os meus gestos, e começou a observar-me como o que quer que fosse curioso, mostrando-se sobremaneira surpreso de me ouvir articular palavras, muito embora não as compreendesse.

Não podia eu, contudo, conter os gemidos e o pranto e, voltando a cabeça, fiz-lhe perceber, na medida dos meus recursos, quão molestos eram para mim os seus dedos.

Pareceu-me ter ele percebido que me causava dores, porquanto, levantando uma das abas da japona, me colocou em cima com jeitinho, e dirigiu-se logo a correr para o patrão, que era um lavrador rico, e o mesmo que eu tinha visto antes no campo.

Pegou o lavrador numa palhinha quase da grossura das bengalas de uso comum e, com a dita palhinha, levantou-me as abas da casaca, tomando-as, segundo me pareceu, por uma espécie de cobertura que a Natureza me houvesse dado; afastou-me os cabelos do rosto, assoprando-lhes, para me ver melhor; chamou os servos, e perguntou-lhes, pelo que eu pude conjeturar, se por acaso haviam visto nos campos algum animal que tivesse parecenças comigo. Depois pôs-me devagarinho no chão sobre as quatro patas; porém ergui-me logo e comecei a andar pausadamente de um lado para o outro, mostrando de tal guisa não ter desejos de fugir. Sentaram-se todos em redor de mim, para observarem melhor os meus movimentos. Tirei o chapéu, e fiz uma cortesia muito reverente ao lavrador; lancei-me a seus pés, ergui as mãos e a cabeça, e pronunciei várias palavras com quanta força pude. Puxei por uma bolsa cheia de ouro que eu tinha na algibeira e ofereci-lha, submisso. Ele recebeu-a na palma da mão, e aproximou-a muito dos olhos para ver o que era, virando-a e revirando-a bastas vezes com o bico de um alfinete, que tirou da manga da véstia; mas sem nada perceber. Nisto, abri a bolsa e espalhei todas as moedas de ouro em cima da mão dele. Eram seis dobrões espanhóis de quatro pistolas cada um, sem contar vinte ou trinta peças mais pequenas.

Vi-o humedecer o dedo mínimo na língua, e levantar uma das moedas maiores e depois mais outra; mas pareceu-me que ele completamente ignorava o que era aquilo; e fez-me sinal para tornar a metê-las na bolsa, e a bolsa na algibeira.

Convenceu-se então o agricultor tornar-se forçoso que eu fosse um ser pensante; falava-me amiúde, porém o som da sua voz aturdia-me os ouvidos como uma azenha moendo; não obstante, articulava bem as palavras. Respondi, com quanta força pude, em várias línguas, e ele aproximava a cada passo o ouvido uma toesa cerca de mim, mas sempre em vão. Depois, mandou a sua gente cuidar da obrigação e, tirando o lenço da algibeira, dobrou-o em dois e estendeu-o em cima da mão esquerda, que ele assentara no chão, e fez-me sinal para passar para lá, o que eu executei sem custo, pois ela não tinha mais de um pé de grossura. Entendi dever obedecer e, com medo de cair, deitei-me ao comprido em cima do lenço, no qual me embrulhou, levando-me deste modo para sua casa. Logo que ali chegámos, chamou a esposa e mostrou-me a ela; porém esta soltava gritos medonhos e recuava como fazem as mulheres em Inglaterra ao verem um sapo ou uma aranha. Decorrido, porém, algum tempo, como ela notasse as minhas maneiras e o modo como eu executava os sinais que o marido fazia, começou a tratar-me com ternura.

Era cerca de meio-dia e veio um servo servir o jantar. Esta refeição, consoante os hábitos frugais de um lavrador, consistia apenas de carne cozida, num prato que tinha cerca de vinte e quatro pés de diâmetro. A família compunha-se do aludido lavrador, da mulher, de três filhos e de uma velha muito velha. Depois de sentados, o fazendeiro colocou-me perto dele em cima da mesa, que tinha uns trinta pés de altura; e eu, com medo de cair, afastei-me da beira quanto pude. A mulher cortou um bocado de carne, e em seguida migou pão num prato de madeira que pôs diante de mim. Fiz-lhe uma cortesia muito respeitosa e, puxando da minha faca e do meu garfo, tratei de comer, o que lhes deu grande satisfação. A dona da casa mandou a serva buscar uma tacinha própria para licor e que levava cerca de seis canadas, e encheu-a de bebida. Levantei o vaso a muito custa e, reverente, bebi à saúde da senhora, exprimindo-me em inglês com quanta força tinha, o que provocou tão estridentes gargalhadas

nos circunstantes que por um triz não ensurdeci. A bebida a que aludi tinha um gosto parecido com a sidra da pipa e não era desagradável. Fez-me sinal o dono da casa para ir parar à beira do prato dele, que também era de madeira; mas, como eu caminhasse adiante, tropecei numa côdea de pão e caí de nariz, sem contudo ficar ferido. Ergui-me lesto e, reparando que aquela boa gente estava muito contristada, peguei no chapéu, fi-lo girar na cabeça, e dei três vivas, para mostrar que não me tinha sucedido nenhum mal; porém, ao dirigir-me para o meu amo (dar-lhe-ei este nome doravante), o filho mais novo, de dez anos de idade, que estava sentado perto dele, e que era muito travesso, agarrou-me pelas pernas, e suspendeu-me no ar a uma altura tal que todo eu tremia. O pai tirou-me das mãos dele, dando-lhe ao mesmo tempo, na face esquerda, um bofetão tão puxado que bastaria para deitar por terra um esquadrão de cavalaria europeia, e mandou-o retirar-se da mesa; mas, receando eu que o rapaz me ficasse com asco, e lembrando-me de que, entre nós, está na índole de todos os rapazes o fazerem mal aos pássaros, aos coelhos, aos cãezinhos e aos gatitos, pus-me de joelhos e, apontando para o rapaz, esforcei-me por me fazer compreender pelo meu amo, e pedi-lhe que perdoasse ao filho. O pai acedeu, e o rapaz voltou para o seu lugar; então dirigi-me a ele e beijei-lhe a mão.

Em meio do jantar, o gato predileto de minha ama saltou-lhe para o regaço. Ouvi por trás de mim um ruído semelhante ao que produzem doze fabricantes de meias, trabalhando e, ao voltar-me para o lado, verifiquei ser um gato, que miava. Pareceu-me três vezes maior que um boi, segundo ajuizei pela cabeça e por uma das patas, enquanto a dona lhe dava de comer e lhe fazia festas. Perturbava-me de todo a ferocidade de focinho do mencionado animal, posto eu estivesse no outro extremo da mesa, à distância duns cinquenta pés, e não obstante a dona segurá-lo, com medo de que ele se atirasse a mim, mas não houve nada de maior, pois foi indulgente para comigo.

Pôs-me meu amo toesa e meia perto do gato, e como eu sempre houvesse notado que, em se fugindo de um animal feroz ou dando-se mostras de ter medo dele, é precisamente quando nos persegue, resolvi manter toda a minha presença de espírito diante do bicho, e aproximei-me

até dezoito polegadas de distância, o que o fez recuar como se ele próprio tivesse medo de mim. Não me causaram os cães as mesmas apreensões. Entraram três ou quatro na sala, entre os quais havia um de fila do tamanho de quatro elefantes, e um galgo um tudo nada maior que o de fila, porém menos corpulento.

Quase no fim do jantar, entrou a ama de leite, com uma criança de doze meses ao colo, a qual criança, apenas me lobrigou, fez um tal berreiro que, se ela estivesse em Chelsea, era possível ouvi-la na ponte de Londres. O pequeno, tomando-me por uma boneca ou por qualquer bugiganga, gritava e queria-me, para eu lhe servir de brinquedo. A mãe pegou em mim e deu-me à criança, que logo me deitou as mãos e meteu na boca a minha cabeça, soltando eu tais urros de desespero que o pequeno, assustado, deixou-me logo cair; não esmigalhei o crânio porque a mãe, estendendo o avental, me aparou em cima deste. A ama, para sossegar o pimpolho, deu-lhe um guizo do tamanho de uma pipa, cheio de pedregulhos, e preso, por meio de um cabo, à cintura da criança; mas nem assim o calou, e teve de recorrer ao remédio extremo, que foi dar-lhe de mamar. Confesso que nunca vi nada mais repugnante como os peitos da referida ama, e nem sei a que possa compará-los.

Isto fez-me lembrar os seios das damas inglesas, os quais são sedutores e nos parecem assim por estarem em proporção com a nossa vista e estatura; o microscópio, porém, que os aumenta e nos mostra particularidades que não podemos distinguir com os nossos olhos, desfeia-os sobremaneira. Os peitos da sobredita ama estavam no mesmo caso.

Assim, também, achando-me em Lilipute, disse-me uma mulher que eu lhe parecia muito feio, que descobria em mim enormes buracos na pele, que os pelos da barba eram dez vezes mais grossos que as cerdas de um javali, e que a minha tez, composta de diferentes cores, não podia ser mais desagradável, posto eu seja louro e passe por ter uma linda carnação.

Depois de jantar, meu amo foi ver os trabalhadores e, pelo que depreendi da sua voz e dos gestos que fazia, recomendou à esposa que

tivesse o maior cuidado comigo. Eu sentia-me muito fatigado e com vontade de dormir; e a dona da casa, percebendo isso, meteu-me na sua cama, e cobriu-me com um lenço branco, muito maior que a vela grande de um navio de guerra.

Dormi durante duas horas, e sonhei que estava no meu lar com minha mulher e meus filhos, o que mais me atribulou quando, ao despertar, me achei sozinho num vasto aposento de duzentos a trezentos pés de superfície e duzentos de altura, e deitado numa cama que media dez toesas. A dona da casa tinha saído para cuidar dos arranjos domésticos e deixou-me fechado à chave. O leito ficava seis toesas acima do chão. Eu sentia-me apertado por necessidades urgentes, que me obrigavam a sair dali, mas não tive ânimo de chamar; se porventura o fizesse, seria tempo perdido, com uma voz como a minha e havendo uma enorme distância entre o meu quarto e a cozinha, onde a família estava. Neste comenos, trepam dois ratos pelo cortinado acima e desatam a correr pela cama fora; um deles aproximou-se-me da cara, e vai eu levanto-me muito assustado e deito a mão ao sabre, para me defender. Estes abomináveis animais tiveram a ousadia de me acometer pelos dois flancos, mas trespassei o ventre a um deles, e o outro fugiu. Depois desta façanha, deitei-me para repousar os sentidos. As ratazanas eram do tamanho de cães de fila, mas incomparavelmente mais ágeis e ferozes, de modo que se tivesse tirado o cinturão e deixasse o sabre longe de mim, quando me deitei, com certeza que tinha sido devorado.

Entra dali a nada a patroa no quarto e, vendo-me todo coberto de sangue, corre para mim e põe-me em cima da mão.

Indiquei-lhe com o dedo o rato morto, sorrindo e fazendo outros sinais, para lhe dar a perceber que não estava ferido, o que lhe causou grande satisfação. Procuro patentear-lhe o quanto me apetecia ir para o chão, no que logo fui atendido, porém não me consentia o pudor que me explicasse melhor, limitando-me a apontar para a porta e fazendo muitas mesuras.

A excelente mulher, ao cabo de muito trabalho, sempre conseguiu entender-me e, tornando a pegar em mim, dirigiu-se para o jardim, onde me pôs no chão. Afastei-me dela umas cem toesas e, fazendo-lhe sinal que não olhasse para o meu lado, agachei-me entre duas folhas de azedas, e lá consegui fazer o que podeis adivinhar.

Capítulo 2

Tinha a referida dona da casa uma filha de nove anos, menina muito esperta para a sua idade. A mãe, de acordo com ela, lembrou-se de preparar-me o berço da boneca, antes que anoitecesse. Meteram o dito berço na gaveta de uma mesinha de cabeceira e puseram a gaveta em cima de uma prateleira suspensa na parede, por causa dos ratos; e foi este o meu leito durante o tempo que passei com tão boa gente. A referida menina era de tal modo jeitosa que, depois de eu me ter vestido e despido uma ou duas vezes na sua presença, vestia-me e despia-me quando lhe aprazia, posto fosse só por obediência que eu lhe dava semelhante incómodo; fez-me seis camisas e outras peças de roupa branca do mais fino pano que podia encontrar (o qual, em boa verdade, era muito mais grosso do que a lona das velas dos navios); e ela própria a lavava. Além disso, a mesma lavadeira era a mestra que me ensinava o idioma da terra. Quando eu apontava para qualquer coisa, logo me dizia o nome que tinha; de maneira que, em pouco tempo, achei-me em condições de pedir tudo quanto queria; era dotada de muito bom génio; e deu-me o nome de Grildrig, vocábulo que significa o mesmo a que os Latinos chamam *homunculus,* os Italianos *homunceletino* e os Ingleses *mannikin.* A minha existência devo-a a ela. Estávamos sempre juntos; eu tratava-a por Glumdalclitch, ou mestrazinha, e cometeria a mais negra das ingratidões se porventura viesse a esquecer os cuidados e o afeto que ela me dispensava.

O meu maior desejo é chegar a encontrar-me em condições de poder retribuí-los, em vez de ser talvez a causa inocente, mas funesta da sua desventura, como tive várias ocasiões de reconhecer.

Corria então por todo o país que meu amo encontrara no campo um animalejo, quase do tamanho de um *splacknock* (animal do dito país, o qual tem cerca de seis pés de comprimento), e com as mesmas formas de uma criatura humana; que imitava o homem em todos os Seus atos, parecendo falar uma espécie de dialeto que lhe era peculiar; que iá tinha aprendido muitos vocábulos do idioma deles; que se movia com o corpo direito sobre dois pés, era dócil e tratável, dirigia-se às pessoas que o chamavam, fazia tudo que lhe mandavam fazer, tinha os membros delicados e a tez mais branca e mais fina que a filha de um fidalgo, aos três anos de idade. Um lavrador vizinho, e amigo íntimo de meu amo, foi visitá-lo expressamente para verificar a verdade do boato que se espalhava. Fizeram-me comparecer: colocaram-me em cima da mesa, e executei as evoluções que me ordenaram. Desembainhei o sabre e tornei a metê-lo na bainha; cumprimentei o amigo do meu amo; perguntei-lhe, no seu próprio idioma, como passava, e disse-lhe que fosse bem-vindo, tudo consoante as instruções da minha mestrazinha. O indivíduo aludido, cuja idade avançada lhe enfraquecera a vista, pôs os óculos para me observar melhor; e vai eu, não me podendo conter, desatei a rir às gargalhadas. As pessoas de casa, que perceberam o motivo da minha alacridade, puseram-se também a rir; o gebo porém era pateta de mais para se abespinhar com isso.

Tinha ares de usurário, e depressa se denunciou pelo detestável conselho que deu a meu amo, para que me expusesse ao público, por dinheiro, em dia de feira, na cidade próxima, que distava da nossa casa cerca de 22 milhas. Conjeturei haver qualquer projeto que me dizia respeito, pois percebi que meu amo e o amigo estiveram falando baixinho ao ouvido um do outro durante muito tempo, olhando e apontando várias vezes para mim.

No dia seguinte, pela manhã, Glumdalclitch, a mestrazinha, corroborou as desconfianças que me assaltaram, contando-me o que se passara e que ela soubera pela mãe.

A pobre moça meteu-me no seio e derramou copioso pranto: receava que me sucedesse algum mal, que me pisassem, que me aleijassem ou que eu fosse até esborrachado por aquela gente rústica, brutal e desastrada, que decerto não sabia lidar comigo. E, como ela houvesse notado a minha natural compostura, e uma grande delicadeza de sentimentos, penalizava-a o ter de ver-me exposto, por dinheiro, à curiosidade da ralé. Dizia que a mãezinha e o paizinho declararam pertencer-lhe Grildrig inteiramente, porém percebia de sobejo que queriam enganá-la, como haviam feito, no ano anterior, fingindo dar-lhe um carneiro, que, depois de engordado, foi vendido para o açougue. Quanto a mim, posso assegurar, em boa verdade, que tive menos pesar que a minha mestrazinha. Nutria eu grandes esperanças, que nunca me abandonaram, de que um dia recuperaria a liberdade e, quanto à vergonha de ser mostrado por uma parte e outra como um monstro, considerei, depois, para comigo, que semelhante desventura nunca poderia ser-me lançada em rosto, nem sequer macularia os meus bons créditos, depois de regressar a Inglaterra, por isso que o próprio rei da Grã-Bretanha, se se encontrasse numa situação idêntica, teria a sorte que eu tive.

Meu amo, seguindo o conselho do amigo, meteu-me numa caixa, e no primeiro dia de feira levou-me à cidade próxima, em companhia da cachopa. Era a dita caixa fechada de todos os lados, tendo apenas alguns furos, para o ar poder entrar; e, não obstante a moça ter tido o cuidado de colocar por baixo de mim o colchão da cama da boneca, nem por isso deixei de ser rudemente sacudido e de apanhar trambolhões pelo caminho, posto a viagem durasse apenas meia hora. O cavalo, de cada passada, vencia quarenta pés, e o trote era tão travado que produzia balanço igual ao de um navio em mar enfurecido; a distância pareceu-me um tudo-nada maior que a de Londres a Albas. Apeou-se o dito amo na hospedaria onde costumava ficar e, depois de pedir informações ao estalajadeiro e de fazer alguns preparativos necessários, ajustou um *grultrud,* ou pregoeiro, a fim de publicar, por toda a cidade, que, na mesma hospedaria, denominada da *Águia Verde,* se mostraria brevemente um animalejo desconhecido, o qual animalejo era mais pequeno que um *splacknock,* e parecido, em todas as partes do corpo, com as criaturas humanas; que possuía a faculdade de pronunciar diversas palavras e de executar várias habilidades.

Puseram-me em cima de uma mesa na maior sala da hospedaria, a qual tinha cerca de trezentos pés em quadrado. A mestrazinha conservava-se de pé num tamborete muito perto da mesa, para velar por mim e também industriar-me no que convinha fazer. Meu amo, a fim de evitar o aperto e as desordens, não permitia que entrassem mais de trinta pessoas de cada vez. Eu mexia-me de uma banda para a outra, consoante a moça mandava; fez-me diversas perguntas que ela sabia estarem ao meu alcance e em conformidade com os conhecimentos que tinha do idioma, respondendo eu o melhor e mais alto que podia. Voltei-me repetidas vezes para os assistentes, e desfiz-me em cortesias. Peguei num dedal cheio de vinho, dedal que Glumdalclitch me dera como copo de deitar dados, e bebi à saúde dos circunstantes. Desembainhei o sabre e fiz o sarilho, à moda dos mestres de armas de Inglaterra. A moçoila forneceu-me uma palhinha, que eu manejava à guisa de lança, em que me exercitei quando rapaz.

Mostraram-me doze vezes nesse dia, sendo obrigado a repetir sempre as mesmas coisas, até ficar quase morto de cansaço, de tédio e de desgosto.

As pessoas que me viram fizeram por toda a parte referências tão extraordinárias a meu respeito que a multidão queria meter as portas dentro, a fim de entrar.

Meu amo, atendendo aos seus próprios interesses, não consentia que ninguém me tocasse, exceto minha governanta e, para me pôr ao abrigo de qualquer acidente, dispuseram-se bancos em redor da mesa, a distância que nenhum espectador me pudesse chegar.

Um endiabrado rapaz de escola, porém, atirou-me com uma avelã, e por um triz me não apanha a cabeça; jogou-a com tal força que, se não erra a pontaria, tinha-me com certeza feito saltar os miolos, porquanto a dita avelã era do tamanho de um melão; mas, também, consolei-me todo ao ver que o enxotavam da sala.

Mandou meu amo apregoar que me exibiria outra vez, no seguinte dia de feira. Entretanto, encomendou, para meu uso, um veículo mais cómodo, atendendo à grande fadiga que me causou a primeira viagem e o espetáculo, que se prolongou oito horas seguidas, ao ponto de já me não poder ter de pé e de estar quase sem voz. Enfim, e para terminar, quando regressei, todos os fidalgotes da vizinhança, que ouviram falar de mim, foram a casa do meu amo. Houve um dia em que se apresentaram mais de trinta, com as mulheres e os filhos, pois o aludido país, tal como a Inglaterra, está coberto de fidalgos ociosos e sem ofício.

O dito meu amo, tendo em vista os lucros que eu podia proporcionar, resolveu mostrar-me nas mais importantes cidades do reino. E, provendo-se de tudo quanto era indispensável para uma viagem demorada, e depois de pôr em dia os seus negócios domésticos e despedir-se da mulher, a 17 de agosto de 1703, cerca de dois meses após a minha chegada, partimos em direção à capital, que ficava no centro do império e a umas mil e quinhentas léguas da nossa residência.

A filha do meu amo montou na garupa, e levava-me numa caixa, presa à sua cintura, e forrada com o mais fino pano que pôde encontrar.

Tinha em vista meu amo mostrar-me pelo caminho, em todas as cidades, burgos e vilas de mais nomeada, indo até mesmo às casas solarengas que não ficassem fora de mão.

Fazíamos pequenas jornadas, de oitenta ou cem léguas apenas, porquanto Glumdalclitch, de propósito para me poupar a fadiga, queixava-se de que o trote do cavalo a incomodava muito. Além disso, para eu tomar ar e poder ver o país, tirava-me da caixa com frequência. Passámos cinco ou seis ribeiras mais largas e mais fundas que o Nilo e o Ganges, e não havia nenhum regato que fosse menos amplo que o Tamisa no sítio em que o atravessa a ponte de Londres. Três meses durou a viagem e exibiram-me em dezoito das principais cidades, sem contar várias aldeias e solares de província.

A 26 de outubro chegámos à capital, chamada no respetivo idioma Lorbrulgrud, ou «Orgulho do Universo». Alugou meu amo um aposento na rua principal da cidade, pouco distante do palácio real, e fez afixar nos lugares do estilo editais com a descrição maravilhosa da minha pessoa e das minhas aptidões. Num salão, também alugado, de trezentos a quatrocentos pés de superfície, colocou uma mesa de sessenta pés de diâmetro, em cima da qual eu devia desempenhar o meu papel; e fê-la circundar de paliçadas, a fim de eu não cair abaixo dela. Foi nessa mesa que me mostraram dez vezes por dia, com grande pasmo e gáudio do povoléu. Eu já sabia então falar a língua menos-mal, e percebia perfeitamente tudo o que diziam a meu respeito; demais, tinha aprendido o alfabeto, e podia, embora com algum custo, ler e explicar um texto, pois Glumdalclitch dera-me lição em casa de seu pai e durante a viagem; ela trazia na algibeira um livrinho, um pouco maior que um volume de atlas, livro para uso das meninas, e que era uma espécie de resumo do catecismo; servia-se dele para me ensinar o á-bê-cê e a significação dos vocábulos.

Capítulo 3

Os trabalhos e fadigas que me era forçoso suportar quotidianamente determinaram uma profunda alteração na minha saúde; pois que, quanto mais meu amo ganhava, mais insaciável parecia. Fugira-me de todo o apetite, e tornara-me quase um esqueleto. Meu amo percebeu isso e, julgando que eu morresse daí a pouco, tratou de me fazer render o mais que lhe fosse possível.

Mas enquanto assim discorria, um *slardral* ou escudeiro do rei veio ordenar a meu amo me apresentasse imediatamente na corte, para diversão da rainha e de suas damas. Haviam-me já visto algumas das referidas damas e feito referências maravilhosas acerca da pequenez do meu corpo, da graça do meu porte e maneiras delicadas. Sua Majestade e demais pessoas do seu serviço ficaram encantadas com os meus ademanes. Ajoelhei, impetrando a graça de beijar seu régio pé. A gentil princesa, porém, aproximou de mim o dedo mínimo, que cingi entre meus braços, e na extremidade do qual depus os lábios, respeitoso.

Fez perguntas várias acerca do meu país e das minhas viagens, às quais procurei responder com clareza e brevidade; outrossim me perguntou se seria do meu agrado o viver na corte, ao que eu, esboçando uma mesura muito rasgada, obtemperei, submisso, que era escravo do meu amo; porém, se tal coisa dependesse só de mim, sentir-me-ia feliz em consagrar a vida inteira ao serviço de Sua Majestade; e logo buscou saber de meu amo se queria vender-me.

Ele, que me não dava mais de um mês de vida, fixou o preço da venda em mil moedas de ouro, que lhe foram ali contadas de pronto. Eu então disse à rainha que, visto ter passado a ser escravo de Sua Majestade, lhe rogava a graça de que Glumdalclitch, que sempre me dispensara tantas atenções, tantas amizades e tantos cuidados, fosse admitida ao honroso serviço régio, e continuasse sendo minha governanta. Sua Majestade consentiu, e obteve também o consentimento do lavrador, a quem muito aprazia ver a filha ao serviço do paço.

No tocante à pobre moça, não podia ela ocultar a sua alegria.

Meu amo retirou-se, dizendo-me, ao partir, que me deixava em bom lugar; ao que respondi saudando-o secamente.

Reparou a rainha na frieza com que eu recebera o cumprimento e as despedidas do lavrador, e perguntou-me a causa disso. Tomei a liberdade de responder a Sua Majestade que a única obrigação que devia a meu ex-amo era não ter ele esmagado um mísero animal inocente, achado por casualidade no seu campo; que semelhante benefício fora muito bem pago com o lucro que tirou mostrando-me por dinheiro e com a quantia que ele acabava de receber vendendo-me; que eu estava com a saúde muito combalida pelo meu cativeiro e pela incessante obrigação de entreter e divertir a arraia-miúda a toda a hora do dia, e que, se o dito meu amo não julgasse que eu tinha a vida por um fio, Sua Majestade não me obteria por tão baixo peço; porém, como não receava, de ora em diante, continuar na mesma desventura sob a proteção de uma princesa tão sublime e tão bondosa, ornamento da Natureza, admiração do Mundo, delícia de seus súbditos e fénix da Criação, esperava que as apreensões de meu ex-amo seriam vãs, pois já me sentia reanimado pela influência da sua augusta presença.

Tal foi a súmula do meu discurso, proferido com vários barbarismos à mistura e frequentes hesitações.

A rainha, que desculpou benevolentemente as faltas da minha arenga, ficou suspensa, ao ver um animalejo com tanto entendimento e bom senso; pegou em mim nas mãos, e levou-me logo ao rei, que estava então recolhido na sua câmara. Sua Majestade, muito circunspecto e de semblante austero, não me lobrigando bem no primeiro relance de olhos, perguntou, indiferente, à rainha, desde quando é que ela se apaixonara por um *spalcknock* (ele havia-me tomado por este inseto); a rainha, porém, que era assaz atilada, pôs-me devagarinho em cima da escrivaninha do soberano e ordenou-me que dissesse pessoalmente a Sua Majestade quem eu era. Assim fiz, em poucas palavras, e Glumdalclitch, que estava postada à porta da câmara, não podendo suportar por mais tempo a minha ausência, entrou e disse a Sua Majestade como é que fui encontrado no campo.

O monarca, que no saber excedia as demais pessoas de seus Estados, havia-se dedicado ao estudo da filosofia e das matemáticas.

Não obstante, quando me observou de perto as formas e a atitude, antes de eu começar a falar, conjeturou que poderia ser um maquinismo semelhante aos que fazem mover os espetos de assar, ou, melhor ainda, como o de um relógio, inventado e executado por artista hábil; quando, porém, verificou existir raciocínio nos ténues sons que eu emitia, não pôde ocultar o seu pasmo e admiração.

Mandou procurar três famosos sábios que, nessa ocasião, estavam de serviço no paço, pois haviam entrado de semana (segundo o excelente costume da terra). Os ditos indivíduos, depois de me examinarem de perto e por miúdo, discorriam por modo diferente a meu respeito.

Estavam de acordo em que não podia ter sido gerado segundo as leis comuns da Natureza, porquanto era desprovido da faculdade natural de conservar a vida, quer pela agilidade, quer pela facilidade de trepar por uma árvore, quer furando a terra e fazendo luras para me esconder, como

os coelhos. Quanto aos dentes, que foram observados demoradamente, levaram-nos à suposição de que eu fosse um animal carnívoro.

Um dos aludidos filósofos aventou que eu era um embrião, um mero aborto; mas este parecer foi rejeitado pelos outros dois, os quais notaram que os meus membros eram perfeitos e completos na sua espécie, e que eu já vivia há muitos anos, o que parecia evidente pela barba, cujos pelos se descobriram com o microscópio.

Não se afirmou que eu fosse um anão, porquanto a minha pequenez excluía confrontos; o anão favorito da rainha, o mais pequeno que se tinha visto em todo o reino, media cerca de trinta pés de altura. Depois de uma grande controvérsia, concluiu-se, por unanimidade, que eu não passava de um *relplum sealcath,* o que interpretado à letra quer dizer *lusus naturae,* decisão muito conforme à moderna filosofia da Europa, cujos mestres, desdenhando o velho subterfúgio das causas ocultas, mercê do qual os sectários de Aristóteles procuram acobertar a sua ignorância, inventaram esta peregrina solução de todas as dificuldades da física. Admirável progresso da ciência humana!

Depois desta conclusão perentória, tomei a liberdade de proferir algumas palavras: dirigi-me ao rei, assegurei a Sua Majestade ser oriundo de um país onde a minha espécie estava propagada em muitos milhões de indivíduos de ambos os sexos, onde os animais, as árvores e as habitações eram proporcionados com a minha pequenez, e onde, por conseguinte, eu podia estar em tão boas condições de me defender e procurar o sustento, aquilo de que necessitava e as minhas comodidades, como qualquer dos súbditos de Sua Majestade. Semelhante resposta fez sorrir com desdém os ditos filósofos, os quais explicaram que o lavrador me ensinara bem o recado e que eu sabia a lição. O soberano, cujo critério era muito mais esclarecido que o deles, despedindo-se dos sábios, mandou chamar o lavrador, o qual, por felicidade, não tinha saído ainda da cidade. E, depois de interrogá-lo primeiro em particular, confrontando-o em seguida comigo e com a moça, começou a acreditar poder ser verdade o que eu lhe dissera. Rogou à rainha se dignasse ordenar que tivessem comigo um cuidado

extremo, sendo de opinião que eu devia ficar entregue à vigilância de Glumdalclitch, pois notara o grande afeto que tínhamos um pelo outro.

Ordenou a rainha ao seu marceneiro fizesse uma caixa que pudesse servir-me de quarto de dormir, conforme o modelo que Glumdalclitch e eu lhe déssemos. O dito marceneiro, que era artífice muito habilidoso, fez-me, em três semanas, uma câmara de madeira de dezasseis pés em quadrado e doze de altura, com janelas, porta e dois quartos.

Outro artífice de merecimento, muito afamado em trabalhos miúdos e curiosos, incumbiu-se da execução de duas cadeiras de um material semelhante ao marfim, e duas mesas com armário para eu meter a roupa; depois a rainha mandou procurar nas lojas de mercador os mais finos tecidos de seda, para me fazer vestuário.

A mencionada princesa apreciava tanto a minha palestra que não podia jantar sem mim. Tinha eu uma mesa colocada em cima daquela em que Sua Majestade comia, com uma cadeira para me sentar. Glumdalclitch ficava de pé sobre um tamborete, cerca da mesa, a fim de dispensar-me os seus cuidados.

Um dia, o príncipe, estando a jantar, fez gosto em conversar comigo, dirigindo-me perguntas relativas aos costumes, religião, leis, governo e literatura da Europa, e eu informei-o, a esse respeito, o melhor que pude.

Era tal a acuidade do seu espírito, e o seu critério tão seguro, que logo fez judiciosas observações acerca de tudo quanto eu lhe havia dito. Falando-lhe dos dois partidos que dividem a Inglaterra, perguntou-me se eu era *whig* ou *tory;* depois, voltando-se para o ministro, que se conservava atrás dele e empunhava um bastão branco quase do tamanho do mastro grande do *Soberano Real,* disse: «Ai de nós! Que a estatura humana de pouco vale, pois que os vis insetos têm também ambições, categorias e prerrogativas que os distinguem uns dos outros! Possuem farrapos, com que se vestem, buracos, gaiolas, caixas, a que chamam palácios e palacetes, carruagens, criados de libré, títulos honoríficos,

cargos, ocupações, e paixões, como nós. Entre eles, ama-se, odeia-se, falseia-se, atraiçoa-se, como aqui.» Era assim que Sua Majestade filosofava a propósito do que lhe disse da Inglaterra, e eu estava perplexo, indignado, por ver minha pátria, empório das artes, soberana dos mares, árbitra da Europa, e glória do Universo, tratada com tanto desprezo.

Não havia nada que mais me ofendesse e desgostasse do que o anão da rainha, o qual, a despeito da sua estatura, que era a mais exígua que se tinha visto naquele país, tornou-se de um insolência desmedida na presença de um homem muito mais pequeno do que ele.

Fitava-me altivo e desdenhoso, e não parava de chasquear da minha fraca figura.

Eu, como única vingança, chamava-lhe irmão. Um dia, durante o jantar, o maldoso anão, aproveitando um momento em que eu estava distraído, agarrou-me pela cintura, levantou-me no ar e largou-me em cima de um prato de leite, deitando a fugir muito depressa. Dava-me o líquido por cima das orelhas, e se eu não fosse bom nadador com certeza morria afogado. Glumdalclitch, nesse instante, estava, por acaso, na outra extremidade da sala. E a rainha ficou tão penalizada com o acidente que lhe faleceu o ânimo para socorrer-me: porém a governantazinha correu em meu auxílio, tirando-me destramente do prato, depois de eu ter engolido mais de meia canada de leite. Meteram-me na cama; contudo não sofri outro mal senão a perda do vestuário, que ficou todo estragado. O anão apanhou um bom par de varadas, e tive um certo gostinho em assistir à execução.

Vou agora descrever ao de leve o país, limitando-me, porém, à parte que conheço, por a ter percorrido. A superfície total do reino tem cerca de três mil léguas de comprimento e duas mil e quinhentas de largura: do que concluo que os geógrafos da Europa se enganam quando supõem que só existe mar entre o Japão e a Califórnia. Sempre imaginei dever haver, do lado desta, um continente, que servisse de contrapeso ao grande continente da Tartária. É, pois, forçoso corrigir os mapas e juntar este vasto trato da

terra à parte Noroeste da América; no que estou pronto a auxiliar os geógrafos com as minhas luzes.

É este reino uma península, que termina do lado norte por uma cordilheira de cerca de trinta milhas de altitude, e da qual nos não podemos aproximar por causa dos numerosos vulcões que tem na cumeada.

Não sabem os maiores sábios que casta de mortais habitam para além das montanhas, ou até mesmo se ali há habitantes. Não tem o reino nenhum porto, e os sítios da costa onde os rios desaguam estão cobertos de altos rochedos escarpados, e o mar é quase sempre tão agitado que ninguém, por assim dizer, se afoita a abicar àquelas praias, de maneira que os referidos povos acham-se inteiramente excluídos do tráfico com o resto do Mundo. Nos rios principais abunda excelente peixe; e é muito raro pescar-se no oceano, porque o peixe do mar tem o tamanho do peixe da Europa e, portanto, em relação aos naturais, não vale a pena apanhá-lo; donde se conclui que a Natureza» produzindo plantas e animais de proporções tão descomunais, se limita ao dito continente; e, neste ponto, reporto-me aos filósofos. Não obstante, também acontece, às vezes, apanharem-se baleias, na costa, e o povinho aproveita-as para a sua alimentação e até gosta muito delas. Vi uma de tais proporções, às costas de um natural do país, que o homem vergava com o peso. E até, como curiosidade, levam-nas, em cabazes, para Lorbrulgrud; verifiquei isso, à mesa do rei, onde apareceu uma, em cima de um prato.

É muito povoado o país, pois tem cinquenta e uma cidades, cerca de cem burgos cingidos de muralhas, e um maior número de vilas e aldeias. Bastará, porém, para satisfazer o leitor curioso, descrever Lorbrulgrud. Esta cidade fica situada a cavaleiro de um rio, que a atravessa e divide em duas partes iguais. Contém mais de oitenta mil casas, e cerca de seiscentos mil habitantes; mede três *glongluns* de comprimento (o que orça por umas cinquenta e quatro milhas inglesas), e dois e meio de largura, segundo a medida que tirei pelo mapa real, elaborado por ordem do soberano, o qual mapa foi estendido no chão para eu ver, e tinha cem pés de comprido.

O palácio do rei é uma construção muito irregular, ou, melhor, um amontoado de edifícios, com cerca de sete milhas de circuito; as câmaras principais têm duzentos e quarenta pés de alto e largura correspondente.

Deram-nos uma sege, a mim e a Glumdalclitch, para vermos a cidade, a praça e os edifícios. A dita sege, pelos meus cálculos, devia ser tão espaçosa como a sala de Westminster, porém menos alta. Um dia, mandámos parar a sege à porta dalgumas lojas, e os mendigos, aproveitando o ensejo, dirigiram-se para lá aos magotes, acercando-se das portinholas; o que me proporcionou ocasião de ver o espetáculo mais horroroso que se podia deparar aos olhos de um inglês. De como eles eram disformes, aleijados, asquerosos, imundos, cobertos de chagas, de tumores e de bicharia, e de como tudo isto me pareceu de um tamanho enorme, deixo ao leitor o julgar da impressão que estas coisas me produziram, e de me poupar à sua descrição.

As filhas da rainha instavam amiúde com Glumdalclitch para que fosse aos seus aposentos e me levasse consigo para terem o prazer de me ver de perto e de me palpar. Era frequente despirem-me e porem-me nu dos pés à cabeça, a fim de observarem melhor a delicadeza do meu corpo. E, quando eu estava assim, costumavam meter-me no seio e acarinhar-me muito; nenhuma delas, porém, tinha a pele tão macia como Glumdalclitch.

Estou persuadido de que elas não eram mal-intencionadas: tratavam-me sem cerimónia, como se eu fosse uma pessoa inofensiva; despiam-se muito à sua vontade e até levantavam a camisa na minha presença, sem tomarem as precauções que o decoro e o pudor exigem. Durante esse tempo, punham-me em cima dos seus toucadores, defronte delas, e obrigavam-me, mau grado meu, a vê-las todas nuas. Digo mau grado meu porque, em verdade, um tal espetáculo não me causava a menor tentação nem o menor prazer. Parecia-me que tinham a pele áspera, porosa e de diferentes cores e, em vários pontos, malhas maiores que um prato; os cabelos completamente soltos, pareciam meadas de cordel; no tocante às outras partes do corpo, não digo nada, donde é forçoso concluir que a

beleza das mulheres, que tanto nos impressiona, é um fenómeno de imaginação, porquanto as Europeias parecer-se-iam com as mulheres de quem acabo de falar se os nossos olhos fossem microscópicos. Rogo ao belo sexo do meu país que me não fique querendo mal por esta observação. Pouco importa às beldades o serem feias aos olhos penetrantes de quem nunca as verá. Os filósofos sabem bem o que isto é; porém, quando se lhes depara uma beleza, olham-na como toda a gente, e deixam de ser filósofos.

A rainha, que conversava muito comigo acerca das minhas viagens por mar, não perdia nunca nenhuma oportunidade de me distrair, quando eu estava melancólico. Um dia, perguntou-me se era adestrado no manejo de uma vela e de um remo, e se não seriam convenientes para a minha saúde os exercícios deste género.

Respondi que conhecia bem ambos eles; pois, muito embora a minha ocupação tivesse sido de cirurgião, isto é, físico de bordo, vira-me várias vezes constrangido a trabalhar como marinheiro, mas que ignorava como isso se fazia no seu país, onde o mais pequeno barco era igual a uma das nossas embarcações de guerra de primeira classe; demais, um navio proporcionado ao meu tamanho e às minhas forças não poderia flutuar por muito tempo nos seus rios e nem eu conseguiria governá-lo.

Disse-me Sua Majestade que, se eu quisesse, o seu marceneiro me faria um barquinho, e que me arranjaria sítio onde pudesse navegar. O marceneiro, segundo as minhas instruções, construiu, no prazo de dez dias, uma embarcaçãozinha com o respetivo massame, suficiente para acomodar oito europeus. Depois de pronta, ordenou a rainha ao mesmo marceneiro que fizesse um tanque, de madeira, de trezentos pés de comprido por cinco de largo, e oito de fundura; o qual tanque, depois de muito bem alcatroado para vedar a água, foi colocado sobre o soalho, ao longo da parede, numa sala exterior do paço; e tinha uma torneira muito perto do fundo, para deixar sair a água de tempos a tempos, podendo enchê-lo dois servos no espaço de meia hora. Foi ali que me fizeram remar para minha distração, bem como para diversão da rainha e de suas damas, as quais tiveram muita satisfação em ver quanto eu era destro e ágil.

Algumas vezes, içava a vela, e depois tratava de governar, enquanto as damas faziam vento com os leques; e quando estavam fatigadas alguns dos pajens empurravam o barco, ou imprimiam-lhe movimento, assoprando, ao passo que eu mostrava a minha perícia manobrando por bombordo e por estibordo, consoante me aprazia. Quando terminava, Glumdalclitch tornava a levar o meu navio para o seu quarto, e dependurava-o num prego, a enxugar.

Neste exercício, aconteceu-me uma vez um caso que supus custar-me a vida, pois, tendo um dos ditos pajens posto a embarcação na água, uma das companheiras de Gluradalclitch pegou em mim muito solícita para me meter a bordo; mas aconteceu que escorreguei por entre os seus dedos, e teria decerto caído da altura de quarenta pés em cima do sobrado se, por uma feliz casualidade, não houvesse sido detido por um grosso alfinete que estava espetado no avental da referida dama. A cabeça do alfinete meteu-se-me por entre a camisa e o cós dos calções, e assim fiquei suspenso pelo assento, até que Glumdalclitch acorreu em meu socorro.

Uma outra vez, um dos servos cujo serviço consistia em encher de água fresca, de três em três dias, o mencionado tanque, foi de tal modo negligente que deixou passar para a água uma grande rã, sem dar por isso.

Conservou-se a rã assolapada até eu entrar para o barco; e, nessa ocasião, vendo sítio para descansar, subiu para lá, e de tal modo a embarcação adornou que me vi obrigado a restabelecer o equilíbrio, indo para o lado oposto, a fim de evitar que o navio se afundasse; mas obriguei-a a saltar para fora, à força de lhe bater com o remo.

Eis agora o maior perigo que corri no dito reino. Tinha-me Glumdalclitch fechado à chave no seu quarto, por necessitar de dar uma voltas ou de ir visitar alguém. O tempo estava muito quente, a janela do quarto aberta, bem como as janelas e a porta da caixa; conservava-me sentado à mesa, quieto e melancólico, eis que oiço o que quer que fosse entrar no quarto pela janela, e saltar para uma banda e para a outra. Posto me sentisse um tanto ou quanto sobressaltado, tive ânimo para olhar para

fora, não abandonando, porém, a cadeira; pude então ver um animal singular, pulando e saltando para todos os lados, o qual por fim se aproxima da caixa e põe-se a mirá-la com aparência de prazer e curiosidade, metendo a cabeça pela porta e pelas janelas. Retirei-me para o canto mais afastado da caixa; porém o dito animal, que era um macaco, como olhasse muito para dentro, causou-me tal pavor que não tive forças para me esconder debaixo da cama, o que era fácil de fazer. Depois de várias momices e cabriolas, descobriu-me; e metendo uma das patas pela abertura da porta, como faz o gato que brinca com o ratinho, posto eu mudasse a cada passo de lugar para lhe furtar o corpo, agarrou-me pelas abas do gibão (o qual, por ser feito de pano do mesmo país, era grosso e muito forte), e puxou-me para fora. Pegou em mim com a pata direita, e ajeitou-me como qualquer ama aperta a criança a quem vai dar de mamar, e da mesma maneira que eu já tinha visto fazer, na Europa, a um animal da sua espécie com um gatinho. Quando procurava libertar-me, apertava-me tanto que entendi que o melhor que tinha a fazer era sujeitar-me e sofrer tudo quanto lhe desse na gana. Tenho as minhas razões para acreditar em que ele me tomou por um mosquito, pois que, com a outra pata, acariciava-me o rosto meigamente.

De súbito, porém, interrompendo um ruído à porta do quarto, como se alguém estivesse a abri-la; e, sem esperar por mais nada, dá um salto para a janela por onde entrara, e dali para o beiral do telhado, caminhando sobre três patas e segurando-me com a quarta, até que marinhou a outro telhado contíguo ao nosso. Nesse mesmo instante, ouço Glumdalclitch gritando que metia dó. A pobre moça estava no auge do desespero e neste lado do paço ia um grande burburinho: os servos corriam a buscar escadas; o macaco fora visto por diversas pessoas sentado na cumeeira de um dos edifícios; segurava-me numa das patas dianteiras como se eu fosse uma boneca, dando-me de comer com a outra; o que fazia atulhando-me a boca de viandas, as quais pilhara; e batia-me quando eu não queria comer; a canzoada, que me observava de baixo, ria a bom rir, e tinha razões para isso, pois, exceto para mim, o caso era muito divertido. Houve quem atirasse pedras na esperança de fazer descer o macaco; mas abstiveram-se de continuar, com receio de me abrirem a cabeça.

Deitaram-se escadas, e subiram vários indivíduos. O macaco, assustado, abala rápido, e deixa-me cair em cima de um beiral. Foi então que um dos lacaios de Glumdalclitch, bom rapaz, trepou e, metendo-me no bolso dos calções, trouxe-me para baixo a salvamento.

Eu quase asfixiava com as porcarias de que o macaco me atafulhara as goelas; porém a minha querida mestrazinha fez-me vomitar, e o mal-estar passou. Sentia-me tão fraco e tão moído dos braços do animal que fui obrigado a estar de cama durante quinze dias. O soberano e a corte mandavam diariamente saber notícias da minha saúde, visitando-me a rainha frequentes vezes enquanto estive doente. Puseram o macaco à morte, e promulgou-se um decreto proibindo de futuro que se pudesse ter animais desta espécie nas imediações do paço. A primeira vez que me apresentei ao rei depois do meu restabelecimento, para agradecer as suas finezas, concedeu-me a honra de gracejar muito comigo, a propósito desta ocorrência; e perguntou-me quais foram as sensações que experimentei e as reflexões que fiz enquanto me vi entre as patas do macaco; que gosto tinham as iguarias que este me deu, e se o ar fresco que respirei em cima do telhado me aguçara o apetite, e desejou muito saber o que teria eu feito, num caso idêntico, se estivesse no meu país. Respondi a Sua Majestade que nós, na Europa, não tínhamos macacos, salvo os que são trazidos de países estrangeiros e cujo tamanho é tão pequeno que nada há a recear deles e, quanto ao enorme animal com que tive de haver-me (era, na verdade, da corpulência de um elefante), se me permitira o medo fazer uso desta arma (e dizendo isto, numa atitude altiva, levei a mão ao sabre), quando introduziu a pata na minha câmara, é possível que o tivesse ferido por modo que ele se daria mais pressa em retirá-la do que mostrara ao metê-la. Proferi estas palavras com firmeza, qual varão cioso do seu brio e da sua valentia. O meu discurso, porém, apenas produziu uma simples gargalhada, que o respeito devido a Sua Majestade pelos circunstantes não pôde sofrear; o que me fez pensar na estupidez do homem que procura vangloriar-se a si mesmo diante de pessoas que estão fora de todos os graus de igualdade ou de comparação com ele; e, todavia, o que então me aconteceu, presenciei-o eu muitas vezes em Inglaterra, onde qualquer joão-ninguém é gabarola e presumido, tem fumaças de gente, e ousa dar-se ares de importância como os grandes do reino, só por ter algum talento. Todos os dias eu servia, perante a corte, de assunto para historietas que

faziam rir de mofa, e Glumdalclitch, posto gostasse muitíssimo de mim, era bastante má para informar a rainha quando eu fazia tolices que ela supunha darem prazer a Sua Majestade. Por exemplo, tendo-me um dia apeado da sege em que fui passear com Glumdalclitch, que me levou na caixa de viagem, comecei a andar por meu pé; havia bosta de boi num carreiro; e quis, para mostrar as minhas habilidades, tentar saltar por cima, mas, por infelicidade, saltei mal, e estatelei-me mesmo no meio dela, de sorte que fiquei atascado até aos joelhos.

Safei-me a muito custo, e um dos lacaios limpou-me o melhor que pôde com o lenço. A rainha foi logo informada desta ocorrência desagradável, e os lacaios divulgaram-na por toda a parte.

Tinha eu por costume, uma ou duas vezes por semana, comparecer perante o soberano quando ele se levantava, e por isso vi-o muitas vezes estar a barbear-se; o que, ao começo, me fazia tremer, pois a navalha do barbeiro era duas vezes mais comprida que uma foice segadeira. Sua Majestade, conforme o uso da terra, apenas se barbeava duas vezes por semana. Uma ocasião pedi ao barbeiro alguns pelos da barba de Sua Majestade. Tendo-me feito presente deles, peguei num bocadinho de madeira e, abrindo-lhe vários furos equidistantes com uma agulha, segurei ali os pelos com tanta perícia que fiz um pente, o qual me serviu de muito, por o meu estar partido e inutilizado e por não ter descoberto no país nenhum artífice capaz de me arranjar outro igual.

Lembro-me de um entretenimento que eu, por esse tempo, procurava. Pedi a uma das camareiras da rainha que guardasse os cabelos finos que caíssem da cabeça de Sua Majestade, quando a penteassem, e mos desse. Juntei uma quantidade considerável e, depois, entendendo-me com o marceneiro, que tinha ordem de executar todas as obrazinhas que eu lhe encomendasse, dei-lhe instruções para que me fizesse duas poltronas do tamanho das que estavam na minha caixa, abrindo-lhes muitos furos com uma sovela delgada. Quando os pés, os braços, as travessas e as costas das ditas poltronas estavam prontos, arranjei o fundo com os cabelos da rainha, os quais passei por dentro dos furos e, deste modo, fiz poltronas semelhantes às cadeiras de bambu de que nos servimos em Inglaterra. E

tive a honra de oferecê-las à rainha, que as guardou num armário como curiosidade.

Quis ela um dia que eu me sentasse numa das tais poltronas; mas esquivei-me a isso, pretextando não ser tão atrevido nem tão insolente que apoiasse o meu assento sobre respeitáveis cabelos que outrora ornavam a cabeça de Sua Majestade. E, como eu tinha aptidão para trabalhos manuais, fiz depois, com os mesmos cabelos, uma bolsinha muito bem-talhada, de comprimento de cerca de duas varas, com o nome de Sua Majestade bordado a ouro, a qual ofereci a Glumdalclitch, autorizado pela rainha.

O monarca, que gostava muito de música, dava amiudados saraus, aos quais eu assistia, metido na minha caixa; o ruído, porém, era de tal ordem que eu não conseguia distinguir os acordes; tenho a certeza de que todos os tambores e trombetas de um exército real, rufando e soando simultaneamente perto dos ouvidos, não conseguiriam igualar semelhante ruído. Era meu costume mandar pôr a caixa longe do sítio onde estavam os executantes do concerto, fechar as portas e as janelas, e correr os reposteiros; tomadas estas precauções, não achava a sua música desagradável.

Na minha mocidade, aprendi a tocar cravo. Glumdalclitch tinha um na sua câmara, onde ia um mestre, duas vezes por semana, para a ensinar. Um dia, tive a ideia extravagante de deleitar os soberanos com uma modinha inglesa tocada no dito instrumento; mas isso pareceu-me dificílimo, porque o cravo media cerca de sessenta pés; de modo que eu não podia, com os braços estendidos, abranger mais de cinco teclas e, além disso, para tirar som, era preciso calcá-las a murro. Fiz, pois, o seguinte: afeiçoei dois paus do tamanho de um arrocho vulgar e cobri-lhes uma das extremidades com pele de rato, para poupar as teclas e as cordas do instrumento; coloquei um banco defronte, subi para ele, e comecei a mover-me por cima desta espécie de andaime numa correria rápida e agilíssima quanto é possível imaginar-se, ferindo aqui e ali fortemente o teclado com os dois paus, e assim consegui tocar uma jiga inglesa, com

grande satisfação de Suas Majestades; mas sempre devo confessar que nunca fiz exercício mais violento nem mais incómodo.

Capítulo 4

Era o rei, como já disse, um príncipe muito sensato; e, a cada passo, ordenava que me levassem na caixa à sua câmara, em cuja mesa me depunha.

Nessas ocasiões, mandava-me tirar da dita caixa uma das respetivas cadeiras, e sentar-me de maneira que eu lhe ficasse ao nível do rosto. Foi assim que, várias vezes, nós dois conferenciámos. Um dia, tomei a liberdade de dizer a Sua Majestade que o desprezo que ele nutria pela Europa e pelo resto do Mundo me não parecia corresponder aos seus excelentes dotes de espírito; que a inteligência não estava em relação com a corpulência dos indivíduos; que, pelo contrário, havíamos observado, no nosso país, que as pessoas de estatura elevada não eram, em regra, as de maior engenho; que, entre os animais, as abelhas e as formigas gozavam fama de ser os mais industriosos e de ter mais arte e sagacidade; e, finalmente, que, por muito pouco caso que ele fizesse da minha figura, eu esperava, todavia, prestar relevantes serviços a Sua Majestade. Escutou-me o soberano com atenção, e começou a ver-me com outros olhos, não tornando a medir-me a inteligência pela estatura.

E ordenou-me que lhe fizesse uma descrição circunstanciada do sistema governativo da Inglaterra, visto que, por mais apegados que andem os príncipes às suas máximas e aos seus usos, sempre seria bom saber se no meu país não haveria algo que imitar. Imagine o meu caro leitor quando eu desejaria, nesse momento, possuir o verbo eloquente de

Demóstenes e de Cícero, para poder pintar dignamente a Inglaterra, minha pátria, e dar dela uma ideia sublimada.

Comecei por dizer a Sua Majestade que os nossos Estados compunham-se de duas ilhas, as quais constituíam três poderosos reinos sob o domínio de um único soberano, não incluindo as colónias da América. Alarguei-me muito a respeito da fertilidade do solo e da temperatura do clima. Descrevi depois a constituição do Parlamento inglês, que se compõe, em parte, de um ilustre corpo legislativo chamado Câmara dos Pares, personagens de sangue nobilíssimo, antigos possuidores e senhorios das melhores terras do reino.

Fiz ver o extremo cuidado que se dispensava à sua educação, quanto a ciências e milícia, para os habilitar a ser conselheiros natos do reino e membros do tribunal de justiça, tomar parte na administração do governo, defender zelosos o seu rei e a sua pátria, pelo seu valor, procedimento e fidelidade; que os referidos magnates eram o lustre e o sustentáculo do mesmo reino, dignos sucessores de seus antepassados, cujos privilégios representavam a recompensa de virtudes insignes, e que nunca se vira degenerasse a sua descendência; que aos ditos magnates estavam juntos outros varões ilustres, que tinham lugar entre aqueles sob o título de bispos, cuja função principal consistia em velar pela religião e pelos que a pregam ao povo; que se buscavam e escolhiam entre o clero os mais virtuosos e sabedores para revestidos nesta elevada dignidade.

Acrescentei que a outra parte do Parlamento era uma respeitável assembleia, chamada Câmara dos Comuns, composta de fidalgos escolhidos livremente, e deputados pelo próprio povo, só por suas luzes, talentos e civismo pátrio, a fim de representarem a sabedoria da nação inteira.

Disse que os aludidos dois corpos constituíam a mais augusta assembleia do Universo, a qual, de acordo com o soberano, dispunha de tudo e decidia de algum modo do destino de todos os povos da Europa.

Depois, desci aos tribunais de justiça, onde tinham assento venerandos intérpretes da lei, que resolviam os pleitos entre particulares, puniam os crimes e protegiam os inocentes. Não deixei de falar da sábia e económica administração das finanças, detendo-me no tocante ao valor e descobrimentos dos nossos soldados e marinheiros. Computei a população, metendo em conta os milhões de homens que existiam pertencentes às diferentes religiões e partidos políticos. E não omiti os jogos, nem nenhuma outra particularidade que eu supusesse fazer honra ao meu país, e terminei por uma breve resenha histórica das últimas revoluções em Inglaterra, há cem anos a esta parte.

Durou esta palestra cinco audiências, cada uma das quais de muitas horas, e o soberano ouvia-me com muita atenção, escrevendo o extrato de quase tudo o que eu dizia, e anotando ao mesmo passo as perguntas que tencionava fazer-me.

Quando acabei este longo discurso, Sua Majestade, na sexta audiência, examinando os seus extratos, apresentou-me várias dúvidas e bem fundadas objeções a respeito de cada uma das matérias. Perguntou-me, em primeiro lugar, quais eram os meios usuais de educar a inteligência dos filhos da nobreza; que medidas se adotavam, quando se extinguia uma família nobre, o que devia suceder de tempos a tempos; que predicados se exigiam aos novos pares nomeados; se o capricho do monarca, uma quantia dada, para esse efeito, a uma dama da corte e a um valido, ou o propósito de robustecer um partido contrário ao bem comum, não eram nunca a razão de tais nomeações; que grau de conhecimento das leis do seu país possuíam os pares, e como se tornavam aptos para decidir em última instância dos direitos dos seus concidadãos; se eram de todo isentos de cobiça e de preconceitos; se os virtuosos bispos de quem eu falara alcançam sempre esse elevado cargo pela sua ciência em matéria teológica e pela santidade do seu viver; se nunca tinham tido fraquezas; se nunca haviam intrigado, quando simples sacerdotes; se nunca foram alguma vez esmoleres de um par, por meio de quem obtivessem o episcopado, e se, nesse caso, não seguiam sempre o conselho do par e não serviam as suas paixões e preconceitos na Assembleia do Parlamento.

Quis saber como se procedia na eleição daqueles a que chamei os Comuns; se um desconhecido, com a bolsa bem recheada de ouro, não poderia às vezes conquistar o sufrágio dos eleitores a poder de dinheiro, fazer-se preferir ao seu próprio amo ou aos mais considerados e mais distintos da nobreza das circunvizinhanças; porque se ambicionava tanto ser eleito para a Assembleia do Parlamento, se a eleição ocasionava enorme despesa e não rendia nada; que se tornava, pois, necessário que os eleitos fossem indivíduos de um desinteresse completo e das mais nobres e elevadas virtudes, ou, no caso contrário, que contassem ser indemnizados ou reembolsados com usura pelo soberano e pelos seus ministros, sacrificando-lhes o bem comum.

Apresentou-me Sua Majestade, no capítulo sujeito, dificuldades insuperáveis que a prudência me não permite repetir.

Quanto ao que eu lhe referira acerca dos tribunais de justiça, quis Sua Majestade que o esclarecesse no tocante a vários pontos. Estava eu muito no caso de o satisfazer, porquanto já me tinha visto, havia tempo, quase arruinado com um longo processo na Chancelaria, o qual foi contudo julgado a meu favor, mandando até reembolsar-me das respetivas custas.

Perguntou-me quanto tempo se gastava geralmente para preparar uma ação e fazer julgá-la; se era muito dispendioso levar uma ação para juízo; se os advogados tinham a liberdade de defender causas evidentemente injustas; se nunca se notara que o espírito de partido e de religião fizesse pender a balança; se os aludidos advogados possuíam alguns rudimentos das leis gerais da equidade, ou se apenas se contentavam em conhecer as leis arbitrárias e os usos locais do país; se lhes assistia, tanto a eles como aos juízes, o direito de interpretar e comentar as leis a seu bel-prazer; se não era frequente haver contestações e sentenças que se contrariavam umas às outras, embora não variasse a espécie. Depois restringiu-se a interrogar-me acerca da administração das finanças, dizendo-me supor que eu não tivesse ligado importância a semelhante assunto, porquanto limitara o rendimento dos impostos a cinco ou seis milhões por ano; que, todavia, a despesa do Estado ia mais além e até excedia muito a receita! Não podia conceber, dizia ele, como é que um Estado se permitia gastar

mais que a sua receita e dissipar os haveres como qualquer particular. Perguntou-me quem eram os nossos credores, e onde iríamos buscar com que pagar-lhes, se observássemos a seu respeito as leis da Natureza, da razão e da equidade. Admirara-se sobremodo do relato circunstanciado que eu lhe fizera das nossas guerras e dos gastos excessivos a que obrigam. Tornava-se decerto necessário, dizia ele, que nós fôssemos um povo muito irrequieto e muito amigo de contendas, ou tivéssemos vizinhos detestáveis.

— Que tende vós a deslindar — acrescentava — fora de vossas ilhas? Haveis outros negócios que não sejam os de comércio? Deveis pensar em conquistas? E não vos bastará guardar bem os vossos portos e costas?

O que mais o surpreendeu foi o saber que mantínhamos um exército em plena paz e no meio de um povo livre. Disse que, se nós éramos governados de conformidade com o nosso próprio consenso, não podia conjeturar de que é que tínhamos medo, e contra quem nos queríamos bater. Perguntou se a casa de um particular não estaria mais defendida por ele, por seus filhos e pelos servos, do que por uma cáfila de patifes e gatunos arrebanhados ao acaso entre a escória do povo, com um soldo muito exíguo, e que podiam ganhar cem vezes mais cortando-nos o pescoço.

Riu a bom rir da minha extravagância aritmética (como lhe aprouve classificá-la), por eu ter computado a população, incluindo nela as diferentes seitas que existem entre nós, quer políticas quer religiosas.

Notou que eu me referira ao jogo, quando me ocupei das distrações da nobreza.

Quis saber em que idade se entregavam geralmente a essa distração, e quando é que a abandonavam, o tempo que lhe era consagrado, e se porventura não afetava, uma ou outra vez, a fortuna dos particulares e os não levava a praticar ações indignas e degradantes; se os homens vis e corruptos, porém hábeis no ofício, não poderiam também adquirir riquezas

avultadas, manter os pares do reino numa espécie de dependência, habituá-los a frequentar más companhias, desviá-los da cultura do espírito e dos cuidados dos negócios domésticos, e constrangê-los, pelas perdas que podiam experimentar, a servirem-se dessa mesma perícia infame que os arruinara.

Estava ele sobremaneira abismado com o resumo que eu lhe havia feito da história do século passado; no seu entender, era apenas uma série horrível de conjuras, rebeliões, morticínios, carnificinas, revoluções e exílios, dos máximos efeitos que a avareza, o facciosismo, a hipocrisia, a perfídia, a crueldade, a fúria, a loucura, o ódio, a inveja, a malícia e a ambição podiam produzir.

Numa outra audiência, Sua Majestade deu-se ao trabalho de recapitular a súmula de tudo quanto eu disse, comparou as perguntas que me fez com as respostas que lhe dei; depois, tomando-me em suas mãos e acariciando-me com meiguice, exprimiu-se nestes termos, que nunca mais esquecerei, nem tão-pouco a maneira como os pronunciou: «Meu amiguinho Grildrig, fizestes um panegírico muito extraordinário do vosso país; demonstrastes à saciedade que a ignorância, a ociosidade e o vício podem ser, por vezes, as únicas qualidades de um homem de Estado; que as leis são aclaradas, interpretadas e aplicadas o melhor possível por indivíduos cujos interesses e capacidade os levam a deturpá-las, a intrincá-las, e a iludi-las. Reconheço que no vosso país há uma forma de governo que, na sua origem, talvez fosse suportável, mas que o vício desfigurou por completo. E nem até me parece, por tudo quanto me dissestes, que se requeira uma só virtude para se alcançar qualquer cargo ou posição entre vós. Noto que nesse país os homens não se enobrecem por suas virtudes; que os padres não se elevam pela santidade ou pelo saber, os soldados pelo comportamento ou valor, os juízes pela integridade, os senadores pelo civismo, os homens de Estado pela sabedoria. Quanto a vós, porém (prosseguiu o soberano), que tendes passado a maior parte da vida em viagens, quero crer que não estais inquinado pelos vícios do vosso país; mas, por tudo quanto me contastes primeiro e pelas respostas que vos obriguei a dar às minhas objeções, julgo que a maioria dos vossos

compatriotas são a mais perniciosa casta de insetos que a Natureza permitiu rastejasse pela superfície da Terra.»

Capítulo 5

O amor da verdade inibiu-me de adulterar a palestra que tive com Sua Majestade; mas esse mesmo amor não permitiu que eu me calasse ao ver o meu querido país tão indignamente tratado. Estudei com cuidado a maior parte das perguntas, e apresentei cada um dos assuntos sob o melhor aspeto possível; porquanto, em se tratando de defender a minha pátria e manter a sua glória, exalto-me, se não estão de acordo; nada omito, pois, para encobrir as suas mazelas e deformidades, nem para apresentar a sua virtude e os seus encantos à luz que lhes dê realce. Foi isto que me esforcei por fazer nas diferentes palestras que tive com o judicioso monarca; por desgraça, foi trabalho perdido.

É forçoso, porém, desculpar um soberano que vive de todo separado do resto do Mundo, e que, por conseguinte, ignora os usos e costumes das outras nações. Uma tal falha de conhecimentos há de ser sempre causa de preconceitos e de uma certa estreiteza de vistas, de que a Europa está isenta.

Seria irrisório que as ideias de um príncipe estrangeiro a respeito de virtude e vício fossem indicadas como regras e como máximas que devamos seguir.

Para confirmar o que eu acabo de dizer e para que se percebam os efeitos desastrosos de uma educação acanhada, vou aqui referir um caso, em que, talvez, não será fácil acreditar. No intuito de alcançar as boas

graças de Sua Majestade dei-lhe notícia de um descobrimento realizado há trezentos ou quatrocentos anos, o qual consistia num certo pó preto que uma simples faísca podia incendiar num instante, por maneira que era capaz de fazer ir montanhas pelos ares com um estrondo maior que o trovão; que metendo-se uma determinada quantidade do dito pó num tubo de bronze ou ferro, conforme o tamanho, atirava uma bala de chumbo ou uma bala de ferro com tal violência e velocidade que não havia nada que a detivesse; que as balas atiradas deste modo e saídas de um tubo de ferro fundido, por efeito da inflamação do aludido pozinho, rompiam, deitavam por terra, desbaratavam batalhões e esquadrões, desmoronavam as mais fortes torres, afundavam os maiores navios; que o sobredito pó, metido num globo de ferro lançado por uma máquina, incendiava e abatia as casas, e atirava para os lados estilhaços que destruíam tudo quanto encontrassem; que eu conhecia a composição deste pó maravilhoso, na qual entravam apenas matérias comuns e de baixo preço, e podia ensinar tão curioso segredo aos seus súbditos, se Sua Majestade quisesse; que, por meio do mencionado pó, Sua Majestade despedaçaria as muralhas da cidade mais bem fortificada do seu reino, se porventura ela se sublevasse e se atrevesse a resistir-lhe; que lhe oferecia este insignificante presente como simples tributo do meu reconhecimento.

O monarca, impressionado com a descrição que lhe fiz dos efeitos terríveis do meu pó, parecia não poder perceber como um inseto impotente, fraco, vil e rasteiro imaginara uma coisa horrorosa, da qual ousava falar de um modo tão natural, como se fossem ninharias a carnificina e a desolação que o pernicioso invento produzia. «Quem quer que fosse o autor — dizia ele —, por força que era um génio mau, um inimigo de Deus e da sua obra.» Afirmou que, conquanto não houvesse nada que mais prazer lhe desse que os novos descobrimentos, quer na Natureza quer nas Artes, preferiria perder a coroa a fazer uso de tão funesto segredo, o qual me proibia, sob pena de morte, de comunicar a qualquer dos seus súbditos: efeito lamentável da ignorância e da inteligência tacanha de um príncipe sem ilustração. O dito monarca, ornado de todas as qualidades que conquistam a veneração, o amor e a estima dos povos, espírito forte e arguto, muito sabedor, profundo na ciência, dotado de raro talento para a governação, quase adorado pelo seu povo, acha-se tolamente manietado por um escrúpulo excessivo e

extravagante, como nós, na Europa, nunca supusemos poder haver, e deixa fugir a ocasião que lhe proporcionavam de se tornar o senhor absoluto da vida, da liberdade e da fazenda de todos os seus súbditos! Não digo isto no intuito de menosprezar as virtudes e as luzes do aludido príncipe, a respeito do qual, bem o sei, o leitor inglês ficará fazendo mau conceito, por esta narrativa; mas estou certo de que semelhante falta provinha apenas de ignorância, por não terem ainda estes povos reduzido a política a uma arte, imitando assim os grandes luminares da Europa.

E agora me ocorre que, numa palestra que tive um dia com o soberano, a propósito de lhe haver dito, por acaso, que nós possuíamos inúmeras obras que tratavam da arte de governar, Sua Majestade ficou fazendo uma opinião deplorável a respeito da nossa inteligência, acrescentando que desprezava e detestava tudo quanto fosse mistério, subtileza, intriga no procedimento de um príncipe ou de um ministro de Estado. Não compreendia o que eu queria dizer por segredos de gabinete. Pela parte que lhe tocava, circunscrevia a ciência da governação aos mais estreitos limites, reduzindo-a ao senso comum, à razão, à justiça, à brandura, à pronta decisão das causas cíveis e crimes, e a outras práticas semelhantes, acessíveis a todos, e das quais não vale a pena falar. Enfim, avançou este singular paradoxo: que a pessoa que fizesse nascer duas espigas ou dois pés de erva num bocado de terra onde antes havia 9Òmente um merecia muito mais do género humano e prestava um serviço mais proveitoso ao seu país que os nossos eminentes políticos todos juntos.

Pouco vale a literatura do aludido povo e apenas consiste no conhecimento da moral, da história, da poesia e das matemáticas; porém é forçoso confessar que são superiores nestes quatro géneros.

O último destes conhecimentos só se aplica ao que é útil: de sorte que a melhor parte da nossa matemática pouco apreciada será por eles. Quanto a entidades metafísicas, abstrações e categorias, foi-me impossível fazer-lhas perceber.

No dito país não é permitido redigir uma lei que tenha mais palavras do que as letras do seu alfabeto, o qual se compõe apenas de vinte e duas; e até há poucas leis que atinjam este número. São todas formuladas em termos claros e singelíssimos, e esses povos não têm sagacidade nem engenho bastantes para encontrar nelas vários sentidos; além de que é crime capital o escrever comentários a qualquer lei.

Conhecem eles desde tempos imemoriais a arte de imprimir, tão bem como os Chineses; as bibliotecas, porém, não são grandes; a do soberano, que é a mais numerosa, compõe-se apenas de mil volumes, dispostos numa galeria de mil e duzentos pés de extensão, onde eu tinha a liberdade de ler todos os livros que quisesse. O livro que desejei ler primeiro, puseram-no numa mesa, em cima da qual me colocaram; depois do que, voltando a cara para o dito livro, comecei pela cabeça da página; passeava sobre ele, para a direita e para a esquerda, dando cerca de oito ou dez passos, segundo a largura das linhas, e recuava à medida que prosseguia na leitura das páginas. Li a página seguinte do mesmo modo, depois do que virei a folha, o que me foi difícil fazer com duas mãos, pois era tão grossa e tão forte como papelão do mais encorpado.

É claro o estilo deles, másculo e mavioso, porém nada florido, pois não sabem o que seja multiplicar as palavras inúteis e variar as expressões. Percorri muitos dos seus livros, mormente os de história e de moral; li com satisfação, entre outros, um antigo tratado que estava na câmara de Glumdalclitch. Intitulava-se: *Tratado da Fraqueza do Género Humano* e tinha como únicos apreciadores as mulheres e a gente miúda. Mordeu-me, todavia, a curiosidade de ver o que diria um autor nacional acerca de semelhante assunto. O aludido escritor expunha largamente a insuficiência das condições em que o homem se encontra para poder estar ao abrigo das intempéries ou da fúria das feras; quanto era excedido por outros animais, quer na força, quer na destreza, quer na previdência, quer na indústria. Mostrava que a Natureza havia degenerado nestes últimos séculos, achando-se agora no auge da declinação.

Ensinava que as próprias leis da Natureza exigiam em absoluto que fôssemos de estatura maior e de compleição mais forte, para não estarmos

sujeitos a uma repentina destruição pelo acidente de uma telha que cai do cimo de uma casa, ou de uma pedra atirada por um rapaz, nem nos afogarmos num regato. De tais raciocínios fazia o autor várias aplicações úteis ao modo como nos devemos comportar. Pela minha parte, não podia eximir-me a formular reflexões morais a respeito desta mesma moral, e acerca da tendência que toda a gente tem para queixar-se da Natureza e para exagerar os seus próprios defeitos. Os gigantes consideravam-se pequenos e fracos. O que somos, pois, nós, Europeus? O aludido autor dizia que o homem era um simples verme da terra, um simples átomo, e que a sua pequenez devia humilhá-lo incessantemente. «Ai de mim! o que sou eu — dizia de mim para comigo —, eu, que estou abaixo de nada em comparação com esta gente que se diz ser tão pequena e tão mísera?»

No mencionado livro mostrava-se a vaidade do título de Alteza e de Grandeza, e quanto era ridículo o homem que, tendo quando muito cento e cinquenta pés de altura, ousava considerar-se alto e grande. «Que pensariam os príncipes e os grã-senhores da Europa — dizia eu — se lessem este livro, eles que, com cinco pés e algumas polegadas, pretendem com o maior desplante que se lhes dê Alteza e Grandeza? Mas porque não têm eles exigido também os títulos de Grossura, Largura, Espessura? Podiam pelo menos ter inventado um vocábulo geral que compreendesse todas as dimensões, e fazerem-se chamar Vossa Extensão.» Objetar-me-ão talvez que as palavras Alteza e Grandeza se relacionam com a alma e não com o corpo; mas, se assim é, porque se não adotam títulos mais precisos e mais determinados no sentido espiritual? Porque se não fazem chamar Vossa Sabedoria, Vossa Perspicácia, Vossa Previdência, Vossa Liberalidade, Vossa Bondade, Vosso Bom Senso, Vosso Engenho?

É forçoso confessar que, sendo estes títulos tão bonitos e tão flamantes, decerto amenizariam também os cumprimentos dos inferiores, e devia ser divertidíssimo um discurso cheio de antífrases.

A medicina, a cirurgia, a farmácia, cultivam-se muito naquele país. Certo dia entrei num vasto edifício, que supus ser um arsenal cheio de balas de artilharia e de peças: era a loja de um boticário; as balas eram

pílulas, e as peças seringas. Comparativamente, as nossas peças de maior calibre são colubrinas pequenas.

Quanto à milícia, diz-se que o exército do soberano se compõe de cento e setenta e seis mil cavaleiros, se porventura se pode dar tal nome a um exército constituído apenas por mercadores e lavradores, e cujos comandantes são exclusivamente os pares do reino e a nobreza, sem nenhuma paga ou recompensa. Executam os exercícios com perícia e estão na verdade muito bem disciplinados, o que não é para admirar, porquanto cada lavrador é comandado pelo próprio senhorio, e cada burguês pelos principais da cidade, eleitos à moda de Veneza.

Tive curiosidade de saber o motivo por que o dito soberano, cujos Estados são inacessíveis, tomava a precaução de mandar instruir o seu povo na prática da disciplina militar; e depressa obtive tais informes, quer em palestras acerca do mesmo assunto, quer pela leitura da história daquele reino. Fora porque, durante muitos séculos, padeceram do mesmo mal a que tantos outros governos estão sujeitos, pois a cada passo os pares e a nobreza disputavam o poder, o povo a liberdade, e o soberano o domínio absoluto. Esta ordem de interesses, conquanto sabiamente regulada pelas leis do reino, deu, por vezes, lugar à formação de partidos, acendeu paixões, e foi causa de guerras civis, a última das quais o avô do príncipe reinante teve a infelicidade de pacificar; e a milícia, então estabelecida no reino, continuou a manter-se depois disso, a fim de prevenir novas conflagrações.

Capítulo 6

Não me abandonava nunca a ideia de que recuperaria um dia a liberdade, embora nem sonhasse por que meio, nem formasse nenhum projeto com a mais leve aparência de bom êxito. O navio que me conduzira, e que naufragara naquelas costas, era a primeira embarcação europeia que constava ter-se aproximado delas, e o soberano dera ordens terminantes para que, se acaso acontecesse aparecer alguma outra, fosse trazida para terra e colocada, com toda a tripulação e passageiros, numa carroça, e conduzida a Lorbrulgrud.

Estava o monarca muito disposto a arranjar-me uma donzela de estatura igual à minha, a fim de se poder multiplicar a espécie; creio, porém, teria preferido morrer a ver meus desventurados filhos metidos em gaiolas, à maneira de canários, e serem depois vendidos por todo o reino, às pessoas gradas, quais animalejos curiosos.

Fui sempre, em verdade, muitíssimo bem tratado; era o favorito do rei e da rainha e a delícia da corte; mas semelhante situação não convinha à dignidade da minha natureza humana. Em primeiro lugar, não podia esquecer os preciosos penhores que deixara no lar doméstico. Ansiava tornar a ver-me entre gente com quem tratasse de igual para igual, e ter a liberdade de passear pelas ruas e pelo campo, sem temor de que me pisassem, que me esmagassem como se esmaga uma rã, ou servir de brinco a qualquer cãozinho; a minha liberdade, porém, chegou mais cedo do que eu esperava, e de um modo muitíssimo extraordinário, como vou

contar fielmente, com todas as circunstâncias de que se revestiu o estupendo acontecimento.

Havia dois anos que me achava no país. No começo do terceiro ano, Glumdalclitch e eu fazíamos parte do séquito dos soberanos numa viagem que realizaram à costa do Sul do reino.

A mim conduziam-me, como de costume, na caixa de viagem, a qual oferecia as comodidades de lima câmara espaçosa. Por minha ordem, haviam-me arranjado uma cadeira presa por cordões de seda aos quatro cantos superiores da caixa, a fim de não sentir tanto os solavancos do cavalo, montado no qual um servo me levava adiante de si.

Tinha eu ordenado ao marceneiro que abrisse na cobertura da caixa um respiradouro de um pé quadrado, para poder entrar o ar, por maneira que, quando eu quisesse, se abrisse e fechasse com uma tábua corrediça.

Quando chegámos ao termo da viagem, julgou o monarca ser boa a oportunidade para ir passar alguns dias numa quinta de recreio que ele possuía cerca de Flanflasnic, cidade situada a dezoito milhas inglesas da beira-mar. Glumdalclitch e eu sentíamo-nos muito fatigados; eu estava um tanto constipado e a pobre pequena achava-se tão mal que se viu obrigada a conservar-se sempre na sua câmara. Tinha eu grande desejo de ver o oceano. Pus-me com cara de quem está muito doente, pedi que me permitissem ir tomar os ares do mar com um pajem que era do meu agrado e a quem por vezes me haviam confiado. Não esquecerei nunca a relutância com que Glumdalclitch consentiu nisso, nem as ordens formais que deu ao pajem para que ele tivesse todo o cuidado comigo, nem as lágrimas que verteu, como se sentisse algum presságio do que estava para acontecer-me.

Levou-me o pajem na caixa, e conduziu-me até distante do palácio cerca de meia légua, para a banda dos rochedos, à beira-mar. Disse-lhe que me pousasse no chão e, levantando o caixilho de uma das janelas, comecei a contemplar o mar tristemente.

Em seguida manifestei ao dito pajem que estava com vontade de dormir um bocado na cadeirinha, o que me traria alívio.

O pajem fechou bem a janela, com receio de que eu tivesse frio, e adormeci logo. Tudo quanto posso conjeturar é que, enquanto eu dormia, o pajem, entendendo que nada havia a temer, marinhou pelos rochedos em busca de ovos de pássaro, pois vira-o pouco antes, da janela, a apanhá-los e guardá-los. Não sei, porém, como fui de repente despertado por uma sacudidela violenta dada à caixa, que senti levada para o alto e em seguida para diante com uma velocidade prodigiosa. A primeira sacudidela quase me atirou pela cama fora, porém depois o movimento era bastante suave. Gritei com toda a força, mas em vão. Olhei pela janela, e só vi nuvens. E ouvia um ruído horrível por cima da minha cabeça, parecido com o bater de asas. Comecei então a conhecer a perigosa situação em que me encontrava, e a suspeitar de que alguma águia agarrara o cordão da caixa com o bico, no intuito de a deixar cair em cima de um rochedo, como a tartaruga na casca, e depois tirar de dentro o meu corpo para devorá-lo; pois a sagacidade e o olfato da referida ave permitem-lhe descobrir a presa a grande distância, embora oculta ainda melhor do que eu o estava dentro de tábuas que tinham apenas duas polegadas de espessura.

Ao fim de algum tempo, notei que o ruído e o adejo aumentavam muitíssimo, e que a caixa se agitava para todos os lados como bandeira de loja em dia de vendaval; ouvi umas pancadas violentas que davam à águia, e depois, súbito, senti-me cair perpendicularmente durante mais de um minuto, mas com uma rapidez incrível. A queda terminou por um choque terrível, que ressoou aos meus ouvidos qual catarata do Niágara, depois do que fiquei nas trevas durante outro minuto, começando então a caixa a subir de maneira que pude ver a luz por cima da janela.

E foi quando reconheci ter caído no mar, e que a caixa flutuava. Supus, e suponho ainda, que a águia que arrebatara a caixa havia sido perseguida por mais duas ou três águias e constrangida a deixar-me cair, enquanto se defendia das outras, que lhe disputavam a presa. As chapas de ferro

pregadas ao fundo da caixa conservavam o equilíbrio, impedindo-a de que se partisse e despedaçasse ao cair.

Oh, como desejei então ser socorrido pela minha querida Glumdalclitch, de quem tanto me afastara este acidente súbito! Posso dizer em verdade que, no meio de tantas desventuras, carpia e lamentava a minha cara mestrazinha; que pensava na tristeza que ela sentiria com a minha perda e no desgosto da rainha.

Tenho a certeza de que haverá pouquíssimos viajantes que se encontrassem alguma vez numa situação tão triste como aquela em que me achei então, esperando a cada momento ver despedaçar-se a caixa, ou pelo menos virar-se com a primeira rajada de vento, e submergir-se; um vidro do caixilho que se partisse, e era uma vez um homem. Não havia outra coisa até esse momento a defender a janela senão os fios de ferro mais fortes de que estava resguardada pela parte de fora, por causa dos acidentes que podiam dar-se em viagem. Vi entrar a água na caixa por algumas fendas, que procurei tapar o melhor possível. Pobre de mim! Não tinha força para levantar a cobertura da caixa, o que não deixaria de fazer se pudesse, pois sentar-me-ia em cima, de preferência a ficar encerrado dentro dela como no fundo de um porão.

Nesta situação deplorável, ouvi, ou pareceu-me ouvir, como que um ruído ao lado da caixa, e logo depois comecei a imaginar que ela era levada e de algum modo rebocada, pois de tempos a tempos percebi uma espécie de esforço que fazia subir as ondas até ao alto das minhas janelas, deixando-me quase na escuridão. Nutri então leves esperanças de socorro, embora não pudesse conjeturar de onde ele me viria. Subi para cima das cadeiras e aproximei a cabeça de uma pequena fenda que havia no teto da caixa, e comecei a gritar com toda a força que tinha e a pedir socorro em todas as línguas que eu sabia. Em seguida atei o lenço a um bastão que possuía e, elevando-o pela abertura, agitei-o muitas vezes no ar, a fim de que, se estivesse próximo algum barco ou navio, presumissem os marinheiros que estava ali um mísero mortal encerrado na caixa.

Não cheguei a perceber se o que fiz produzira algum efeito; mas notei, por modo evidente, que a caixa era levada para vante. Ao fim de uma hora, senti que ela batia de encontro a um corpo muito duro. Temi, a princípio, que fosse algum rochedo, e fiquei sobressaltado. Ouvi então distintamente ruído por cima da cobertura da caixa, como produzido por um cabo; em seguida era içado pouco a pouco, pelo menos até uns três pés mais alto do que estava antes; ao notar o que, levantei outra vez o bastão e o lenço, gritando por socorro até enrouquecer. Em resposta, ouvi grandes aclamações repetidas três vezes, as quais me produziam transportes de alegria que só podem ser apreciados por quem os experimenta; ao mesmo tempo, senti passos na cobertura, e alguém que chamava pelo respiradouro superior, gritando em inglês: «Há gente lá dentro?» Respondi: «Há sim! Há um mísero inglês, reduzido pela sorte à maior calamidade que nunca nenhuma criatura sofreu; em nome de Deus, tirai-me deste cárcere.» A mesma voz respondeu-me: «Sossegai, nada tendes a temer; a vossa caixa está amarrada ao navio, e vem aí o carpinteiro, a fim de abrir um buraco na tampa e tirar-vos cá para fora.» Observei que não era necessário fazer isso e que exigia muito tempo, bastaria que algum dos tripulantes agarrasse o cordão com o dedo, a fim de levantar a caixa e metê-la a bordo. Alguns deles, ouvindo assim falar, pensaram que eu fosse um pobre demente, outros riram-se; eu não supunha estar então entre homens da minha estatura e de força igual à minha. Veio o carpinteiro e, em poucos minutos, abriu um buraco no tampo da caixa, da largura de três pés, e deu-me um escadote, pelo qual subi. Entrei para bordo, num estado de grande fraqueza.

Ficaram os marinheiros muito espantados e fizeram inúmeras perguntas, às quais não tive ânimo de responder. Imaginava ver pigmeus, acostumados como estavam meus olhos aos objetos monstruosos de que acabava de me separar; porém, o capitão, Mr. Thomas Viletcks, homem de probidade e merecimento, oriundo da província de Salop, notando que eu estava a cair de fraqueza, fez-me entrar na sua câmara, deu-me um cordial para me reanimar, e obrigou-me a deitar na sua cama, aconselhando-me a que repousasse um bocado, pois muito necessitava disso. Antes de adormecer, contei-lhe que tinha móveis preciosos na minha caixa, uma cadeirinha soberba, uma cama de campanha, duas cadeiras, uma mesa e um armário; que a minha câmara era alcatifada, ou, para melhor dizer,

acolchoada de estofos de seda e algodão; que, se ele quisesse mandar alguns dos tripulantes trazer a minha câmara para a sua, abri-la-ia na presença dele e mostrar-lhe-ia os meus móveis. O capitão, ouvindo-me dizer tais disparates, julgou que eu estava louco; todavia, para me ser agradável, prometeu ordenar o que eu desejava e, subindo para o tombadilho, mandou alguns dos marujos inspecionar a caixa.

Dormi durante algumas horas, mas sempre perturbado pela ideia do país que deixara e pelo perigo que correra. Contudo, quando despertei, já estava mais em mim. Eram oito horas da noite, e o capitão mandou que me servissem a ceia sem demora, supondo que eu não comeria há muito tempo. Tratou-me com toda a bizarria, notando, contudo, o meu olhar esgazeado.

Quando nos deixaram sós, pediu-me que lhe referisse as minhas viagens, e lhe contasse em que circunstâncias tinha sido abandonado à mercê das ondas naquela enorme caixa. Disse-me que, por volta do meio-dia, como estivesse olhando com o óculo, a descobrira a grande distância, tomando-a por uma barca, e que quisera abordá-la, no intuito de comprar bolacha, por começar a faltar-lhe a que tinha; que, ao aproximar-se, reconhecera o engano, e mandara o escaler para verificar o que era; que a sua gente regressara horrorizada, jurando ter visto uma casa flutuante; que rira com a tolice, e se metera em pessoa no escaler, ordenando aos marinheiros levassem consigo um cabo dos mais fortes; que, como o tempo estava calmo, depois de terem remado em redor da grande caixa e andando umas poucas de vezes à volta dela, vira uma janela; que fora então que mandara a sua gente remar em direção a esse ponto e, amarrando um cabo a uma das argolas da dita janela, a fizera rebocar; que tinham visto o bastão e o lenço fora da abertura e que julgara estarem decerto encerrados lá dentro alguns desventurados. Perguntei-lhe se ele ou a tripulação não teriam visto pássaros enormes, durante o tempo em que fui avistado; ao que o dito capitão respondeu que, falando a tal respeito com os marinheiros enquanto eu dormia, um deles dissera ter descoberto três águias adejando para o norte; porém que não notara que elas fossem maiores que o geral; o que é forçoso atribuir, segundo penso, à grande altura a que pairavam, e também não pôde perceber a razão por que eu lhe

fazia semelhante pergunta. Depois, interroguei o capitão a respeito da distância a que ele supunha estarmos de terra; e respondeu-me que, pelo melhor cálculo que pudera fazer, estávamos afastados dela cem léguas. Assegurei-lhe que decerto se enganara em mais do dobro, porque não havia mais de duas horas que eu tinha deixado o país donde vinha, antes de cair no mar; pelo que voltou a crer que eu estava com a cabeça transtornada, e me aconselhou a que me metesse outra vez no beliche, num camarote que mandara arranjar para mim. Assegurei-lhe que de todo me reconfortara o bom repasto e a amável companhia que me proporcionara, e que me sentia no uso de todas as minhas faculdades intelectuais tão perfeitamente como dantes.

Retomou a seriedade habitual e pediu-me lhe dissesse com franqueza se eu não estaria perturbado das ideias, ou se a consciência me não acusava de algum crime, cuja punição houvesse sido ordenada por qualquer príncipe, mandando expor-me na caixa, como sucede às vezes, em certos países, com os criminosos, que são abandonados à mercê das ondas numa embarcação sem velas e sem mantimentos; que, conquanto lhe fosse desagradável receber um desses celerados a bordo do seu navio, prometia-me, contudo, sob palavra de honra, pôr-me em terra, livre de risco, no primeiro porto onde arribássemos; acrescentou que as suas suspeitas se avolumaram com alguns discursos sem nexo que eu fizera ante a maruja, e depois a ele próprio, acerca da caixa e da câmara, e bem assim pelos olhos esgazeados e modos extravagantes.

Roguei-lhe que tivesse paciência de me ouvir narrar a minha história; o que fiz com a maior fidelidade, desde a última vez que saí de Inglaterra até ao momento de ele me ter encontrado; e, como a verdade abre sempre passagem nos espíritos razoáveis, este honrado e digno cavalheiro, que possuía muito bom senso e não era de todo desprovido de letras, acreditou na minha boa fé e sinceridade; todavia, para confirmar tudo quanto havia dito, roguei-lhe que mandasse trazer-me o meu armário, do qual eu tinha a chave; abri-o na sua presença, e fiz-lhe ver todas as coisas curiosas executadas no país donde eu fora arrebatado por uma forma tão singular. Havia ali, entre outros objetos, o pente que manufaturei com os pelos da barba do monarca e um outro da mesma matéria, ao qual servia de

guarnição uma apara da unha do dedo polegar de Sua Majestade. Havia também um pacote de agulhas e de alfinetes de pé e meio de comprido; um anel de ouro de que um dia a rainha me fez presente por maneira cativante, tirando-o do dedo mínimo e pondo-mo ao pescoço como um colar. Roguei ao capitão se dignasse aceitar o dito anel em sinal de reconhecimento pelos seus favores, o que ele recusou formalmente. E terminei pedindo-lhe que reparasse nos calções com que eu costumava andar por lá, e que eram feitos de pele de rato.

Capítulo 7

Deu-se por convencido o capitão de tudo quanto lhe contei, dizendo-me esperar que, depois do nosso regresso à Inglaterra, eu me dignaria escrever e publicar uma narrativa de todos estes acontecimentos. Respondi-lhe entender que já tínhamos demasiados livros de viagem; que as minhas aventuras passariam por verdadeiro romance e por ficção ridícula; que essa narrativa conteria apenas descrições de plantas e de animais extraordinários, leis, costumes e usos extravagantes; que tais descrições eram muito triviais, e já cansavam; e, não tendo mais que dizer acerca das minhas viagens, não valia a pena escrevê-las. E agradeci-lhe a opinião lisonjeira que formava de mim.

Pareceu-me espantado de uma coisa: ouvir-me falar tão alto; e perguntou-me se os soberanos do aludido país eram surdos. Disse-lhe estar habituado a isso há mais de dois anos e que, pela minha parte, me admirava também da voz dele e da sua gente, que me pareciam falar sempre baixo e ao ouvido, porém que, não obstante, os ouvia muito bem; que, quando eu falava com os naturais daquele país, era como se estivesse gritando da rua para uma pessoa que se encontrasse no campanário de uma torre, exceto se me achava em cima de uma mesa ou alguém me tinha em suas mãos. Disse-lhe que até reparara noutra coisa, e vinha a ser que, no momento de entrar para bordo, e ao ver os marinheiros de pé em redor de mim, me pareceram pequeníssimos; que durante a minha permanência no referido país não podia mirar-me ao espelho, depois de ter acostumado a vista aos grandes objetos, porque a comparação que fazia me tornava desprezível a meus próprios olhos.

Contou-me o capitão que, enquanto ceávamos, também notara que eu reparava em tudo com uma espécie de espanto, e que, por vezes, lhe parecera que eu fazia um certo esforço para refrear a hilaridade; que, em tais momentos, não sabia muito bem como considerar o caso, mas que o atribuía a desarranjo mental. Respondi estar admirado de como pude conter-me ao ver os pratos do tamanho de uma moeda de prata de três soldos, uma perna de carneiro que era uma simples isca, um copo mais pequeno que uma noz; e prossegui neste teor, fazendo a descrição do restante mobiliário e das viandas por comparação; porquanto, muito embora a rainha me houvesse dado, para meu uso, tudo o que me era necessário, num tamanho proporcional à minha estatura, o meu cérebro todavia estava inteiramente ocupado com o que eu via em redor de mim, e fazia como toda a gente que gasta o tempo a reparar nos outros, sem reparar em si mesma, nem volver os olhos para a sua própria pequenez. O capitão, aludindo ao antigo provérbio inglês, disse-me que os meus olhos estavam, portanto, maiores que o ventre, pois não notara ser grande o meu apetite, posto eu houvesse jejuado o dia inteiro; e, continuando a chalaçar, acrescentou que dava de bom grado cem libras esterlinas para ter tido o gosto de ver a minha caixa no bico da águia, e depois cair de tão grande altura no mar, o que decerto se devia considerar um caso estupendo e digno de ser transmitido aos séculos futuros.

O mencionado capitão, que vinha de Tonquim, fazia derrota para a Inglaterra e fora impelido para o nordeste, a quarenta graus de latitude e cento e quarenta e três de longitude; porém, como se levantasse vento de monção dois dias depois de eu entrar a bordo, fomos levados para o norte durante longo tempo; e, costeando a Nova Holanda, fizemo-nos no rumo de és-nordeste e depois de su-sudoeste, até dobrarmos o cabo da Boa Esperança. Foi muito feliz a viagem, porém pouparei ao leitor o seu enfadonho diário. Fundeou o capitão num ou dois portos, onde mandou o escaler procurar mantimentos e fazer aguada; eu, todavia, não saí de bordo enquanto não chegámos às Dunas; o que se deu, segundo creio, a 3 de junho de 1706, cerca de nove meses depois da minha libertação. Prontifiquei-me a deixar os móveis como garantia do pagamento da passagem; o capitão, porém, teimou em não receber nada. Despedimo-nos

um do outro com grandes mostras de afeto, e fi-lo prometer que viria visitar-me a Redriff. E aluguei um cavalo e um guia por um escudo, que o capitão me emprestou.

No decurso da jornada, reparando na pequenez das casas, das árvores, do gado e da gente, cheguei a persuadir-me de que estava ainda em Lilipute: tive medo de atropelar os viageiros que encontrava, e gritava a cada momento que se afastassem do caminho; de maneira que corri risco, uma ou duas vezes, de ficar com a cabeça partida, por causa da minha impertinência.

Quando cheguei a casa, que a muito custo reconheci, e ao abrir-me o criado a porta, abaixei-me para entrar, com receio de me ferir na cabeça; a porta parecia-me um postigo. Minha mulher correu logo a abraçar-me, eu porém curvei-me até abaixo dos seus joelhos, julgando que só assim poderia ela dar-me um beijo. Minha filha ajoelhou-se-me aos pés para me pedir a bênção, mas não reparei nisso senão depois de se ter levantado, pelo hábito em que estava há tanto tempo de permanecer de pé, com a cabeça e os olhos erguidos para o ar. Aos criados e a um ou dois amigos que se encontravam então em minha casa mirava-os como se fossem pigmeus e eu gigante. Disse a minha mulher haver ela sido muito sóbria, pois tanto a mãe como a filha me pareciam reduzidas à mais simples expressão. Numa palavra, era tão singular o modo como eu procedia que todos estavam de acordo com a opinião do capitão, quando este me viu pela primeira vez, e concluíram que eu tinha perdido o juízo. Refiro estas minúcias para que melhor se perceba quanto pode o hábito e a preocupação.

Acostumei-me, em pouco tempo, à família e aos amigos; minha mulher fez um protesto em como eu nunca mais embarcaria; porém a má sorte quis o contrário, que o leitor poderá ver no que segue. Termino aqui, todavia, a segunda parte das minhas funestas viagens.

Parte 3 — Viagem à Lapúcia

Capítulo 1

Estava com os meus havia apenas dois anos quando veio ter comigo o capitão Quiel Robinson, da província de Cornualha, comandante da barca *Boa Esperança,* de trezentas toneladas de registo. Noutros tempos fui médico num barco de seu comando em viagem para o levante. Tratou-me sempre muito bem. Logo que soube do meu paradeiro veio procurar-me. Mostrou-se muito satisfeito por me ver gozando feliz saúde, perguntou se me dispunha a desembarcar de todo, e disse que se aprestava para uma viagem às Índias orientais. Contava estar pronto para a derrota no prazo máximo de dois meses. Insinuou que lhe seria de grande prazer levar-me na sua equipagem; que já tinha um outro médico e dois ajudantes contratados (agradáveis companheiros para mim), que os meus vencimentos seriam duplicados, e que, estando, por experiência, ao par das minhas aptidões náuticas, não tinha dúvida alguma em me considerar como seu imediato.

Enfim, foram tantas as finezas, e tão boa pessoa se mostrou, que, esquecendo antigos dissabores sofridos sobre as águas, senti desejos acérrimos de embarcar. A única dificuldade que se apresentava era o consentimento de minha mulher. Em consequência das vantagens que podiam advir, para os nossos filhos, dos ganhos que se proporcionavam, ela não opôs obstáculo.

Portanto, no dia 5 de agosto de 1708 fizemo-nos de vela, e no dia 1 de abril de 1709 chegámos à fortaleza de São Jorge, onde fundeámos durante

três semanas, para refrescar a equipagem, doente na sua maioria. Dali partimos para Tonquim. O capitão resolveu demorar-se neste porto. A mercadoria que tinha a receber só chegava dali a alguns meses. Para compensar um pouco as despesas ocasionadas por esta demora, comprou um barco carregado de fazendas diversas que aquela gente de Tonquim costuma vender pelas ilhas que ficam próximas e, escolhendo quarenta homens para equipagem deste novo navio, dos quais três naturais do país, deu-me o comando e plenos poderes para negociar durante o prazo de três meses, que tanto seria o tempo da sua estadia naquelas paragens.

Havia três dias que andávamos no mar quando um temporal desfeito nos caiu em cima. Durante cinco dias fomos corridos para nordeste. Depois para leste. Ao sexto dia o temporal amainou; mas o vento do Oeste continuava soprando com violência.

Ao décimo dia avistámos dois barcos flibusteiros. Deram-nos caça. Alcançaram-nos em pouco tempo. O nosso navio, por causa da carga demasiada que comportava, não podia singrar veloz. Foi-nos completamente impossível fazer manobra de defesa.

Abordaram-nos. Entraram os chefes na nossa embarcação à frente dos seus homens. Mandei aos meus que se deitassem de bruços. Amarraram-nos. Deixaram-nos vigias. E foram passar vistoria ao navio.

Notei que entre eles vinha um holandês. Parecia investido de autoridade, se bem que não tivesse comando. Vendo pelas nossas maneiras que éramos ingleses, disse-nos, na sua língua, que nos iam amarrar costas com costas e depois nos deitariam ao mar.

Declarei-lhe quem era e supliquei-lhe, evocando as atenções devidas entre cristãos e cristãos protestantes, vizinhos e aliados, que intercedesse a nosso favor junto da pessoa do capitão. Mas as minhas súplicas apenas serviram para o irritar. Cresceram as suas ameaças e, voltando-se para os companheiros, falou em língua japonesa, repetindo muitas vezes o termo «cristianos».

Era japonês o comandante do navio-chefe. Falava um bocado o flamengo. Aproximou-se de mim e, depois de muitas perguntas a que respondi humildemente, assegurou que não nos matariam. Fiz-lhe rasgada reverência e, voltando-me para o holandês, disse-lhe que sentia enorme pesar por ter encontrado mais humanidade num idólatra do que num cristão. Em breve me arrependi das minhas palavras imprudentes. Aquele maldito, vendo os seus desígnios frustrados (pois que os capitães entendiam dever cumprir os protestos feitos), tratou de conseguir que eu sofresse tratos tão dolorosos como os da polé. A minha gente foi dividida pelos dois navios corsários e pela embarcação apresada. Quanto a mim, resolveram abandonar-me numa canoa com dois remos, uma vela e mantimentos para quatro dias.

O capitão japonês mandou que, das suas provisões particulares, me fosse dada ração igual à que lhe tinham fornecido. E proibiu que me apalpassem.

Desci para o batel. Debruçado na amurada, o bruto do holandês despejava sobre mim quantas injúrias e imprecações lhe vinham à boca.

Tínhamos tomado a altura uma hora antes de avistarmos os dois corsários. Estávamos a quarenta e seis graus de latitude e a cento e oitenta e três de longitude.

Iam já longe os três navios. Com o auxílio do binóculo descobri um grupo de ilhéus a sudoeste. Havia vento fresco. Icei a vela. Governei o batel para aquele ponto longínquo. Era minha intenção abordar ao ilhéu mais próximo. Levei três horas neste rumo. O ilhéu era um simples rochedo onde havia muitos ovos de pássaros. Petisquei lume, acendi uma fogueira de urzes e juncos marinhos, e assei alguns ovos. Foi este o meu único alimento naquela tarde. Tencionava poupar, quanto possível, os mantimentos que trazia. Armei uma cama de urzes, deitei-me e dormi descansado.

Na manhã seguinte fiz-me de vela para outro ilhéu, depois para outro, depois ainda para outro, servindo-me sempre dos remos. Para abreviar, declaro que somente ao cabo de cinco dias é que consegui alcançar o último ilhéu, a sudoeste do primeiro.

Demorava a maior distância do que me havia parecido. Foram precisas cinco horas para o alcançar. Costeei-o quase todo antes de encontrar sítio abordável. Entrei numa enseada que teria, quando muito, três larguras do meu batel. Saltei para terra. Encontrei-me num rochedo com pequenos tratos relvosos e ervaçais de aromas ativos. Desembarquei os mantimentos, comi alguma coisa e fui guardar as sobras numa das muitas tocas que por ali havia. Em seguida, andei pelos rochedos fazendo provisão de ovos, arranquei grande porção de juncos e ervas secas para na manhã seguinte ter lume para assar os ovos. Usava sempre comigo pedra e fuzil e uma lente que, exposta aos raios solares, produzia calor suficiente para fazer fogo. Passei toda a noite na toca onde guardara os mantimentos. A cama, fi-la com as ervas destinadas para o lume. Pouco dormi. A inquietação avantajava-se à canseira.

Sentia a impossibilidade de viver num local de tanto desamparo! Encontrava-me tão prostrado por este negro pensamento que nem ânimo tive para me levantar ao romper da manhã. Era já tarde quando consegui adquirir forças para sair da minha toca. O dia estava soberbo e o sol tão ardente que não podia aguentá-lo de rosto.

De repente os ares toldaram-se; mas de maneira diversa do que sucede quando as nuvens passam. Voltei-me, dei de cara com um enorme corpo opaco caminhando no ar. Devia estar a duas milhas de altura. Durante seis a sete minutos encobriu-se o Sol. Não podia observá-lo por causa da escuridão. Veio aproximando-se. Parecia-me composto de uma substância sólida, de base plana, unida e luzidia pela reverberação do mar. Subi a um outeiro, distante da praia coisa de duzentos passos. E vi aquela massa desconforme descer lentamente na minha direção. Parou. A distância seria

agora de uma milha, pouco mais. Assestei o binóculo. Distingui uma grande mó de gente a mover-se, a olhar-me e a olhar-se.

O amor natural da vida fez que em mim brotasse a alegria e a esperança de que aquela extravagante aventura me fosse ajuda para salvamento do estado penoso em que me encontrava. Mas, ao mesmo tempo, ninguém poderá imaginar o espanto que me causava a presença de uma espécie de ilha voadora, habitada por criaturas que tinham o condão de poder elevá-la, abaixá-la, ou fazê-la caminhar, conforme lhes dava na vontade. Não era o momento adequado a filosofar, por isso tratei de prestar a máxima atenção às manobras que executavam, observando para que lado a voltariam, pois que ela agora parecia pairar. Aproximou-se mais. E pude, então, perceber que se compunha de vários terraços sobrepostos, comunicando uns com os outros por meios de largas escadarias.

No terraço inferior havia gente pescando pássaros à linha e outra entretendo-se a presenciar. Acenei-lhes com o chapéu e o lenço. E, logo que mais se aproximaram, gritei-lhes com quantas forças tinha. Olhei atentamente. Um magote de povo acorreu à amurada que defrontava comigo. Nada diziam, mas pelas maneiras que mostravam compreendi que já tinham dado por mim.

Cinco ou seis homens subiram aceleradamente ao cume da ilha. Presumi que levassem recado a qualquer pessoa de circunstância a fim de receberem ordens no sentido do que haviam de fazer em semelhante conjuntura.

Cresceu a chusma de insulanos. Em menos de meia hora a ilha aproximou-se tanto que não media mais de cem passos a nossa distância.

Então, usei posições humildes e patéticas, roguei súplicas encarecidas. Não me responderam. Os que se encontravam na primeira fila, a julgar pelas vestimentas, deviam ser pessoas importantes.

Por fim, uma delas falou numa linguagem clara, delicada e suave, que tinha muitas parecenças com o italiano. Respondi-lhe nessa língua, pensando que a toada e acentuação dela lhe seriam mais agradáveis do que a de quaisquer outras. Compreenderam. Fizeram-me sinal para que descesse do rochedo e fosse para a praia. Abaixaram a ilha logo que lá me viram. Do terraço inferior arriaram uma cadeirinha ligada a uma corrente de ferro. Sentei-me. E num instante me guindaram por meio de um cadernal.

Capítulo 2

Acorreu muita gente à minha chegada. Todos me olhavam com espanto. O meu ainda era maior, pois que nunca tinha visto raça de mortais tão extravagante, quer na figura, nas vestimentas e nas maneiras. Inclinavam a cabeça ora para a direita ora para a esquerda. Um dos olhos era torcido para dentro. O outro voltado para o céu. Os fatos eram mosqueados de sóis, luas, estrelas, sarapintados de violinos, flautas, harpas, trombetas, guitarras e ainda muitos mais instrumentos musicais desconhecidos na Europa. Em volta destas criaturas perfilavam-se criados empunhando bexigas assopradas, presas por cordéis nas pontas de paus pequenos, à moda de malhos, e que tinham dentro grande porção de ervilhas secas e seixos. De quando em quando, batiam com as bexigas na boca e nas orelhas dos amos. Custou-me a perceber o motivo de semelhante pancadaria. Depois vim a saber que eram tão distraídos e entregavam-se tanto à meditação que não havia meio de fazer que falassem, ou ouvissem, sem o auxílio daqueles instrumentos de castigo.

Por isso, todos os que tinham meios sustentavam um criado especial para aquele serviço: um monitor.

O dever deste servo consistia, quando duas ou mais pessoas estavam reunidas, em bater com a bexiga na boca do que havia de falar e logo de seguida na orelha direita daquele ou daqueles que deviam ouvir. O monitor acompanhava sempre o patrão quando este saía de casa, e era obrigado a dar-lhe, de quando em quando, uma bexigada nos olhos. Se assim não

fosse as profundas meditações a que se entregava o grande homem podiam causar-lhe graves acidentes, tais como: cair nalgum precipício, dar com a cabeça pelas esquinas, andar aos encontrões aos outros, ou receber algum que o baldasse para local perigoso ou sujo.

Fizeram-me subir ao pináculo da ilha e entrar no palácio real. Encontrei Sua Majestade rodeado por pessoas de alta categoria. Diante do trono estava uma mesa muito larga e apinhada de glóbulos terrestres, esferas e instrumentos matemáticos diversos. Pouca importância ligou à minha entrada, embora a multidão que me seguia tivesse feito barulho bastante impróprio de tal lugar. Preocupava-o a resolução de um problema, e demorámos seguramente uma hora antes que Sua Majestade resolvesse a operação. Dois pajens, munidos das competentes bexigas, ladeavam-no. Quando o rei acabou o seu trabalho, um deles bateu-lhe cerimoniosamente na boca e o outro na orelha direita. Acordou estremunhado. E, dignando-se olhar para mim e para os circunstantes, pareceu recordar-se do que lhe haviam dito antes da minha vinda à sua presença. Dirigiu-me a palavra e, ato contínuo, um rapazelho empunhando uma bexiga acercou-se de mim e bateu-me na orelha direita. Dei-lhe a entender que era trabalho escusado. O rei e a sua corte patentearam grande consideração pela minha inteligência. Fez-me várias perguntas às quais respondi. Pela minha parte, estou em crer que não nos compreendemos. Conduziram-me a um aposento distante e serviram-me de jantar. Quatro pessoas da nobreza deram-me a honra de se sentarem à mesa comigo. Forneceram-nos dois serviços, constando, cada um, de três pratos. O primeiro compunha-se de um quarto de carneiro cortado em triângulo equilátero, de uma peça de carne de vaca em forma de romboide e de um chouriço de sangue figurando um cicloide. O segundo, de dois pratos parecendo duas rabecas, linguiças e morcelas que pareciam flautas e oboés, e um fígado de vitela semelhando uma harpa. Os pãezinhos eram de formas cónicas, cilíndricas e paralelogrâmicas. Depois de jantar veio ter comigo um homem munido de papel, caneta e tinta, e deu-me a entender, por meio de sinais, que vinha mandado do rei para me ensinar a língua do Estado. Estive com ele umas quatro horas e escrevi, em duas colunas, muitas palavras com os seus significados adiante. Ensinou-me também algumas expressões simples, dando-me a conhecer o que significavam por meio de exemplos visíveis. Depois, abrindo um cartapácio, mostrou-me a figura do Sol, da Lua, das

estrelas, do zodíaco, dos trópicos e dos círculos polares, ensinando-me a dizer tudo isto, bem como várias espécies de instrumentos musicais. Quando a lição acabou, compus, para meu uso, um pequeno dicionário do que tinha ouvido e em poucos dias, graças à minha memória, consegui falar menos-mal a língua lapuciana.

Na manhã seguinte apareceu um alfaiate. Neste país os alfaiates exercem o seu trabalho de um modo muito diferente dos da Europa. Primeiramente, mediu-me a altura com um quadrante, depois, com a régua e o compasso, mediu-me a circunferência e os membros superiores, fez as operações num bocado de papel e ao sexto dia trouxe um fato muito mal feito, pedindo imensas desculpas e declarando que tinha tido a infelicidade de se enganar nos cálculos.

Nesse dia, Sua Majestade mandou seguir a ilha para Lagado, capital do seu reino em terra firme, e depois para as cidades e vilas mais importantes, a fim de se inteirar das reclamações dos seus súbditos. Era engenhosa a maneira usada para receção dos memoriais. Consistia em largarem das amuradas compridos cordéis suspendendo pequenos pesos de chumbo. Os de baixo amarravam as representações, os de cima puxavam. E quando vinham a subir, e o vento dava na papelada, parecia uma brincadeira de papagaios chineses.

Os meus conhecimentos matemáticos e musicais foram de grande ajuda para a compreensão das suas falas e metáforas. Exprimiam-se por meio de linhas e figuras. E a própria galantaria buscava nas figuras geométricas as suas imagens mais cativantes. Se, por exemplo, pretendiam louvar a beleza de uma donzela, diziam que os seus dentes brancos eram belos e perfeitos paralelogramos, que as sobrancelhas formavam segmentos encantadores, que não existiam elipsoides mais formosos que os seus olhos, nem colo mais belo em assimptotas. O seno, a tangente, a linha reta, a curva, o cone, o cilindro, a oval, a parábola, o diâmetro, o raio, o centro do círculo e o ponto são termos que entre eles compõem a linguagem do amor.

A construção dos prédios é má. Desprezam a geometria prática. Consideram-na coisa vulgar e mecânica. Nunca topei com gente mais tola, mais parva e mais desastrada em tudo quanto diga respeito a factos comuns e conduta na vida. São os piores argumentadores do Mundo, sempre prontos para a contradição, excetuando quando pensam com justiça, o que é raro, e nessas ocasiões calam-se. Ignoram a imaginativa, a invenção, a ponto de não terem no seu vocabulário termos para expressarem tais predicados. Por isso todas as suas obras poéticas parecem teoremas de Euclides.

Muitos deles, principalmente os que se entregam à astronomia, caem na astrologia judiciária, embora não tenham a coragem de publicamente o declararem. O traço mais extravagante que lhes encontrei foi a inclinação que patenteiam para a política e a curiosidade para os ditinhos. Falavam constantemente nos negócios do Estado e não tinham rebuço em criticar o que se passava nos gabinetes dos príncipes. É verdade que muitas vezes notei este caráter nos matemáticos europeus, sem que nunca me fosse possível descobrir a analogia entre a matemática e a política, a não ser que se suponha que, assim como o círculo menor tem tantos graus como o maior, aquele que se encontra apto para raciocinar sobre um círculo traçado no papel possa igualmente fazê-lo sobre a esfera do Mundo. Mas não será, antes, o defeito inerente ao género humano, mais propenso a discutir o que desconhece do que o que sabe?

É um povo sempre inquieto e alvorotado. O que nunca conseguiu impedir o repouso dos outros homens é, para eles, constante motivo de medo e terror. Dá-lhes pesadelos a contínua alteração dos corpos celestes. Receiam que a Terra, na sua persistente aproximação do Sol, venha a ser devorada pelas chamas deste astro terrível; temem que o próximo cometa, anunciado para daqui a trinta anos, venha, com um golpe da sua cauda, reduzir a Terra a cinzas; e temem que o Sol, à força de espalhar os seus raios para todos os lados, perca completamente a sua substância. Portanto, ao primeiro encontro matinal, as primeiras palavras que trocam referem-se a ele; como está, qual a catadura apresentada ao nascer, e qual a que levava quando se foi embora.

As mulheres desta ilha são muito prazenteiras. Têm um grande desprezo pelos maridos e muita amabilidade para com os estrangeiros. Há grande formigueiro de gente estranha em redor da corte, de forma que é sempre nesse meio que as damas da nobreza escolhem os seus galanteadores. A única coisa desagradável neste sentido é que elas usam entregar-se sem nenhum rebuço e bastante segurança. Tão embrenhados se encontram, nas suas especulações geométricas, os simpáticos senhores, que se pode, afoitamente, trocar afabilidades, estando eles presentes. Não existe perigo absolutamente nenhum. É certo e mais que certo que eles não dão por isso. No entanto é conveniente exercer estas práticas fora das vistas do monitor e competente bexiga.

Tanto as mulheres casadas como as solteiras têm grande pena e maior desgosto de se verem obrigadas a residir em terreno tão acanhado, não obstante viverem na opulência e ser aquela ilha o sítio mais delicioso do Universo. Todas mostram desejos danadinhos de correr terras, de ir à capital do continente.

Se não fosse a expressa proibição de saírem sem licença régia, com certeza que nenhuma parava na ilha.

Conta-se que uma grande dama da corte (esposa de um ministro de Estado, homem perfeito e rico, e que tinha pela mulher um amor louco) obteve licença para ir a Lagado tratar da sua saúde. Passaram-se meses e, como não aparecia, o próprio rei mandou buscá-la. Encontraram-na num estado miserável, vivendo num albergue de ínfima classe, tendo já empenhados todos os seus vestidos para sustentar um lacaio velho e feio, que todos os dias lhe batia. Dificultosamente conseguiram arrancá-la daquele antro. Recebeu-a o marido carinhosamente, desfazendo-se em bondade, calando a mínima censura. Pouco tempo depois, ela fugia, levando todas as suas joias. Foi ao encontro do homem que lhe batia. E nunca mais souberam do seu paradeiro.

Dirá agora o leitor que lhe estão contando uma história europeia, talvez inglesa. E eu peço-lhe o favor de reconsiderar que os caprichos

femininos não se limitam a uma raça, nem a uma parte do Mundo, antes são os mesmos em qualquer ponto do orbe terrestre.

Capítulo 3

Pedi ao rei licença para visitar as curiosidades da ilha. Concedeu-ma e mandou a um dos cortesãos que me acompanhasse. Quis saber, antes de tudo, qual o segredo natural ou artificial que era causa daqueles movimentos, o que vou tentar descrever exata e filosoficamente.

A ilha volante é perfeitamente circular. Mede de diâmetro sete mil e trinta e sete meias toesas, o que dá, sem grande erro, quatro mil passos, ou sejam, dez mil acres. O fundo ou superfície inferior assemelha-se a um enorme diâmetro polido, talhado regularmente e refletindo a luz à distância de quatrocentos passos. O subsolo compõe-se de vários minerais, estriados como nas minas, e o solo de um terreno fértil de dez a doze pés de profundidade.

A inclinação de toda a curva da circunferência para o centro da superfície superior dá motivo natural a que as águas das chuvas e os orvalhos, canalizados para o meio da ilha, formem quatro tanques largos, medindo cada um a sua meia milha de redondo. O sol durante o dia encarrega-se de vaporizar alguma água, de forma que são raras as inundações. Além disso, como o monarca pode, a seu bel-prazer, mandar subir ou descer o seu domínio, nada mais fácil do que fugir da região das nuvens ou das vaporizações terrestres; impedir, portanto, a queda da chuva e o sereno; o que nenhum potentado da Europa pode fazer, porque, muito embora não se encontre na dependência do que quer que seja, sempre depende do bom ou do mau tempo.

A meio da ilha abre-se um buraco com vinte toesas de largura. Por ele descem os astrónomos para um espaçoso zimbório chamado a Caverna dos Sábios, situado a cinquenta toesas de profundidade, contadas da superfície superior. Pendem do teto desta caverna, acesas continuamente, vinte lâmpadas, as quais, por motivo da reverberação do diâmetro, espalham luz para todos os lados. A trouxe-mouxe, por todos os cantos, veem-se sextantes, quadrantes, telescópios, astrolábios e mais instrumentos astronómicos. Mas a curiosidade maior, e da qual dependem os destinos da ilha, é uma pedra-íman, talhada como lançadeira de tear. Mede de comprimento três toesas e na sua maior espessura toesa e meia. Suspende-a um grosso eixo giratório, feito de diamante e atravessando-a pelo meio. É tal a construção matemática deste aparelho que uma criança lhe pode dar movimento. Trabalha dentro de um cilindro oco, diamantino, que tem quatro pés de comprimento, muitos mais de espessura, seis toesas de diâmetro, colocado horizontalmente e assente sobre oito pedestais, também de diamante, e com a altura de três toesas cada um. Na parte côncava do cilindro abrem-se uns entalhes de doze polegadas onde se aplicam as extremidades do eixo giratório.

Não há forças humanas capazes de deslocar esta construção; pois que o cilindro e as colunas constituem um só corpo inteiriço com a substância da ilha.

É por meio deste íman que ela sobe, desce ou muda de lugar. A pedra possui dois poderes: um, atrativo, e o outro repulsivo, com relação à parte do Globo cujos destinos são presididos pelo monarca. Assim, quando quer descer emprega o polo amigo e quando quer subir volta para a terra o polo inimigo. Quando a pedra está em sentido oblíquo, a ilha segue um movimento semelhante; porque as forças deste íman exercem-se sempre em paralelo à sua diretriz. Este movimento oblíquo é o que conduz a ilha às diferentes províncias dos seus domínios terrestres.

Se o rei pudesse conseguir dos seus ministros cumprimento fiel dos seus mandatos, seria o príncipe mais absoluto do Universo; mas eles,

como possuem terras no continente, e consideram quanto é transitória a amizade dos príncipes, têm toda a cautela em não se tornarem opressores da liberdade dos seus compatriotas. Procedendo assim, livram-se de prejuízos próprios.

Quando uma cidade se revolta ou se recusa a pagar os impostos, o rei tem duas maneiras de a castigar. A primeira, e a mais suave, consiste em fazer pairar a ilha sobre a cidade rebelde e os campos vizinhos. Morrem as culturas privadas de sol e relento e desfalecem os homens. Quando o crime é considerado de maior gravidade, esmigalham-nos com pedregulhos deitados lá de cima. E não lhes vale o fugir para as adegas ou celeiros, onde, a coberto daquela chuva, bebem para esquecer os males, porque os de cima, para não perderem tempo, vão dando cabo dos telhados. E se a revolução continua, se os espíritos se mostram obstinados e temerários, então Sua Majestade recorre ao último expediente. Deixa cair a ilha sobre os revoltosos e em menos de um segundo fica tudo reduzido a lama. Não é muito usual este processo sumário. Os ministros fazem todo o possível para o impedir. *É* um processo violento, que só serve para fomentar ódios contra eles e lhes acarreta importantes prejuízos, atendendo a que os seus bens se encontram no continente; o que não sucede ao monarca, que mais não possui, em propriedade individual, do que a sua ilha volante.

Existem, além disto, dois outros motivos de importância. Primeiro: dar-se o caso de a cidade que se pretende destruir estar situada ao pé de rochedos (como em Inglaterra se veem algumas cidades antigas arrimadas a grandes rochas, que noutros tempos serviam para proteger os moradores contra as cóleras realengas); segundo: nela existirem campanários ou quaisquer pirâmides de pedra. Na ocasião da descida, a ilha real pode muito bem espetar-se ou partir-se. É o que Sua Majestade mais receia, o campanário, e o povo não ignora os receios do seu real senhor. É ver como manda descer a ilha devagar, devagarinho, para que o seu povo não sofra muito (diz ele); mas no fundo o caso é outro, e todos o sabem.

Campanário em que ela se espetasse, e logo a impossibilidade absoluta de o íman exercer a sua ação. A ilha cairia para sempre — asseveram os filósofos.

Embora não possa dizer que me maltrataram, o que é verdade é que fui bastante abandonado e um pouco deitado ao desprezo. O príncipe e o povo não pensavam senão nas matemáticas e na música. Embora tivesse algumas luzes sobre os assuntos, estava muito longe de os poder acompanhar. Daí, ligavam-me pouca importância.

Depois de estar ao facto das curiosidades da ilha, comecei a ter vontade de me ir embora. Estava já farto daqueles insulanos aéreos. Tinham profundos conhecimentos científicos, não lhos nego, antes lhos aprecio; mas tão absorvidos andavam com as suas especulações que a convivência com eles era tristonha. Entretinha-me com as mulheres (o que para um filósofo marítimo é fraco entretenimento), com os artífices, com os monitores, com os pajens da corte e outras criaturas deste jaez; o que deu em resultado aumento de desprezo a meu respeito. Devia proceder de outra forma? Mas como? Se os homens ilustres não falavam!

Havia na corte um grão-senhor, favorito do rei, e que por este único motivo era tratado com respeito, embora, na generalidade, fosse considerado como pessoa muito ignorante e bastante estúpida. Tinham-no na conta de honrado e probo, se bem que de nenhum ouvido para a música e regente detestável. Em matemática ainda era mais nulo; nunca fora possível fazer-lhe compreender o problema mais simples. Devo a este fidalgo muitas provas de estima. Vinha visitar-me amiúde. Mostrava interesse pelas questões europeias, pelos usos e costumes, pelas leis e ciências das diversas nações por onde eu tinha andado. Ouvia-me com a máxima atenção e dava sempre a sua opinião judiciosa sobre o que lhe dizia. Trazia consigo dois monitores; mas só se servia deles quando se apresentava na corte ou visitava alguém de cerimónia. Sempre que tínhamos palestra sem terceiro, mandava-os embora.

Pedi-lhe que intercedesse junto da Majestade, pela minha licença de saída. Declarou que era com bastante pena que acedia ao meu pedido; fez-me propostas vantajosas no sentido de me desviar do meu propósito; mas, perante a minha insistência, resignou-se.

No dia 16 de fevereiro foi a minha audiência de despedida. Sua Majestade houve por bem fazer-me uma dádiva magnífica. O meu protetor deu-me um diamante e uma carta de recomendação para um seu amigo, morador em Lagado, capital dos Balnibarbos.

Pairava, então, a ilha por cima de um monte. Desci último terraço.

Sentei-me na cadeirinha. E a corrente de ferro girou cadernal.

Parte 4 — Viagem aos Balnibarbos

Capítulo 1

Chamava-se o continente Balnibarbos e a capital Lagado, como já disse. A primeira e mais agradável impressão que tive foi a de me encontrar em terra firme. Caminhei para a cidade sem custo e sem embaraço, porque ia vestido à moda da terra e sabia a língua o bastante para me fazer compreender. Em breve encontrei o palácio da pessoa a quem ia recomendado. Apresentei-lhe a carta que levava e fui recebido sem delonga. Era um fidalgo balnibarbo que se chamava Munodio e que me deu, em sua casa, um aposento magnífico, onde estive durante o tempo que demorei no país, e sempre muito bem tratado.

No dia seguinte ao da minha chegada, logo de manhã levou-me na sua carruagem a ver a cidade, que anda por metade de Londres. Notei que os prédios eram construídos da maneira mais estrambótica que se possa imaginar, os mais deles arruinados, e que o povo, andrajoso, carrancudo, de olhar desconfiado, caminhava precipitadamente. Saímos por uma das portas da cidade e fomos pelos campos fora, coisa de três mil passos.

Encontrei muitos rústicos cultivando a terra com instrumentos de vários feitios, sem que me fosse possível perceber o que eles faziam, pois que não via novidades, nem sementes. Pedi ao meu guia que me dissesse o que executavam todos estes braços e pensavam todas estas cabeças, ocupadas, quer na cidade, quer no campo, com trabalhos de onde não surdiam efeitos. Porque, na verdade, eu nunca tinha presenciado terras tão mal cultivadas, casas em tão mau estado, e povo tão miserável e indigente.

O senhor Munodio tinha sido durante muitos anos governador de Lagado; mas, por causa de enredos ministeriais, fora demitido. O povo teve muitas saudades suas. O rei considerava-o como homem de intenções retas e falto de espírito cortesão.

Quando acabei a minha crítica pouco amável sobre o país e os seus habitantes, só me respondeu que a minha assistência entre eles ainda era pouca para os poder julgar; que os diferentes povos do Mundo apresentam costumes diferentes; e outros mais lugares-comuns neste sentido. Mas, quando voltámos para casa, quis saber a minha opinião sobre o seu palácio, quais os absurdos que lhe notava, e o que tinha a dizer com respeito à libré e ademanes dos seus criados. Podia fazer a pergunta sem rebuço, porque, em sua casa, tudo era magnífico, regular e cortês. Respondi-lhe que a sua prudência e a sua riqueza o tinham eximido de todas as baldas que haviam tornado doidos e miseráveis os outros. Dispus-me a cumprir o que mandasse. Ao outro dia de manhã, partimos.

Pelo caminho, elucidou-me sobre as diversas maneiras usadas pelos lavradores para semear a terra. Apesar dos seus muitos esclarecimentos e da minha muito boa vontade para apreciá-los, ainda não me tinha sido possível divisar novidade de sementeira, nem mesmo vestígios de cultura, quando, depois de três horas de marcha, a cena mudou completamente. Encontrei-me num campo belíssimo. As casas dos lavradores eram afastadas uma das outras e bem construídas; as propriedades, muradas, constavam de vinhas, searas de pão e prados. Não me lembro de haver visto coisa mais agradável! Então o fidalgo, dando tento da minha admiração, disse-me, suspirando, que ali começavam as suas terras, e que, não obstante o estado em que as via, os seus patrícios o escarneciam e desprezavam, por não saber dirigir os seus trabalhos.

Chegámos, enfim, ao seu solar. Era de nobre fábrica. Fontes, jardins, passeios, alamedas e bosques eram talhados com gosto e discernimento. Teci elogios. Sua Excelência só mostrou compreendê-los depois da ceia. Então, como estávamos sós, disse, com ar bastante triste, que não sabia se,

dentro de pouco tempo, se veria obrigado a demolir as suas casas, rústicas e urbanas, para reedificar segundo a moda, e a derruir o seu palácio para o tornar conforme o gosto moderno. Temia, no entanto, ser considerado ambicioso, extravagante, e por isso desagradar às pessoas de bem. E asseverou que o meu espanto acabaria logo que eu estivesse ao facto de algumas ratices do sítio.

Contou que, haveria coisa de quatro anos, tinham ido a Lapúcia várias criaturas, umas para tratar dos seus negócios, outras para se divertir, e que, depois de lá terem estado cinco meses, voltaram com umas leves noções de matemática e muito cheias de espiritualidades voláteis, produtos daquela região aérea. Que as ditas pessoas haviam começado a mofar do que se passava no país inferior, no seu próprio país, em suma, e tinham formado tenção de colocar as artes e ciências em novo pé de superioridade, para isso conseguindo patente de fundar uma academia de engenheiros, isto é: homens de sistema; que o povo era tão estrambótico que, já hoje, cada cidade mais importante possuía uma assembleia daquelas gentes; que os professores destas academias ou colégios tinham descoberto novos processos agrícolas e arquitetónicos, novos instrumentos e ferramentas para todos os ofícios e manufaturas, de tal forma que um homem podia trabalhar por dez, um palácio edificar-se numa semana, e com materiais tão sólidos que a sua duração seria eterna e nenhumas as necessidades de conserto; todos os frutos nasciam em todas as estações do ano e cem vezes maiores do que os de agora, etc., etc. A chusma de projetos era infinita. «É pena — prosseguiu ele — que nenhum tenha dado bom resultado, até hoje; que em pouco tempo os campos hajam sido assolados, as casas arruinadas, e o povo, quase nu, morra de frio, fome e sede. Apesar de tudo, em vez de desânimo, mostram mais afinco em continuar com os novos sistemas, levados pela esperança e pelo frenesi.» Disse mais, falando da sua pessoa, que, devido a não ser um espírito arrojado, se limitara a proceder segundo a antiga prática, vivendo nas casas construídas pelos seus antepassados, praticando como eles praticaram, sem inovar coisa alguma. Um restrito número de criaturas sensatas seguira o seu exemplo. Mas eram olhadas com desprezo e ódio, consideradas como pessoas mal-intencionadas, inimigas do progresso, ignorantes, maus cidadãos, preferindo as suas comodidades e ócios ao bem-estar geral do país.

Sua Excelência acrescentou que não queria antecipar, com uma longa narrativa, o prazer que eu havia de sentir quando fosse visitar a Academia dos Sistemas. Por agora apenas me pedia que observasse um edifício arruinado, que ficava para a banda da montanha. O que eu via, à distância de meia milha, era um moinho movido, noutros tempos, pela corrente de um grande rio. Dava alimento para si e para muitos dos seus vassalos. Havia coisa de uns sete anos viera uma companhia de engenheiros propor-lhe a demolição daquele moinho e a edificação de um outro no sopé da montanha. O fito deles era construir no cimo da mesma montanha um reservatório enorme para onde a água seria facilmente conduzida por meio de bombas e tubos. O vento e o ar, no alto da montanha sempre mais fortes, fariam agitar o líquido e torná-lo, portanto, mais fluido, e o seu peso, aumentando com a descida daquela altura, faria na sua queda mover as rodas do moinho somente com metade da água corrente. Sabendo não estar nas boas graças da corte, em consequência de não ter iniciado nenhuma das novas invenções, e havendo sido instado por alguns amigos, aceitara o projeto. Mas que os empreiteiros tinham fugido ao cabo de dois anos de trabalho desacertado.

Passados dias desejei ver a Academia dos Sistemas. Sua Excelência mandou pessoa competente acompanhar-me. Provavelmente, cuidava-me um grande admirador de curiosidades, um espírito investigador e crédulo! Nos meus tempos de rapaz fui muito dado a projetos e sistemas, e ainda hoje tudo quanto é novo e ousado agrada-me em extremo.

Capítulo 2

A Academia não está alojada num edifício único, mas sim em dois grupos de casotas que compõem as duas alas de um pátio.

Fui recebido atenciosamente pelo porteiro. Disse-me, primeiramente, que em cada um dos quartos daquele edifício assistia um engenheiro, e às vezes mais, e que havia na Academia quinhentos quartos, cálculo aproximado. Depois, convidou-nos a subir e a percorrê-los.

O primeiro académico que encontrei pareceu-me muito magro. Tinha a cara e as mãos cobertas de porcaria, a barba e os cabelos compridos, e o fato e a camisa da mesma cor da pele. Havia oito anos que estudava um projeto curioso, e que, segundo disse, consistia em ajuntar os raios do sol para os engarrafar nuns frascos rolhados hermeticamente, de forma que pudessem servir para aquecer o ar quando os Estios fossem pouco quentes. Disse-me que, no prazo de oito anos, estaria habilitado a fornecer, aos jardins dos homens de finança, raios de sol por preços razoáveis. Queixou-se dos poucos cabedais que possuía, e pediu-me que lhe desse alguma coisinha para o ajudar.

Passei a outro quarto, mas virei costas muito depressa, por não poder suportar o cheiro nauseabundo que de lá vinha. O meu guia empurrou-me para dentro e pediu-me, baixinho, que fizesse a diligência para não ofender uma criatura que, certamente, se escandalizaria com a minha fugida. Portanto nem me atrevi a tapar o nariz. O engenheiro que morava neste

quarto era o decano da Academia. Tinha o rosto amarelo, pálido, a barba suja e as mãos e o fato cobertos de imundície. Assim que lhe fui apresentado deu-me um abraço muito apertado, prova de cortesia que eu dispensava de boa vontade. A sua ocupação desde que entrara para a Academia firmava-se em procurar a maneira de restituir aos excrementos humanos as matérias donde provinham, separando-as e depurando-as da tintura que recebem do fel, origem do seu mau cheiro. Todas as semanas lhe forneciam um vaso a transbordar de excrementos e que tinha o tamanho de um barril de Brístol.

Vi outro ocupado em calcinar gelo para extrair, dizia ele, salitre de primeira qualidade, para fabrico de pólvora. Mostrou-me um tratado, que tencionava publicar, e que dizia respeito à maleabilidade do fogo.

Em seguida, falei com um engenhoso arquiteto. Encontrara um novo processo de construir casas, começando pelo telhado e acabando pelos alicerces. Justificava a sua asserção com o exemplo de dois insetos: abelha e aranha.

Outro, cego de nascença, tinha a seu cargo muitos aprendizes, também cegos. Fabricavam tintas para pintura. Conheciam-nas pelo tato e pelo cheiro. Os alunos estavam ainda muito atrasados, infelizmente, e o mestre também me pareceu não saber mais do que eles.

Subi a um aposento onde morava um homem célebre, que tinha encontrado o segredo de lavrar a terra com porcos, poupando, assim, as despesas com os cavalos, bois, charruas e lavradores. Consistia o seu método em enterrar no espaço de uma jeira de chão, de seis em seis polegadas de distância, certa quantidade de bolota, castanha, tâmara e outros frutos de muito agrado para suínos. Depois, largavam-se no campo seiscentos a setecentos destes animais, que, com as patas e os focinhos, tornariam, a breve trecho, a terra em estado de poder ser semeada e a estercariam, ao mesmo tempo, pois que durante as horas da faina por lá deviam deixar alguma coisa do que comiam. Infelizmente, a experiência já tinha sido feita. Além de se ter visto que o sistema era muito dispendioso e

incómodo, o campo não havia produzido coisa de préstimo. Contudo, ninguém duvidava da invenção. Todos estavam convictos da sua real utilidade e magníficas consequências futuras.

No quarto fronteiro vivia um homem que tinha ideias diametralmente opostas sobre o mesmo assunto. Pretendia fazer caminhar os aparelhos agrícolas sem bois, nem cavalos, só com a ajuda do vento. Já construíra uma charrua armada de mastro e velas. Sustentava que, usando o mesmo processo, faria andar carros e carruagens. Mais tarde, o serviço da posta podia ser feito à vela, como no mar. E, se no mar se navegava com qualquer vento, o mesmo se podia fazer na terra.

Entrei noutro quarto tão cheio de teias de aranha que apenas tinha, para serventia, o intervalo de um homem magro. Logo que me viu, o académico berrou: «Tome cuidado! Não rompa as minhas teias!» Conversei com ele. Disse-me que era digna de compaixão a cegueira dos homens com respeito aos bichos-da-seda. Dispunham de tantos insetos domésticos e não lhes ligavam importância. Sendo certo que qualquer deles, por mais insignificante, valia o dobro do bicho-da-seda, que somente sabia fiar. A aranha não só fiava mas também urdia. Acrescentou que o uso das teias de aranha havia, em tempos que não viriam longe, de poupar as despesas de tinturaria. Esperava convencer-me facilmente, logo que me mostrasse uma quantidade de moscas de cores variadas e lindas, que serviam para sustento das suas aranhas, cujas teias haviam de tomar, sem dúvida alguma, a coloração das mesmas moscas. Possuía toda a casta de cores. Dentro de pouco tempo, esperava fabricar teias suficientes para satisfazerem os diversos gostos dos homens. A demora consistia, unicamente, no encontro de qualquer substância glutinosa com que pudesse alimentar as moscas de forma que os fios da aranha adquirissem mais força e consistência.

Depois deste, vi um astrónomo célebre. Empreendera colocar no alto da torre da Casa da Câmara um quadrante, ajustando de tal maneira os movimentos diurnos e anuais do Sol com o vento que tudo pudesse concordar com o movimento da ventoinha.

Uma ligeira dor de cólica perturbava-me havia minutos. O meu guia conduziu-me, sem querer mas muito a propósito, ao quarto de um médico, que se tinha tornado célebre com a invenção de curar as cólicas de maneira maravilhosa. Armava-se de um grande fole com pipo de marfim. Introduzindo-o, muitas vezes, no ânus, pretendia atrair, por meio desta espécie de clister de vento, todas as ventosidades interiores e assim purgar as entranhas atacadas de cólica. Fez o estudo num cão. O animal arrebentou. O médico ficou atónito. E eu sem desejos nenhuns de experimentar a medicina.

Depois de haver visitado o edifício destinado às Artes, passei para os dois inventores dos sistemas científicos. Entrámos na escola da linguagem, onde fomos encontrar três académicos discorrendo sobre o modo de embelezar a língua. Um deles era de parecer que, para abreviar os discursos, se reduzissem as palavras a simples monossílabos e se proscrevessem todos os verbos e particípios. O outro ia mais longe. Propunha acabar com todas as palavras, que se conversasse sem se falar, o que seria muito bom para o peito, pois é evidente que a continuação do falar faz gastar os pulmões e dá cabo da saúde. O expediente por efe achado era trazer cada qual consigo todas as coisas de que quisesse tratar. Se as mulheres não se tivessem manifestado contra, o expediente teria vingado. Muitos espíritos superiores da Academia não deixaram de se conformar com esta maneira.

O caso tornava-se dificultoso somente quando tinham de falar sobre assuntos diversos. Viam-se obrigados a acarretar pesos enormes se não tinham a dita de encontrar um ou dois moços que os ajudassem. Se o sistema pegasse, diziam eles, nada mais fácil para todas as nações se entenderem facilmente (o que seria muito cómodo) e não haveria necessidade de perder tempo com a aprendizagem de línguas estrangeiras.

Dali seguimos para a aula de Matemática, onde o mestre ensinava os seus discípulos por um método que os Europeus nunca poderão imaginar. Cada teorema e cada demonstração escrevia-se, numa obreia, com uma

tinta cefálica. O estudante era obrigado a engolir estas obreias em jejum e devia estar três dias consecutivos sem beber nem comer. As obreias digeriam-se e a tinta cefálica, subindo ao cérebro, levava consigo o teorema e a demonstração. Não tinha tido grande sucesso, até então, este método engenhoso; mas eles explicavam o caso, atribuindo-o ou a engano no *quantum sufficit,* isto é, na dosagem; ou porque os estudantes, maliciosos e indóceis, fingiam engolir o bolo; ou porque iam à sentina fora do tempo; ou comiam às escondidas durante o prazo do jejum.

Capítulo 3

Visitei, em seguida, a escola política. Não me agradou. Pareceram-me insensatos. À vista de semelhantes pessoas torno-me melancólico. Mantinham que os grandes deviam escolher para seus validos as pessoas que reconhecessem com mais prudência, capacidade e virtude. Deviam ter sempre em vista o bem geral. Recompensar o mérito, a sabedoria, a habilidade e os serviços. Diziam mais que os príncipes deviam confiar-se às pessoas mais idóneas e experimentadas. E dizem ainda muito mais coisas tolas e quiméricas, a que os príncipes até hoje não têm ligado importância alguma. Tudo quanto lhes ouvi apenas serviu para me confirmar a verdade daquele pensamento admirável de Cícero: «Não existe coisa alguma, por mais absurda, que não tenha sido afirmada por um filósofo.»

Os outros empregados da Academia não se pareciam com estes de que acabo de falar. Vi um médico, de espírito sublime, que possuía, a fundo, a ciência do Governo. Tinha consagrado as suas vigílias, até à data, a descobrir as causas dos males do Estado e a encontrar remédios para curar os maus fígados dos que administram os negócios públicos. «Devemos convir — dizia ele — que o nosso corpo tem uma perfeita analogia com o corpo político; portanto podem, um e outro, ser tratados com os nossos remédios. Os homens encarregados da administração pública, as mais das vezes, estão cheios de humores movediços, que lhes enfraquecem a cabeça e o coração, causam-lhes convulsões, contrações dos nervos da mão direita, fornes caninas, indigestões, vapores, delírios, e outros males.»

Propunha tomar-se-lhes o pulso quando estivessem para se reunir em conselho. Por este processo tratava-se de ver se se descobria qual a espécie de doença de que eles padeciam. Depois, antes da reunião seguinte, iam alguns boticários com remédios adstringentes, paliativos, laxativos, cefalálgicos, histéricos, apoflegmáticos, acústicos, etc., consoante a qualidade da doença a debelar. Aplicavam-lhos. E antes de todas as sessões procedia-se ao mesmo preservativo.

A execução deste projeto não pecaria por dispendiosa. Seria muito útil nos países onde as províncias e os parlamentos intentam meter-se nos negócios do Estado. Produziria unanimidade. Acabaria com as dissensões. Abriria a boca aos mudos. Calaria os palradores. Acalmaria o ímpeto dos senadores juvenis. Aqueceria os velhos. Acordaria os estúpidos. E reprimiria os estouvados

E porque, ordinariamente, todos se queixam da pouca memória que têm os validos dos príncipes, queria o nosso doutor que a todo aquele que tivesse de tratar com eles algum negócio fosse permitida a liberdade de dar ao senhor valido esquecido um piparote no nariz, de lhe puxar pelas orelhas ou espetar-lhe um alfinete nas nádegas, a fim de que a pretensão fosse sempre lembrada. E que se pudesse repetir, de tempos a tempos, o mesmo cumprimento, até que o negócio acabasse por ser concedido ou recusado.

Queria também que cada um dos senadores, depois de haver apresentado a sua opinião e ter dito, em abono dela, o que tivesse para dizer, fosse obrigado a formular opinião contrária. Assim, o resultado destas discussões havia de ser sumamente favorável ao bem público.

Vi dois académicos disputando com fervor o modo de cobrar mais impostos sem fazer berrar o povo. Um deles sustentava que o melhor processo seria o de impor uma taxa sobre os vícios e as doidices dos homens. Os vizinhos seriam encarregados de dar o seu parecer sobre o indivíduo. O outro opunha-se. As taxas deviam incidir sobre as boas

qualidades corporais e espirituais que cada um se arbitrasse. Cada um seria juiz de si próprio e faria o seu manifesto. Os meninos bonitos e os favoritos do belo sexo deviam ser fintados pelo mais alto preço, e eles próprios deviam fazer a sua declaração. Teriam também a taxa máxima todos aqueles que fizessem gáudio das suas qualidades de espírito e valor. Seriam isentas em absoluto: a honra, a probidade, a prudência e a modéstia. Coisas raras e portanto de nenhum lucro. Ninguém as viria denunciar se as encontrasse no vizinho e ninguém teria o descaramento de as atribuir a si próprio.

Também deviam fintar as damas no consoante da sua formosura, agrado e bons modos. Seriam elas próprias quem faria a denúncia. Porém, quanto à fidelidade, sinceridade, bom senso e bom génio femininos, melhor seria nem mencioná-los, porque os lucros não dariam para as despesas de fiscalização.

Um outro académico político dizia que, para conservar os senadores fiéis à coroa, o príncipe devia rifar todos os cargos importantes. Antes de começar o jogo, cada um dos senadores devia jurar (e prestar fiança) que, embora perdesse ou ganhasse, dali em diante sempre votaria segundo as intenções da corte. Quem perdesse tinha o direito adquirido de ser o primeiro a jogar logo que houvesse vaga de emprego. Assim, estavam sempre esperançosos. Ninguém se queixaria de promessas não cumpridas. Queixavam-se apenas da sua pouca sorte.

Mostrou-me outro académico um manuscrito que continha o método curioso de descobrir as conjurações e os conluios. Indagava-se qual o alimento da pessoa suspeita, as horas das refeições, o lado sobre que se deitava, e qual a mão com que se servia para limpar o traseiro. Examinavam-se os excrementos. Pela cor e cheiro apresentados podíamos conhecer os pensamentos e projetos do homem. Por experiência própria sabia ele que o espírito está mais concentrado, e os pensamentos são mais profundos, na ocasião em que se está na sentina. Acrescentou que às vezes, para estudo, pensara naquelas ocasiões no assassinato de um homem. Os excrementos saíam-lhe muito amarelos. Pensara numa revolta, num incêndio enorme na capital, e encontrava-os de cor negra, muito carregada.

Atrevi-me a dizer-lhe duas palavras sobre o seu sistema. Dei-lhe de conselho que não era mau ter sempre em pé de guerra um grupo de espiões e denunciantes, protegidos e pagos conforme a importância da denúncia, fundamentada ou não. Por este processo conservava toda a gente sob o regime de medo e do respeito. Os espiões e denunciantes podiam interpretar a seu bel-prazer qualquer escrito que lhes fosse parar às mãos. E que podiam, por exemplo, para mostrar quanto era prevista a polícia dos Balnibarbos, combinar de antemão, entre eles, um conluio onde entrassem algumas pessoas conhecidas, e que deviam ser apresentadas como atentatórias contra o Estado. Para isso lhes bastaria interpretar da seguinte forma as palavras que passo a expor:

Um crivo: uma senhora da nobreza.

Um cão manco: uma rusga, uma invasão.

A peste: um exército equipado.

Um bolónio: um favorito.

A gota: um padre.

Um bispote: uma assembleia.

Uma ratoeira: um emprego financeiro.

Uma cloaca: a corte.

Uma vassoura: uma revolução.

Um chapéu e um cinto: uma concubina.

Uma cama partida: o tribunal.

Um tonel vazio: um general.

Uma chaga sangrenta: o estado dos negócios públicos.

Podia-se, também, descobrir o anagrama de todos os nomes próprios citados num escrito. Para isso seriam precisos homens de fina perspicácia e sublime engenho. Sobretudo quando se pretendesse descobrir o sentido político e misterioso das letras iniciais. Assim: N — poderia significar uma conspiração. B — um regimento de cavalaria. L — uma frota. Além disto, por meio da transposição das letras, poder-se-iam descobrir os desígnios de um partido de descontentes. Por exemplo, numa carta de um amigo lê-se: «Vosso irmão Tomás sofre de hemorroida!» É o bastante para um decifrador com habilidade descobrir neste conjunto de palavras banais uma frase que dê a entender que tudo está pronto para uma rebelião popular.

O académico agradeceu muito estas minhas ligeiras observações. Prometeu fazer de mim uma menção honrosa quando publicasse o seu tratado, o que estava para breve.

Nada mais vi naquele país que fosse motivo para demora. Por isso, comecei a pensar na minha partida para Inglaterra.

Parte 5 — Viagem a Glubbdubdrib

Capítulo 1

O continente de que faz parte este reino confina, pelo que me pareceu, a leste com uma região desconhecida da América, a oeste com a Califórnia, e ao norte com o mar Pacífico. Fica diante de Lagado mil e cinquenta léguas, não mais. Tem um porto importante e comércio em larga escala com a ilha de Luggnagg, situada a nordeste, a vinte graus de latitude setentrional e a cento e quarenta de longitude. A ilha de Luggnagg fica a sudoeste à distância de cem léguas do Japão. Existe uma aliança muito íntima entre o imperador do Japão e o rei de Luggnagg, da qual resultam frequentes carreiras de um para o outro país. Aproveitei-me delas para voltar à Europa. Aluguei uma parelha de mulas e um guia, para transporte da minha bagagem e ensino do caminho. Despedi-me do meu ilustre protetor, que tantas mostras de amizade me havia dado. Recebi dele um presente magnífico e os protestos da sua saudade.

Durante esta minha viagem nada aconteceu digno de relato. Quando cheguei ao porto de Maldonada, cidade do tamanho de Portsmouth, não estava nenhum navio apresentado para seguir viagem para Luggnagg. Travei, em pouco tempo, conhecimento com algumas pessoas da cidade. Um fidalgo distinto disse-me, em vista de não haver navio para Luggnagg senão dali a um mês, que eu não perderia o meu tempo se empreendesse um passeio até à ilha de Glubbdubdrid, distante, apenas, cinco léguas para as bandas do Sudoeste. Seria uma diversão agradável. Ofereceu-se para ser meu companheiro mais um seu amigo. E prontificou-se a arranjar um barco.

Segundo a sua etimologia, Glubbdubdrid significa: ilha dos Feiticeiros, ou Mágicos. É pouco mais ou menos três vezes maior do que a ilha de Wight, e é muito fértil. Está sujeita ao governo do chefe de uma tribo de feiticeiros, que não se casam com estranhos e que escolhem para príncipe o mais velho de entre eles. Este príncipe ou governador mora num palácio soberbo, no meio de uma tapada frondosa, que mede três mil acres de extensão, toda fechada por um muro de pedra de cantaria, da altura de vinte pés. Ele e toda a sua família são servidos por criados de uma espécie extraordinária. Os seus conhecimentos de necromancia dão-lhe o poder de evocar os espíritos e obrigá-los a servirem-no durante vinte e quatro horas.

Quando nós atracámos à ilha deviam ser onze horas da manhã. Um dos fidalgos que me acompanhavam foi ter com o governador e disse-lhe que um estrangeiro desejava ter a honra de cumprimentar Sua Alteza. Foi muito bem recebida esta saudação. Entrámos no pátio do palácio e passámos pelo meio de uma ala de guardas, cujos armamentos e posturas me causaram um medo extraordinário.

Atravessámos as salas e encontrámos uma chusma de criados antes de chegarmos ao aposento do governador. Depois de lhe havermos feito três reverências profundas, mandou-nos sentar nuns tamboretes ao pé do seu trono. Como ele compreendia a língua dos Balnibarbos, perguntou-me várias coisas com respeito às minhas viagens, o, para mostrar que estava disposto a tratar-me sem cerimónia, fez sinal, com um dedo, a todos os que ali estavam para que se retirassem. Num instante desapareceram, como se fossem fumo. Fiquei espantado! Mas, dizendo-me o governador que não havia motivo para sustos, e vendo os meus companheiros muito senhores de si, porque já estavam acostumados àquelas manigâncias, fui readquirindo sangue-frio, e contei a Sua Alteza as muitas aventuras das minhas viagens.

No entanto, de quando em quando, a minha imaginação perturbava-se. Olhava em redor de mim, para a direita, para a esquerda. E não podia

evitar que os meus olhos se dirigissem para o sítio de onde tinha visto desaparecer todos aqueles fantasmas.

Tive a honra de jantar com o governador. Fomos servidos por um novo bando de espectros. Estivemos à mesa até ao pôr do sol. Roguei a Sua Alteza o favor especial de me permitir que não dormisse no seu palácio. Retirei-me com os meus dois amigos e fomo-nos alojar para a capital, que ficava próxima. Ao outro dia de manhã voltámos a visitar o governador. Demorámos dez dias naquela ilha. Por fim, já estava tão familiarizado com os espíritos que o medo tinha desaparecido ou, se ainda existia, pudera ceder muito lugar à curiosidade. Tive ocasião de satisfazê-la e o leitor pode apreciar, pelo que vou expor, que sou mais curioso do que poltrão. Convidou-me Sua Alteza para que lhe dissesse quais os mortos com quem eu desejaria encontrar-me. Mandá-los-ia apresentar e obrigá-los-ia a responder às perguntas que eu muito bem entendesse fazer-lhes, contanto que somente os interrogasse sobre questões passadas nos seus tempos. Podia ficar certo desde já de que as respostas deles seriam exatíssimas, pois que aos mortos é inútil a mentira.

Agradeci humildemente a Sua Alteza e, para aproveitar os seus oferecimentos, pus-me a recordar o que tinha lido na história romana. A primeira coisa que me lembrou foi pedir para ver aquela famosa Lucrécia, violada por Tarquínio e que, não podendo sobreviver a tamanha afronta, se matara. Imediatamente vi diante de mim uma senhora formosíssima, vestida à romana. Tomei a liberdade de lhe perguntar por que razão vingara em si mesma o crime de outrem? Abaixou os olhos e disse que os historiadores, temendo considerá-la uma criatura fraca, a tinham tornado doida. E desapareceu.

Sua Alteza mandou avançar César e Bruto. A presença de Bruto penetrou-me de respeito e admiração! César declarou que todos os seus atos, mesmo os mais brilhantes, eram inferiores ao de Bruto. «Matando-me livrou Roma da minha tirania.»

Deu-me vontade de ver Homero. Apareceu. Perguntei-lhe a sua opinião sobre a *Ilíada.* Confessou que se admirava dos excessivos louvores que lhe teciam havia mais de três mil anos. O seu poema era medíocre, cheio de tolices.

Agradara ao seu tempo, devido à beleza da sua direção e harmonia dos seus versos. Mas agora, depois de o grego ser uma língua morta, e portanto mais difícil de compreender a sua beleza, graça e finura, era maior o seu espanto por saber que existiam criaturas tão vãs e tão estúpidas que o admirassem!

Sófocles e Eurípedes, que vieram mais ele, afinaram pelo mesmo diapasão. Troçaram dos sábios modernos que, obrigados a confessar os disparates das antigas tragédias, quando traduzidas com fidelidade, sustentavam que, no grego, esses disparates eram beleza. Que fossem, primeiro, estudar a língua e depois julgassem com equidade.

Quis ver Aristóteles e Descartes. O primeiro confessou que nunca tinha percebido uma palavra de física assim como todos os outros filósofos seus contemporâneos, e até mesmo todos os que viveram no período decorrido entre ele e Descartes. Disse que este último seguira um bom caminho, se bem que às vezes se enganasse, sobretudo no seu sistema extravagante sobre a alma dos brutinhos. Descartes teve a palavra e disse que tinha descoberto algumas coisas razoáveis, e havia sabido estabelecer alguns princípios bons, mas que nunca aprofundara; e que todos os que, para o futuro, quisessem seguir o mesmo trilho seriam sempre obrigados a estacar, devido à fraqueza de espírito, e a seguir às apalpadelas. Que era uma grande asneira passar a vida a procurar sistemas. Que a verdadeira física, útil e conveniente ao homem, era a de fazer uma porção de experiências e contentar-se com elas. Que tinha tido muitos discípulos patetas, e entre eles podia-se contar um tal Espinosa.

Deu-me a curiosidade para ver alguns mortos ilustres destes últimos tempos, sobretudo pessoas fidalgas; porque sempre tive grande veneração pela nobreza. Que pasmosas coisas notei, quando o governador fez passar

diante de mim todo o seu longo séquito dos antepassados da maior parte dos nossos duques, dos nossos marqueses, dos nossos condes e dos nossos fidalgos modernos!

Quanto prazer ao ver as suas origens e todas as altas personagens que lhes transmitiram o sangue! Conheci, claramente, o motivo por que algumas famílias têm o nariz comprido, outras o queixo afilado, outras o rosto trigueiro e as feições horrendas, e outras os olhos belos e a cor das faces loura e delicada; a causa de haver, em certas famílias, muitos doidos e estouvados, e noutras muitos velhacos e gatunos; e por que razão algumas mostram carateres de maldades, de brutalidade, de baixeza, de cobardia, tão expressivos, que lhes servem de distintivos, como as suas armas e librés! Compreendi o que Polidoro Virgílio disse de certas casas:

Nec vir fortis nec foemina casta.

O que me pareceu mais notável foi ver aqueles que, tendo sido os introdutores do mal imundo nas suas famílias, haviam deixado esta triste herança a toda a sua descendência. Quanto me surpreendeu encontrar, na genealogia de alguns grãos-senhores, antigos pajens, lacaios, mestres de dança, mestres cantores, etc.

Compreendi perfeitamente a razão por que os historiadores transformaram guerreiros imbecis e cobardes em grandes capitães; insensatos e medíocres em grandes políticos; lisonjeiros e cortesãos em homens de bem; ateus em homens cheios de religião; infames libidinosos em criaturas castas; e denunciadores profissionais em homens verdadeiros e sinceros! Soube de que modo os inocentes foram condenados à morte, ou a degredo, pela intriga dos favoritos corruptores dos juízes; como sucedeu que homens de baixa esfera e sem merecimentos fossem guindados a altos

cargos; como as meretrizes e os alcoviteiros haviam servido, muitas vezes, de empenho para negócios importantes, e tinham sido a causa dos mais notáveis acontecimentos do Mundo!

Que baixa ideia concebi de toda a Humanidade! Quanto me pareceram mesquinhas a prudência e a probidade do homem! Vendo as fontes de todas as revoluções, o motivo vergonhoso das empresas mais estrondosas, as molas, ou, antes, os incidentes imprevistos e as ninharias que haviam servido para produzir os movimentos considerados como os mais sinceros, os mais espontâneos e os mais altivos, tive um desgosto profundo.

Descobri a ignorância e o atrevimento dos nossos historiadores, que fizeram morrer envenenados certos reis; que têm narrado ao público as conversas demasiadamente secretas dos príncipes com os seus ministros; e têm, se lhes quisermos dar crédito, aberto, por assim dizer, com chaves falsas as portas dos gabinetes dos soberanos e secretários dos embaixadores, para tirarem de lá anedotas curiosas.

Ali é que vim ao conhecimento das causas ocultas de alguns sucessos que têm passado no Mundo; de como uma meretriz governava um amigo, o amigo um tribunal secreto, e o tribunal secreto o parlamento inteiro.

Um general confessou que tinha ganho uma batalha por cobardia e imprudência! Um almirante disse que tinha derrotado uma frota inimiga, quando o seu maior desejo era que derrotassem a sua! Três reis me disseram que durante o tempo dos seus reinados nunca tinham recompensado nem elevado criatura de merecimento, senão uma vez que haviam sido enganados pelo ministro, o qual também havia sido codilhado! E que tinham sempre procedido desta forma porque entendiam que a virtude é uma coisa incómoda numa corte!

Informei-me, por curiosidade, dos meios usados por um grande número de pessoas para adquirirem fortunas fabulosas. Limitei-me a estes últimos tempos, tendo a máxima cautela de não tocar no tempo atual, com receio de molestar os estrangeiros. (Porque não será preciso advertir o

leitor de que tudo quanto tenho dito até agora não se refere ao meu muito querido e amado país.) Entre esses meios encontrei o perjúrio, a opressão, o suborno, a injustiça, a perfídia e mil outras ninharias, que não vale a pena mencionar. Mas a parte mais interessante do assunto reside nas confissões que muitos fizeram, e pelas quais vim a saber que deviam o seu poderio à facilidade com que se tinham prestado às mais horríveis torpezas, outros à prostituição de suas mulheres e filhas, outros atraiçoando a pátria e o soberano, alguns usando de veneno! Depois de tais descobertas, creio bem que não levem a mal o facto de, daqui por diante, render menos estima e veneração à grandeza, que honro e venero naturalmente, como todos os seres inferiores devem fazer para com aqueles que a Natureza ou a fortuna colocaram numa esfera superior.

Conhecia pela leitura de alguns livros a passada existência de vassalos que tinham prestado grandes serviços à causa dos príncipes e das repúblicas. Pedi para os ver. Responderam-me que os nomes dessas criaturas estavam esquecidos, e que somente se recordavam de alguns, e poucos, apontados, pelos cidadãos, como traidores e ladrões. Contudo, aquelas pessoas honradas, cujos nomes estavam esquecidos, apareceram diante de mim. Vinham todas com ar humilde e malvestidas. Disseram-me que tinham morrido pobres, desgraçados, e alguns sobre o cadafalso. Entre os condenados apresentava-se um homem acompanhado por um mancebo de dezoito anos. Disse-me que, durante muitos anos, fora capitão de navios. No combate naval do Actium rompera a primeira linha, afundara três navios de primeira classe, e apresara um do mesmo tamanho. Foi a causa da fugida de António e do completo destroço da sua frota.

O mancebo que o acompanhava era seu filho único, morto no combate. Quando a guerra acabou dirigiu-se a Roma, com o fim de solicitar a sua recompensa e pedir o comando do navio-chefe, cujo comandante fora morto na guerra. Mas que, sem atenderem o seu pedido, deram o cargo a um rapazelho que nunca tinha visto o mar. Era filho de um liberto que tinha sido escravo de umas das concubinas do imperador. Quando voltou para o posto acusaram-no de haver faltado à sua obrigação. Demitiram-no. Deram o comando do seu navio a um pajem favorito do vice-almirante Publícola. Viu-se obrigado a retirar-se. Foi para sua casa, numa pequena

povoação longe de Roma. E lá acabou os seus dias. Desejando saber se o caso era verdadeiro, pedi para falar com Agripa, que foi, neste combate, o almirante da frota vitoriosa. Confirmou tudo quanto o outro dissera e ajuntou algumas circunstâncias que a modéstia do capitão fizera calar.

Como cada um aparecia tal qual tinha sido no Mundo, vi, com grande mágoa, quanto o género humano tem degenerado de há cem anos a esta parte; quanto a devassidão, com todas as suas consequências, tem alterado as feições do rosto, definhado o corpo, contraído os nervos, afrouxado os músculos, descorado e corrompido a carne aos Ingleses.

Por fim, quis ver alguns dos nossos antigos campónios, cuja simplicidade, temperança, justiça, espírito de liberdade, valor e amor pátrio são tão gabados.

Vi-os, e não me foi possível evitar-lhes a confrontação com os de hoje em dia, que vendem a peso de oiro os votos nas eleições de deputados ao Parlamento, e que nesta prática mostram tanta finura e astúcia como as pessoas instruídas da corte.

Parte 6 — Viagem a Luggnagg

Capítulo 1

Despedi-me de Sua Alteza no dia em que havíamos de partir. Voltei com os meus dois companheiros para a Maldonada, onde esperei quinze dias o navio que me devia transportar a Luggnagg. Os dois fidalgos, e algumas pessoas mais, tiveram a amabilidade de me fornecer mantimentos para a viagem, e vieram acompanhar-me a bordo. Sofremos uma tempestade violenta e fomos obrigados a tomar rumo norte, acossados pelo vendaval que, naquelas paragens, costuma soprar pelo espaço de sessenta léguas. A 21 de abril de 1709 entrámos no rio de Clumegnig, porto de mar a sueste de Luggnagg. Parámos a uma légua de distância da cidade e fizemos sinal para piloto. Em menos de meia hora chegaram dois a bordo.

Pilotaram-nos, por entre rochedos e cachopos, muito perigosos para a navegação, para um canal que leva a uma bacia de bom ancoradouro e que fica distante das muralhas da cidade o comprimento de uma amarra.

Alguns marinheiros, ou por imprudência ou por traição, disseram aos pilotos que eu era estrangeiro, e viajante rico. Estes avisaram o oficial aduaneiro, que me fez várias perguntas em língua balnibarbiana, entendida naquela cidade, principalmente pelos marítimos e pessoal da alfândega, por causa do muito comércio trocado com os Balnibarbos. Respondi-lhe em poucas palavras. Contei uma história o mais verosímil e seguida que me foi possível. Tive, no entanto, o cuidado de calar o nome do meu país. Declarei-me holandês, por ser meu intento dirigir-me ao Japão, onde sabia

que só os Holandeses tinham entrada franca. Disse ao oficial que, tendo naufragado na costa dos Balnibarbos, devido a encalhe nuns rochedos, estivera na ilha voadora da Lapúcia, da qual já tinha ouvido falar muitas vezes, e que, presentemente, pensava em seguir para o Japão, e de lá para a minha terra. O homem declarou que se via forçado a guardar-me como prisioneiro até que recebesse instruções da corte, para onde ia escrever, sem demora, e donde esperava resposta dentro de quinze dias. Deram-me um aposento decente com sentinela à vista. Concederam-me licença para passear num jardim espaçoso. Trataram-me bem, à custa do rei. Vieram muitas pessoas visitar-me, movidas pela curiosidade de ver um homem recém-chegado de países remotos e seus desconhecidos.

Contratei um rapazola, que viera comigo no navio, para me servir de intérprete. Era natural de Luggnagg; mas, como vivera alguns anos na Maldonada, conhecia, perfeitamente, ambas as línguas. Por meio dele consegui satisfazer a curiosidade de quantos me vinham visitar, isto é: ouvir as suas perguntas e respostas ao consoante.

Ao cabo de quinze dias, conforme previra o oficial aduaneiro, chegou a resposta da corte. Determinava que eu fosse conduzido, mais o meu séquito, armas e bagagens, por um destacamento de cavalaria, para Traldragenb ou Trildragdri, pois que, pelo que julguei perceber, o meu destino pronunciava-se destas duas maneiras. O séquito era o rapaz que me servia de tradutor, e as armas e bagagens, uma trouxa de roupa e poucos mantimentos. Algumas horas antes da nossa partida saiu uma avançada. Levava aviso ao rei, e ordem para pedir a Sua Majestade a graça de se servir dizer qual o dia e hora em que eu poderia ter a honra e o gosto supremo de lamber a poeira dos pés do seu trono.

Ao terceiro dia da minha chegada tive audiência. Logo que entrei, mandaram-me deitar de bruços e ir de rastos até ao trono, varrendo o sobrado com a língua. Atendendo à minha qualidade de estrangeiro tinham-me feito o favor de mandar varrer a casa, para que o pó não me causasse aflição. Era este um favor de tal privilégio que nem mesmo se fazia às pessoas mais gradas do reino, quando mereciam a honra de ser recebidas por Sua Majestade, em audiência.

Às vezes, quando os que vinham à audiência tinham inimigos na corte, deixava-se, de propósito, o sobrado muito sujo e poeirento.

Certo dia vi um fidalgo com a boca tão cheia de pó e imundície, apanhada com a língua, que, quando chegou ao pé do trono, não lhe foi possível articular uma única palavra. Infortúnio irremediável, porque é proibido, sob castigos rigorosíssimos, cuspir ou limpar a boca na presença do rei. Existe nesta corte certa usança, que não posso aprovar em absoluto, e vem a ser: quando o rei pretende matar algum fidalgo ou cortesão, de maneira que lhe não fique a memória desonrada, manda espalhar pelo sobrado uns pós cinzentos, venenosos, que, passadas vinte e quatro horas, dão cabo do sujeito, lentamente e sem ruído. Mas, para fazer justiça àquele príncipe, à sua grande benignidade e à bondade que mostra em poupar as vidas dos seus vassalos, devo dizer, para honra sua, que, depois de semelhantes execuções, costuma ordenar, imediata e expressamente, a seus criados, que varram a casa bem varrida. Se os criados deixassem de proceder conforme o seu mandato, sofreriam graves castigos. Tanto assim que, um dia, vi um pajem condenado a ser açoitado por ter, maliciosamente, deixado de advertir, num caso destes, os encarregados da limpeza.

Resultou daí o envenenamento de um moço fidalgo muito esperançoso. E no entanto o príncipe, tanta é a sua bondade!, perdoou ao pajem os açoites.

Tornemos à nossa questão. Quando cheguei a quatro passos de distância do trono, ergui o tronco, bati sete vezes com a testa no chão e, continuando ajoelhado, pronunciei as seguintes palavras, que me haviam ensinado na véspera: «Ickpling glofftrobb sgnutseru mmbliopm lashnalt, zwin tnodbalkguffh shiophad gurdlubb asht!» É o formulário de uso para todos que são admitidos em audiência e que se pode traduzir deste modo: «Haja Vossa Celeste Majestade de sobreviver ao Sol!» O rei falou. Não percebi nada, mas respondi, conforme me haviam indicado: «Fluft drin valerick dwuldom prastrod mirpush»; isto é: «Tenho a minha língua na

boca do meu amigo.» Por estas palavras dei a entender que desejava servir-me do meu intérprete. Então, mandaram entrar o rapazote de quem já falei. Com a sua intervenção, respondi a todas as perguntas da Majestade.

Durou meia hora a nossa palestra e o rei ficou muito satisfeito. Ordenou ao seu «bliffmarklub», ou camareiro-mor, que mandasse preparar, no palácio, aposentos para mim e para o meu intérprete, que me dessem um tanto por dia, para comida, e uma bolsa cheia de oiro para os meus gastos miúdos.

Fiquei três meses naquela corte, por obediência para com Sua Majestade, que sempre me tratou com muita lhaneza e me fez propostas vantajosas no sentido de me induzir a ficar nos seus estados. Agradeci-lhas muito reconhecido, e ateimei nos desejos de voltar para a minha terra, preferindo acabar os meus dias na companhia de minha cara esposa, há tanto tempo privada das doçuras da minha presença!

Capítulo 2

Os Luggnaggianos são muito delicados e valorosos. Possuem, um pouco, aquele orgulho natural de todos os povos do Oriente. Contudo, mostram-se atenciosos e corteses para com os estrangeiros. Principalmente quando sabem que foram bem-recebidos na corte.

Travei conhecimento e amizade com pessoas da alta-roda e bom-tom, e com elas tive agradáveis e instrutivas conversações, auxiliado pelo meu intérprete.

Um destes meus amigos perguntou-me, um dia, se eu já tinha visto algum dos seus «struldbruggs» ou imortais. Respondi-lhe que não e que tinha muita curiosidade de saber como se poderia dar semelhante nome a criaturas humanas. Replicou-me que algumas vezes (posto que raras) nascia numa família uma criança com uma nódoa vermelha e redonda por cima da sobrancelha esquerda. Este feliz sinal preservava-a da morte. Ao princípio, a tal nódoa era do tamanho de uma pequena moeda de prata (semelhante aos nossos ingleses três «pence»). À medida que a criança crescia, a nódoa alastrava e ia mudando de cor. Dos doze anos aos vinte era verde. Dos vinte aos quarenta e cinco azul. Chegando a esta idade tornava-se completamente preta e do tamanho de um xelim. Dali em diante não alterava nem a cor, nem no tamanho. Acrescentou que nasciam tão poucas crianças assim marcadas que em todo o reino somente existiam mil e cem imortais de ambos os sexos. Nos três anos mais chegados apenas nascera uma criança desta espécie e do sexo feminino. Não era prerrogativa de

uma família o nascimento de um imortal. Era uma dádiva da Natureza ou do acaso. E a prova frisante do que dizia estava no facto de os filhos dos próprios «struldbruggs» nascerem simples mortais, como os de qualquer outro cidadão desprivilegiado.

Alegrou-me extraordinariamente este caso. Entendia a língua dos Balnibarbos a pessoa que me elucidava. Falava com ela desembaraçadamente, e pude, por conseguinte, testemunhar-lhe, nos termos mais expressivos e exagerados, a minha admiração e alegria.

E exclamei, levado pelo entusiasmo e arrebatamento: «Ditosa região onde os exemplos dos tempos antigos subsistem sempre; onde a virtude dos primeiros séculos ainda não morreu; e onde os primeiros homens ainda vivem e viverão para todo o sempre, a fim de ensinar a prudência a todos os seus descendentes! Afortunados, vós!, ó sublimes «struldbrugg», que tendes o privilégio de não morrer, e a quem, por conseguinte, a ideia da morte não intimida nem enfraquece, nem aflige!»

Disse-lhe, depois, que muito me surpreendia não ter ainda visto nenhum imortal na corte; e que não teria sido fácil escapar-me, se houvesse notado a nódoa gloriosa na testa. E acrescentei: «Porque não lhes dá, o príncipe, cargos ministeriais de importância, nem os chama para o seu lado, ele que é tão ajuizado!? Talvez que o rigorismo desses anciãos o importune, ou ofenda os olhares dos seus apaniguados!? Seja qual for o motivo, estou resolvido a falar neles a Sua Majestade, no primeiro momento oportuno. E seja qual for a sua resposta, defira ou não o meu parecer, estou desde já disposto a aceitar as propostas que ele teve a magnanimidade de me fazer. Estabelecer-me-ei nos seus estados para todo o sempre, pois que pretendo passar o resto da minha vida ao lado desses ilustres homens imortais, se acaso a minha companhia lhes não for desagradável!»

Então, a pessoa com que eu falava olhou para mim demoradamente. Sorriu-se. Mostrou, nesse sorriso, a compaixão que a minha ignorância lhe causava. Temendo haver-me molestado com esta sua inadvertência,

afirmou ser-lhe motivo de grande alegria saber a minha resolução de ficar naquele país. E pediu licença para explicar aos circunstantes o que eu acabava de dizer. Voltou-se para eles. Nem pelos gestos, nem pelos olhares, me foi possível conhecer a impressão causada em seus espíritos pelo meu discurso. Por fim, a pessoa com quem eu estivera a falar disse-me, delicadamente, que os seus amigos estavam maravilhados com as minhas judiciosas reflexões acerca da felicidade e prerrogativas da imortalidade. Mas que muito desejariam conhecer qual o sistema de vida que eu seguiria, e quais as minhas ocupações e pontos de vista, se a Natureza me houvesse brindado com o condão de «struldbrugg».

A pergunta era interessante. Com muito gosto e sem perda de tempo ia tentar elucidá-los. Pouco me custavam as hipóteses, menos as maquinações, pois que já estava muito habituado a entregar-me ao pensamento de quais seriam os meus filhos se fosse rei, general ou ministro de Estado.

No tocante à imortalidade também já, por várias vezes, tinha traçado a minha linha de conduta. Para cumprir os seus desejos bastava largar asas à minha imaginação.

Portanto, disse que, se tivesse tido a regalia de nascer «struldbrugg», e logo que possuísse a consciência da minha felicidade e soubesse apreciar a diferença existente entre a vida e a morte, faria todo o possível para me tornar rico. À força de intriga, de baixeza e de condescendência, não teria dúvida alguma em me encontrar nadando na opulência ao cabo de duzentos anos. Em segundo lugar, aplicar-me-ia ao estudo.

Começaria desde tenra idade e assim chegaria um dia a poder-me orgulhar de ser o maior sábio do Mundo. Notaria, com cuidado, todos os grandes acontecimentos. Observaria, atentamente, os príncipes e os ministros. Pelo confronto de todos os seus carateres estaria habilitado a bordar as mais belas reflexões do Mundo. Teria a extrema cautela de escrever memórias fiéis e exatas sobre as revoluções da moda e da linguagem, mudanças sucedidas nos costumes, nas leis, nos usos e nos

próprios prazeres. Procedendo desta forma, devido a todo este estudo e observações, tornar-me-ia, ao cabo, num bazar de antiguidades, num arquivo vivente, um tesouro de conhecimentos, um dicionário falante e o oráculo perpétuo dos meus compatriotas e contemporâneos.

Neste caso, não me casava. Levaria uma vida de solteirão, alegre e sempre livre. Seria económico, para que, vivendo sempre, tivesse sempre com que passar.

Ocupar-me-ia a educar gente moça, dando-lhe a conhecer a minha ciência e a minha longa experiência. Os meus íntimos amigos, confidentes e companheiros, seriam os meus ilustres confrades «struldbruggs», dos quais escolheria uma dúzia, entre os mais velhos, para travar com eles amizade mais estreita. Não deixaria de visitar alguns mortais de merecimento. Acostumar-me-ia a vê-los morrer sem pena e sem saudade, esquecendo as suas mortes com os seus descendentes. Devia até ser para mim um prazer bastante agradável, pois me podia considerar um jardineiro no seu jardim, vendo as túlipas e cravos dos seus canteiros nascerem, morrerem e renascerem. Entre nós, os «struldbruggs», trocaríamos as observações e reparos exercidos sobre as causas e progressos da corrupção do género humano. Faríamos, sobre o assunto, um magnífico tratado de moral, recamado de lições úteis e capazes de impedir que a natureza humana degenerasse, como vai fazendo dia a dia, e se lho censura há mais de dois mil anos.

Que nobre e maravilhoso espetáculo seria o de ver, com os próprios olhos, as decadências e revoluções dos impérios; a crosta da Terra renovada; opulentas cidades transformadas em míseras aldeias ou tristemente sepultadas nas suas vergonhosas ruínas; vilas obscuras tornadas em residências de reis e cortesãos; rios notáveis mudados em regatos; o oceano banhando outras margens; novas regiões descobertas; mundos desconhecidos saindo do caos, por assim dizer; a barbaria e a ignorância espalhadas pelas nações mais cultas e mais polidas; a imaginação amortecendo o bom senso, o bom senso enregelando a imaginação; o amor pelos sistemas, pelos paradoxos, pelo empolado, pelas subtilezas e antíteses, sufocando a razão e o bom gosto; a verdade

oprimida agora e triunfante logo; os perseguidores feitos perseguidos, e os perseguidos perseguidores; os soberbos abatidos e os humildes glorificados; os escravos, os libertos, os mercenários, alcançando as riquezas poderosas com a administração dos bens públicos, com as desgraças, fomes, sedas, nudezas e sangue de povos; e, finalmente, a descendência de todos estes salteadores públicos reduzida ao nada donde os havia tirado a injustiça e a rapina! Como, no estado de imortal, a ideia da morte nunca viria perturbar-me o espírito, nem afrouxar os meus desejos, entregar-me-ia a todos os prazeres sensíveis, cuja usança me fosse permitida, quer pela Natureza ou pelo raciocínio. As ciências seriam sempre o meu primeiro e mais querido cuidado. Estou certo de que, à força de pensar, encontraria as longitudes, a quadratura do círculo, o moto contínuo, a pedra filosofal e o remédio universal. Numa palavra: levaria as ciências e as artes ao último grau de perfeição!

Assim que acabei a minha prédica, o único parceiro que me havia compreendido voltou-se para os circunstantes e resumiu-lha na sua linguagem. Puseram-se a arrazoar durante algum tempo. Os seus gestos e atitudes não denunciavam o mínimo desdém pelas ideias que eu estivera expondo. Depois, todos eles, de comum acordo, pediram à pessoa que resumira o meu discurso o favor e a caridade de me abrir os olhos, dando-me a conhecer os meus enganos.

Disse-me que não era eu a única pessoa estranha que vira com espanto e inveja o estado de «struldbrugg». Entre os Balnibarbos e Japoneses já tinham encontrado os mesmos sentimentos. O desejo de viver é natural do homem.

Todo aquele que põe um pé em falso sobre a cova faz quantos esforços pode, e não pode, para aguentar-se no outro pé. Todo o velho, por mais corcovado que seja, pensa no dia de amanhã, talha a sua vida futura, e não encara a morte senão como um facto ainda distante e um mal que se deve evitar. Mas na ilha de Luggnagg pensava-se de outra maneira. Aquele exemplo familiar, aquela contínua assistência com os «struldbruggs», preservava os habitantes do amor insensato da vida.

— A linha de conduta formulada por vós, na suposição de serdes imortal, é ridícula e absolutamente contrária à razão. Supusestes, sem dúvida, que, em tal estado, gozaríeis uma perpétua mocidade, um vigor e saúde inalteráveis. Mas quando nós vos perguntámos o que faríeis, se houvésseis de viver sempre, supusemos, porventura, que nunca envelheceríeis, e que a vossa pretendida imortalidade fosse uma primavera eterna?!

E descrevia-me os «struldbruggs». Eram semelhantes aos mortais e viviam como eles até à idade de trinta anos. Depois, lentamente, iam caindo numa melancolia negra até aos oitenta. Ficavam, então, sujeitos a todas as doenças, misérias e fraquezas dos velhos, naquelas idades. A ideia aflitiva da eterna duração da sua desgraçada caducidade atormentava-os a tal ponto que não existia coisa alguma que os fizesse conformar-se. Não só se tornavam teimosos, rabugentos, avarentos, carrancudos ou linguareiros como os outros velhos, mas também egoístas de sentimento, renunciando às doçuras da Humanidade e perdendo o amor pelos próprios filhos. Além da terceira geração já não reconheciam a sua descendência. Devoravam-nos continuamente a inveja e o ciúme. Na presença dos prazeres sensíveis gozados pelos mortais ainda novos, dos seus divertimentos, amores e exercícios físicos, sentiam-se morrer aos bocados. Tudo, tudo, inclusive a morte dos próprios velhos, que pagavam com ela o seu tributo à Natureza, lhes dava motivo para amaldiçoarem a sua sorte, e incitamento à inveja. Quando viam um funeral, clamavam contra a Natureza, que lhes havia proibido a doçura da morte, que não lhes deixava acabar a enfadonha carreira da vida e entrar no repouso eterno. Já não podiam cultivar o seu espírito. A memória enfraquecia. Quando muito, apenas lhes lembrava os casos vistos ou estudados na mocidade. Os tontos, os desmemoriados, ou os que tinham caído na infância, eram, ainda assim, os mais felizes. Sempre encontravam quem se compadecesse da sua triste situação e os socorresse nas suas necessidades.

— Quando um «struldbrugg» casa com uma «struldbrugg», o Estado dissolve-lhes o casamento, logo que o mais novo dos cônjuges atinge a idade de oitenta anos. É justo que uns desgraçados humanos, condenados,

bem a seu pesar e sem o terem merecido, a viver eternamente, não sejam, para maior desgraça, obrigados a viver, para sempre, com uma mulher eterna. O que há de mais triste nesta situação é o serem considerados mortos civilmente. Apoderam-se os herdeiros dos seus bens; dão-lhes tutor, ou, para melhor dizer, são despojados de tudo e reduzidos a uma magra pensão para alimento. Lei de muita justiça, por causa da sórdida avareza nos caducos. Os que não têm posses são sustentados à custa do povo numa casa chamada hospital dos imortais pobres. Um imortal de oitenta anos não pode ter cargo, nem emprego, não pode negociar, nem contratar, nem comprar ou vender, e o seu depoimento também não pode ser recebido em juízo. Caem-lhes os dentes e os cabelos. Perdem o paladar. Perdem a memória para as coisas mais simples. Esquecem os nomes dos seus amigos. Às vezes, esquecem o próprio nome. Por conseguinte, torna-se-lhes impossível a leitura. Numa frase de quatro palavras, enquanto leem as duas últimas, já se não lembram das duas primeiras. E, pela mesma razão, lhes é impossível conversar com pessoa alguma.

«Além disso, como a língua do nosso país está sujeita a frequentes alterações, acontece que os «struldbruggs» nascidos num século encontram bastante dificuldade em compreender os nascidos noutro século, e assim estão sempre como estrangeiros dentro da sua pátria.

Tal foi a relação que me fizeram sobre os imortais deste país, o que muito me admirou. Mostraram-me uns cinco ou seis, a seguir e, com franqueza, nunca vi coisa mais feia e asquerosa. As mulheres, principalmente, são horrendas. Pareceram-me fantasmas.

O meu estimável leitor não terá, certamente, dúvida nenhuma em acreditar que, de todo em todo, me fugiu a vontade de ser imortal. Fiquei até envergonhadíssimo de todas as loucas imaginações a que me tinha entregado, no tocante à norma de uma vida eterna cá neste Mundo.

Penso que a minha história a respeito dos «struldbruggs» não enfadou o leitor. Não são estas coisas batidas e rebatidas nos livros de viajantes. Pelo menos, nos que tenho lido até hoje ainda não encontrei factos

semelhantes. Em todo o caso, se alguém já as descreveu, e portanto as minhas não têm o condão de ser originais, eu peço o especial obséquio de reconsiderar que os viajantes, absolutamente destituídos de ideias de copistas, podem muito bem contar as mesmas coisas, desde que percorressem os mesmos países.

É possível que, em consequência do muito comércio existente entre o reino de Luggnagg e o império do Japão, os escritores do Sol Nascente não se tenham esquecido, nos seus livros, de mencionar a vida dos «struldbruggs». Demorei-me pouco tempo no Japão. Os meus conhecimentos sobre a língua japonesa são exíguos ou menos que nulos. Por isso nada posso dizer sobre o assunto. É muito provável que um dia qualquer holandês nos possa elucidar.

O rei de Luggnagg teve a bondade de conceder licença para me retirar dos seus estados, em vista da minha persistente negativa de me estabelecer neles, conforme era seu desejo. Deu-me uma carta de recomendação, escrita pelo seu próprio punho, para Sua Majestade o Imperador do Japão. E presenteou-me com quatrocentas e quarenta e quatro peças de oiro, cinco mil quinhentas e cinquenta e cinco pérolas e oitocentas e oitenta e oito sementes de uma qualidade de arroz muito rara. São de muito agrado, naquela terra, estes números assim multiplicados por dez.

Não devo fechar esta minha relação da viagem a Luggnagg sem o relato de uma anedota passada entre mim e o monarca.

Quando ele soube da minha visita aos «struldbruggs» mandou-me chamar e, logo que cheguei à sua presença, disse-me que estava ao facto da conversa que eu tinha tido com eles e muito riso lhe haviam dado as minhas ideias sobre a imortalidade e a inveja que os «struldbruggs» me causaram. Depois, perguntou-me, seriamente, se eu queria levar comigo, para o meu país, dois ou três exemplares daquela raça, para curar os meus patrícios da vontade de viver e do medo de morrer. Disse-lhe que do fundo coração desejaria muito poder-lhe agradecer tamanho presente. Também

ele o desejaria; mas, infelizmente, uma lei fundamental do reino proíbe aos imortais o saírem da ilha.

— Ainda se ela não fosse fundamental...

E o monarca teve um gesto vago.

Parte 7 — Viagem ao Japão

Capítulo 1

O dia 6 de maio de 1709 fiz as minhas cerimoniosas despedidas a Sua Majestade e disse adeus a todos os amigos que tinha na corte. Mandou-me acompanhar por um destacamento das suas reais guardas até ao porto de Glanguenstald, situado no Sudoeste da ilha. Passados seis dias encontrei um navio pronto a sair para o Japão. Embarquei. Chegámos, com cinquenta dias de viagem, a um pequeno porto denominado Xamoski, no Sudoeste do Japão.

Assim que me apeei, mostrei aos oficiais da Alfândega a carta que tinha a honra de levar, da parte do rei de Luggnagg, para Sua Majestade japonesa. Conheceram imediatamente o selo de Sua Majestade luggnaggiana, que representava um rei amparando um mendigo aleijado e ajudando-o a caminhar.

Sabendo os magistrados da cidade que eu era portador de tão augusta missiva, trataram-me como ministro e deram-me uma carruagem para me transportar a Yedo, capital do Império, onde, em audiência com Sua Majestade Imperial, tive a honra de lhe apresentar a epístola realenga, que foi aberta publicamente com grande cerimonial, e logo mandada traduzir pelo intérprete da corte. Depois, Sua Majestade disse-me por meio do mesmo intérprete que lhe pedisse alguma graça, que ele ma concederia ato contínuo, e em consideração pelo seu muito amado mano, senhor e rei de Luggnagg.

O intérprete, que habitualmente andava empregado nas negociações de comércio com os Holandeses, conheceu, facilmente, pelo meu ar, que eu era europeu, e por isso traduziu as palavras de Sua Majestade em língua holandesa. Respondi que era mercador da Holanda, que naufragara num mar muito distante dali, que tinha caminhado muito, por terra e sobre as águas, para chegar a Luggnagg e de lá passar ao Império do Sol Nascente, onde sabia que os meus patrícios negociavam, e teria ocasião de voltar para a Europa. Por consequência, suplicava a Sua Majestade me mandasse conduzir, com segurança, a Nagasaki. E mais pedia a Sua Majestade, em consideração pelo dito rei de Luggnagg, seu muito amado mano e senhor, e que tanta honra me havia dispensado tornando-se meu protetor, que houvesse por bem perdoar-me a cerimónia a que eram obrigados os da minha terra quando entravam nos seus Estados. Rogava a Saia Majestade que não me obrigasse a calcar o crucifixo! Não vinha ali para negociar; mas tão somente para embarcar para a Europa.

Quando o intérprete acabou de traduzir esta minha súplica, Sua Majestade mostrou-se muito admirado! Disse que era eu o primeiro homem dos meus sítios que se apresentava com semelhante escrúpulo! Portanto, duvidava da minha naturalidade. Tinha todas as razões para suspeitar que eu, ao contrário do que declarara, não passava de um cristão. No entanto, tendo em linha de conta o motivo da minha vinda aos seus domínios, e atendendo, ainda mais, à recomendação que trazia, foi servido, por sua bondade, condescender com a minha fraqueza e extravagância, contanto que eu tivesse cautela em não dar com a língua nos dentes. Ordenaria aos oficiais encarregados na ocasião daquela prática para me deixarem passar, fingindo não me verem.

Advertiu-me que, para mim, devia ser cuidado grande e bastante precaução guardar segredo sobre o caso, pois que, se os meus patrícios viessem a saber a dispensa que eu tinha obtido e o escrúpulo injurioso que manifestara em imitá-los, me apunhalariam, infalivelmente, quando fosse embarcado.

Fiz a Sua Majestade humilíssimas ações de graças por este favor extraordinário. Estavam equipados, para seguir para Nagasaki, alguns

regimentos. O comandante recebeu ordem para me conduzir e instruções secretas sobre a questão do crucifixo.

Aos nove dias do mês de julho de 1709, depois de uma longa e penosa jornada, cheguei a Nagasaki. Encontrei uma companhia de holandeses, que viera de Amesterdão negociar a Ambroína, e que se apresentava para viagem de volta, a bordo de um navio de quatrocentas e cinquenta toneladas. Tendo estado a estudar em Leida durante bastante tempo, falava o holandês como filho da terra. Perguntaram-me muitas coisas sobre as minhas viagens. Respondi conforme me apeteceu. Desempenhei muito bem o meu papel de compatriota. Fingi que tinha amigos e parentes nas Províncias Unidas, e dei-me por natural de Gelderland.

Estava disposto a pagar ao capitão do navio, que se chamava Teodoro Vangrult, o que ele me pedisse pela passagem. Mas, logo que o homem soube que eu era cirurgião, contentou-se em pedir-me somente metade do preço ordinário, sob condição de exercer o meu ofício durante a derrota.

Antes de embarcar, alguns da campanha perguntaram-me se tinha praticado o cerimonial obrigatório. Respondi-lhes que fizera tudo quanto fora preciso. No entanto, um deles, um grande maroto, lembrou-se de me apontar ao oficial japonês e de lhe dizer: «Olha que ele não calcou o crucifixo!» Graçola que lhe valeu apanhar vinte chibatadas nas costas, dadas pelo oficial a quem se dirigia, e que era o que tinha recebido ordens secretas de não exigir de mim a tal prática. Donde veio em resultado ninguém mais se atrever a perguntar-me a mínima coisa nesse sentido.

Não houve nada de importante durante a viagem. Fizemo-nos à vela com vento de feição. Fundeámos no cabo da Boa Esperança para fazermos aguada. No dia 16 de abril de 1710 desembarcámos em Amesterdão, onde estive pouco tempo. De lá embarquei para Inglaterra.

Oh!, quanto prazer senti ao ver o meu amado país, depois de cinco anos e meio de ausência!

Dirigi-me, imediatamente, para Redriff, onde fui encontrar minha mulher e meus filhos no gozo de perfeita saúde.

Parte 8 — Viagem ao País dos Huyhnhnms

Capítulo 1

Passei cinco meses em casa, na doce companhia de minha mulher e meus filhos. Foi um tempo feliz. Não soube apreciá-lo. Tentou-me nova viagem. Davam-me o posto de comandante do *Aventura,* bom navio mercante de trezentas e cinquenta toneladas. Em consequência de possuir bastantes conhecimentos náuticos e estar já enfadado com o cargo subalterno de médico de bordo, aceitei.

No entanto, não renunciei à profissão e sempre a exerci quando houve motivos. Tantos assim que só aboletei para a viagem um praticante de medicina. Despedi-me de minha mulher, que estava pejada. Dirigi-me a Portsmouth e fiz-me de vela a 2 de agosto de 1710.

Durante a derrota uma parte da equipagem adoeceu e morreu. Tive de recrutar gente nas Barbadas e nas ilhas de Leeward, onde os negociantes por conta de quem ia o navio haviam dado ordem para aportar. A breve trecho me arrependi do recrutamento feito. A maioria dos indivíduos que contratara não passava de bandidos, antigos bucaneiros. Os patifes tiveram artes de desencaminhar o resto da equipagem e todos juntos formaram conluio de lançar mão de mim e do navio. Uma bela manhã entraram-me na câmara, arremeteram comigo, ligaram-me e ameaçaram-me com o mar, se fizesse a mínima resistência. Disse-lhes que a minha vida dependia deles e que estava disposto, de antemão, a consentir em tudo quanto quisessem. Obrigaram-me a jurar o que dizia. Desligaram-me, e contentaram-se de me acorrentar por um pé ao meu leito, e postaram uma

sentinela à porta do beliche, com ordem terminante de me fazer saltar os miolos ao mais pequeno movimento de tentativa de evasão. Projetavam piratear com o navio e dar caça aos espanhóis. Mas, como não tinham equipagem suficiente, resolveram vender a carga e dirigir-se a Madagáscar para assoldadarem mais gente. Conservava-me, entretanto, prisioneiro entre as quatro paredes da câmara e muito preocupado com a sorte que me esperava.

No dia 9 de maio de 1711, um tal Diogo Welch entrou e disse-me que vinha mandado do senhor capitão para me ir pôr em terra.

Quis conversar com ele, fazer-lhe várias perguntas. Nem quis dizer o nome daquele a quem chamava capitão. Deram-me licença para entrouxar a roupa. Depois, mandaram-me descer para a lancha. Consentiram em que levasse a minha catana. E tiveram a delicadeza de não me revistar as algibeiras, onde conservava algum dinheiro. Depois de havermos navegado uma légua, largaram-me na praia. Perguntei aos que me tinham trazido que país era aquele. Responderam: «Em verdade vos dizemos que tanto o sabemos como vossa mercê. No entanto, olhai que vos não venha surpreender a maré. Deus vos guarde.» E num instante a lancha afastou-se.

Saí das areias. Subi a um outeiro. Precisava sentar-me e deliberar sobre o que devia fazer. Depois de descansar, caminhei por terra dentro, resolvido a entregar-me ao primeiro gentio que encontrasse e resgatar a minha vida, se fosse possível, à custa de alguns braceletes e outras ninharias, que os viajantes nunca deixam de trazer consigo e das quais eu tinha razoável fornecimento espalhado pelas algibeiras.

Descobri vastos arvoredos, extensas pastagens e fartos campos de aveia. Caminhava com cautela, receando ser assaltado ou ferido por alguma frechada. Depois de ter andado algum tempo, encontrei-me numa estrada onde vi muitas pegadas de homem, de cavalos e algumas de bois. Divisei ao longe, num campo, enorme quantidade de animais, e um ou dois da mesma espécie, empoleirados numa árvore mais próxima. Eram de

estranha figura. Aproximaram-se. Escondi-me por detrás duns silvados para os observar mais a jeito.

Tinham os cabelos compridos caídos para a cara; o peito, as costas e as patas dianteiras cobertos por pelo espesso; crescia-lhes a barba no queixo, como nos bodes; porém o resto do corpo era pelado e a cor da pele muito trigueira. Não tinham cauda. Ora se assentavam na erva, ora se deitavam, e ora se punham de pé sobre as patas dianteiras e traseiras. Pulavam, cabriolavam, trepavam às árvores com tanta agilidade como os esquilos, porque tinham garras nas patas dianteiras e traseiras. As fêmeas eram um pouco mais pequenas do que os machos. Tinham os cabelos mais compridos e somente alguma penugem em vários sítios do corpo. As mamas pendiam-lhes entre as patas dianteiras e roçavam, às vezes, pelo chão, quando andavam. O pelo de uns e de outros era de diversas cores: moreno, vermelho, negro e louro. Em nenhuma das minhas viagens tinha visto animal tão disforme e ascoroso.

Depois de os haver observado a meu bel-prazer, continuei o meu caminho pela estrada na esperança de encontrar alguma choça de gentio. Caminhava havia um bocado quando dei de cara com um dos tais animalejos.

Assim que me viu, estacou. Fez uma infinidade de caretas. Pareceu-me que me olhava como animal de uma espécie que lhe era completamente desconhecida. Aproximou-se. Levantou contra mim uma das patas dianteiras. Ato contínuo, puxei pela catana e dei-lhe uma pranchada. Não o quis ferir pelo receio de ofender o dono daqueles bichos. Largou a fugir e a berrar com tanta força que, em menos de dois segundos, vieram direito a mim uns quarenta, senão mais, do mesmo jaez, e me rodearam, fazendo horríveis carantonhas. Corri para o pé de uma árvore, encostei-me a ela, conservando sempre a catana em riste. Saltaram para os troncos e puseram-se, lá de cima, a estercar sobre mim. De repente, fugiram todos, à carreira.

Deixei a árvore. Prossegui o meu caminho, bastante admirado daquela fuga intempestiva. Olhando para a esquerda, vi um cavalo caminhando gravemente pelo meio do campo. Fora, sem dúvida, a vista daquele cavalo que tinha feito fugir, tão repentinamente, os meus sitiadores.

Chegou-se a mim; parou; recuou; olhou-me fixamente. Dava ares de quem se admira. Considerou-me por todos os lados, dando umas poucas de voltas à roda de mim.

Fiz movimentos de seguir para diante. Impediu-me o caminho. Olhou-me com olhos meigos e sem o mínimo sinal de violência. Mirámo-nos demoradamente. Finalmente, atrevi-me a passar-lhe a mão pelo pescoço, acariciando-o, assobiando-lhe, falando-lhe, como usam fazer os moços de estrebaria quando pretendem domar um cavalo. Porém, o soberbo animal, desprezando a minha civilidade e cortesia, carregou o sobrecenho e levantou, altivamente, uma das mãos para me obrigar a arredar a minha, que se estava tornando muito confiada. Rinchou umas três ou quatro vezes; mas com inflexões tão variadas que eu tive suspeita de que ele falava uma linguagem peculiar e que os seus rinchos alguma significação teriam.

Neste comenos chegou um outro cavalo. Saudou o primeiro com muita cortesia. Houve troca de cumprimentos respeitosos. Rincharam por tantas maneiras diferentes que pareciam, os rinchos, formar sons articulados. Em seguida, andaram os dois a par. Iam, vinham, paravam, prosseguiam, sempre muito graves, um ao lado do outro, tal qual duas pessoas que estivessem tratando negócios de alta importância. Não desviavam os olhos de mim. Pareciam recear que lhes fugisse.

Tão pasmado estava, por ver duas bestas procederem com tanta distinção, que disse para comigo: «Se os animais desta terra têm tanto raciocínio, com certeza que os homens o têm no mais alto grau que se possa imaginar.»

Animou-me esta reflexão de tal maneira que resolvi caminhar, sem delongas, terra dentro até chegar a qualquer aldeia ou casal onde encontrasse naturais, e deixar os dois cavalos na doce paz e sossego das suas conversas. Mas um deles, o ruço-malhado, vendo que me ia embora, veio a rinchar atrás de mim, tão expressivamente que julguei perceber o que ele queria. Voltei-me, aproximei-me dele, dissimulando como pude a perturbação em que me encontrava, porque a verdade era que eu não sabia no que tudo aquilo viria a dar.

Chegaram-se, os dois cavalos, muito para mim. Puseram-se a contemplar o meu rosto e as mãos. Parecia que o meu chapéu e as abas do casaco lhes causavam muita admiração. O ruço-malhado começou a roçar-se pela minha mão direita, mostrando agrado pela cor e macieza da pele. Mas depois apertou-a com tanta força entre o casco e a ranilha que não pude deixar de gritar com alma, o que deu azo a que me fizesse mil afagos expressivos de amizade. Os meus sapatos e meias deram motivo a novas admirações. Estiveram a cheirá-los, a apalpá-los muitas vezes e depois trocaram meneios semelhantes aos de um filósofo quando pretende explicar qualquer fenómeno.

A gentileza e as maneiras daqueles dois quadrúpedes pareceram-me tão racionais, prudentes e judiciosas que acabei por me compenetrar de que eles não passavam de dois mágicos transfigurados em cavalos, para algum fim combinado, e que, havendo-lhes saído ao caminho uma criatura estranha na terra, queriam divertir-se um bocado à custa dela, ou tinham ficado atónitos perante a figura, vestuário e modos seus desconhecidos. Por isso, tomei a liberdade de lhes falar nos seguintes termos:

— Senhores cavalos! Se vossas mercês são mágicos, como tenho motivo para julgar, devem saber todas as línguas. Portanto, tenho a honra de lhes dizer na minha que sou um pobre inglês naufragado, por desventura, nestas paragens ignotas. Se na realidade são cavalos, queiram ter a galhardia de permitir que eu monte para a garupa de um de vossas mercês, para ir em busca de aldeia ou casal, onde me possa recolher. Em paga dos vossos serviços dar-vos-ei esta faquinha e esta pulseira.

Parecia que estavam escutando com atenção o meu discurso e, acabado ele, começaram a rinchar alternadamente, voltados um para o outro. Percebi então claramente que os seus rinchos eram significativos e formavam palavras com as quais talvez fosse possível coordenar um vocabulário tão fácil como o dos Chineses.

Ouvi-lhes repetir muitas vezes a palavra «yahú», cujo som distinguia sem lhe perceber o sentido, embora houvesse feito a diligência de lhe alcançar a significação, quando estavam conversando. Assim que acabaram de falar, desatei a gritar com toda a força: «yahú! yahú!», fazendo, quanto possível, por imitá-los. Admiraram-se muito, e o ruço-malhado, repetindo por duas vezes a palavra, parecia querer ensinar-me a maneira de a pronunciar.

Repeti-lha o melhor que pude, e creio que, embora ainda estivesse bastante longe da perfeição do tom e pronúncia, já tinha alguns progressos. O outro cavalo, que era baio, deu mostras de me querer ensinar uma outra palavra mais dificultosa de pronunciar, o que, reduzida à nossa ortografia, se pode escrever assim: «huyhnhnm». A dificuldade que encontrei para a pronúncia desta palavra foi a mesma que tive para a da outra. Mas, ao resto de alguns ensaios, a coisa lá foi menos-mal, e os dois cavalos acharam-me inteligente.

Depois de haverem conversado por mais algum tempo (sem dúvida a meu respeito), despediram-se. Usaram o mesmo cerimonial do encontro. O ruço-malhado acenou-me para caminhar na sua dianteira. Pareceu-me acertado cumprir-lhe a ordem até que encontrasse um outro guia. Como eu andava muito devagar, começou rinchando desta forma: «Hhuum, hhuum!»

Percebendo o que ele queria dizer na sua, dei-lhe a entender, conforme pude, que estava muito fatigado e que portanto me custava bastante a andar. Ele, então, parou. E teve a caridade de me deixar descansar.

Capítulo 2

Depois de havermos caminhado quase três milhas, chegámos a um sítio onde estava uma casa de madeira coberta de palha. Principiei logo a tirar das algibeiras presentes que trazia destinados aos donos da casa, a fim de que me recebessem com agrado. O cavalo teve a cortesia de me mandar entrar diante de si. Encontrei-me numa sala espaçosa e asseadíssima. Os únicos trastes que a mobilavam eram uma manjedoura e uma gamela. Estavam nessa sala três cavalos inteiros e duas éguas assentadas sobre os curvilhões. Logo que o ruço-malhado entrou, pôs-se a rinchar num tom indicativo de dono da casa. Atravessei na sua companhia duas outras salas, no mesmo plano. Chegados à última, fez-me sinal para que esperasse. E entrou para um quarto ao lado. Cuidei, então, que o dono da casa era pessoa de elevada categoria, pois que me mandavam esperar na antecâmara as suas ordens. Mas, ao mesmo tempo, custava-me a compreender o caso extravagante de uma criatura de distinção se servir de cavalos em lugar de criados graves. Assustei-me. Lembrei-me de que as minhas desventuras me houvessem transtornado o juízo a tal ponto que visse cavalos quando devia ver homens. Olhei em volta de mim. Os trastes desta antecâmara eram quase os mesmos da sala de entrada. Arregalei os olhos. Fitei demoradamente tudo quanto me rodeava. Via sempre o mesmo. Dei beliscões nos braços. Mordi os beiços. Bati nas coxas para ver se acordava, dado o caso de estar dormindo. E como sempre continuava a ver os mesmos objetos, tirei por conclusão que houvesse ali diabrura ou a mais refinada manigância.

Estava entregue a estas reflexões quando veio ter comigo o ruço-malhado. Fez sinal para que o seguisse. Entrámos para um quarto onde encontrei, sentados modestamente sobre uma esteira finíssima e muito limpa, uma formosa égua, um belo poldro e uma poldrazinha bastante bonita.

Assim que entrei, a égua levantou-se. Acercou-se de mim. Contemplou, atentamente, a minha cara e as mãos. Voltou-me as costas, desdenhosamente. E começou a rinchar, pronunciando, muitas vezes, a palavra «yahú». Por meu mal, bem depressa compreendi o sentido funesto daquela expressão. O cavalo que me havia trazido até ali, fazendo-me sinal com a cabeça, e repetindo, várias vezes, a palavra «hhuum, hhuum», conduziu-me a uma espécie de pátio interior onde havia uma casa um pouco afastada da sua. A primeira coisa que lobriguei foram três daqueles perversos animais que eu vira no campo, e mais acima descrevi. Estavam presos pelo pescoço, comiam raízes, carne de burro, de cão e de vaca. Pegavam nelas com as unhas e laceravam-nas com os dentes. O cavalo patrão mandou um cavalito alazão, seu escudeiro, desprender o maior dos tais animais, e que lho trouxesse. Puseram-no ao pé de mim, ombro com ombro, para melhor poderem fazer o confronto. Depois, repetiam muitas vezes a palavra «yahú». Donde vim a saber que aos tais bichos chamavam assim. Não posso explicar a admiração e o horror que experimentei, quando, depois de observar de perto o animal com quem me havia comparado, achei nele todas as feições e configuração do homem. É verdade que tinha a cara larga e chata, o nariz esborrachado, os beiços grossos; mas também é verdade que nos países gentios esses traços são muito vulgares, devido ao costume que praticam as mães de deitarem os filhos de bruços, de os trazerem às costas metidos dentro de sacos, e de as crianças, por isso, baterem com o nariz nos ombros maternos, a cada instante. Aquele yahú tinha as patas dianteiras semelhantes às minhas mãos, só com a diferença de serem providas de unhas muito crescidas e a pele ser muito trigueira, áspera e coberta de pelo. As pernas também se assemelhavam às minhas, com as mesmas diferenças. No entanto, o facto de eu calçar meias e sapatos havia sugerido as suas dúvidas aos senhores cavalos, fazendo-os julgar muito menor a nossa parecença. O resto do corpo, a falar verdade, era inteiramente semelhante, excetuando a cor e o pelo.

Mas dava-se o caso de eu estar vestido. E eles, pensando que as vestimentas eram a minha pele, portanto parte integrante do meu ser, mostravam certa relutância em me considerarem igual ao bicho nojento. O lacaio alazão, apanhando uma raiz, e trazendo-a entre o casco e a ranilha, apresentou-ma. Peguei-lhe, provei-a, e tornei-lha a dar usando a maior cortesia possível. Num pronto, foi buscar à choça dos yahús um pedaço de carne de burro e ofereceu-ma. Achei tão detestável e nauseabundo aquele alimento que nem tive ânimo de lhe tocar, e dei mostras de que me fazia náuseas. Atirou com ela a um yahú, que imediatamente a devorou com imenso prazer.

Vendo que os sustentos dos yahús não me agradavam, lembrou-se de me oferecer do seu: feno e aveia. Acenei com a cabeça negativamente. Fiz-lhe compreender que não eram para o meu estômago aqueles manjares. Então, levando à boca uma das suas patas dianteiras, de maneira admirabilíssima e muito natural, fez sinais para dar a entender que não sabia como me havia de sustentar, e perguntou-me o que queria comer. Não pude, por meio de acenos, fazê-lo ciente do meu pensamento. E, ainda que o pudesse, não via que ele se encontrasse em circunstâncias de me satisfazer.

Neste comenos passou uma vaca. Apontei-lha. Mostrei, usando de movimento apropriado, desejos de mungi-la. Entenderam-me. Mandaram-me entrar para casa. Chamaram a criada, isto é, uma égua, e disseram-lhe para me conduzir a uma outra sala. Encontrei uma fileira de alguidares cheios de leite, todos muito asseados e arrumados com esmero. Bebi à farta e com sossego.

À hora do meio-dia parou à porta de casa uma espécie de carruagem puxada por quatro yahús. Apeou-se um cavalo velho com todo o ar de pessoa distinta. Vinha de visita aos donos da casa, e ficou para o jantar. Receberam-no com muito respeito e as maiores atenções. Jantaram na sala de honra. Além do feno e da palha, que foram os primeiros pratos, houve também aveia cozida com leite. A gamela onde comiam, colocada a meio

da sala, era redonda, pouco mais ou menos como uma prensa de lagar normando, e dividida em muitos repartimentos, em volta dos quais estavam sentados sobre as ancas e encostados a feixes de palha. A cada repartimento correspondia uma grade de manjedoura, de sorte que cada cavalo e cada égua comia o seu quinhão com muito asseio e decência. O poldro e a poldrita, filhos do dono da casa, também estavam à mesa, e parecia que o pai e a mãe se empenhavam muito para que eles comessem com juízo. O ruço-malhado chamou-me para o pé de si. Pareceu-me conversar a meu respeito com o seu amigo, pois que este olhava frequentes vezes para mim e repetia a miúdo a palavra «yahú».

Calcei as luvas. Quando o ruço-malhado notou que eu já não tinha as mãos como ele as vira até ali, fez vários gestos de espanto e admiração. Tocou-as duas ou três vezes com o pé e deu-me a entender que desejava que elas voltassem à sua primitiva forma. Descalcei-as, sem delonga. Este meu modo de proceder fez que falassem muito a meu respeito e lhes inspirasse afeição a minha pessoa. Não tardou muito o sentir-lhe os efeitos. Dedicaram-se a fazer-me pronunciar certas palavras que ouvia. Ensinaram-me os nomes da aveia, do leite, do fogo, da água e de muitas mais coisas. Decorei-os. Então, mais do que nunca, me vali da prodigiosa facilidade com que a Natureza me dotou para aprender línguas.

Acabado o jantar, tomou-me de parte o dono da casa e, por meio de sinais e algumas palavras, fez-me compreender quanta pena tinha por ver que eu não comia nada e que não achava coisa alguma a meu gosto. «Hlunnh», na língua deles, quer dizer aveia. A primeira vez que ma ofereceram, recusara-a. Mas, refletindo que podia fazer com ela, misturando-a com leite, uma espécie de alimento que me fosse sustentando até encontrar meio de fugir dali, e ir procurar criaturas da minha raça, repeti a tal palavra por duas ou três vezes. Mandou logo o cavalo uma criada, que era uma égua branca, bem bonita, buscar o que eu pedia e trazer-mo num prato de pau. Conforme pude, torrei a aveia, esfregando-a até lhe tirar a casca, padejei-a, amassei-a com duas pedras e, deitando-lhe água, fiz um bolo, que pus a cozer, e comi quente molhado em leite.

Ao princípio achava esta comida bastante insípida (embora seja alimento vulgar em muitos pontos da Europa); mas, com o andar do tempo, acostumei-me. Não era esta a primeira vez que me encontrava numa situação penosa. Várias tinham já sido aquelas em que eu havia experimentado que, para satisfazer as necessidades da Natureza, poucas coisas são precisas, e que o corpo a tudo se afaz. Cabe bem aqui o dizer que, enquanto estive na terra dos cavalos, nunca senti a mínima indisposição de saúde. Verdade é que fui algumas vezes à caça dos pássaros e dos coelhos, com redes feitas de cabelos de yahú; outras, apanhar ervas para as comer cozidas ou em salada; e que, de tempos a tempos, fazia o meu pedacito de manteiga. A princípio, o que me custou muito foi a falta de sal; mas acostumei-me a passar sem ele; donde me atrevo a concluir que o uso do sal é resultado da nossa intemperança, e foi introduzido no nosso gosto com o fito de excitar a beber. O homem é o único animal que mistura sal com a sua comida. Entendo ser este um caso para notar. Quanto a mim, custou-me muito tornar a gostar dele, quando saí dali.

Basta de falar em comida! Contudo, se me alongasse mais sobre o assunto, não iria além do que fazem, nas suas relações, a maior parte dos viajantes, que julgam ser de grande importância para o leitor saber se, por onde eles andaram, comeram bem ou mal.

Se assim procedi foi porque o julguei conveniente. Dando sucinta conta do meu passadio, explico como foi possível viver, durante três anos, em semelhante país e entre tais habitantes.

À noite o dono da casa mandou que me dessem um quarto, distante daquele aposento uns seis passos, e separado da guarida dos yahús. Estendi no chão alguns feixes de palha e cobri-me com as minhas vestes. Dormi bem e descansado. Mais para diante ainda vivi melhor. Terá o leitor ocasião de o saber, quando lhe falar no meu modo de vida naquela terra.

Capítulo 3

Apliquei-me, com afinco, a aprender a linguagem que o huyhnhnm meu senhor (assim é que o tratarei daqui para o futuro), seus filhos e todos os de sua casa mostravam muita vontade de me ensinar. Consideravam-me um prodígio; admiravam-se de um brutinho ter todos os modos e dar todos os indícios de um animal racional. Apontava com o dedo para qualquer objeto e perguntava logo qual o seu nome. Conservava-o na memória. Quando estava só nunca me esquecia de escrevê-lo no meu canhenho de viagem. Quanto à pronúncia, tratava de aprendê-la ouvindo tudo com muita atenção. O cavalinho alazão ajudou-me muito, neste sentido.

Devo confessar que me pareceu dificílima a pronúncia daquela língua. Os Huyhnhnms falam pelo nariz e pela boca. A sua língua, nasal e gutural a um tempo, aproxima-se muito da dos Alemães, com a diferença de ser mais graciosa e muito mais expressiva. Já o imperador Carlos V fez esta curiosa observação. Por isso dizia ele que, se tivesse de falar com o seu cavalo, lhe falaria em alemão.

Mostrava o meu senhor tanta vontade de me ouvir falar a sua língua, a fim de poder conversar comigo e satisfazer a sua curiosidade, que todas as suas horas de folga as empregava a dar-me lições e a ensinar-me todos os circunlóquios e subtilezas dela. Estava persuadido, como ao depois me confessou, que eu era um yahú. Admirava-o o meu asseio, delicadeza, docilidade e boa disposição para o estudo. Não podia conciliar estas qualidades com as do yahú, animal grosseiro, porco e indócil. Causavam-

lhe grandes perplexidades as minhas vestimentas. Cuidava que eram parte do meu corpo. À noite, quando me recolhia ao quarto, nunca me despia sem estar bem certo de que toda a família tinha adormecido. E, pela manhã, sempre me vestia antes de sentir alguém acordado. O meu senhor mostrava muita vontade de saber de que país viera eu, onde e como adquirira o juízo que transparecia em todos os meus modos, e de saber, enfim, a história da minha vida. Persuadia-se de que em breve seria conhecedor de tudo, em vista dos progressos que dia a dia eu manifestava, quer na compreensão, quer na pronúncia da sua língua. Para auxiliar a memória, compus um alfabeto de todas as palavras que tinha aprendido, pondo por baixo de cada uma a sua significação em inglês. Pelo tempo adiante, não tive dúvida alguma em escrever na presença do meu mestre as palavras e frases que ele me ia ensinando, pois que não podia entender o que eu fazia, em consequência de os Huyhnhnms não possuírem a arte da escrita.

Ao cabo de dez semanas encontrei-me apto para compreender muitas das suas perguntas e três meses depois já lhe respondia muito razoavelmente. Uma das primeiras perguntas que me fez, logo que me viu em estado de lhe poder responder, foi a de que terra eu viera, e como tinha aprendido a imitar o animal racional, não passando de um yahú. Os animais a que ele se referia, e que se pareciam comigo no consoante ao rosto e patas dianteiras, tinham, na verdade, uma espécie de entendimento, astúcia e malícia, mas eram completamente destituídos da perceção e docilidade em mim notadas. Respondi-lhe que viera de muito longe, que tinha atravessado o mar, dentro de um grande edifício de madeira, na companhia de muitos outros indivíduos da minha espécie, os quais me haviam abandonado naquelas paragens. Foi necessário, para melhor elucidação, ajuntar às palavras muitos gestos. Replicou o meu senhor que certamente eu me enganava, e que «tinha dito a coisa que assim não era», isto é, que mentira. (Os Huyhnhnms não têm, na sua língua, vocábulos próprios para exprimir a «mentira» ou a «falsidade».) Não podia capacitar-se de que houvesse terras para além-mar, nem que um vil rebanho de animais pudesse fazer boiar sobre aquele elemento um enorme edifício de madeira e, ainda mais, guiá-lo para onde lhe aprouvesse.

E disse:

— Ninguém a não ser um huyhnhnm poderia fazer semelhante coisa. Confiar o governo de uma construção dessas a um yahú é obra de insensatos!

A palavra «huyhnhnm» significa cavalo, e quer dizer, na sua etimologia: a perfeição da Natureza. Respondi ao meu senhor que, por enquanto, não me encontrava com os conhecimentos necessários para lhe dar resposta cabal, em sua língua, mas que, em pouco tempo, contava poder-lhe dizer bastantes coisas que lhe causariam admiração. Exortou a senhora égua, sua esposa, os senhores seus filhos, poldro e poldra, e todos os seus criados, a concorrerem, com zelo e afinco, para me aperfeiçoarem na sua linguagem. E ele próprio consagrava a este exercício duas a três horas por dia.

Muitos cavalos e éguas, de certa distância, vieram visitar o meu senhor. Vinham excitados pela curiosidade de ver um yahú maravilhoso, que, pelo que tinham ouvido contar, falava como os Huyhnhnms e fazia resplandecer faíscas de inteligência no seu comportamento. Gostavam de me perguntar coisas de fácil compreensão. Respondia-lhes como podia. Tudo isto contribuía para me exercitar no uso da linguagem. De modo que, passados cinco meses, já percebia tudo quanto me diziam e expressava-me menos-mal com respeito à maior parte dos assuntos.

Alguns huyhnhnms que vinham ver-me e falar-me mostravam-se incrédulos sobre a minha qualidade de yahú. Alegavam que a minha pele era muito diferente da daqueles animais, e reforçavam o seu parecer dizendo não encontrarem em mim pele quase parecida com a dos tais yahús, senão no rosto e nas patas dianteiras; mas, ainda assim, com a divergência de não terem pelo. Porém o meu senhor sabia, realmente, o que eu era. Um caso acontecido coisa de quinze dias antes obrigara-me a descobrir-lhe o mistério, oculto até então, pelo receio de que ele me tomasse por verdadeiro yahú, e me pusesse na companhia deles.

Já disse ao leitor que todas as noites, depois de a família estar deitada, costumava despir-me e cobrir-me com as minhas vestes. Um dia de madrugada, o dono da casa mandou ao meu quarto o seu lacaio, o cavalito alazão. Quando ele entrou, achava-me eu ferrado no sono. Tinham-me caído as coberturas e a camisa estava arregaçada. Acordei com a bulha que ele fez e reparei que dava o seu recado com ar inquieto e comprometido. Voltou logo para junto do amo e contou-lhe, envergonhado, o que tinha visto. Quando me levantei fui dar os bons-dias a Sua Honra (entre os Huyhnhnms esse tratamento corresponde aos nossos de Alteza, Grandeza ou Reverência). Perguntou-me, sem mais conversas, o que significava tudo aquilo quanto o seu lacaio lhe tinha dito de manhã. Que ele lhe dissera que eu, a dormir, não era o mesmo que acordado. Quando estava deitado tinha uma pele diferente da que tinha quando estava em pé.

Até ali ocultara o meu segredo com o fito de não ser equiparado à raça maldita e infame dos yahús, como já disse. Mas, agora, que remédio havia senão denunciar-me? Além disso, os meus sapatos e a minha roupa começavam a romper-se. Não tardaria muito a necessidade de substituí-la por uma pele de yahú ou de qualquer outro animal. E o meu segredo seria portanto nulo. Disse-lhe, então, que, na terra donde viera, costumavam os da minha espécie cobrir o corpo com o pelo de certos animais, preparado com arte, não só por decência e cortesia mas também para se precaverem contra os rigores do tempo. Estava pronto a mostrar-lhe a verdade do que dizia. Despir-me-ia e somente lhe ocultaria o que a Natureza nos proíbe deixar ver. Ficou admiradíssimo! O que mais lhe custava a compreender era que a Natureza nos obrigasse a esconder o que nos deu. «Acaso ela nos presenteou com alguma coisa vergonhosa, clandestina ou criminosa? Nós, os deste país, não nos envergonhamos dos seus dons, nem temos pejo de expô-los ao léu! Não vos quero constranger. Procedei como é vosso costume.»

Despi-me pois, honestamente, para satisfazer a curiosidade de Sua Honra. Vendo a configuração de todas as partes honestas do meu corpo, mostrou-se extremamente admirado. Levantou as minhas roupas todas, uma por uma, agarrando-as entre o casco e a ranilha, e examinou-as com atenção. Afagou-me, fez-me festas, e deu muitas voltas à roda de mim.

Depois disse-me, com gravidade, que era evidente a minha qualidade de yahú.

A única diferença que encontrara era a carne ser menos dura e mais branca, a pele mais macia, não ter pelos na maior parte do corpo, as unhas curtas, talhadas de outra maneira, e a mania de andar com os pés traseiros. Nada mais quis observar. Mandou-me vestir, o que me foi de sumo agrado, porque já principiava a ter frio.

Asseverei a Sua Honra ser para mim motivo de grande mortificação ouvi-lo dar-me o nome de um animal infame e odioso. Supliquei-lhe que fosse servido de me poupar a um tratamento tão ignominioso e de recomendar a sua família, criados e amigos a esmola de igual proceder. Foram pedidos baldados. Roguei-lhe que se dignasse não participar a outrem o segredo, que lhe descobrira, a respeito dos meus trajos, ao menos enquanto me não fosse preciso mudá-los. E, quanto ao seu lacaio, podia Sua Honra mandar-lhe que nada dissesse sobre o que tinha visto.

Prometeu segredo. Esteve o caso oculto enquanto as vestimentas se não estragaram e não foi necessário procurar com que me vestisse, como ao diante direi.

Exortou a que me aperfeiçoasse na linguagem. Estava mais surpreso de me ouvir falar e raciocinar do que de me ver branco e sem pelo. Tinha imenso desejo de ouvir as coisas admiráveis que lhe havia prometido narrar. Desde então, mostrou mais cuidado em me instruir. Levava-me consigo a todas as assembleias. Apresentava-me em toda a parte, fazendo que me tratassem com cortesia e muitas atenções. Que era para me pôr de bom humor — explicava-me particularmente —, tornar-me mais jovial e agradável.

Todos os dias, quando estávamos sós, além do que dizia respeito a ensino, fazia-me mil perguntas sobre a minha pessoa. Respondia-lhe tanto melhor quanto podia, o que serviu para lhe dar algumas ideias gerais e imperfeitas do que lhe havia de contar mais tarde e pelo miúdo. É inútil

explicar como cheguei a travar com ele uma longa e séria conversa. Basta dizer que a primeira conferência que tivemos foi do seguinte teor:

Disse a Sua Honra que viera de um país remotíssimo na companhia de cinquenta criaturas minhas semelhantes. Tínhamos atravessado os mares dentro de um navio, isto é: de um edifício feito de tábuas. Descrevi-lhe a forma do navio o melhor que me foi possível. Desdobrando o meu lenço mostrei-lhe como o vento, inchando as velas, nos fazia andar para avante. Por causa de uma contenda havida entre nós, tinham-me desembarcado na praia da ilha em que atualmente me encontrava. Ficara perplexo, por não saber onde estava. Até que Sua Honra me apareceu e teve a bondade de me livrar da perseguição daqueles imundos yahús. Perguntou-me quem tinha feito o tal navio e como é que os huyhnhnms da minha terra o haviam confiado ao governo de uns animais selvagens. Repliquei-lhe que só me decidiria a responder à sua pergunta e continuar a minha prática se me desse a sua palavra e promessa, por sua honra e consciência, de não se ofender com o que lhe dissesse. Só com esta condição prosseguiria o meu discurso e lhe exporia, com sinceridade, as coisas maravilhosas que lhe prometera contar.

Asseverou que não se ofenderia. Continuei. O navio tinha sido construído por criaturas iguais a mim. Na minha terra e em todas as regiões por onde andara eram elas os únicos animais senhores, racionais e dominadores. Quando chegara à sua terra havia ficado atónito por ver os cavalos acionando como se fossem dotados de razão. Dava-se comigo o mesmo caso que com ele e seus amigos, pois lhe causara grande espanto acharem sinais de razão num animal que lhes aprouvera classificar de yahú; e que, se algum dia o céu permitisse que eu tornasse para a minha terra e lá fizesse relações das minhas viagens, e muito principalmente da minha estada no país dos Huyhnhnms, todos se persuadiriam de que eu dizia «a coisa que assim não era» e a julgariam fabulosa, impertinente ou inventada. Finalmente, que, não obstante o respeito que professava por ele, por toda a sua honrada família e por todos os seus amigos, me atrevia a certificar que nunca, na minha terra, se acreditaria que um huyhnhnm fosse animal racional e um yahú uma simples besta.

Capítulo 4

Ouvindo-me discorrer, o meu senhor mostrava-se inquieto, perturbado e fora de si. Duvidar ou não acreditar o que ouvem é para os Huyhnhnms operação espiritual a que não estão acostumados. Quando se veem coactos a proceder de semelhante forma, parece que o seu juízo sai, por assim dizer, do estado normal. Lembram-me algumas conversas, havidas com ele, a respeito das propriedades da natureza humana, tal como se manifesta nas outras partes do Mundo. Tendo tido ocasião de falar da mentira e do dolo, mostrou muita dificuldade em compreender o que lhe queria exprimir. Raciocinou do seguinte modo: se o uso da palavra nos foi dado para comunicarmos, uns aos outros, os nossos pensamentos, e nos instruirmos sobre o que ignoramos, como é que podemos obrar em conformidade com os fins da Natureza, se dizemos «a coisa que assim não é»? Abusamos da fala. Falamos e não falamos, ao mesmo tempo.

— Diz-me! Porventura falar não é fazer entender a outrem o que pensamos? Ora, quando tu fazes aquilo a que chamas «mentira», não é certo que me dás a entender o que não pensas? Em vez de me dizeres o que é, dizes-me o que não é. Logo, não falas. Abres, tão somente, a boca para proferir sons inúteis. Não me vens tirar da minha ignorância, antes muito pelo contrário, vens aumentá-la.

É esta a ideia que os Huyhnhnms fazem da faculdade de mentir, e que nós possuímos em grau tão sublime e perfeito!

Certifiquei a Sua Honra que, na minha terra, os yahús eram animais senhores e dominadores. Causou-lhe grande assombro o meu dito. Perguntou se entre nós havia também huyhnhnms, e em que se empregavam. Respondi-lhe que havia muitos. No verão pastavam nos campos e no inverno estavam em casa. Tinham yahús a seu serviço, para lhes pentear as crinas, limpá-los, esfregá-los, lavar-lhes os pés e dar-lhes de comer. «Entendo — disse ele. — Queres dizer na tua que, não obstante os vossos yahús se prezarem de possuir o uso da razão, os huyhnhnms são, como aqui, senhores de grande respeito. Quem dera que os nossos yahús fossem tão dóceis e tão bem-criados como os da tua terra! Continua, por quem és, que muito agrado encontro na tua prédica!»

Roguei a Sua Honra a especial fineza de me dispensar a continuação do assunto. Atendendo às regras da prudência, decência e cortesia, encontrava-me na impossibilidade de explicar-lhe o que faltava. Porém, ele insistiu. Queria saber tudo. Que continuasse. Que não tivesse receio de causar enfado. «Cumprindo a ordem de Vossa Honra, dir-lhe-ei, nesses casos, que os huyhnhnms, a que damos o nome de cavalos, são entre nós animais sumamente nobres, formosos, ágeis e vigorosos. Quando habitam nas dependências de casas ricas, andam sempre a viajar, a correr e a puxar carruagens. Tratam-nos com muito carinho e cuidado enquanto são novos e saudáveis. Quando envelhecem ou enfraquecem das pernas, vendem-nos a outros yahús. Passam, então, a executar trabalhos violentos, rudes e miseráveis, até que venha a morte pôr termo a tanta vergonha. Esfolam-nos, vendem as suas peles, e abandonam os cadáveres à voracidade dos cães, lobos e aves de rapina. Tal é, na minha terra, o fim dos mais nobres e formosos huyhnhnms.»

«No entanto, nem todos eles são felizes e tão bem tratados como os de que acabo de falar. Alguns, desde a mais tenra idade, vivem em casa de lavradores, caleceiros, arrieiros e outras gentes da mesma igualha, que os obrigam a trabalhar muito, lhes dão magro sustento e abundância de maus tratos.» Descrevi o nosso modo de andar a cavalo e o atavio de cavalaria. Pintei, o melhor que me foi possível, a sela, o freio, as esporas, o chicote, todos os arreios dos cavalos que puxam carruagens, carroças ou charruas. E disse, por último, que, para lhes conservar os cascos, ou impedir que se

molestassem, quando os fazíamos andar por caminhos pedregosos, lhes usávamos pregar, nas extremidades das patas, umas chapas de certa matéria extremamente dura e que se chama ferro. A brutalidade do nosso trato para com os huyhnhnms indignou o meu senhor. Pasmava-se perante o saber que tínhamos o descaramento de os montar. Se o mais valente yahú tivesse a ousadia de lhe subir para os costados, ainda que o fizesse a um humilde servo, seria sem delonga deitado ao chão, calcado, esmagado e despedaçado. Repliquei-lhe que os nossos huyhnhnms, na idade de três ou quatro anos, eram, ordinariamente, domados e adestrados. Quando se mostravam indóceis, rebeldes ou manhosos, empregavam-se nos trabalhos de puxar às carroças, de lavrar, ou de andar à nora com os olhos vendados. E eram muito mimoseados com pancadaria. Àqueles que se destinavam a cavalaria ou a tiro, capavam-nos, dois anos depois do seu nascimento. Tornavam-se, por isso, mais mansos e mais dóceis, mais sensíveis às recompensas e aos castigos, embora destituídos de razão, como os yahús da sua terra.

Custou-me bastante a fazer-lhe compreender tudo isto. Usei muitos circunlóquios para expressar as minhas ideias. Não é rica a língua dos Huyhnhnms. Têm poucas paixões e daí poucos vocábulos. As paixões multiplicadas e subdivididas é que formam a riqueza, variedade e delicadeza de uma língua.

É impossível descrever a impressão produzida pelo meu discurso no ânimo do meu amo. Quando acabei de expor o modo como tratávamos os huyhnhnms e o costume de os capar, para torná-los mais dóceis e inábeis para procriarem, explodiu tal indignação que tremi como varas verdes. Depois, serenando, disse que estava de acordo com os procedimentos expostos se se desse a circunstância de haver uma terra onde os yahús fossem os únicos animais racionais. Mas contemplando a minha figura, acrescentou que um ente, tal qual me apresentava, era demasiadamente maltalhado para poder ser racional ou, quando muito, para poder ter raciocínio sobre a maior parte dos casos da vida. Perguntou-me se toda a gente, na minha terra, apresentava configuração igual à que lhe mostrava. Respondi-lhe que todos éramos à mesma imagem e semelhança, e eu, pela parte que me tocava, aceito por bem-parecido. Os machos, quando novos,

e as fêmeas, na idade de pujança, tinham a pele ainda mais delicada. E que, na minha terra, a pele das fêmeas era, ordinariamente, tão branca como leite. A falar verdade, replicou ele, alguma diferença havia entre mim e os yahús. Eu era limpo, e não tão feio. Mas quanto às partes sólidas ficava-lhes muito aquém. Os meus pés dianteiros e traseiros eram nus. O pouco pelo que tinha não servia para me preservar do frio. Os pés dianteiros não eram propriamente pés, pois que não me servia deles para andar. Além disso, mostravam uma constituição fraca e delicada. Trazia-os nus, vulgarmente, e a coisa com que os tapava, de tempos a tempos, não era tão forte, nem tão rija, como a coisa com que cobria os traseiros. O meu caminhar não tinha firmeza. Se um dos meus pés traseiros tropeçasse ou escorregasse, com certeza que eu cairia. Pôs-se, então, a criticar a configuração geral do corpo. Notou a chateza da minha cara, a proeminência do meu nariz, a colocação dos meus olhos, apegados à testa de tal maneira que não podia olhar para a direita ou para a esquerda, sem voltar a cabeça. Para levar a comida à boca precisava da ajuda dos pés de diante. Devia ser por causa disso que a Natureza os tinha feito com tantas articulações. Não compreendia a razão de todos aqueles membros minúsculos que estavam nas extremidades dos meus pés de trás. Eram tão fracos que facilmente podiam ser feridos pelas pedras e pelos abrolhos. E o provava a necessidade que tinha de cobri-los com a pele de um outro animal. O corpo nu e sem pelo estava sujeito ao frio. Para o preservar via-me obrigado a tapá-lo com pelo estranho. Vestia-me e despia-me todos os dias, o que, em seu parecer, devia ser a coisa mais enfadonha e trabalhosa do Mundo. Todos os animais da sua terra tinham horror aos yahús e fugiam deles. Portanto, não compreendia como os da sua raça podiam dar-se connosco, em terras distantes, muito embora nós houvéssemos recebido da Natureza o dom do raciocínio, e muito menos como se prestavam a que nós nos servíssemos deles. E disse:

— Não quero prolongar mais o assunto. Dispenso as respostas que me podias dar. Peço-te, somente, que me contes a história da tua vida e descrevas o país onde nasceste.

Se o respeito e a decência me permitissem contradizer o meu senhor, era esta uma boa ocasião para lhe narrar todas as preocupações da espécie

humana sobre a sua própria excelência e beleza da sua configuração. Servir-me-ia daquele verso de Ovídio:

Os homini sublime dedit...

Calei-me, receando ser impertinente, muito embora sentisse enormes desejos de lhe dizer que naqueles pés dianteiros, que tanta mofa lhe haviam suscitado, consistia toda a força e poder da Natureza humana. Por meio dos dez membros, pegados às extremidades deles, conseguíamos domar todos os animais e executar tudo quanto imaginávamos. Postos em movimento, conduzidos com inteligência, esses tais dez membros tornavam-se a coisa mais terrível do Mundo. Se o atrevimento me desse ainda maior ânimo, faria, com os mesmos dez insignificantes membros, umas esporas de osso e um freio de coiro de boi. Enfrearia um huyhnhnm, saltar-lhe-ia para a garupa, e mostrar-lhe-ia quanto pode um yahú com raciocínio e que sabe manobrar com os seus dedos. Mas encontrava-me bem longe de assim proceder. Respondi-lhe, somente, que estava pronto a satisfazer a sua curiosidade. Duvidava, contudo, da minha clareza. Algumas matérias apareciam difíceis de conceção para Sua Honra. Faltavam-lhes as equivalentes naquele país. Sem embargo, faria todo o possível para me expressar, usando, quando precisos, os símiles e as metáforas, na ausência dos termos próprios.

Disse-lhe, pois, que nascera de pais honrados, numa ilha chamada Inglaterra, muito distante dali. Tão distante que o mais fogoso huyhnhnm só poderia lá chegar depois de haver gasto tanto tempo quanto o Sol leva a fazer o seu movimento anual. Exercera a cirurgia, ou a arte de curar feridas e outras mazelas. A minha terra era governada por uma fêmea, a que nós chamávamos rainha. Saíra de lá com o fito de enriquecer, de poder livrar a minha família de necessidades, quando para lá tornasse. Na última das minhas viagens tinha sido capitão de navios. Governava cinquenta

yahús, pouco mais ou menos. Durante o caminho muitos deles morreram. Vi-me obrigado a substituí-los por outros de outras nações. Estivemos por duas vezes em risco de naufrágio. A primeira, por causa de uma tempestade violenta. A segunda, por ter batido num rochedo.

O meu senhor interrompeu-me. Perguntou-me como é que eu conseguira induzir gentes estranhas a virem comigo e a arriscarem-se a novos perigos, depois de saberem os que já havia passado e as perdas sofridas? Respondi-lhe que todos eles eram infelizes, sem eira nem beira, nem ramo de figueira. Viam-se obrigados a sair das suas terras por causa de dificuldades financeiras ou por crimes que lá haviam cometido. Alguns tinham ficado arruinados por causa das demandas, outros pelos desvarios, e ainda outros pelo jogo. A maior parte deles eram assassinos, traidores, envenenadores, ladrões, salteadores, perjuros, falsários, fabricantes de moeda falsa, raptores ou soldados que haviam desertado. Enfim, foragidos das prisões. Nenhum se atrevia a voltar para o seu país, por medo de lá ser enforcado, ou apodrecer numa masmorra. No decurso desta fala, o meu senhor viu-se, por várias vezes, obrigado a interromper-me. Para lhe dar ideia de todos os crimes que deviam compelir os meus companheiros a abandonar as suas terras, tive de usar muitos circunlóquios. Não podia compreender os fins e os motivos que haviam levado todas essas gentes à prática de tantas maldades. Fiz, então, por lhe dar uma ideia do desejo insaciável que todos nós possuímos de engrandecer, de enriquecer, e dos efeitos funestos do luxo, da intemperança, da perversidade e da inveja. Servi-me de exemplos e hipóteses, para melhor lho fazer compreender. Mostrava relutância em se compenetrar da existência real de todos esses vícios. Estava como aquelas pessoas que, sentindo-se atónitas com a presença de um caso nunca visto nem imaginado, fixam os olhos no chão e não encontram palavras com que consigam expressar o seu pasmo e indignação.

As ideias de poder, governo, guerra, leis, castigo, e outras semelhantes, não podem ser indicadas na língua dos Huyhnhnms sem o auxílio de longas perífrases.

Do que resultou para mim trabalho insano, quando foi preciso fazer relação dos diversos Estados da Europa e, particularmente, da Inglaterra, minha Pátria.

Capítulo 5

Peço aos meus amáveis leitores a fineza de observarem que tudo quanto ao diante vai narrado é o resumo das muitas palestras que tive, por várias vezes e no prazo de dois anos, com o huyhnhnm meu senhor. Sua Honra fazia as suas perguntas e exigia de mim narrativas particularizadas à proporção que aumentavam os meus conhecimentos e prática da sua linguagem. Expus-lhe, o melhor que pude, o estado de toda a Europa. Discorri sobre as artes, manufaturas, ciência e comércio. As respostas dadas a todas as suas perguntas foram assunto da nunca exausta conversa. Somente farei relato das palestras que tivemos a respeito da minha pátria. Dar-lhes-ei a melhor ordem que puder, cingindo-me menos ao tempo e circunstâncias do que à exata verdade. Inquieta-me a dificuldade de encontrar versão que possa dar, fielmente, ideia da graça e energia dos seus belos discursos e da solidez dos seus raciocínios. Farei o que puder. No entanto, rogo aos meus estimáveis leitores que desculpem a minha fraqueza e incapacidade, e que atribuam algumas culpas à língua defeituosa em que sou, agora, obrigado a expressar-me.

Para cumprir as ordens do meu senhor, contei-lhe, um dia, a última revolução causada, na Inglaterra, pela invasão do príncipe de Orange, e a guerra que este príncipe ambicioso fez, em seguida, ao rei de França, o monarca mais poderoso da Europa, possuidor de todas as virtudes realengas e cuja glória se encontrava espalhada por todo o Universo. Disse-lhe que a rainha Ana, sucessora do príncipe, tinha continuado a guerra, em que estavam implicadas todas as potências cristãs, e que, por causa daquela luta, já deviam ter morrido, até à data, um milhão de yahús;

mais de cem cidades tinham sido sitiadas e tomadas, e mais de trezentos navios queimados ou afundados.

Perguntou-me, então, quais as causas e motivos mais vulgares das nossas rixas e daquilo a que eu chamava «guerra». Respondi-lhe que eram inumeráveis e que dizia somente as principais. «Muitas vezes — prossegui — provêm da ambição de certos príncipes, a quem nunca parece que possuem bastantes terras ou governam bastantes povos; outras vezes a política dos ministros que querem empregar vassalos descontentes; outras a diversidade de opiniões. Lá porque um cuida que o assobio é crime, outro vem declarar que é uma ação boa; este diz que se devem trazer vestidos brancos e aquele entende que só devemos trazê-los pretos, vermelhos ou pardos; um quer o chapéu pequeno e embicado, outro grande e com as abas caídas para as orelhas, etc.» (Imaginei, de propósito, estes exemplos quiméricos, evitando, ao mesmo tempo, explicar-lhe as verdadeiras causas das nossas dissidências a respeito da opinião, em consequência de me dar muito trabalho e vergonha o fazer-lhas conhecer.) Disse-lhe mais que as nossas guerras, quando tinham por causa estas divergências de opiniões, eram mais terríveis e sanguinolentas do que por qualquer outro motivo. Contribuíam muito para isso algumas cabeças esquentadas que apareciam de um lado e do outro, excitando a pegar nas armas e servindo, à socapa, os seus interesses.

— Dois príncipes — continuei — andaram em guerra porque ambos queriam tirar a um terceiro os seus Estados, aos quais nem um nem outro tinham direito. Algumas vezes um soberano ataca outro para que este o não ataque. Declara-se guerra a um vizinho por dois motivos: um, porque é excessivamente valente, outro, porque é demasiadamente fraco. Às vezes, o vizinho possui coisas que nos faltam e nós temos coisas que ele não tem. Faz-se a guerra. Combate-se de parte a parte, para ficar na posse de tudo ou de nada. Outro motivo importante para levar a guerra a um país estrangeiro é vê-lo assolado pela fome, devastado pela peste ou rasgado pelos partidos sediciosos. Uma cidade que agrada a um príncipe, ou a posse de uma província que serve para engrandecer um Estado pelos seus produtos, ou mesmo torná-lo, simplesmente, de maior área, é motivo de guerra. Se um povo é ignorante, simples, grosseiro ou fraco, ataca-se,

mata-se metade, sujeita-se a outra à escravidão, e tudo isto com o intuito de o civilizar. É muito gloriosa uma guerra quando um soberano generoso vem auxiliar um outro que o chama e que, depois de ter repelido o usurpador, se apodera dos Estados que socorreu, e mata, encarcera ou desterra o príncipe que tinha implorado o seu auxílio. Os laços de sangue, as alianças e os casamentos são outros tantos motivos de guerra entre os príncipes. Quanto mais achegado é o parentesco tanto mais estão aptos para se tornar inimigos. As nações pobres são famintas, as ricas ambiciosas. Ora, a indigência e a ambição gostam de mudanças e revoluções. Pelas razões expostas, vê Vossa Honra muito bem que entre nós o ofício de guerreiro é o mais bonito de todos. Que vem a ser um guerreiro? É um yahú assalariado para matar, a sangue-frio, os seus semelhantes, aqueles que ele nunca viu, que nunca lhe fizeram mal e de cuja existência talvez nem soubesse!

— Realmente, o que acabas de dizer com respeito às causas vulgares das vossas guerras dá-me uma alevantada ideia do vosso raciocínio! Sendo tão maus como sois, é grande bem para vós não terdes a possibilidade de fazer muito mal uns aos outros, porque, não obstante me haveres contado os efeitos terríveis das vossas guerras cruéis, em que tanta gente morre, creio, na verdade, que me disseste «uma coisa que assim não é»! A Natureza deu-vos uma boca chata, numa cara também chata. Logo não vejo que possais morder uns nos outros, sem que algum de vós a isso se preste. Quanto às garras que tendes nos pés dianteiros e traseiros, são tão curtas que um só dos nossos yahús rasgaria, com as suas, dúzias dos teus semelhantes!

Não pude deixar de abanar a cabeça e sorrir-me da ignorância de Sua Honra. Como sabia alguma coisa da arte da guerra, descrevi-lhe os nossos canhões, colubrinas, mosquetes, carabinas, pistolas, balas, pólvora, catanas e baionetas. Pintei-lhe os cercos às praças, as trincheiras, os ataques, as surtidas, as minas e contraminas, os assaltos e guarnições passadas a fio de espada. Expliquei-lhe as nossas batalhas navais. Representei-lhe os nossos navios metidos a pique com toda a sua tripulação, outros crivados de tiros, despedaçados, queimados no meio das águas; o fumo, o fogo, as trevas, os relâmpagos e a bulha da artilharia, os gemidos dos feridos, os gritos dos

combatentes, os membros saltando pelos ares, o mar ensanguentado, coalhado de cadáveres. Representei-lhe os nossos combates terrestres, nos quais se derramava ainda muito sangue, e onde quarenta mil combatentes morriam, de parte a parte. E, para engrandecer a intrepidez e o valor dos meus queridos patrícios, disse que os tinha visto, num cerco, fazer saltar pelos ares um cento de inimigos! Num combate naval tinha-os visto fazer melhor obra, ainda. Eram tantos os membros separados dos corpos daqueles yahús que pareciam cair das nuvens! O que havia constituído para nós um espetáculo muito agradável.

Queria continuar a fazer mais alguma descrição bela quando Sua Honra mandou que me calasse. E disse:

— É tão perverso o caráter dos yahús que não tenho dúvida alguma em acreditar na possibilidade do que me disseste, visto que lhes supões uma força e uma habilidade iguais à sua malvadez e malícia. Contudo, por pior que fosse a ideia que pudesse fazer sobre esses animais, nunca se aproximaria da que tu agora me deste a compreender. O teu discurso perturba-me o espírito e coloca-me numa situação em que nunca me encontrei. Receio que os meus sentidos, espantados com as horríveis imagens que delineaste, venham a acostumar-se a elas pouco a pouco. Odeio os yahús desta terra; mas perdoo-lhes todas as suas qualidades odiosas, já que a Natureza assim os fez e não lhes deu raciocínio para se governarem ou corrigirem. Mas que uma criatura que se preza de ser possuidora da razão seja capaz de cometer ações tão detestáveis e entregar-se a excessos tão horríveis é o que não posso compreender e que me obriga a tirar por conclusão que o estado dos brutos é preferível ao de uma razão corrompida e depravada. Mas, diz-me agora, de boa fé, a vossa razão é a verdadeira razão? Não será um talento com que a Natureza voa dotou para aperfeiçoardes todos os vossos vícios? Disseste-me mais do que era preciso a respeito do que chamas «a guerra». Há um outro assunto que também interessa a minha curiosidade. Parece-me que disseste que, naquele bando de yahús vindos contigo no navio, havia alguns miseráveis, arruinados e despojados de todos os seus bens pelas demandas, e que fora a lei quem os pusera nesse triste estado. Como pode ser que a lei produza semelhantes resultados? Demais, que coisa é a lei? Não vos basta a vossa

natureza e o vosso raciocínio, e não vos determinam eles, bem claramente, o que deveis fazer ou não fazer?

Respondi-lhe que não era muito versado na ciência da lei; que os poucos conhecimentos que possuía da jurisprudência os tinha adquirido no contacto com alguns advogados que, noutros tempos, consultara a respeito dos meus negócios; mas que, sem embargo, lhe diria o que sabia sobre o assunto. Portanto, falei assim:

— O número dos que entre nós se entregam à jurisprudência, e que exercem a profissão de interpretar a lei, é infinito e ultrapassa o das lagartas. Na sua agremiação encontra-se toda a sorte de distinções, graduações e títulos. Como a enorme multidão que a compõe torna o ofício pouco lucrativo, recorrem ao ardil e à indústria, para assim poderem, ao menos, adquirir os meios de subsistência. Aprendem, desde os primeiros anos, a arte maravilhosa de provar, por meio de um discurso intrincado, que o preto é branco, e o branco preto.

— São eles, então, que pela sua habilidade despojam os outros? — interrompeu Sua Honra.

— Sem dúvida alguma — repliquei. — E, para que possais compreender melhor o que vos disse, vou dar um exemplo entre muitos.

«Suponhamos que o meu vizinho deseja ter a minha vaca; vai logo em busca de um procurador, isto é: um douto intérprete da prática da lei, e promete-lhe boa recompensa se for capaz de demonstrar que a vaca não é minha. Não tenho eu então outro remédio senão o de falar também a um yahú da mesma profissão para defender o meu direito. A lei não me permite que seja o meu próprio defensor. Ora, eu, que seguramente tenho a justiça do meu lado, nem por isso deixo de encontrar dois obstáculos consideráveis: o primeiro é que o yahú a quem recorri para advogar a minha causa está acostumado desde a sua mocidade, por ofício e espírito profissional, a defender a falsidade, de sorte que se encontra fora do seu elemento quando lhe apresento a verdade nua e crua para defender; e não

sabe como desenvencilhar-se. O segundo obstáculo é que este mesmo procurador, apesar da simplicidade do negócio de que o encarreguei, se vê obrigado a embrulhá-lo, para se conformar com o uso dos seus confrades e para o empatar tanto quanto possível. Se assim não procedesse, acusá-lo-iam de estragar o negócio, ou introduzir maus costumes. Posto isto, para me livrar de apuros, tenho de proceder por duas maneiras: a primeira, ir ter com o procurador do meu vizinho e tratar de o subornar, oferecendo-lhe o dobro dos proventos que ele espera receber do seu constituinte. Creio bem que Vossa Honra não duvidará da maneira amável como ele recebe uma proposta tão vantajosa. O segundo meio, que talvez vos surpreenda, mas que não é menos infalível, consiste em recomendar ao yahú meu advogado que defenda a minha causa um pouco confusamente, de modo a dar a entender aos juízes que, efetivamente, a vaca talvez não seja minha, mas sim do meu vizinho. Então os juízes, pouco habituados aos casos claros e simples, prestarão mais atenção aos argumentos subtis do meu advogado, terão mas gosto de o ouvir, de contrabalançar o pró e o contra e, assim, estarão mais dispostos a julgar em meu favor do que se ele se limitasse a lhes provar, em quatro palavras, o direito que me assistisse. Uma das máximas dos juízes é que tudo quanto foi julgado foi bem julgado. Por isso, têm o maior cuidado em guardar num cartório as decisões anteriores; constituem o que se chama jurisprudência: são alegadas como autoridades e não há coisa alguma que não se prove ou justifique com a sua citação. Há uns tempos a esta parte vai-se abandonando o abuso que havia de dar tanta força à autoridade dos casos julgados. Citam-se sentenças pró e contra, trata-se de fazer ver que as espécies não podem ser sempre completamente semelhantes, e já ouvi dizer a um juiz muito entendido que as sentenças são para quem as alcança. Além disso, os juízes sempre atendem mais às circunstâncias do que à causa principal. Por exemplo, no caso da minha vaca, hão de querer saber se ela é vermelha ou preta, se tem os paus compridos, em que campo costuma pastar, quanto leite dá por dia, e outras coisas semelhantes. Depois de tudo isto vão consultar as decisões antigas. De tempos a tempos trata-se da causa. E por muito feliz me posso dar se ao cabo de dez anos ela já estiver julgada! É preciso observar também que as pessoas da lei têm uma linguagem particular, um fraseado próprio, um modo de se exprimir que os profanos não percebem.

«Nesta bela língua desconhecida é que as leis estão escritas, leis que se multiplicam até ao infinito e acompanhadas por exceções inumeráveis. Bem de ver que, neste labirinto, fácil será para o bom direito o desgarrar-se, ter a demanda mais justa dificuldade de ganhar; e que, se um estrangeiro, nascido trezentas léguas longe do meu país, se lembrasse de me vir disputar uma herança na posse de minha família desde trezentos anos, talvez nos fossem precisos trinta anos para concluir este pleito dificultoso.»

— É pena — interrompeu o meu senhor — que umas gentes com tanto engenho e talento não encaminhem o espírito noutra direção, e façam dele melhor emprego! Não valia mais que se ocupassem em dar lições de prudência e virtude e participassem ao público o que sabem? Porque estas gentes assim tão hábeis devem, sem dúvida alguma, conhecer todas as ciências.

— Está Vossa Honra enganado! Não sabem mais do que o seu ofício. Em todos os outros assuntos são os maiores ignorantes do Mundo, inimigos das belas-artes, das ciências, e nas relações vulgares da vida parecem estúpidos, mazombos, enfadonhos e descorteses. Falo na generalidade, porque alguns há espirituosos, agradáveis e galantes.

Capítulo 6

Não podia o meu senhor compreender como toda aquela raça de praxistas era tão malfazeja e temível.

Dizia ele:

— Que motivo os leva a causar tão considerável detrimento aos que necessitam do seu auxílio? E que queres tu dizer quando falas da recompensa que se promete a um procurador encarregado de uma causa?

— Dinheiro! — respondi-lhe de pronto.

Bastante me custou a fazer-lhe compreender o que significava esta palavra. Expliquei-lhe os diversos valores da nossa moeda, os metais de que é composta, a sua utilidade, e quanto era feliz quem possuía abundância daquelas coisinhas. Podia adquirir os mais belos vestidos, morar nos mais bonitos prédios, habitar nas casas de maior magnificência, comer bons bocados, dispor das mulheres mais formosas. Todos estes prazeres satisfeitos davam-nos vontade de experimentar outros mais custosos. Daí o facto de nos parecer que nunca tínhamos dinheiro bastante, o desejo insaciável de querermos mais, *e* quanto mais possuir mais desejar. O rico ocioso gozava do trabalho do pobre, o qual, para ter com que sustentar a sua vida miserável e a da sua família, suava desde manhã até à noite, sem um momento de repouso.

Sua Honra replicou:

— Como assim? Porventura, e sem exceção, não pertence a terra a todos os animais? Não têm todos, para seu sustento, o mesmo direito sobre os frutos que ela produz? Porque há de haver yahús com o privilégio e o exclusivo de recolherem esses frutos? E, quando alguém apareça com a pretensão de possuir maiores direitos sobre eles, não te parece que esse alguém deve ser, primeiro do que qualquer outro, aquele que pelo seu trabalho contribuiu para fertilizar a terra?

— Não, meu senhor! Aqueles que são obrigados a alimentar os outros, cultivando a terra, são justamente aqueles que morrem de fome.

— Agora diz-me o que querias tu dar a entender por aquelas palavras: «comer bons bocados».

Descrevi-lhe, então, os mais esquisitos manjares servidos às mesas dos ricos, as diversas maneiras de cozinhar as carnes e preparar os acepipes. Disse-lhe tudo quanto me veio à cabeça, consoante ao assunto: que para ter bons licores aparelhávamos navios e intentávamos longas e perigosas viagens marítimas; que para poder dar uma merenda decente a algumas fêmeas de qualidade, ou uma ceia a mulheres prazenteiras, era preciso mandar, primeiro, muitos navios às quatro partes do Mundo.

— Visto isso, a tua terra é muito miserável! Não produz sustento para os seus habitantes, nem água lá tendes, pois sois obrigados a atravessar os mares para encontrar que beber!

Repliquei-lhe que a Inglaterra, minha pátria, produzia três vezes mais sustento do que o necessário para alimentar os seus habitantes. Quanto a bebidas, usávamos fabricar uns licores magníficos com o sumo de certas frutas e extratos de algumas sementes. Numa palavra, nada faltava às nossas precisões. No entanto, para cevar o nosso luxo e intemperança,

mandávamos para terras estrangeiras o que nascia na nossa, e recebíamos das outras produtos nocivos, que nos vinham tornar doentes e viciosos. O amor do luxo, do prazer, do regalo, era a meta de todos os movimentos dos yahús. Para satisfazê-lo precisa-se enriquecer. Daí a produção de ratoneiros, ladrões, perjuros, lisonjeiros, subornadores, falsários, testemunhas falsas, mentirosos, jogadores, impostores, bazofiadores, escrevinhadores de livros ruins e de mau estilo, envenenadores, lascivos, sujeitos de fraseologia afetada, invertidos e espíritos fortes. Foi-me necessário definir todos estes termos.

Disse-lhe mais: que os trabalhos que sofríamos com a procura do vinho nas terras estranhas não eram causados pela falta de água no nosso país, ou de outro qualquer líquido bom para beber; mas sim porque o vinho, depois de bebido, nos dava alegria, nos fazia sair fora de nós mesmos, expulsava do nosso espírito as ideias sérias, povoava a nossa cabeça de imaginações doidas, tornava-nos afoitos, livres de terrores e da tirania da razão.

Ministrando aos ricos tudo quanto precisam é que o povo miúdo consegue ganhar o seu sustento. Quando estou na minha terra e vestido segundo a moda, trago em cima do meu corpo o fruto do trabalho de mais de cem artífices. Foram precisas muitas mãos para edificar uma casa, e adorná-la. Podemos orçá-las num milheiro. E cinco ou seis vezes mais foram as que contribuíram para vestir minha mulher.

Estive vai não vai a pintar-lhe o ofício de certos yahús, o qual consiste em passar a vida ao pé dos seus semelhantes que estão em riscos de perdê-la. Refiro-me aos médicos. Tinha dito a Sua Honra que a maior parte dos meus companheiros de viagem morrera de enfermidade. Mas ele, sobre o caso, possuía ideia muita imperfeita; cuidava que todos nós morríamos do mesmo modo, sem outra antecedência senão a de um momento de pesadelo e fraqueza achegado à morte; quando não feridos por desastre. Portanto, vi-me obrigado a explicar-lhe a natureza e a causa das nossas diferentes doenças. Comíamos sem ter fome, bebíamos sem ter sede. Passávamos a noite a engolir licores alcoólicos, que nos inflamavam as

entranhas, arruinavam o estômago, e espalhavam por todos os membros uma fraqueza e languidez mortais.

Havia certas fêmeas minadas por uma doença contagiosa e tão funesta que se transmitia pelo sangue e nascia connosco. Enfim, que seria um nunca acabar se lhe quisesse expor todos os males a que estávamos sujeitos. Havia, pelo menos, quinhentos ou seiscentos para cada membro, e cada parte do corpo interna ou externa possuía uma infinidade deles, seus particulares.

Para a cura destes males tínhamos yahús que se entregavam, unicamente, ao estudo do corpo humano. Pretendiam expulsá-los por meio de remédios eficazes, lutar contra a Natureza e prolongar as nossas vidas. Expliquei a Sua Honra, em consequência de ser do ofício, o método dos nossos médicos e os mistérios da medicina. Encontrei muito prazer nesta explanação.

— Suposto o caso de uma doença provir do estado repleto de um corpo, o que devemos concluir judiciosamente? Que é necessário evacuar o corpo sujeito, ou por baixo ou por cima. Por conseguinte o que nos compete fazer? Procurar gomas, minerais, ervas, óleos, escamas, sais, excrementos, cascas de árvores, serpentes, rãs, sapos, aranhas, peixes; compor, com tudo isto, um licor de cheiro e sabor abomináveis, que faz ânsias ao coração, horroriza e repugna aos sentidos, e mandar bebê-lo ao doente, se pretendemos produzir-lhe evacuação superior, isto é: vómito; ou introduzi-lo pelo buraco traseiro se pretendemos obter evacuação inferior, isto é: soltura. Dizem, com muita simplicidade, que a Natureza nos deu o orifício superior e visível para ingerir, e o inferior e oculto para exgerir. Ora, como a doença tem a propriedade de inverter a natural disposição do corpo, torna-se necessário que o remédio venha a obrar de modo a poder combatê-la. Portanto, é necessário transpor o uso dos orifícios, isto é: engolir pelo de baixo e evacuar pelo de cima.

Existem outras doenças que não residem mais do que na ideia. Os que se encontram atacados por elas tomam o nome de doentes imaginários.

Existem, também, médicos para os curar. Mas os nossos médicos, muitas vezes, aplicam-nos para enfermidades verdadeiras. Geralmente, esta espécie de doença de imaginação costuma assaltar as nossas fêmeas. Não nos causa grande atribulação o facto de as ver atacadas. Todos nós conhecemos certos específicos naturais, que podem curá-las sem dor.

Um dia, o meu senhor fez-me um cumprimento imerecido. Falando-lhe a respeito das pessoas nobres de Inglaterra, disse-me que se persuadia de que eu era fidalgo, em vista de ser asseado e mais bem feito do que todos os yahús da sua terra (ainda que lhes fosse inferior em força e agilidade, o que devia proceder de o meu modo de vida divergir do deles) e porque não só tinha a faculdade de falar mas também alguns princípios de raciocínio, que, para o futuro, mais se poderiam aperfeiçoar pela comunicação estabelecida com ele. Notificou-me que entre os Huyhnhnms se observava não serem os brancos e alazões escuros tão bem-talhados como os baios castanhos, os ruço-malhados e os negros. Não nasciam aqueles com os mesmos talentos e disposições que estes. Donde resultava ficarem toda a vida no estado de servos, que era o que lhes quadrava. Nenhum deles cuidava em sair da sua posição para se elevar à de senhor. Seria um caso estranho e monstruoso. É preciso, disse, que cada um se conserve no estado em que a Natureza o fez vir à luz. Todo aquele que pretendesse sair da sua classe, por ela marcada, ofendê-la-ia rebeldemente.

— Nasceste o que és, com toda a certeza. A tua nobreza, isto é: o teu juízo e mansidão, provém do Céu.

Dei a Sua Honra humilíssimas ações de graças pelo bom conceito que fazia de mim. Certifiquei-lhe, no entanto, que o meu nascimento fora baixíssimo. Meus pais, as únicas qualidades que possuíam eram a probidade e o orgulho de me haverem dado uma educação menos má. Disse-lhe que, entre nós, a nobreza nada tinha de comum com a ideia concebida por ele. Os nossos fidalgos desde a infância eram criados no ócio e no luxo. Logo que a idade lho permitia, estragavam as suas forças com as fêmeas depravadas, contraindo enfermidades odiosas. Quando

haviam gasto toda a sua fortuna e, portanto, se encontravam arruinados, casavam-se.

Com quem? Com fêmeas de baixa esfera, feias, malfeitas, doentias; mas ricas. Destas uniões surdiam filhos mal gerados, escrofulosos, disformes, amarfanhados. Se a fêmea não tinha a perspicácia de procurar remédio, implorando o auxílio de algum amigo caridoso, aquela progénie, assim degenerada, prolongava-se até à terceira geração. Disse-lhe que entre nós um corpo dessecado, magro, descarnado e enfermo era sinal infalível de nobreza. Quando um homem desta casta apresentava aspeto saudável e robusto, logo se suspeitava ser filho de algum criado da casa, resultado de algum desvio materno. E essas suspeitas, tanto mais acérrimas quanto o seu juízo fosse reto e elevado. Não sendo rombo, nem amaricado, asselvajado, caprichoso, dissoluto ou ignorante, insultavam-no por portas travessas.

Capítulo 7

Talvez o leitor se escandalize com os retratos fiéis que tracei da espécie humana e a sinceridade com que falei dela a um animal soberbo, que fazia já tão mau conceito dos yahús. Mas declaro sinceramente que o caráter dos Huyhnhnms e as suas excelentes qualidades virtuosas tinham produzido tal impressão no meu espírito que não podia compará-los connosco, os humanos, sem sentir enorme desprezo por todos os meus semelhantes.

Esse desprezo levava-me a olhá-los quase indignos de toda a consideração. O meu senhor possuía um caráter sumamente penetrante. Notava, dia a dia, na minha pessoa os enormes defeitos meus desconhecidos, ou considerados, quando muito, como levíssimas imperfeições. As suas judiciosas censuras sugeriram-me um espírito crítico e misantropo, e o amor que patenteava pela verdade levou-me a detestar a mentira e a evitar o disfarce nas minhas narrativas.

Confessarei, já agora, outro princípio da minha sinceridade. Depois de haver passado um ano com os Huyhnhnms, senti tanta amizade, respeito, veneração e estima por eles, que resolvi desde logo não mais pensar no regresso à minha terra, e acabar a conta dos meus dias naquela ditosa região, onde o Céu me havia conduzido para aprendizagem do culto da virtude. Se a minha resolução tivesse tido eficácia, nunca no Mundo vivera homem mais venturoso! Fui sempre um perseguido da fortuna, que não me permitiu o gozo de tanta ventura.

Agora, que estou em Inglaterra, estimo não ter dito tudo, e haver ocultado aos Huyhnhnms três quartas partes das nossas extravagâncias e vícios. Até encobri, quanto possível, os defeitos dos meus compatriotas. Ainda quando lhos revelava servia-me de restrições mentais, e tratava de dizer falsidades sem mentir. Não mereço desculpa?! Quem é que deixa de ser parcial quando fala do seu muito amado-país!

Até aqui levo transcrita a parte substancial das palestras com o meu senhor durante o tempo que tive a honra de ser hóspede. Para evitar prolixidade calei muitos assuntos.

Um dia, logo de madrugada, entrou-me o alazão no quarto para me dizer que Sua Honra queria falar-me. Vesti-me à pressa e apresentei-me. Mandou-me assentar pouco afastado de si (honra que ainda não me havia feito), e falou desta sorte:

— Meditei sobre tudo quanto tens dito a teu respeito e da tua pátria. Vejo claramente que tu e os teus patrícios possuem uma centelha de raciocínio, sem que possa descobrir como vos veio a caber esse pequeno quinhão. Vejo também que somente vos servis dele para aumentar os vossos defeitos naturais e adquirir outros que a Natureza vos não deu. É certo que te assemelhas aos nossos yahús pela figura exterior, e que, para seres completamente igual a eles, só te falta agilidade, força e garras mais compridas. Mas, quanto aos costumes, a semelhança é total. Odeiam-se mortalmente uns aos outros, e a causa a que nós costumamos atribuir esse ódio é eles aperceberem-se mutuamente da sua fealdade e odiosa figura, sem que nenhum repare na sua. Como vós tendes uma migalha de entendimento, e compreendestes que a vista recíproca da figura desagradável dos vossos corpos dava motivos a constantes colisões, lembrastes-vos de os cobrir, tanto por prudência como por amor-próprio. Mas, mau grado esta precaução, não deixastes de vos odiar, porque outros motivos de discórdia, que reinam entre os yahús, dominam também entre vós. Por exemplo, se deitamos a cinco yahús tanta carne quanta bastaria para fartar cinquenta, estes cinco animais, gulosos e vorazes, em lugar de

comerem com sossego o que se lhes dá em abundância, lançam-se uns aos outros, mordem-se, rasgam-se, cada um deles quer devorar tudo, de sorte que não temos outro remédio senão servi-los a um por um, e mesmo prender os que já estão saciados, para evitar que se lancem aos que ainda o não estão. Assim que os nossos yahús recebem a agradável notícia de que, na vizinhança, morreu uma vaca, de velhice ou desastre, saem todos a campo, rebanho contra rebanho, curral contra curral; e é ver quem há de levar de vencida e ficar com os despojos. Esmurram-se, arranham-se, rasgam-se, até que a vitória se incline para uma das partes. E se não se matam todos é porque não têm o raciocínio dos yahús da Europa para inventar máquinas destruidoras ou armas mortíferas. Em muitos sítios desta terra encontram-se umas pedras brilhantes, de diversas cores, a que os nossos yahús dão muito apreço. Quando as acham, esforçam-se por as desenterrarem; levam-nas para os cortelhos, e fazem montinhos que escondem solicitamente e vigiam de contínuo como se fossem tesouros, tendo sempre o máximo cuidado de que os companheiros lhos não descubram. Ainda não conseguimos conhecer a origem desta inclinação contranatural para as pedras brilhantes, nem o fim útil; mas agora me parece que a avareza dos vossos yahús, conforme disseste, também se encontra nos nossos. Duma vez furtei a um deles o seu querido tesouro. Apenas soube que lhe haviam tirado o objeto da sua paixão, pôs-se a urrar com quanta força tinha. Enfureceu-se e depois caiu prostrado pela fraqueza e languidez. Não comeu, nem dormiu, nem trabalhou enquanto não dei ordem a um dos meus servos para colocar o tesouro no lugar de onde o havia roubado.

«Então, voltou a tomar alento e alegria e teve o cuidado breve de esconder as suas joias noutro sítio. Acontece muitas vezes, quando um yahú encontra no campo uma destas pedras, aparecer um outro yahú a disputar-lha. Enquanto os dois andam à bulha, sobrevêm um terceiro que a leva, e põe, por este simples facto, ponto final à contenda. Pelo que me contaste, não é costume na tua terra decidirem-se as demandas com tanta rapidez e tão pouca despesa. Entre nós, os dois litigantes (se assim se podem chamar) o único prejuízo que sofrem é o de nem um nem outro ficar com a coisa disputada; ao passo que, no teu país, quando se entra em pleito, perde-se sempre o que se tem e não tem.

«Ataca às vezes os nossos yahús uma fantasia cuja causa ignoramos. Gordos, bem comidos, bem dormidos, tratados com carinho pelos donos, cheios de saúde e vigor, caem repentinamente num abatimento, num desgosto e negra melancolia que os tornam taciturnos e estúpidos.

«Neste estado, fogem dos seus companheiros, não comem, não saem; parecem cismar, sentados a um canto do cortelho, abismados em lúgubres pensamentos. Para os curar desta doença ainda não encontrámos mais do que um remédio, que consiste em despertá-los por meio de um tratamento um tanto áspero e empregá-los em trabalhos laboriosos. O emprego que então lhes damos distrai-lhes o espírito e acorda-lhes a vivacidade natural.»

Quando o meu senhor acabou de contar este facto, veio-me à lembrança a minha querida terra, onde tantas vezes sucede o mesmo, onde vemos criaturas carregadas de honras e bens, cheias de saúde e vigor, rodeadas de prazeres e a coberto da mínima inquietação, caírem de repente na tristeza e languidez, tornarem-se pesadas a si próprias, consumirem-se com reflexões quiméricas, afligirem-se, acabrunharem-se e, entregues a flatos hipocondríacos, nenhum uso fazerem da razão. Persuado-me de que o remédio conveniente para estas maleitas é o que se aplica aos yahús, e que uma vida laboriosa, árdua, serve de excelente regime contra a tristeza e a melancolia. Tenho experimentado em mim esta medicina, e aconselho o amigo leitor a experimentá-la quando se encontre em idêntico estado. Em todo o caso, para evitar a doença, dou-lhe de alvitre que nunca se entregue à ociosidade e, mesmo suposto que não tenha, por mal dos seus pecados, alguma ocupação terrestre, peço o consentimento para lhe observar que há certa diferença entre o não fazer nada e o não ter nada que fazer.

— Os nossos yahús — prosseguiu o meu senhor — têm paixão acérrima por uma raiz muito sumarenta. Procuram-na com afã, e chupam-na com extremo prazer e sem descanso. É vê-los, nessas ocasiões, como se acariciam, arranham, urram e fazem caretas, ou palram, dançam, atiram-se

ao chão, rebolam, e por fim adormecem na lama. As fêmeas dos yahús aparentam recear e fugir dos machos. Não consentem que eles as acariciem às claras, diante de outrem. A mínima familiaridade pública as ofende, escandaliza ou enfurece. Quando uma destas castas fêmeas vê passar nalgum sítio afastado um yahú jovem e perfeito, esconde-se por detrás de alguma árvore ou moita, mas de maneira que não fique tão escondida que o mocinho yahú não possa vê-la e aproximar-se. Depois foge, mas olhando sempre para trás, e encaminhando os seus passos com tanta perícia que o apaixonado yahú, seu perseguidor, a breve trecho a alcança e em sítio propício ao mistério dos seus desejos. De então por diante, todos os dias ela espera naquele sítio o seu novo apaixonado, que não deixa de ser pontual, enquanto lhe não acontece no caminho outra aventura semelhante e própria a tornar-lhe esquecida a primeira. A fêmea pelo seu lado também às vezes falta ao esperadoiro. É que a delícia da mudança agrada a ambos os lados. Tanto um como o outro apreciam a diversidade. O maior prazer de uma fêmea é ver dois machos lançarem-se por terra, morderem-se, arranharem-se, dilacerarem-se, por sua causa. Excita-os ao combate. Dá-se de prémio ao vencedor, entrega-se-lhe, para o arranhar mais tarde ou ser por ele arranhada; porque é sempre este o final dos seus amores. Querem apaixonadamente aos filhos. Os machos, que se julgam seus pais, adoram-nos, muito embora lhes seja completamente impossível a certeza de haverem contribuído para que eles nascessem...

Esperava que Sua Honra dissesse ainda mais com respeito aos costumes dos yahús, e que nenhum dos seus vícios lhe escapasse. Envergonhava-me, antecipadamente, o ter de assistir à desonra da minha espécie. Temia que ele descrevesse toda a casta de impudicícia que reina entre os yahús do seu país, o que seria a horrenda imagem das nossas devassidões em moda, onde a Natureza não é suficiente para os nossos desejos desenfreados, e onde ela por mais que procure a si mesma não consegue encontrar-se. Devassidões que deram azo a inventarmos prazeres desconhecidos aos outros animais, vícios imundos que só encontram semelhantes entre os yahús, e que a razão não conseguiu sufocar no nosso hemisfério.

Capítulo 8

Algumas vezes pedia ao meu senhor para me deixar ver os bandos de yahús daqueles sítios, a fim de observar-lhes os modos e propensões. Cônscio da raiva que eu lhes tinha, não receava Sua Honra que a vista e contacto com eles me corrompessem; mas sempre quis, receoso de algum acidente, que um corpulento alazão tostado, um dos seus criados fiéis e muito manso, fosse na minha companhia.

Os yahús tinham-me na conta de seu semelhante, mormente depois que me viram com as mangas arregaçadas e o peito descoberto. Quiseram-se, então, achegar a mim, e começaram arremedando-me, pondo-se muito empertigados sobre as patas traseiras, levantando a cabeça e espalmando uma das mãos na ilharga. Desatavam a rir à vista da minha figura. Nunca deixaram de me mostrar aversão. Seguiam neste caso o costume do macaco bravo na presença de um outro domesticado, que traz chapéu, casaco e meias.

Tive com eles uma única aventura. Num dia de grande calor, tomava o meu banho, muito sossegado, quando uma yahúa, ainda novinha, dando por mim, se deita à água, vem ao meu encontro, e desata a apertar-me com quanta força havia. Comecei a berrar como possesso. Temia que ela me esfolasse todo com as suas garras; mas, apesar da grande fúria de que estava possuída e da raiva que lhe chispava dos olhos, nem me fez a mais leve arranhadura. O alazão correu em meu auxílio e ato contínuo ela fugiu. Contei esta cena em casa. O meu senhor e toda a família riram às

escâncaras. Senti-me envergonhado e confuso. Não sei se deva notar que a yahúa em questão tinha os cabelos pretos e a pele mais trigueira do que as que até ali observara.

Como passei três anos completos naquela terra, com certeza que o leitor espera, a exemplo de todos os outros viajantes, que eu faça ampla relação dos habitantes dela, e exponha por miúdos os seus usos, costumes, modos e máximas. É o que vou tentar em poucas palavras.

Atendendo a que os Huyhnhnms, senhores e animais dominantes daquela região, nasceram todos com grande queda para a virtude, e nem mesmo concebem a ideia de maldade numa criatura de raciocínio, a sua máxima principal consiste em aperfeiçoar a razão e tomá-la para guia de todas as suas ações. Entre eles, a razão não produz problemas como entre nós, e não forma argumentos igualmente verosímeis pró e contra. Ignoram o que seja suscitar dúvidas, defender sentimentos absurdos, e máximas indignas ou perniciosas, com o auxílio da probabilidade. Tudo quanto dizem convence, porque não afirmam coisa alguma obscura, duvidosa, desfigurada ou disfarçada pelas paixões ou pelo interesse. Lembro-me da dificuldade que tive quando quis dar a conhecer ao meu senhor o que entendia pela palavra *opinião,* e a possibilidade de disputarmos muitas vezes, sendo raras aquelas em que chegássemos a um acordo. «Não é imutável a razão? — perguntava ele. — Não é só uma a verdade? Devemos afirmar como certo o que não é? Devemos negar positivamente o que não vemos claramente que pode ser? Por que razão moveis questões que a evidência não pode decidir, e sobre as quais, fosse qual fosse o vosso parecer, sempre encontraríeis a dúvida e a incerteza? Para que servem todas estas conjeturas filosóficas, todos esses vãos raciocínios em assuntos incompreensíveis, todas estas indagações estéticas e eternas disputas? Quem tem boa vista não anda aos encontrões. Quem possui razão pura e perspicaz não deve contestar. Se o fazeis é porque a vossa razão está coberta de trevas, ou porque odiais a verdade!»

Era a coisa mais admirável do Mundo, a forte filosofia deste cavalo. Nunca Sócrates raciocinou com tanta sensatez. Se lêssemos pela sua cartilha, faríamos menos desvarios na Europa. Mas nesses casos para que

serviriam as nossas bibliotecas, a reputação dos nossos sábios e o negócio dos livreiros? A república das letras ficaria sendo unicamente a da razão, e nas universidades apenas existiriam faculdades de bom senso.

Os Huyhnhnms amam-se uns aos outros, auxiliam-se, amparam-se e aliviam-se reciprocamente. Não se invejam; não têm ciúmes das felicidades dos vizinhos; não atentam contra a liberdade e vida do seu semelhante; cuidar-se-iam desgraçados se algum da sua espécie o fosse, e dizem, como dizia aquele antigo: *Nihil caballini a me alienum puto.* Não murmuram das vidas alheias; a sátira não encontra neles princípio nem meio; os superiores não oprimem os inferiores com o peso do seu grado e autoridade; a sua conduta, justa, prudente, moderada, não excita murmurações; a dependência é um laço, nunca um jugo; e o poder, sujeito sempre às leis da equidade, é respeitado sem ser temível.

Os seus casamentos são melhor assentes do que os nossos. O macho escolhe para esposa fêmea da sua cor. Um ruço-malhado casará sempre com uma ruça-malhada, e assim para os mais. Pelo que nunca se vê mudança, revolta ou míngua nas famílias. Os filhos são os pais por uma pena. Os seus brasões e títulos de nobreza consistem na cor, força, conformação e estatura, qualidades que se perpetuam na descendência. De tal forma que nunca vemos um soberbo e magnífico cavalo gerar um sendeiro, nem uma égua sendeira parir um formoso cavalo, como acontece muitas vezes na Europa. Não existem desavenças caseiras. A esposa é fiel ao marido, e o marido à esposa.

Um e outro, quando envelhecem, não esfriam as suas relações, pelo menos as do coração. Embora sejam permitidos, o divórcio e a separação nunca foram postos em prática. São sempre amantes os esposos, e elas sempre namoradas. Não são eles imperiosos e elas não são rebeldes. Nunca lhe deu o capricho, a uma esposa de huyhnhnm, de recusar a seu marido o direito que lhe assiste sobre ela, e que quase sempre se encontra em estado de manifestar-se.

A castidade recíproca é neles produto da razão e nunca do temor, preconceito ou atenção. São castos e fiéis porque assim prometeram e é preciso, tanto para conservar a doçura como a boa ordem de vida. É o único motivo que os leva a considerarem a castidade como virtude. Além disso, têm na conta de vício, condenado pela Natureza, a negligência da propagação da espécie, e aborrecem tudo quanto possa causar obstáculo ou demora ao cumprimento desse dever.

Educam os filhos com imenso cuidado. Enquanto a mãe atende ao corpo e à saúde, o pai cuida do espírito e da razão. Reprimem-lhes, quanto podem, os ímpetos e os ardores fogosos da mocidade. Casam-nos cedo, conforme aconselham a razão e os desejos da Natureza. Entretanto não consentem aos moços mais do que uma concubina, que mora sob o telhado paterno e entra no número dos criados da casa. Nas vésperas do casamento é costume despedi-la.

As fêmeas recebem quase a mesma educação dos machos, e lembro-me de o meu senhor achar desarrazoado e ridículo o nosso costume neste ponto. Dizia que metade da nossa espécie não possuía outro talento senão o de multiplicar.

O mérito dos machos consiste principalmente na força e ligeireza, e o das fêmeas na doçura e sujeição. Quando uma fêmea apresenta qualidades masculinas escolhe-se um macho com qualidades femininas. Assim, fica tudo compensado, e dá-se o caso de a mulher fazer de marido e o marido de mulher. O que também sucede entre nós, vezes bastas.

Os descendentes destes casais não degeneram, antes participam e perpetuam felizmente as propriedades dos seus progenitores.

Capítulo 9

Pouco mais ou menos três meses antes da minha partida da terra dos Huyhnhnms, houve lá uma assembleia geral da nação, espécie de Parlamento a que o meu senhor assistiu na qualidade de deputado pelo seu concelho. Tratou-se de uma questão que já tinha sido presente mais de cem vezes e era a única em que se encontravam divergentes os pareceres dos Huyhnhnms. Quando o meu senhor veio de lá fez-me pormenorizado relato do que se debatera sobre o assunto.

Tratava-se de decidir se se havia, ou não, de acabar com a raça dos yahús. Um dos membros sustentava a afirmativa e apoiava o seu parecer com diversas provas de muito peso e solidez. Alegava que o yahú era o animal mais disforme, malvado e perigoso que a Natureza produzira. Era também malicioso e indócil. Não pensava coisa alguma que não fosse em prejuízo dos outros animais. E, aqui, lembrou uma tradição antiga. Dizia-se nela que, nos tempos remotos, não existiam yahús naquela terra. Em século indeterminado apareceram dois daqueles bichos no alto de uma montanha. Aparecimento assim tão espontâneo fizera pensar aos huyhnhnms daquela era, e muito bem, que aqueles dois bichos desconhecidos provinham dos limos gordos e glutinosos, aquecidos pelos raios do Sol, ou da espuma do mar. Estes dois yahús geraram muitos outros. Multiplicou-se de tal modo a sua espécie que em pouco tempo toda a região estava infetada. Para obviar aos inconvenientes de uma multiplicação pavorosa, os antigos huyhnhnms organizaram montaria geral. Caçaram imensos. Mataram todos os velhos e deixaram ficar os mais novinhos, no intuito de os domesticarem o mais que fosse possível,

tratando-se de animal de tão má casta, para os aproveitarem a puxar os carros e a carregar cargas pesadas. Acrescentou que a lógica conclusão desta antiga notícia era os yahús não serem «ylnhniam-sky» (isto é: aborígenes). E mais acrescentou que os habitantes daquela terra, tendo tido a imprudente fantasia de se servirem dos yahús, haviam desprezado o emprego dos burros, excelentes animais, mansos, assujeitos, dóceis, sossegados, fáceis de contentar, incansáveis, e cujo único defeito consistia em possuírem voz um tanto desagradável; mas, ainda assim, muito menos do que a da maior parte dos yahús.

Arengaram sobre o assunto vários senadores. Todos eles demonstraram muita eloquência e muita diversidade de opinião. Levantou-se o meu senhor, a fim de propor um judicioso alvitre, ouvido, em tempos, à minha pessoa. Primeiro, confirmou a tradição popular e apoiou a proficiência do Honrado Membro que o precedera.

Depois, pediu licença à ilustre assembleia para expor o que se lhe oferecia sobre o caso na tela da discussão. Estava persuadido, e com boa base, de que os dois primeiros yahús tinham vindo de alguma região para além dos mares, e que haviam sido postos em terra e em seguida abandonados pelos seus companheiros. Procuraram refúgios pelas montanhas e nas florestas. Com o andar do tempo mudaram de natural, tornaram-se selvagens, ferozes, a completa antítese dos indivíduos da sua espécie e habitantes de países longínquos. A fim de aclarar e apoiar solidamente a sua proposição declarou que em sua casa morava havia tempo um yahú muito extraordinário! Alguns dos que ali estavam já mesmo o tinham visto. Narrou de que modo me encontrara. Depois, elucidou a maneira como o meu corpo se cobria com uma composição artificial fabricada de pelos e peles de bestas. Ouvira da minha boca a história do acidente que motivara a minha vinda àquelas paragens. E asseverou já ter visto o meu corpo despido, e observado, nessa ocasião, que estava na presença de um real e verdadeiro yahú. A única diferença, e bem pequena, consistia na pele branca, poucos pelos e as unhas muito curtas.

— Pois este yahú estrangeiro — prosseguiu erguendo a voz — pretendeu, certo dia, convencer-me de que, na sua terra e em todas as outras por onde tem andado, são eles os únicos animais dominantes, racionais e senhores! Os huyhnhnms estão lá sujeitos à miséria e à escravidão!

«Este meu hóspede, devo confessá-lo, apresenta todas as qualidades exteriores dos nossos yahús; mas o que é verdade é ser muito mais delicado e possuir alguns visos de razão. Não quero dizer com isto que o seu raciocínio se possa comparar com o de um huyhnhnm; mas o que é facto é possuir conhecimento e luzes muito superiores às dos seus semelhantes.

«Mas senhores! Agora vos vou dizer coisas que vos hão de causar espanto maior do que nunca! Peço, portanto, o favor de me ouvirdes com o máximo interesse. Quereis saber o que me disse? Acreditá-lo-eis? Pois certificou-me que na sua terra faziam eunucos os huyhnhnms ainda infantes, e isto com o fito de os tornar mais mansos e mais dóceis! A operação é fácil e sem nenhum perigo — assegura ele.

«Não é esta a primeira vez, meus senhores, que os brutos nos ensinam! E também não é aquela que seguimos o seu útil exemplo! Quem nos ensinou a arte de sermos industriosos e acautelados? A formiga. Quem nos deu os princípios da arquitetura? A andorinha. Por isso, concluo que se pode muito bem introduzir nesta terra o uso da castração para os yahús de menoridade. O proveito resultante dessa prática vê-lo-emos na mansidão, sujeição e procedimento dos mutilados, e com o andar do tempo na consequente diminuição da sua maldita ralé!

«Sou igualmente de parecer que se exortem todos os burricos. A falar verdade, merecem esses brutinhos, em tudo e por tudo, preferência aos yahús, e muito especialmente porque podem trabalhar desde a idade de cinco anos, o que não nos acontece com os outros. Todos nós sabemos que antes dos doze não podemos contar com eles.»

Tal foi o que meu senhor me participou sobre as deliberações parlamentares. Mas não disse outra particularidade, cujos efeitos senti em curto espaço de tempo. É a época terrível da minha desgraçada vida!

Antes de entrar neste assunto quero relatar ainda mais alguma coisa a respeito do caráter e costumes dos Huyhnhnms.

Não têm livros. Não sabem ler nem escrever. Por conseguinte, toda a sua ciência é tradicional. Como é um povo sossegado, equitativo, prudente, vigoroso, muito dado à razão e sem comércio com povos estranhos, são raríssimos os grandes acontecimentos, e os factos mais importantes da sua história podem guardar-se na retentiva sem custo e sem pejamento.

Não têm doenças nem médicos. Encontro-me inapto para julgar se a falta de médicos é que dá causa à falta de doenças, ou vice-versa. Às vezes aparecem-lhes pequenas indisposições. Curam-se facilmente, e sem intervenção de estranhos, porque possuem perfeitos conhecimentos sobre plantas e ervas medicinais. Entregam-se ao estudo da botânica quando andam a passear e muitas vezes até na ocasião dos repastos. Daí o facto de possuírem ciência curandeira.

É bela e harmoniosa a sua poesia. Não perde tempo com brincadeiras familiares ou rasteiras; não emprega linguagem afetada ou ingresias ridículas; não pretende ser epigramática; nem se perde com subtilezas obscuras, antíteses pueris, agudezas espanholas, conceitos italianos ou figuras exageradas de Orientais. Formam-lhe o caráter e a essência: a agradabilidade e justeza dos símiles, a riqueza e exatidão das descrições, e o nexo e vivacidade das imagens. O meu senhor recitava-me algumas vezes trechos admiráveis dos seus melhores poemas. Era um encantamento! Julgava-me a ouvir Homero, Virgílio ou Milton!

Ninguém se regozija ou aflige com a morte de um huyhnhnm. Os parentes mais chegados e os amigos íntimos olham para a sua perda sem lágrimas e com indiferença. O moribundo também não mostra grandes

saudades da vida. Dá ares de quem acaba uma visita, de quem se despede de companheiros de jornada. Lembro-me de que, tendo o meu senhor mandado convite a um amigo e toda a sua família para vir tratar com ele certo negócio de importância, e tendo marcado o dia e a hora, muito nos admirámos de os não ver chegar a tempo. Depois de longa espera apareceu a esposa com os seus dois filhos e disse, logo de entrada, que lhe desculpassem o ter vindo àquela hora: mas que o marido morrera de manhã, vítima de desastre. Não disse *morrer,* pois que semelhante termo é entre eles considerado descortês, usou da palavra *shnuwnh,* que traduzida à letra significa *ir ter com a sua avó.* Durante o tempo que se demorou lá em casa mostrou-se muito alegre. Passados três meses, depois de uma agonia bastante agradável, também esta égua morreu alegremente. Os Huyhnhnms atingem setenta, setenta e cinco, e alguns oitenta anos de idade. De ordinário, preveem a morte com algumas semanas de antecedência. Nestas circunstâncias recebem todos os amigos que lhes aparecem a dar as boas-idas. É raro enganarem-se nos seus cálculos. Portanto, dez dias antes do óbito, vão pagar as visitas recebidas, levados numa caleça puxada por yahús. Despedem-se usando todas as formalidades; dizem-lhes o último adeus de cerimónia, à laia de criaturas que trocam qualquer região por outra, onde tencionam estabelecer-se para o restante da vida.

Não deixarei sem registo que os Huyhnhnms carecem de termos expressivos para o que é mau. Servem-se, por isso, de metáforas tiradas da fealdade e mais qualidades dos yahús. Assim, quando querem falar dos defeitos de um criado, da culpa de algum dos filhos, de uma topada, do tempo chuvoso ou frio, e outras coisas à proporção, dizem o nome da coisa acrescentando-lhe o epíteto «yahú». Por exemplo: *hhhm yahú, whnaholm yahú, ynlhmndwihlma yahú,* referem-se ao que acima disse e, quando pretendem declarar que uma casa está mal construída, falam da seguinte maneira: *ynholmhnmrohlnw yahú*!

Se o meu estimável leitor desejar obter mais amplos esclarecimentos a respeito dos usos e costumes dos Huyhnhnms, peço-lhe que tenha a bondade e a paciência de esperar a publicação de um grosso volume in-quarto que estou a compor sobre o assunto. Brevemente sairá à luz o

prospeto anunciador. Tenho a certeza de que os amáveis e caridosos subscritos não hão de dar o seu tempo e dinheiro por mal-empregados.

Entretanto rogo-lhes a fineza de se contentarem com este resumo e a permissão de prosseguir no relato das minhas aventuras.

Capítulo 10

Fui sempre amigo da ordem e economia doméstica. Em qualquer situação que me tenha encontrado, sempre procedi de forma a regularizar e industriar o meu modo de viver. Sua Honra marcou terreno para minha moradia em sítio distante de sua casa coisa de seis passos.

Consistia numa choça feita ao uso da terra, semelhante à dos yahús, desagradável e incómoda. Que fiz?

Fui buscar barro para revestir as paredes, madeira para assoalhar o chão, e urdi uma esteira de junco para cobrir a moradia. Apanhei cânhamo, que por lá crescia sem cultura, limpei-o, fiei-o, e do fio fabriquei uma espécie de pano. Enchi-o de penas e assim arranjei a cama. Com a minha faca e ajuda do cavalo alazão talhei mesa e cadeira. Quando o fato se me esfarrapou agenciei outro de pele de coelho e de uns animais chamados *nimhnoh,* que são muito bonitos e quase do mesmo tamanho. É finíssimo o pelo deles. Serviu-me para fazer meias excelentes. Talhei para solas dos sapatos pedaços de madeira muito adelgaçados, e substituí o cabedal por pele de yahú. Quanto a comida, além da que já disse, apanhava mel dos troncos das árvores e comia-o com o pão de aveia. Nunca ninguém experimentou tanto como eu quanto a Natureza facilmente se contenta, e quanto a necessidade é mãe da invenção.

Gozava excelente saúde e uma paz de espírito inalterável. Não me via exposto à inconstância ou traição dos amigos, nem às ciladas dos

inimigos. Não tinha tentações de ir vergonhosamente fazer corte a um titular ou à sua concubina, para alcançar a honra da sua proteção ou benevolência. Não era obrigado a precaver-me contra a fraude e a opressão. Não havia por lá espiões, acusadores assalariados, nem Lord Mayor crédulo, político, estouvado ou malfazejo. Não temia ver a minha honra menoscabada pelas acusações absurdas, nem a liberdade vergonhosamente roubada por conspirações indignas, nem ordens de prisão sacadas por alicantina. Não havia lá médicos para me assassinarem, nem solicitadores para me arruinarem, nem autores para me enfastiarem. Não me encontrava rodeado de zombadores, mofadores, murmuradores, censores, caluniadores, caloteiros, ratoneiros, gracejadores inconvenientes, espíritos fortes, hipocondríacos, faladores, caturras, facciosos, sedutores e sábios de má morte. Não havia por lá mercadores fraudulentos, peralvilhos, loquazes afetadores, desenxabidos, delicados, namoradores adamados, presumidos, espadas de arrasto, bêbados, invertidos e pedantes. Não sujava os meus ouvidos com a audição de discursos licenciosos ou ímpios. Nem via um maroto guindado à riqueza e superioridade, nem um homem de bem a braços com a sua virtude, como se fosse a mau fado.

Tinha a honra de conversar muitas vezes com os senhores huyhnhnms que vinham a nossa casa. O meu senhor sempre consentia que eu entrasse à sala quando eles estavam. Faziam-me os circunstantes as suas perguntas, às quais tinha a honra de responder. Sua Honra, muitas vezes, levava-me consigo a ver as pessoas da sua amizade. Só falava quando me dirigiam a palavra. Fazia figura de ouvinte com uma satisfação infinita. Tudo o que ouvia era útil e agradável, sempre expressado em poucas palavras e graciosas. Guardavam sem cerimónia o mais escrupuloso decoro. Cada um dizia e ouvia o que lhe era de agrado. Ninguém interrompia o discurso de outrem, nem lhe quebrava a cabeça com fastidiosas e prolongadas narrativas. Não disputavam, nem se debatiam com chicanas.

Tinham por máxima serem convenientes numa assembleia longos silêncios de quando em quando. Creio na eficácia deste preceito. Nestes intervalos, ou espécie de tréguas, o espírito enche-se de novas ideias. Donde resulta prosseguir a conversa com mais alma e vivacidade. Versavam as conferências, em regra, sobre os proveitos e agrados da

amizade, deveres da justiça, bondade, ordem, trabalhos admiráveis da Natureza, tradições antigas, condições e limites da virtude, regras invariáveis da razão; algumas vezes sobre as deliberações da próxima assembleia do Parlamento, e muitas sobre o merecimento dos seus poetas e qualidades do belo em arte.

Posso dizer, sem vaidade, que algumas vezes contribuí para a conversa, quero dizer, dava azo a raciocínios muito bonitos; porque o meu senhor lhes falava das minhas aventuras e da história da minha pátria. O que lhes motivava algumas reflexões pouco honoríficas para a raça humana. Por esse motivo não as refiro. Só direi que o meu senhor mostrava conhecer, melhor ainda do que eu, a natureza dos yahús habitantes de outras regiões. Descobria a origem de todos os nossos desvarios; discorria profundamente sobre a matéria dos nossos vícios e loucuras; e adivinhava milhares de coisas de que nunca lhe tinha falado. Não deve isto parecer incrível, pois conhecia a fundo os yahús da sua terra. Supondo-lhes um pequeno grau de razão, calculava quanto seriam capazes de fazer com a ajuda deste aumento, e a sua estimativa dava sempre certa.

Confesso sinceramente que as poucas luzes e filosofia que hoje possuo tirei-as das sábias lições daquele querido mestre e das conversas que tive com todos os seus judiciosos amigos, conversas de muito maior proveito do que as doutas conferências das Academias de Inglaterra, França, Alemanha e Itália.

Tinha para com todas estas ilustres personagens admiração respeitosa e ao mesmo tempo temor. Estava-lhes muito reconhecido pela bondade que mostravam, dignando-se não me confundirem com os yahús e por julgarem-me, talvez, um ente menos imperfeito do que os da minha terra.

Quando me lembrava da minha família, amigos, patrícios e de toda a raça humana, em geral, via-os como verdadeiros yahús, quer na figura, quer no caráter, somente um tanto mais civilizados, possuindo o dom da palavra e uma grainha de razão. Quando contemplava o meu rosto na água límpida de um regato, depressa fugia daquele espelho, por não poder

suportar a vista de um animal que se me apresentava tão disforme como um yahú. Os meus olhos, acostumados à figura nobre dos Huyhnhnms, só neles encontravam beleza animal. À força de os ver e de lhes falar adquiri muitos dos seus modos, gestos, posturas e maneira de andar. Por isso hoje, que estou em Inglaterra, dizem-me os amigos que troto como um cavalo. A falar e a rir, parece que rincho. Oiço censuras diárias, por causa destes costumes. Não me importa.

Gozando neste estado as doçuras de um perfeito descanso, cuidando-me tranquilo e sossegado para o resto dos meus dias, pois a minha situação era a mais agradável e a mais digna de inveja, mandou, certo dia, chamar-me o meu senhor mais cedo do que de costume. Quando cheguei à sua presença, encontrei-o sério, um pouco inquieto e embaraçado, querendo falar e não podendo abrir a boca. Depois de um longo silêncio melancólico, exprimiu-se desta maneira:

— Não sei, meu caro filho, a impressão que te possa causar o que sou obrigado a dizer-te. Saberás que, na última assembleia parlamentar, quando se tratava da questão dos yahús, um deputado representou que era coisa indigna e vergonhosa ter eu em minha casa um yahú tratado como se fosse um huyhnhnm. Que ele, deputado da nação, me tinha visto conversar contigo e tomar tanto gosto com a conversa como se tu fosses um dos meus semelhantes! Que era um procedimento contrário à razão e à Natureza e que nunca, em tempo algum, se tinha ouvido falar de coisa semelhante! Em consequência disto a assembleia exortou-me a fazer de duas coisas uma: ou degradar-te para a companhia dos meus yahús, que em breve vão ser mutilados, ou mandar-te para a terra de onde vieste. A maioria dos membros que te conhecem e que te têm visto em minha casa ou nas suas rejeitou a alternativa. Sustentaram que seria injusto e contrário ao decoro atirar-te para o meio dos yahús desta terra, visto que tens princípios de razão e que seria muito para temer que tu lha comunicasses, o que, necessariamente, fá-los-ia tornarem-se ainda mais maldosos. Além de que, na convivência com eles, podias armar uma conspiração, amotiná-los, guiá-los para a floresta ou para a montanha, depois armares-te em cabecilha e vires cair sobre nós para dilacerar e destruir. Este conselho foi aprovado por maioria. Portanto, exortaram-me a despedir-te sem mais

delongas. Mandam-me que execute hoje a sua deliberação. Não posso demorá-la. Aconselho-te a que te deites a nado ou, então, construas um pequeno edifício semelhante ao que te trouxe aos nossos sítios, como tu me descreveste, e que voltes por mar como vieste. Todos os meus criados e, se for preciso, os dos vizinhos te prestarão ajuda. Se dependesse só de mim, ter-te-ia conservado no meu serviço por toda a vida. As tuas inclinações são assaz boas; tens-te emendado de muito defeitos e maus costumes; e tens feito todo o possível (tanto quanto te permite a tua desgraçada natureza) para te conformares com a dos Huyhnhnms.

(Noto, de passagem, que os decretos da assembleia geral da nação dos Huyhnhnms são sempre chamados «hnhloayn», que quer dizer «exortação». Não compreendem que se possa obrigar a constranger uma criatura racional, como se ela fosse capaz de desobedecer à razão.)

Este discurso feriu-me como um raio. Ato contínuo, as forças abandonaram-me. Não pude resistir à enorme impressão de desespero e dor. Caí desmaiado aos pés de Sua Honra. O meu abatimento era tanto que me julgou morto. Quando tornei a mim, disse-lhe, com a voz fraca e o rosto aflito, que, muito embora não estivesse na minha alçada censurar a exortação da assembleia geral nem a solicitação de todos os seus amigos que instavam com ele para que me pusesse fora, me parecia, no meu fraco entendimento, que bem podiam ter proferido pena menos rigorosa. Que me era impossível deitar-me a nado, pois o muito que poderia nadar seria uma légua e a terra mais próxima não se encontrava, talvez, amenos de cem. Com respeito à embarcação, nunca encontraria naquele sítio o necessário para seu fabrico. Apesar da completa impossibilidade de proceder como me aconselhava, obedeceria, considerando-me de antemão como criatura condenada à morte. Não me assustava a próxima vinda da morte, antes a considerava como o melhor remédio para os meus males futuros. Suposto o caso de poder atravessar os mares e voltar para o meu país, devido a qualquer extraordinária e inesperada aventura, teria, então, a infelicidade de encontrar somente yahús, e seria obrigado a passar o resto da minha vida na sua companhia e recair, a breve trecho, nos seus maus costumes. Sabia muito bem que as razões alegadas pelos Srs. Huyhnhnms eram de grande solidez e impossíveis de contradizer por um mísero yahú como eu.

Aceitava o seu oferecimento com respeito aos criados para me auxiliarem na construção do barco. E pedi-lhe a esmola de consentir na demora necessária para a feitura de uma obra destinada à conservação da minha pobre vida. Asseverei por último a Sua Honra que, se alguma vez eu pusesse pé em Inglaterra, faria tudo quanto humanamente me fosse possível para ser útil aos meus patrícios. Pintar-lhes-ia a raça ilustre dos Huyhnhnms, descrever-lhes-ia as virtudes deles, propondo-os como exemplo digno de ser seguido por todo o género humano. Respondeu-me Sua Honra, em poucas palavras, que me concederia dois meses para a construção do barco, e ao mesmo tempo deu ordem ao alazão meu camarada (em Inglaterra é-me permitido dar-lhe este nome) para seguir as minhas instruções.

A primeira coisa que fiz foi dirigir-me com ele ao local da costa onde abordava. Subi a um pináculo e, espraiando a vista pela imensidão das águas, divisei uma ilha para nordeste. Com o meu óculo consegui vê-la perfeitamente e calcular que demorava à distância de seis léguas. O alazão dizia que era uma nuvem. O motivo do seu dito provinha de nunca haver visto outra terra além daquela onde tinha nascido, e não possuir o golpe de vista necessário para distinguir no mar os objetos distantes. Para quem havia passado a vida sobre as águas era trabalho fácil e constante prática. Resolvi abordar àquela ilha logo que a embarcação estivesse pronta.

Voltei para casa mais o camarada. Depois de havermos conversado sobre o assunto, dirigimo-nos a uma floresta um pouco distante, onde eu, com a minha faca, e ele, com um calhau aguçado, cortámos a madeira necessária para a obra. Para não aborrecer o leitor com as minudências da nossa faina, basta dizer que ao cabo de seis semanas armámos uma espécie de piroga, mas muito mais larga, revestida de peles de yahús, cosidas umas às outras com fios de cânhamo. Cortei uma vela com a mesma qualidade de peles, procurando as que fossem de animais novos, porque as dos velhos eram mais duras e de maior espessura. Arranjei quatro remos. Provi-me de carne cozida de coelho e de pássaros, de duas vasilhas cheias de água e outra de leite.

Experimentei a canoa num tanque e lá lhe emendei os defeitos que apresentava, tapando-lhe as fendas com sebo de yahú, tratando, enfim, de a pôr em estado de poder comigo e com a pequena carga de mantimentos e apetrechos. Coloquei-a numa carreta puxada por yahús, sob a vigilância do alazão e do outro criado, que foram largá-la na praia.

Depois de tudo pronto e chegando o dia da partida, despedi-me do meu senhor, da senhora sua esposa e de toda a família. Tinha os olhos rasos de água e o coração traspassado de dor. Sua Honra, não sei se por curiosidade, se por simpatia, quis-me ver na canoa e veio à praia com muitos dos seus amigos da vizinhança. Tive de esperar a maré mais de uma hora. Logo que senti vento de feição para abordar à ilha distante, disse o último adeus ao meu senhor. Prostrei-me a seus pés para lhos beijar. Fez-me a honra de levantar o direito dianteiro e chegá-lo a meus lábios. Se falo nisto não é por vaidade. Sigo as pisadas de todos os viajantes que têm sempre a cautela de não deixar no olvido as honras extraordinárias que recebem. Fiz cortesias profundas a toda a bela assistência. Saltei para a canoa e afastei-me da praia.

Capítulo 11

Iniciei esta viagem no dia 15 de fevereiro de 1715, às nove horas da manhã. Embora o vento fosse de feição, servi-me dos remos. Reconsiderando que dentro em pouco estaria cansado, e o vento podia mudar, aventurei-me a içar a vela. De vento em popa e ajudado pela maré, singrei durante hora e meia. O meu senhor e a bela assistência conservaram-se na praia até me perderem de vista. Ouvi repetidas vezes o querido alazão gritar: «Hnuy illa nyhamajah yahú!», o que queria dizer: «Toma cautela, gentil yahú!»

Era meu intuito empregar todos os esforços para descobrir alguma ilhota deserta onde apenas encontrasse de comer e vestir. Figurava-se-me situação mil vezes mais feliz do que a de um primeiro-ministro. Horrorizava-me a ideia de voltar para a Europa, de me ver obrigado à vida da sociedade e sujeito aos yahús. Na feliz solidão que procurava, esperava passar suavemente o resto dos meus dias, entregue à minha filosofia, gozando com os meus pensamentos, sem outro fito que o supremo bem, nem outro prazer do que o testemunho da minha consciência, e sem estar exposto ao contágio dos vícios vergonhosos da minha detestável espécie, tão bem denunciados pelos Huyhnhnms.

O leitor decerto se lembra do que lhe disse com respeito aos da equipagem do meu navio, quando se revoltaram e me prenderam na câmara, onde estive durante algumas semanas, sem saber o destino que o navio levava, e onde me foram buscar para me conduzirem a terra e me

abandonarem, sem, ao menos, dizerem em que sítio me encontrava. Inferi de algumas conversas ouvidas no navio, com respeito ao intento de irem a Madagáscar para a recruta de gente, que estaríamos a dez graus para o sul do cabo da Boa Esperança e a quarenta e cinco de latitude meridional, pouco mais ou menos. Embora fosse isto simples conjetura, tomei a resolução de singrar para leste na esperança de arribar à costa da Nova Holanda por sudoeste, e daí seguir rumo de poente na direitura de alguma das ilhotas que lhe ficam próximas. Soprava vento do oeste, e às seis horas da tarde calculei ter já navegado dezoito léguas para leste.

A essa hora descobri um ilhéu, distante, quando muito, légua e meia. Alcancei-o num curto espaço de tempo. Era um simples rochedo com uma baía estreita, formada pelos temporais. Fundeei. Trepei ao rochedo. E avistei, para leste, uma terra que se estendia na direção sul-norte. Passei a noite na canoa. No dia seguinte, apenas madrugou, comecei a remar forte. Eram sete horas quando cheguei a um sítio da Nova Holanda, que fica a sudoeste. Vi confirmada a minha opinião de longa data, a qual vem a ser que os mapas-múndi e as cartas geográficas marcam esta região mais para leste, do que realmente está, a bagatela de três graus. Creio que já fiz ciente, há muitos anos, o meu ilustre amigo Hermann Moll deste meu pensamento e lhe expliquei os motivos. Mas ele entendeu continuar no erro e seguir a turba dos geógrafos.

Não encontrei alma viva no sítio do desembarque. No entanto, como vinha desarmado, não me aventurei pela terra dentro. Entretive-me a apanhar marisco. Não me atrevi a fazer fogueira para o assar, com receio de ser pressentido pelos naturais.

Durante os três dias que vivi escondido naquele recanto sustentei-me de ostras e mexilhão, para evitar o consumo dos mantimentos da viagem. Tive também a felicidade de encontrar um regato. A água era límpida e excelente para beber.

Ao quarto dia, tendo caminhado para o interior um pouco além do que costumava, divisei vinte a trinta nautrais sentados num outeiro, que podia

distanciar de mim apenas os seus quinhentos passos. Estavam todos nus, homens, mulheres e crianças, e aqueciam-se em volta de uma fogueira. Um deles, avistando-me, mostrou-me aos outros. Logo se puseram cinco a caminho. Assim que os vi tomar rumo direito a mim, desatei a fugir para a beira de água, saltei na canoa e larguei a remar com toda a força. Seguiram-me ao longo da costa e, como eu não estava ainda bastante afastado da margem, largaram uma flecha que me apanhou o joelho esquerdo e produziu ferida larga, cuja cicatriz ainda hoje conservo. Temi que a flecha estivesse envenenada. Remei ainda mais forte e, assim que me encontrei fora de alcance, tratei de chupar a ferida e ligar o joelho conforme pude.

Encontrava-me bastante inquieto. Não me atrevi a tornar para o sítio onde me haviam atacado e, como era obrigado a seguir para o norte, precisava de não abandonar os remos, porque o vento soprava de nordeste. Olhando para todos os lados, para ver se conseguia descobrir qualquer ponto para onde me pudesse dirigir, lobriguei, a nor-nordeste, uma vela que a cada instante mais e mais ia aumentando. Estive indeciso, por momentos, entre se devia aproximar-me dela ou afastar-me. Por fim, o horror concebido a toda a raça dos yahús levou-me à resolução de virar de bordo e recuar para o sul, direito à baía donde saíra de madrugada, mais disposto a sujeitar-me ao perigo que pudesse correr do que ao contacto com os yahús. Aproximei a canoa da praia o mais que foi possível, e procurei esconderijo pouco distanciado. Serviu-me, a propósito, um pequeno rochedo achegado ao regato em que falei há pouco.

O navio aproximou-se da baía coisa de meia légua. Arriaram a lancha, carregaram-na de barris e remaram para terra. Vinham fazer aguada. Por causa do regato era esta paragem muito frequentada pelos navegantes. Logo que os marinheiros se aproximaram, deram tento da minha canoa. Revistaram-na. Foi-lhes fácil perceberem que o dono não podia estar muito longe. Quatro deles, armados até ao dentes, foram à busca por aqueles contornos. Ao cabo, deram comigo detrás do rochedo, deitado de bruços. Surpreendeu-os o meu todo, a vestimenta de peles de coelho, os sapatos de pau e as meias peludas. Conjeturaram que não fosse daqueles sítios, pois que ali andavam os habitantes todos nus. Um deles mandou-me

levantar e perguntou-me em português quem eu era. Cumprimentei-o respeitosamente e respondi-lhe na mesma língua ser um nobre yahú desterrado dentre os Huyhnhnms, e que lhes pedia a fineza de me deixarem ir embora.

Ficaram admirados de me ouvir falar a sua língua. Perceberam pela minha cor que estavam na presença de um europeu. Mas o que os confundia era o caso de não saberem o que eu queria dizer com as palavras «yahú» e «huyhnhnm». A inflexão da minha voz, de todo em todo parecida com o rinchar dos cavalos, fê-los rir à farta.

Foi tanto o ódio e o terror que se apoderou de mim que não pude deixar de lhes voltar as costas e procurar terreno para caminhar direito à canoa. Agarraram-me, obrigaram-me a dizer-lhes donde vinha, qual a minha terra e outras perguntas semelhantes. Respondi-lhes que tinha nascido na Inglaterra, donde havia saído cinco anos atrás, e que nesse tempo o meu país e o deles estavam em boa paz e harmonia. Por isso esperava que não me tratassem como inimigo, não só porque lhes não fazia nem queria mal algum mas também porque não passava de um pobre yahú à procura de qualquer ilha deserta onde pudesse viver sossegado e só o resto da sua vida mal-aventurada.

Às primeiras palavras que lhes ouvi fiquei atónito! Pareceu-me estar na frente de um prodígio! Era tão extraordinário para mim o ouvir um homem falar como pode ser hoje, em Inglaterra, encontrar-me com um cão ou uma vaca que tenham o dom da palavra.

Responderam-me, usando de toda a amabilidade e cortesia possíveis, que não me afligisse, pois estavam certos de que o capitão não teria dúvida alguma em me receber a seu bordo e levar-me de graça para Lisboa, donde podia facilmente seguir para Inglaterra; iriam dois, ato contínuo, ter com ele, para o informarem do que se passava e receberem ordens; mas que, se lhes não desse a minha palavra de honra em como não estava disposto a fugir-lhes, viam-se obrigados a prender-me. Respondi-lhes que fizessem de mim o que entendessem.

Mostraram vontade de saber a minha história aventurosa. Dei-lhes mostras de quem não está para conversas. Concluíram que as desventuras sofridas me haviam transtornado o espírito. Passadas duas horas, a lancha voltou. Traziam ordem para me conduzir a bordo, sem perda de tempo. Pus-me de joelhos, roguei-lhes, encarecidamente, que me deixassem, que não me tolhessem a liberdade de viver a minha nova vida, mais foi debalde. Agarraram-me, amarraram-me, atiraram-me para o monte de barris da água. O capitão estava na câmara. E foi assim amarrado que me levaram à sua presença.

Chamava-se D. Pedro Mendes esta criatura generosa e delicada. Mandou que me desligassem. Depois, pediu-me o favor de lhe dizer quem era. Ouviu tudo, atentamente. Quando acabei perguntou-me o que queria comer e beber. Asseverou-me que seria tratado como ele. Rendeu-me tantos obséquios que fiquei pasmado de encontrar tamanha bondade num yahú! Apesar de tudo, mostrava-me sombrio, taciturno e agastado. A única resposta que dava aos seus reiterados obséquios era a de possuir mantimentos suficientes na minha canoa. No entanto, mandou que me servissem um frângão assado, vinho frio e me fizessem boa cama num dos melhores beliches. Deitei-me vestido. Passada meia hora, quando percebi que a equipagem jantava, saí à socapa com a ideia de me deitar ao mar e fugir a nado. Sentia a impossibilidade de me sujeitar a viver com os yahús! Um dos marinheiros pressentiu-me. Avisou o capitão.

Recebeu ordens terminantes para me fechar no beliche.

Depois do jantar, D. Pedro veio ter comigo e quis saber qual o motivo que me havia levado a empresa de tanta desesperança. Asseverou-me que o seu único intento era tornar-se-me agradável. Falou de um modo tão comovedor e persuasivo que principiei a considerá-lo como animal provido de algum raciocínio. Narrei-lhe em poucas palavras a história da minha viagem, a revolta dos meus tripulantes e a resolução por eles tomada no tocante à minha pessoa. Informei-o dos três anos passados entre os Huyhnhnms, cavalos falantes, racionais e boas pessoas. Levou tudo à

conta de visões e mentiras, no que me ofendeu em extremo. Disse-lhe que não sabia mentir desde que deixara os yahús da Europa. Na região dos Huyhnhnms a mentira era desconhecida. Demais, ele podia muito bem acreditar ou deixar de acreditar; tivesse, porém, a certeza absoluta de me encontrar apto a responder-lhe a todas as objeções; e de antemão me orgulhava de lhe poder ensinar a verdade.

O capitão, homem sensato, depois de várias perguntas, para ver se me contradizia, e depois de se certificar de que o que eu dizia era justo e havia perfeita ligação entre as diversas partes da minha narrativa, principiou a fazer melhor conceito de mim, e assim declarou que já noutros tempos encontrara um marinheiro holandês que lhe dissera haver desembarcado para aguada, com mais cinco companheiros, numa ilha ou continente para o sul da Nova Holanda. Que tinham visto um cavalo levar adiante de si um rebanho de animais semelhantes aos que lhe descrevera sob o nome de yahús, e outras muitas particularidades que já lhe não lembravam e a que ligara pouca ou nenhuma importância, pois as considerara meras inventivas.

Ajuntou que, em vista do meu culto fervoroso da verdade, desejaria muito que lhe desse a minha palavra de honra de não o deixar durante a viagem e nunca mais pensar em pôr termo à existência. Se não praticasse como me pedia, obrigava-o a prender-me até a sua chegada a Lisboa. Prometi-lhe o que exigia; mas assegurei-lhe que estava mais disposto a sofrer tratos de polé do que a anuir a voltar para a companhia dos yahús do meu país.

Nada aconteceu de extraordinário durante a derrota. Para testemunhar ao capitão quanto os seus obséquios me sensibilizavam e aceder aos seus encarecidos pedidos de palestrar, conversava com ele algumas vezes. Fazia todo o possível para ocultar a minha misantropia e aversão pelos homens. No entanto, de quando em quando escapava-me alguma crítica mordente ou satírica. Via-o fazer ouvidos de mercador ou tomá-la como homem de brio. A maior parte do dia passava-a no beliche, isoladamente, não querendo, nem por sombras, ver alguém ou falar-lhe. Tal era o estado do meu espírito, pleno de ideias sublimes e filosóficas adquiridas durante

o tempo da permanência entre os Huyhnhnms. Dominava-me uma insuperável misantropia. Assemelhava-me àqueles espíritos sombrios, intratáveis solitários, censores meditativos, que, sem nunca terem convivido com os Huyhnhnms, se vangloriam de conhecer profundamente o caráter dos homens e mostram supremo desprezo pela Humanidade.

O capitão instou comigo, muitas vezes, para que deixasse as peles de coelho. Pôs à minha disposição tudo quanto precisasse para me vestir de ponto em branco. Agradeci-lhe as ofertas. A ideia de sentir sobre o meu corpo as vestimentas servidas a um yahú horrorizava-me. Muito instado, aceitei o empréstimo de duas camisas brancas que, depois de bem lavadas, podiam não me emporcalhar moralmente. Trazia-as dois dias, e tinha a máxima cautela de as lavar por minhas mãos. Chegámos a Lisboa no dia 5 de novembro de 1715. Desta feita, D. Pedro obrigou-me a vestir uma das suas andainas, para que a gentalha não nos apupasse pelas ruas. Levou-me a sua casa e quis que fosse seu hóspede enquanto me demorasse na cidade. Pedi-lhe encarecidamente que me escolhesse aposento nas águas-furtadas, em sítio afastado, onde não convivesse com pessoa alguma. Pedi-lhe também a esmola de não dizer a quem quer que fosse o que lhe narrara a respeito da minha estada no país dos Huyhnhnms, receoso de, logo que as minhas aventuras corressem de boca em boca, ser perseguido com as visitas de infinidade de curiosos e, coisa ainda pior, queimado pela Inquisição.

D. Pedro era solteiro. Um dos três criados que o serviam fora encarregado de trazer-me a comida ao quarto. Tratava-me tão delicadamente e apresentava tão bons modos que, muito embora o olhasse como yahú, a sua companhia não me desagradava. Por meio de artifícios conseguia de tempos a tempos conduzir-me a uma trapeira, para tomar um pouco de ar, e mais tarde convenceu-me a descer para o andar de baixo e dormir num quarto com janela de peitoril. Levou-me a olhar para a rua. A princípio, metia-me logo para dentro. A vista da multidão impressionava-me desagradavelmente. Pouco a pouco fui-me acostumando. Oito dias passados convenceu-me a descer para o outro andar. O seu império sobre a minha fraqueza tornou-se de tal forma poderoso que acabou por me assentar à porta da rua, para ver quem passava, e acompanhá-lo a passeio.

D. Pedro, a quem havia patenteado o estado da minha família e dos meus negócios, disse-me um dia que, por minha honra e consciência, me encontrava constrangido a voltar para o meu país e a viver na companhia da minha mulher e de meus filhos. Anunciou que estava no porto, aprestado para sair para Inglaterra, um bom navio veleiro, garantindo-me abastecimento de tudo quanto me fosse necessário para a viagem. Fiz-lhe ver as razões que me obrigavam a dissuadir da ida à minha terra e a encaminhar os meus passos na procura de qualquer ilha deserta que pudesse ser abrigo para os meus restantes dias de vida. Objetou que a ilha deserta da minha pretensão demorava no país da quimera. Para qualquer lado onde fosse sempre encontraria homens. Portanto, o melhor meio a seguir seria o de procurar a minha casa, onde estaria dono e senhor, e onde, melhor do que em qualquer outra parte, podia viver tão solitário quanto me aprouvesse.

Não tendo por onde apelar, dei-me por convencido. Deixei a cidade de Lisboa aos vinte e quatro dias do mês de novembro. D. Pedro acompanhou-me a bordo e obsequiou-me com o empréstimo de vinte libras esterlinas. Durante a viagem não troquei falas nem com o comandante nem com os passageiros. Pretextei doença, a fim de poder conservar-me isolado no beliche. Cheguei a Redriff no dia 5 de dezembro de 1715. Encontrava-me de perfeita saúde. Minha mulher e meus filhos tiveram enorme surpresa e contentamento! Cuidavam-me morto, daí o facto de mostrarem entusiasmo tão grande que não ouso descrevê-lo. Abracei-os friamente. A ideia do yahú conservava-se ainda no meu espírito. Era ainda tanta a sua nitidez que não quis dormir com minha mulher!

O primeiro dinheiro que me veio à mão empreguei-o na compra de dois poldros. Mandei edificar uma cavalariça magnífica. Escolhi um moço hábil, conhecedor do ofício. Fi-lo meu confidente e favorito. Deliciava-me o cheiro da estrebaria. Todos os dias passava quatro horas seguidas a falar aos queridos cavalos, que me lembravam os virtuosos Huyhnhnms.

Há cinco anos que voltei da última viagem e vivo isolado em minha casa. Durante o primeiro ano custou-me os olhos da cara suportar o convívio de minha mulher e meus filhos. Nunca fui senhor de me sentar à mesa com eles. Com o andar do tempo foram-se-me as ideias modificando. Hoje sou uma criatura vulgar, se bem que um tudo-nada misantropa.

Capítulo 12

Meu caro leitor! Dei-vos a história completa das minhas viagens durante o período de seis anos e sete meses. Procurei nesta narrativa ser mais verdadeiro e sincero do que elegante e florido. É possível que tudo quanto vos referi seja por vós levado à conta de histórias ou invenções, atendendo a que se vos não apresentasse a mínima verosimilhança. Devo dizer-vos que não foi meu intento procurar estratagemas encantadores para disfarçar as minhas narrativas e torná-las verosímeis. Se não estais disposto a acreditar-me, tomai contas da vossa incredulidade a vós mesmos. Pela minha parte, em consequência de não possuir a menor parcela de génio para fábulas, e ser dotado de imaginação bastante frouxa, declaro haver narrado os factos com a simplicidade suficiente para vos dissipar dúvidas.

É coisa fácil para nós, viajantes, quando na volta de países longínquos e inexplorados, apresentarmos extraordinários descritivos de quadrúpedes, serpentes, pássaros e peixes raros e extravagantes. Mas para que serve isso?

O fim principal daquele que publica o relatório das suas viagens não deve ser o de tornar melhores e mais sapientes os seus patrícios, patentear-lhes exemplos estranhos, quer bons, quer maus, para os excitar na prática da virtude e fuga do vício? Foi ao que me propus neste livro. Portanto, entendo que o meu propósito lhes deve merecer alguma simpatia.

Desejaria do coração que se fizesse uma lei obrigando todo e qualquer pretendente à narrativa impressa das suas caminhadas terrestres ou marítimas a jurar na presença do lorde grão-chanceler que tudo quanto tencionava pôr em letra redonda era a exata expressão da verdade ou, pelo menos, considerada por ele como tal.

Seria o único processo de acabarmos com as mentiras que todos os dias aparecem a nossos olhos. Voto desde já a favor. E estou disposto a reter o meu original até à data da promulgação da lei.

Quando era moço entreguei-me com afinco e maior prazer à leitura das relações de viagens; mas, desde que dei, quase, a volta ao Mundo e que vi as coisas com os meus próprios olhos e as senti com os meus próprios sentidos, perdi, por completo, o gosto pelas leituras da minha mocidade. Hoje, aprecio mil vezes mais a leitura de um romance. Muito estimaria que o leitor pensasse como eu.

Amigos meus cuidaram que a relação destas viagens, possuindo um certo ar de verdade, agradaria ao público. Ouvi-lhes os conselhos e consenti na impressão. Tenho padecido bastante, na minha vida! Têm sido muitos os meus infortúnios! Mas a única consolação que me resta é que nunca sofri o de ser um ente dado à mentira.

Nec, si miserum

fortuna Sinonem

Finxit, vanum etiam

mendacemque improba finget.

(Virgílio, *Eneida,* livro 2)

Bem sei que a honra proveniente da publicação de um livro deste género é parca. Não necessita de ciência, ou génio, basta possuir boa memória ou ter tido o cuidado de ir compondo um diário exato. Também sei que os escritores de narrações se assemelham aos que fazem dicionários. Ao cabo de algum tempo encontram-se eclipsados, direi mesmo: anulados, por uma caterva de literatos posteriores que repetem o que eles disseram acrescentando algumas coisas de sua casa. É possível que me suceda o mesmo. Irão às paragens por onde andei, excederão as minhas descrições, o meu livro cairá e talvez ninguém mais se lembre dele e muito menos de quem o compôs. Se escrevesse com os olhos fitos na glória é muito possível que esse insucesso me causasse grande mortificação. Mas, como apenas pretendo escrever para utilidade pública, estou couraçado contra todas as eventualidades e bastante indiferente.

Não desgostaria no entanto que se dessem ao trabalho de censurar a minha obra! Porque, em verdade, pergunto agora: que é que se pode criticar a um autor que somente se entregou à fantasia de descrever terras que não possuem recursos para interessar o nosso comércio, nem beneficiar as nossas manufaturas? Escrevi sem paixão, sem espírito de parcialidade e sem querer molestar alguém. Escrevi para um fim nobilíssimo, que é o da educação geral da Humanidade. Escrevi sem mira de interesse ou de vaidade. De forma que os observadores, examinadores, críticos, louvaminheiros, trapaceiros, tímidos, políticos, génios de pacotilha, aduladores, os espíritos mais difíceis e os mais injustos, nada encontram para dizer mal, nem onde possam exercer o seu odioso talento.

Confesso o haverem-me insinuado que, primeiro do que tudo, na qualidade de boa pessoa e bom inglês, devia ter feito presente ao secretário de Estado, quando do meu regresso, da memória instrutiva respeitante aos meus descobrimentos, visto que todas as terras encontradas por qualquer cidadão pertencem, de direito, à coroa. Verdade é que a

conquista das regiões por onde andei não me parece tão fácil como a que praticou noutros tempos, na América, o célebre Fernão Cortês, o qual, capitaneando um exército de espanhóis, conseguiu exterminar os pobres índios indefesos e nus. Com respeito a Lilipute, claro está e muito bem que a conquista não vale o trabalho e que, de certeza, os proventos que dali pudessem advir não chegariam para embolsar as despesas de um exército e de uma armada. Seria obra de sensatez irmos atacar os Brobdingnagianos? Sempre gostava de presenciar a linda figura que faria um exército inglês invadindo aquelas terras! Se fosse mandado para o sítio onde paira constantemente uma ilha aérea, sempre pronta a esmigalhar os rebeldes naturais e, com mais forte razão, os estranhos espicaçados pelas ideias de posse, que deveríamos esperar? É verdade que a terra dos Huyhnhnms se nos apresenta como conquista bastante propícia. É gente que possui completa ignorância da arte da guerra. Ignoram, em absoluto, o que sejam armas brancas e de fogo!

Entretanto, se fosse ministro de Estado não me atrevia a tal consentimento. A prudência e perfeita unanimidade que eles têm constituem armas terríveis.

Quanta carnificina com os dentes e quantas cabeças partidas ou estômagos abertos com as formidáveis patas traseiras! Porque facto é não existir um único huyhnhnm ao qual não se possa aplicar o que Horácio disse do imperador Augusto:

Recalcitrat undique tutus.

Mas, em lugar de pensarmos na conquista das suas terras, entendo que melhor será mandar-lhes pedir a remessa de alguns dos seus para nos virem civilizar, isto é: tornar-nos racionais e virtuosos!

Outro motivo que me impede de optar pela conquista desta região, e de pensar que não seja muito necessário aumentar os domínios de Sua Majestade com os meus felizes descobrimentos, consiste nas maneiras pouco amáveis manifestadas pelos assaltantes. Por exemplo: um bando de piratas é atirado pela tempestade para qualquer ponto. Do alto da gávea o gajeiro anuncia terra. Tratam de singrar nessa direitura. Arribam. Saltam para a praia. Encontram um povo desarmado e hospitaleiro. Ato contínuo, dão um nome qualquer a essa terra e tomam posse *em nome do seu chefe*! Erguem um padrão para atestar à posteridade a bela ação levada a efeito.

Depois matam duas ou três dúzias de índios e têm a bondade de perdoar a uma dúzia deles, que mandam para as suas choças. Serve-lhes este ato de demonstrar a posse incontestável e a supremacia do poder divino!

Logo a seguir armam outros navios para aquelas paragens. Exterminam quantos naturais podem. Torturam os chefes de tribo para lhes caçarem os tesouros.

Exercem, conscientemente, todos os atos de maior barbárie e desumanidade. Tinge-se a terra com o sangue dos seus infelizes habitantes. E esta abominável malta de carrascos constitui piedosa expedição de colonos enviados a um país bárbaro e idólatra, para o civilizar e convertê-lo à fé!

Declaro que tudo quanto tenho dito não se refere à nação inglesa, a qual, na constituição das suas colónias, sempre fez notar prudência e justiça, e que pode, sobre este assunto, servir hoje de exemplo a todas as nações da Europa. Sabe-se do nosso zelo em tornar conhecida a religião cristã nos países modernamente descobertos e invadidos sem derramamento de sangue. Para que as práticas religiosas frutifiquem nesses países atrasados, temos todo o cuidado de enviar para lá padres piedosos e muito edificantes, homens de bons costumes e melhores exemplos, mulheres e meninas irrepreensíveis e de uma conduta bastante

séria, oficiais valorosos, íntegros juízes e, sobretudo, governadores de probidade reconhecida, que fazem consistir a sua felicidade na dos habitantes da região, que não exercem tirania e que não possuem avareza, ambição, cupidez; mas, simplesmente, bastante zelo pela glória e interesses de seu real amo e senhor.

Demais, qual pode ser o nosso interesse em ir tomar posse das regiões que descrevi? Qual seria a vantagem do trabalho insano de acorrentar ou matar os seus naturais? São países onde não existem minas de ouro, nem de prata, nem açúcar, nem tabaco!... Não merecem a honra de os considerarmos causa do nosso fervor marcial e zelo religioso.

Se todavia a corte entender as coisas de outro modo, declaro que estou pronto a atestar, quando me interrogarem juridicamente, que antes da minha pessoa nenhum europeu pisou aquelas regiões. Apresento como testemunhas os naturais com quem convivi. Penso que os depoimentos devem fazer fé. É verdade que podem disputar sobre o caso daqueles dois yahús, que, segundo a tradição dos Huyhnhnms, apareceram, em tempos remotos, no alto da montanha. Mas será coisa muito difícil de provar que esses dois yahús da antiguidade nasceram em Inglaterra? Olhando às feições, atentando nas tendências, examinando os modos de alguns dos nossos conterrâneos, não é fácil conjeturar-lhes a origem? Os doutores em assuntos coloniais podem, melhor do que eu, discorrer sobre o caso, e indagar se o que pergunto não constitui, legalmente, prerrogativa clara e incontestável a favor da Grã-Bretanha.

Julgo ter dado as satisfações necessárias sobre a única objeção possível a respeito das minhas viagens.

Despeço-me do prezado e amável leitor, que me fez a honra de ser companheiro de viagem neste livro.

Volto para o meu quintal de Redriff, a fim de me entregar a especulações filosóficas.

Carta do Capitão Gulliver a Seu Primo Richard Sympson

Espero que de nenhum modo te recuses a confessar publicamente, sempre que a oportunidade se te ofereça, que foi a repetidas instâncias tuas que eu me decidi a deixar publicar uma narração incorreta e mal digerida das minhas viagens, comprometendo-te tu a empregar alguns jovens licenciados de qualquer das nossas universidades na tarefa de pôr em ordem os materiais e corrigir o estilo, como o tinha feito, por minha indicação, meu primo Dampier, com o seu livro *Viagem à Volta do Mundo.* Mas, se bem me recordo, não te tinha autorizado a omitires coisa nenhuma e muito menos ainda a acrescentar o que quer que fosse; por isso, no que toca a este último caso, renego tudo o que me não pertence, especialmente esse parágrafo sobre Sua Majestade a rainha Ana, de piedosa e gloriosa memória. Embora eu a tenha estimado e reverenciado como a ninguém da sua qualidade, tu devias ter considerado, tu ou aquele colaborador teu que se permitiu intercalar este pormenor na minha narração, primeiro que não estava nos meus hábitos lisonjear os meus semelhantes e, depois, que teria sido indecente louvar uma criatura da minha espécie perante o meu mestre Huyhnhnm. Aliás, o facto é absolutamente falso, pois a verdade é que eu passei uma parte do reinado de Sua Majestade em Inglaterra; e, que eu saiba, esta princesa governava sempre por intermédio de um primeiro-ministro, Lorde Godolphin de princípio, e Lorde Oxford depois. De modo que me fizeste dizer uma coisa que não era verdadeira. Igualmente, na comunicação que eu fiz à academia dos preparadores de projetos e em certas passagens dos meus discursos dirigidos a meu mestre Huyhnhnm, te permitiste omitir circunstâncias essenciais, ou, então, de tal modo as

atenuaste e desfiguraste que se me torna difícil reconhecer-me autor dessas páginas. Quando te fiz conhecedor de algumas destas coisas através de uma carta, respondeste-me que tinhas receio de ofender os poderes públicos, sempre desconfiados com a Imprensa e predispostos não só a tudo interpretarem como *alusões* à sua intangibilidade mas a puni-las também. *Alusões,* creio ser o termo preciso. Mas, diz-me, por favor, como é que aquilo que eu disse há tantos anos e a cinco mil léguas de distância, num reino estrangeiro, se havia de explicar aos yahús que presentemente governam, digamos, o nosso rebanho, sobretudo tendo as minhas palavras sido pronunciadas numa época em que eu não podia recear cair sob a sua alçada? Não achas que eu tenho fortes razões para me afligir quando vejo esses mesmos yahús em carruagens puxadas por huyhnhnms, como se os últimos fossem uns brutos e os primeiros criaturas sensatas? Foi principalmente, com efeito, para não dar este espetáculo monstruoso e detestável que me ausentei destes lugares.

Eis o que me pareceu de meu dever dizer-te no que te diz respeito e à tarefa que te confiei.

Em segundo lugar, censuro-me a mim mesmo por me ter mostrado tão pouco razoável quando, perante as tuas instâncias e os falsos argumentos por ti e por outros apresentados para me convencerem, me decidi, contra a minha própria opinião, a deixar publicar estas viagens. Peço-te que te lembres, por favor, quantas vezes te roguei, quando me apresentavas como razão o bem comum, para venceres a minha repugnância, que tomasses em atenção que os yahús eram animais absolutamente incapazes de se corrigirem, quer pela lição quer pelo exemplo. Os factos confirmaram a minha asserção, pois em vez de fazer desaparecer os abusos e a corrupção, pelo menos nesta pequena ilha, como me era permitido supor, o meu livro, tu próprio o podes ver, publicado há sete meses, não produziu um só dos bons resultados que eu tinha a intenção que ele produzisse. Escrevi-te a pedir que me informasses por carta quando fossem extintas as fações, os juízes passassem a ser esclarecidos e íntegros, os litigantes honestos, moderados e não completamente desprovidos de bom senso; a planície de Smittifield iluminada pela fogueira acesa, com as pirâmides de livros de jurisprudência, os médicos banidos, as mulheres yahús abundantemente

ornadas de virtudes de honra, de sinceridade, de razão; as cortes e as audiências ministeriais purgadas da sua imundície; o mérito e a ciência recompensados, e os que constituem a vergonha da Imprensa, quer em prosa quer em verso, condenados a não comer senão o papel em que escrevem e a não beber senão a tinta com que o fazem. Esperava estas reformas e muitas outras mais, em face do teu encorajamento e, realmente, todas elas lá estavam claramente indicadas no meu livro. E força é confessar que sete meses chegavam perfeitamente para corrigir todos os vícios e todas as fraquezas a que os yahús são sujeitos, caso a sua natureza fosse compatível com qualquer grau de prudência ou de virtude. Mas, em vez disso, com as tuas cartas o correio trazia-me todos os dias um monte de *libelos, reflexões, segundas partes,* em que me acusavam de caluniar os homens de Estado, de vilipendiar a espécie humana (ainda têm a imprudência de se atribuir tal nome) e de ultrajar o sexo feminino. Não tardou que eu verificasse que os próprios autores de todo este alarido não estavam de acordo entre si; uns não queriam acreditar que eu fosse o autor das minhas viagens, outros atribuíam-me escritos a que eu sou totalmente alheio.

Quero ainda observar-te que o teu impressor semeou de inexatidão as datas de algumas das minhas viagens e de alguns dos meus regressos à Pátria, e não indicou com precisão nem o ano, nem o mês, nem o dia; e como ouvi dizer que o manuscrito original foi destruído depois da publicação do meu livro, e que não ficou dele qualquer cópia, aqui te envio algumas correções a fazer numa segunda edição; como quer que seja, não as garanto, e deixo aos leitores judiciosos e cândidos o cuidado de restabelecer as coisas no seu devido lugar.

Disseram-me que os vossos yahús marítimos em certos passos acharam cediça a minha linguagem náutica. Este inconveniente era inevitável. Muito novo, aquando das minhas primeiras viagens, quem me instruiu foram velhos marinheiros, e com eles aprendi a falar. Mais tarde, tive ocasião de ver que os yahús marítimos se tinham tornado tão propenso» a adotar palavras novas como os yahús da terra, que em cada ano, quase, mudam de linguagem. Esta a razão por que eu, sempre que voltava à pátria, de regresso das minhas viagens, me via em embaraços

para compreender o que eles diziam. É o que acontece quando recebo a visita de qualquer curioso de Londres. Não nos entendemos um ao outro, pois cada um de nós emprega termos diferentes para exprimir as mesmas ideias.

Se as críticas que me têm feito os yahús merecessem a minha atenção, teria fortes motivos para lastimar que muitos deles se atrevessem a dizer que o meu livro de viagens é filho exclusivo da minha imaginação; alguns deles tiveram a audácia de afirmar que era tão verdade haver huyhnhnms e yahús como existirem habitantes da Utopia.

Devo dizer, no entanto, que nenhum dos yahús ousou levantar qualquer dúvida acerca dos povos de Lilipute, de Brobdingrag (assim se deve escrever e não, como por engano se escreveu, Brobdingnac) e de Lapúcia, nem tão-pouco acerca dos factos que citei relativamente a estes povos, pois sobre este ponto tão flagrante é a verdade que arrasta consigo a convicção. Mas será a minha descrição dos Huyhnhnms e dos yahús menos convincente? Não é certo que até no nosso país se veem milhares destes últimos seres, os quais se não distinguem dos seus brutos irmãos da pátria dos Huyhnhnms senão por fazerem uso de uma espécie de algaravia e não andarem nus. como eles? O que eu escrevi tinha por fim concorrer para melhorá-los, não para obter o seu aplauso. Todos os elogios juntos que a sua raça inteira me tributasse valeriam menos para mim que o relincho de dois huyhnhnms degenerados que eu tenho na minha cavalariça. Destes, ao menos, apesar da sua degradação, ainda me é possível extrair algumas manifestações de virtude, sem mescla de vício.

Como é que estes desgraçados animais haviam de ser capazes de me supor tão envilecido que fosse capaz de vir defender a veracidade das minhas palavras? Embora yahú de nascença, ninguém ignora que, graças aos conselhos e ao exemplo do meu muito ilustre mestre, me foi possível, em dois anos (não sem grandes dificuldades, devo confessá-lo), perder esse costume infernal de mentir, de dar à língua, de enganar os outros, de fazer equívocos, tão profundamente arraigado na minha espécie, principalmente na Europa.

Muito mais tinha a dizer sobre este desagradável assunto, mas não te quero fatigar mais — nem a ti nem a mim. Devo confessar que, depois da minha última carta, certos vestígios do meu mau fundo de yahú se reanimaram graças ao convívio com um pequeno número de indivíduos da tua espécie, especialmente os membros da minha família com quem não pude deixar de estar em contacto. Se não fosse isso, talvez nunca me tivesse ocorrido conceber o absurdo projeto de reformar a raça dos yahús deste reino. Mas agora renunciei para sempre a tais visionações.

2 de abril de 1727